

EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS - LIVRO 12

DANÇANDO ATÉ O
AMANHÃ



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS - LIVRO 12

DANÇANDO ATÉ O
AMANHÃ



Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Prólogo](#)
5. [1](#)
6. [2](#)
7. [3](#)
8. [4](#)
9. [5](#)
10. [6](#)
11. [7](#)
12. [8](#)
13. [9](#)
14. [10](#)
15. [11](#)
16. [12](#)
17. [13](#)
18. [14](#)
19. [15](#)
20. [16](#)
21. [17](#)
22. [18](#)
23. [19](#)
24. [20](#)
25. [21](#)
26. [Epílogo](#)
27. [Agradecimentos](#)
28. [Sobre a Autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

DANÇANDO ATÉ AMANHECER

EMMA V. LEECH

1ª Edição


Leabhar
Ribeirão Preto
2024



Direitos Autorais



Título original: To Dance until Dawn
Girls Who Dare Livro 12
Copyright © Emma V. Leech, 2020
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Isabel Vasconcellos e D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CARTOGRÁFICA

LE111lbe

Leech, Emma V.

Título: Dançando até o Amanhecer (recurso eletrônico) - Leabhar
Books Editora Ltda. 2024 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: To Dance until Dawn © 2020 Emma V. Leech

Formato: Livro Digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-250-3

1. Romance de época. 2.Série I. Costa, Hamireths. II. Título

\$0754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por
Leabhar Books® Editora Ltda. 14025-200 – Rua Sete de Setembro, 1851
conj 1 – RP/SP – Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com.br



Prólogo

Dez anos depois...

Caro Jasper,

Obrigado pelo convite para Holbrook e pelo esforço que se ter feito por mim. Minhas tentativas de me reintroduzir na sociedade tiveram resultados mistos. Lamento descobrir que fiquei tão ansioso com a ideia de fazer outro casamento desastroso, que acho defeitos em quase todas as jovens que conheço. É extremamente injusto, pois estou longe de ser perfeito, mas me tornei medroso e não consigo encontrar nada que me tente a arriscar cometer um erro tão horrível novamente. Ainda assim, preciso me casar. Sabe tão bem quanto eu que preciso gerar um herdeiro e, na verdade, estou solitário. Estou cansado da minha própria companhia e anseio por uma companheira. O que me resta é invejá-lo com Harriet e agradecer a ajuda em me auxiliar a encontrar uma jovem adequada.

Acredito que minhas exigências não são descabidas. Não procuro uma grande beleza ou uma vasta fortuna, mas sim alguém que tenha bom humor, bom senso e que seja uma amiga para mim.

Cruze os dedos para que eu possa descobrir tal tesouro sob o seu teto.

—Trecho de uma carta ao Muito Honorável Jasper Cadogan, Conde de St Clair, do Muito Honorável Maximillian Carmichael, Conde de Ellisborough.

8 de março de 1826, Holbrook House. Sussex.

— Suponho que essa semana, até agora, não produziu os resultados que esperávamos? — Jasper perguntou enquanto caminhava com Max, na volta de sua oficina.

Jasper era um artesão de considerável habilidade, embora poucos além de seus amigos mais próximos soubessem disso.

Max deu de ombros e sorriu lamentavelmente.

— O que há de errado comigo, Jasper? Sei que todas as jovens que convidou são agradáveis e gentis, ou não as teria convidado para mim. Pensei que tudo o que eu queria era isso: alguém para ser minha amiga.

Jasper riu e mexeu a cabeça.

— Por Deus, homem! Pode ser viúvo, mas ainda não está em sua caducidade. Realmente não pensa em se apaixonar?

— Não sou avesso à ideia. — respondeu Max, franzindo a testa — Estou apenas sendo realista. Isso nunca aconteceu comigo antes, então, por que deveria acontecer agora? Talvez eu não seja adequado para esses sentimentos?

— Que baboseira. — disse Jasper com desgostoso — Esteve preso a um casamento infeliz quando ainda era muito jovem, depois teve o luto. Quando exatamente se deu a oportunidade para isso?

Max bufou — Estou de volta à sociedade há algum tempo, Jasper, e nunca escondi as minhas intenções.

— Não. Mas existe muita especulação sobre quem será a próxima Lady Ellisborough e, pelo que ouvi, há muitas propostas para a posição de amante também. É um sujeito muito popular.

— Hmmm. — Max hesitou, decidindo não responder aquela insinuação.

— Papai!

Jasper olhou para cima quando seu filho, Cassius, correu descontroladamente em sua direção.

— Phoebe está aqui! — o menino exclamou, sua empolgação era palpável.

— Ela conseguiu, então. Sua mãe ficará feliz.

— E o senhor deveria vê-la, papai. — Cassius acrescentou, seus olhos arregalados e graves — Ela está esplêndida.

Jasper pigarreou quando seu filho saiu correndo.

— Tal pai, tal filho? — Max murmurou, rindo.

— Meu filho tem olho bom para coisas bonitas. — Jasper respondeu com um sorriso peculiar nos lábios.

— Será bom ver Lucian. Faz uma eternidade, desde a última vez que estive em Dern.

— De fato. — disse Jasper, acenando a cabeça, um sorriso leve e passageiro nos lábios — Não vê Phoebe há muito tempo, então?

— Não, deve fazer um ano. Um pouco mais que isso, talvez. Não que eu a tenha visto muito, quando estava visitando. Nunca conheci uma garota que não fosse capaz de ficar quieta por cinco minutos. — disse Max rindo, enquanto se lembrava da jovem animada. Ela deveria ter uns dezenove anos agora.

— Bem, vamos, então. Se Phoebe está aqui, a casa deve estar um caos.

As palavras de Jasper eram bem fundamentadas. Quando chegaram em casa, Lady Helena estava tocando piano e um baile improvisado havia começado. Algumas damas convidadas para conhecer Max estavam trocando olhares bastante escandalizados com o evento que estava acontecendo no meio da tarde, mas as crianças estavam felizes e se divertindo bastante,

enquanto dançavam com Phoebe, um por vez. Aparentemente, estava ensinando-lhes uma nova dança, que estava em voga aquele ano, e ria tão ruidosamente quanto as crianças enquanto fazia isso.

Max sorriu ao ver aquilo, mesmo que parecesse bastante ultrajante para uma cinzenta segunda-feira à tarde.

— Phoebe, querida. — a esposa de Jasper, Harriet, chamou — Tenha cuidado! O chão está terrivelmente escorregadio...

Antes que pudesse terminar a frase, Phoebe deu um grito alto e caiu duramente sobre o seu traseiro, no chão, em um turbilhão de saias e anáguas, dando aos convidados uma boa visão de seus tornozelos. Primeiro houve um silêncio atordoado, antes que a garota terrível começasse a rir.

Max correu em sua direção, ciente das expressões indignadas de algumas das damas se transformando em desaprovação, embora Lady Helena também estivesse rindo bastante.

— A senhorita se machucou? — perguntou, preocupado.

Ele fez o seu melhor para não notar seus belos tornozelos, enquanto estendia a mão para ajudá-la a se levantar. Meu Deus, quando se transformara em uma dama tão bonita? Certamente não fazia tanto tempo assim, desde a última vez que a viu?

— Não, apenas meu orgulho. — ela respondeu com os olhos acesos de alegria, ao olhar para cima e perceber quem era seu salvador — Oh, Max. Quem bom vê-lo.

Sorriu para ele, um sorriso de felicidade e despreocupação, deixando-o sem fôlego e com uma sensação peculiar em seu peito, sentindo-o apertar. Como era brilhante, e tão viva. Ele, alguma vez, fora brilhante assim? Alguma vez fora tão livre?

Ela hesitou e Max percebeu que a estava encarando. Limpou a garganta e forçou um sorriso, embora seus nervos estivessem todos alarmados.

— O senhor gostaria de dançar? — ela perguntou, talvez apenas por educação, pois havia um brilho duvidoso em seus olhos.

— Não. — respondeu baixinho, balançando a cabeça.

Dançar com Phoebe parecia ser uma ideia terrivelmente perigosa e que ele faria bem em evitar.

Deu-lhe um olhar levemente piedoso e deu um tapinha em seu braço.

— É claro que não.

Com isso, se virou e correu para encontrar outro parceiro de dança, Cassius, desta vez, que a olhava com uma expressão de intensa fascinação.

Max observou enquanto Phoebe instruía todas as crianças, mostrando-lhes os passos e rindo descontroladamente com elas. Elogiava-os abundantemente quando acertavam, e era paciente e gentil quando cometiam erros. Max não conseguia tirar os olhos dela, não conseguia impedir que este estranho e intimidante sentimento ganhasse força. Algo floresceu em seu peito e criou raízes em seu coração, e não sabia se queria permitir que aquilo crescesse. Phoebe não era o tipo de mulher que estava procurando. Era muito jovem,

muito escandalosa, muito... tudo. Exceto que sabia, sabia, enquanto a observava, a via trazer vida, animação e risos a todos ao seu redor, que não tinha escolha.

.



Lucian,

Ficariamos muito felizes em celebrar o vigésimo aniversário de Phoebe. Ellisborough está conosco. Presumo que não haja problema em incluí-lo no convite, pois ouvi dizer que ele vive praticamente em Dern, ultimamente. Tenho a suspeita inquietante que Cassius está tramando algo diabólico com Philip e Thomas, então, Deus nos ajude. Sem dúvida alguma, Phoebe vai adorar, seja lá o que for.

— Trecho de uma carta ao Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu, do Muito Honorável Jasper Cadogan, Conde de St Clair.

7 de fevereiro de 1827. Dern, Sevenoaks, Kent.

— E então? — Phoebe perguntou, enquanto girava de um lado para o outro, franzindo o cenho criticamente entre as sobranceiras loiras.

— Está de tirar o fôlego, querida. — disse Matilda, sorrindo para a filha adotiva — Seu pai ficará muito orgulhoso.

Phoebe girou com um farfalhar de saias e diminuiu o espaço entre elas, abraçando Matilda apertadamente.

— Obrigada, mãe, e não apenas pelo vestido ou por hoje, embora hoje tenha sido maravilhoso. *Tudo* foi esplêndido.

— O seu início de temporada foi um sucesso. — Matilda concordou secamente — Seis propostas de casamento e um duelo. — na sua primeira temporada, tinha apenas três a essa altura. Ah, e duas ou três brigas.

Phoebe resmungou e fez uma careta, gestos nada elegantes, que não pareciam prejudicar sua popularidade, nem um pouco. Era franca, imprudente, desafiava todas as convenções, sempre que possível, e daria ao seu pobre pai um colapso nervoso em um futuro não muito distante. Ao contrário do resto do mundo, que considerava o olhar gelado do marquês uma perspectiva assustadora, conseguia envolver seu pai ao redor de seu belo dedo, e fazia isso. Na verdade, Lucian era seu tio, não seu pai, mas Phoebe desejava profundamente os pais que perdera quando pequena, então eles a adotaram. Era tanto filha de Matilda e Lucian quanto seus dois meninos indisciplinados, Philip e Thomas, embora Phoebe gostasse de brincadeiras mais bruscas tanto quanto eles... possivelmente mais.

Nenhuma quantidade de repreensão de sua preceptora jamais a impediria de subir em árvores ou levantar um pouco as saias, para entrar em um riacho.

Matilda sabia o que a protegia de grande parte das críticas por seu comportamento muitas vezes chocante. Mesmo que o mundo soubesse que era a filha ilegítima do irmão mais novo de Montagu, apesar dos boatos de que seria, na verdade, filha de Lucian, poucos conseguiam resistir a sua personalidade atraente e encantadora. O fato dela ser uma herdeira rica também não prejudicava muito suas perspectivas de casamento, e seu comportamento apenas desencorajava os de herança nobre... e, mesmo assim, nem todos eles. No entanto, poucos ousavam provocar a ira de seu poderoso pai. Onde outras meninas teriam sido censuradas, Phoebe era chamada de original e considerada cheia de vida. Na maioria das vezes. Lucian não podia protegê-la de tudo. Havia aqueles que eram cruéis sobre sua origem, não que Phoebe parecesse se importar com as ofensas, a retribuição era muito mais o estilo dela. Estava ficando claro que não havia herdado apenas sua aparência da linhagem Montagu. Deu a ambos alguns momentos assustadores durante a sua primeira temporada e o início da segunda.

— Nenhum dos jovens que se apresentaram a atraiu de forma alguma, querida? — Matilda perguntou, um pouco curiosa — Não que haja alguma pressa, é claro, mas Lorde Grant parece ser um sujeito encantador.

Phoebe riu enquanto colocava uma luva, balançando a cabeça — Oh, ele é. Charlie é um doce e um amigo particularmente bom, mas nunca poderia me casar com ele, que ideia horrível. Ele me entediaria até a morte. Sabe de uma coisa? Não acredito que ele já tenha lido um livro em toda a sua vida.

Matilda acenou, divertidamente e um pouco sentida pelo pobre Lorde Grant, que estava condenado ao fracasso. E ele não era o único.

— Ellisborough está aqui. — disse levemente.

— Está? — Phoebe perguntou, franzindo a testa, enquanto procurava a outra luva — Isso é bom. Pelo menos papai não ficará entediado. Ora, maldita coisa, onde foi parar?

— Aqui, amor. — Matilda pegou a luva do chão onde havia sido derrubada e entregou para ela — Ele não veio para entreter o papai, Phoebe.

— Hum? — Phoebe puxou as saias volumosas para cima, para poder enxergar e colocar suas sapatilhas — Por que, então? Não é amigo de papai?

Matilda respirou fundo. Era verdade, Maximillian Carmichael, Conde de Ellisborough, era amigo de Lucian, apresentado a ele por St Clair. No entanto, não era da geração deles. Essa dispersão de fios cinza em seu cabelo, provavelmente lhe causava uma aparência de elegância sofisticada e contribuía para a aura de cansaço do mundo ao seu redor. Um sujeito incrivelmente bonito e elegível, com ombros largos e olhos castanhos profundos, Max tinha vivido a vida e ela nem sempre fora gentil com ele, mas, na realidade, tinha apenas vinte e oito anos. Phoebe, no entanto, deu ao pobre homem um status de algo parecido com o de um tio benevolente, e se recusava a vê-lo de outra maneira.

— Estou pronta! — exclamou com um grito agudo e então correu para fora do quarto, antes que Matilda pudesse dizer outra palavra.

— Pode ser que esteja. — disse Matilda, rindo do silêncio que sua filha animada havia deixado para trás — De alguma forma, duvido que nós estejamos.

Phoebe mordeu o lábio e fitou a tigela vazia. O rocambole de chocolate estava delicioso, e queria muito outro pedaço. No entanto, seu espartilho estava apertando. Franziu a testa para a tigela, um pouco mais, considerando, quando um discreto pigarro a fez olhar para cima. Denton estava em seu cotovelo. Dando uma piscadela discreta para ela, colocou outra porção em sua tigela e recuou. Phoebe disfarçou seu sorriso de apreciação e começou a comer.

A mesa estava viva com conversas animadas e muitas de suas pessoas favoritas estavam aqui. O conde St Clair e sua esposa, Harriet, e o irmão do conde, Jerome, com Bonnie. Phoebe adorava Bonnie, que era muito engraçada e quase tão boa em se meter em confusões quanto ela própria. Helena e Gabe também estavam presentes. Helena estava deslumbrante, em um lindo vestido de seda esmeralda escuro, cravejado de contas de azeviche, que cintilavam quando ela se movia. Havia também uma seleção de solteiros elegíveis e alguns amigos de Phoebe. As crianças já haviam ido para a cama, o que era uma pena, pois as adorava. Esperava ter uma família grande, quando finalmente se casasse, isso é, se algum dia encontrasse um homem com quem pudesse imaginar passar o resto de sua vida. Queria uma grande paixão, o tipo de caso de amor que seus pais haviam experimentado, embora soubesse que não fosse real. Histórias de amor do tipo que viveram não aconteciam todos os dias, mas Phoebe ainda ansiava por isso. Queria desejo e excitação, um homem que faria sua respiração acelerar e sua pele desejar por toque. Os únicos beijos que tinha recebido até agora haviam sido horivelmente decepcionantes. Foram agradáveis o suficiente, mas não havia uma intensidade de sentimento, nenhum que fizesse seu coração trovejar, nenhuma sensação de que morreria se não pudesse estar nos braços dele novamente no dia seguinte, e no outro, e em todos os dias depois disso.

Não era ingênua, estava ciente de que os tipos de casamentos que conhecia, como os de seus pais e dos amigos mais próximos, nem sempre eram possíveis de se ter, e, muitas vezes, eram difíceis de conquistar. Então, conhecer algum jovem simpático em um salão de baile, se casar com ele e viver feliz para sempre não parecia ser a maneira correta de abordar a situação. Certamente, haveria algum evento cataclísmico, algum sinal de que ele era o escolhido? Precisava de alguém que lutasse contra dragões, não por ela, mas com ela. Alguém que não aprisionaria a pessoa em uma gaiola dourada, para protegê-la do mundo, mas que enfrentaria desafios e perigos ao lado dela. Um homem como seu pai era para sua mãe. O que aprendeu durante sua primeira temporada, era que tal homem parecia ser tão realista quanto o próprio dragão.

Tendo raspado sua tigela pela segunda vez, Phoebe soltou um suspiro e se

inclinou para frente, tentando aliviar a pressão do espartilho, que apertava fortemente o seu estômago. Talvez aquele segundo pedaço não tenha sido uma boa ideia.

— Valeu a pena.

Phoebe olhou para a esquerda e encontrou o olhar divertido de Ellisborough sobre ela.

— O que valeu a pena?

— O rocambole. Acredito que valeu a pena o desconforto que a senhorita está sentindo no momento. No entanto, aposto que o espartilho está apertado demais para acomodá-lo.

Phoebe corou.

— Cavalheiros não mencionam as roupas íntimas de uma dama. — disse, soando inesperadamente formal, mas havia algo em Max que sempre a fazia se sentir como uma criança travessa.

Ele era sofisticado sem esforço, sempre dizia a coisa certa, exceto para ela, e era adorado por todos. Características garantidas que a faziam se sentir uma garota impetuosa, o que ela era, mas ainda mais. Até papai gostava e o admirava. Era nauseante, e ela reconheceu a sensação de estar fora de si. Max a deixava zangada e ansiosa, e não entendia por que isso acontecia.

O conde riu ao seu lado — E as damas não levantam suas saias e entram em festas através de uma janela, mas...

— Aquilo foi um acidente. — sibilou, irritada com ele por ter levantado o assunto novamente — Apenas saí para respirar um pouco de ar fresco e algum idiota trancou a porta.

— A senhorita saiu com Beecham. — disse, uma nota de desaprovação escorregando na voz.

— Para tomar um pouco de ar. — insistiu, irritada agora. Olhou-o, apesar de seu melhor julgamento e fungou diante da expressão dolorida de total descrença que o conde lhe retornou — Bem, confiei nele, o que concordo, pensando melhor agora, foi tolice da minha parte, mas pensei que ele fosse meu amigo. Não sabia que ele ficaria todo apaixonado e estúpido, no momento em que ficassemos sozinhos, nem que seria tão indelicado, a ponto de não aceitar um não como resposta. Esperava mais dele do que isso.

— Eu também. — disse Max sombriamente — Mas estou certo de que ele não cometerá esse erro novamente.

Phoebe sufocou uma risada, lembrando-se de como o Sr. Beecham se encolheu com um grito agonizante de dor, quando ela acertou, com entusiasmo, o joelho nas partes íntimas dele. Max ainda não parecia feliz com isso e, na época, ela teve dificuldade para impedi-lo de desafiar Beecham e encontrá-lo ao amanhecer. Sua raiva a chocou bastante. Max nunca ficava com raiva.

— Eu fui tola. — disse, na esperança de acalmá-lo — Mas lidei com ele muito bem sozinha. Eu apenas... Eu apenas não esperava isso dele.

Max balançou a cabeça para ela, com incredulidade brilhando nos seus

olhos escuros — Não entendo o porquê. Todos os homens perdem o juízo e se transformam em idiotas irracionais quando se aproximam da senhorita. Será que é o seu perfume? A senhorita os droga com *Eau de Opium*?

Phoebe piscou seus cílios.

— Não, é a minha personalidade vencedora. — disse, com um tom melodioso.

Os lábios dele se contraíram — Hummm. Bem, o que quer que seja, a senhorita teve sorte de eu ter notado e deixado que entrasse de novo, ou estaria casada com o idiota, agora.

Phoebe fez uma careta, ainda se perguntando como Max tinha percebido o problema em que ela estava — Eu não estaria, preferia ser arruinada.

— Continue com brincadeiras como essas e a senhorita será. — respondeu suavemente.

Com dificuldade, ela reprimiu o desejo de mostrar a língua para ele. Podia não ser uma jovem bem-comportada, mas não era uma criança. O infeliz parecia insistir em resgatá-la, mesmo nas ocasiões em que não precisava. Sempre parecia ser testemunha dos seus momentos mais embaraçosos, forçando-a a aceitar qualquer mão que oferecesse para tirá-la da dificuldade que fosse. Então, sim, às vezes ele a resgatava quando precisava ser resgatada também. Olhou em volta enquanto ele ria.

— O que? —ela perguntou. Ela tinha chocolate no queixo?

— Estava me perguntando se a senhorita queria mostrar a língua para mim ou me espetar com seu garfo. Pela sua expressão, poderia ser qualquer uma das duas opções.

Phoebe revirou os olhos para ele.

— Certamente, —ele murmurou — essa era a minha terceira opção.

Na manhã seguinte, Phoebe conduziu as crianças em uma caça ao tesouro que ela havia escondido no jardim. O prêmio era um adorável livro ilustrado, com dragões, cavaleiros e contos de bravura, e estava ansiosa para ler para eles, mais tarde. Apesar de ser cedo e a maioria dos adultos ainda estar na cama, Phoebe pensava que esse era o momento mais agradável do dia. Suas respirações sopravam vapores fumegantes no ar gelado, a luz brilhante do sol refletia na paisagem coberta de geada, enquanto a grama congelada estalava sob suas botas.

— Onde está a próxima pista? — seu irmão de oito anos, Thomas, perguntou, puxando sua manga. Suas bochechas estavam coradas do frio, seus olhos azuis excitados.

— Pip está com ela. — disse Phoebe, fazendo-o perseguir alegremente seu irmão mais velho, que estava caminhando à frente, com o filho de Harriet e Jasper, Cassius.

Cassius e Pip tinham onze anos e eram amigos muito próximos. As gêmeas de Bonnie, Elspeth e Greer, estavam correndo atrás deles, determinadas a que os meninos não chegassem à próxima pista primeiro. A irmã mais nova,

Alana, havia perdido a diversão, assim como a filha mais nova de Helena, Evie, as duas preferiram continuar dormindo. A menina mais velha, Florence, estava caminhando ao lado de Phoebe, segurando sua mão, mas agora corria atrás do resto das crianças, determinada a não ser deixada de fora.

— Bom dia.

Phoebe se virou, semicerrando os olhos na luz do sol e viu Max caminhando em sua direção.

— O que está fazendo acordado? — perguntou, surpresa — Achava que as pessoas elegantes ficavam na cama até o meio-dia.

— Fico aliviado em saber que me considera elegante. — respondeu — E, embora eu admita que às vezes permito que minha natureza indolente tire o melhor de mim, não sou cego para o atrativo de uma linda manhã de inverno.

— Isso é bom. Bem, se o senhor deseja conversar com alguém, papai provavelmente está fazendo o desjejum, agora. Oh, Pip, ajude Greer, ela escorregou no gelo. Greer... Greer, querida, está ferida?

Lucian suspirou ao ver Phoebe correr para ver Greer, deixando Max sozinho, sem olhar para trás. Matilda esperava que Max e Phoebe formassem um casal, ela tinha a alma romântica e sempre quis que todos fossem perfeitamente felizes. Acreditava que Max era exatamente o tipo de influência estabilizadora que Phoebe precisava, alguém que a manteria segura, enquanto permitiria que seu espírito bastante selvagem permanecesse livre. Lucian concordou e aprovaria a união alegremente, mas Phoebe simplesmente não via o homem como nada além de um amigo da família. Lucian havia dado esse argumento para Matilda e por isso ele se encontrava acordado, a uma hora tão inconveniente da manhã. Sorriu, lembrando de sua esposa e do estado no qual a deixara saciada em sua cama. Se não fosse por sua insistência, ainda estaria lá, mas ela fora inflexível, exigindo que ele conversasse com Max e lhe desse alguns conselhos. Como, diabos, deveria fazer isso, não tinha certeza, nem ideia de que conselho dar.

— Max! — Lucian o chamou, mas o sujeito não se virou, seu olhar voltado para as crianças e Phoebe, enquanto as conduzia para longe, como uma bela flautista — Max!

Dessa vez ele foi ouvido, e Max levantou a mão em saudação.

— Já fez o desjejum? — Lucian perguntou, esfregando as mãos enluvadas, tentando fazer o sangue circular nos dedos.

— Ainda não.

— Graças a Deus! Entre e saia desse frio congelante.

Max hesitou, observando Phoebe desaparecer na floresta.

— Acredito que essa é a última pista que estão procurando. — disse Lucian com o tom seco — Voltarão para tomar o café da manhã com o apetite de feras famintas dentro de meia hora, prometo.

Houve uma leve gargalhada quando Max voltou-se para ele — Acha que eu terei mais apelo na mesa do café da manhã?

— Bem, se fosse parecido com uma fatia de bacon, certamente chamaria a atenção dela.

Max devolveu um sorriso pesaroso — Estou quase desesperado o suficiente para tentar.

Lucian riu, como deveria, mas ouviu o tom sombrio das palavras, por mais despretensiosas que fossem.

— Ela recusou dez propostas de casamento até o momento, Max. Acredite em mim, não está sozinho. — hesitou quando começaram a andar, refazendo o caminho de volta para a casa — Ainda quer oferecer-lhe casamento?

Houve um longo e pesado silêncio, antes que Max respondesse.

— Não.

Lucian olhou para ele e Max encolheu os ombros.

— Ela não sabe que eu existo, pelo menos não como pretendente. Não desejo deixá-la desconfortável e, para ser honesto, não tenho certeza de que meu ego aguentaria o golpe de seu espanto, se eu lhe fizer a pergunta. Não. A verdade é que sou muito velho para ela. Nós dois sabemos disso.

— Tem vinte e oito anos. — Lucian retrucou, rindo — E, acredite em mim, não tenho pressa em casá-la. Se puder dar tempo para ela...

— É claro que eu daria. — Max respondeu imediatamente — Eu esperaria o tempo que ela precisasse. Mas acredito que isso não fará a menor diferença. Simplesmente não sou o que ela está procurando. Mais cedo ou mais tarde, se apaixonará perdidamente por algum jovem poeta bonito, ou um artista, e é assim que deve ser. Sou sensato demais para apelar para o espírito aventureiro dela.

Lucian olhou para a ideia com desgosto. Max, por sua vez, riu.

— Apenas me aprova a contragosto, Lucian. Ninguém nunca será bom o suficiente para ela.

— Não é verdade. Não é nem um pouco a contragosto. Apenas não quero perdê-la rápido demais. É um homem bom, gentil e cujos valores estão alinhados com os meus. Moveria o céu e a terra para fazê-la feliz e, além do mais, já viu o suficiente da vida, para entender o que é importante e o que não é, e reconhece quando tem algo precioso em suas mãos.

— Oh, eu reconheço. — Max respondeu com tom melancólico — Mas está longe do meu alcance. Poderia, muito bem, estar desejando a lua.

Lucian franziu a testa, mas não conseguiu acrescentar mais nada. Não empurraria Phoebe para um casamento que ela não queria. A felicidade dela era a única coisa que sempre desejou, mas temia que sua natureza imprudente a levasse a um caminho do qual não haveria como voltar, e essa ideia fazia seu peito apertar de preocupação. Um homem como Max a protegeria, a manteria segura, e Lucian sabia que, acima de tudo, faria qualquer coisa para deixá-la feliz.

Era doloroso ver a maneira como os olhos do sujeito se iluminavam, sempre que Phoebe estava por perto, mas não havia nada a ser feito a respeito. No final de tudo, caberia a Phoebe fazer sua escolha, e tudo o que podiam

fazer era esperar que fizesse uma boa.

Max observou Phoebe organizar todas as crianças para jogar jogos de salão. As crianças vasculharam as gavetas, tentando encontrar fichas suficientes para brincar. Deus, era encantadora. Usando um vestido de seda azul pálido, que abraçava sua figura ágil, ele tinha dificuldade em olhar para outro lugar. Não sabia ao certo o que ela tinha feito com o cabelo, aquela noite. Era um emaranhado complexo de tranças e cachos, e parte dele, de alguma forma, até foi arranjada em um laço. Era totalmente peculiar, embora Max achasse que a maioria da moda feminina fosse peculiar, e, ainda assim, de alguma forma, ela fazia aquilo parecer perfeitamente encantador. Para ele, Phoebe era um sopro de ar fresco em uma vida que tinha sido muito estupidificante.

O pai de Max morreu quando ele ainda era muito jovem, deixando sua propriedade perto da ruína e sua família correndo riscos. Max cumpriu seu dever, trabalhou durante horas e horas para economizar o que podia e fez um bom casamento, na tenra idade de vinte anos. A mesma idade que Phoebe tinha agora. Não tinha sido um casamento feliz, embora ele tivesse tentado o seu melhor. Quando sua esposa morreu, três anos depois, junto com a criança que estava tentando trazer ao mundo, ele ficou entorpecido com muitas emoções, a principal delas, a culpa por ter falhado em todos os aspectos. Sua esposa era uma estranha para ele, apesar de seus melhores esforços, e a perdeu e o filho que tanto desejava. Então, enterrou-se na tentativa de restabelecer a propriedade de volta ao que fora antes. Agora as coisas estavam voltando a crescer, mais uma vez e, com uma boa administração, precisava de menos atenção do que antes. No entanto, uma propriedade precisa de um herdeiro, e assim retornou à sociedade, com a noção de que poderia encontrar uma mulher de quem pudesse ser amigo, alguém que seria uma companheira para ele, além de uma mãe para seus filhos, se fossem tão abençoados. Não era tolo o suficiente para considerar que se apaixonaria.

Embora tivesse se tornado amigo de Lucian há mais de cinco anos, através de St. Clair, e tivesse passado muito tempo em Dern, nunca considerou Phoebe como outra coisa senão a filha de Lucian e Matilda. Então, por acaso, ele a viu novamente, apenas para descobrir que a jovem desajeitada que vira pela última vez havia se transformado em algo... bastante espetacular.

Não foi capaz de se manter afastado, desde então.

Ela havia roubado seu fôlego e o seu coração, e ele não podia fazer nada além de amaldiçoar sua própria estupidez, pois Phoebe nunca sonharia em considerá-lo um pretendente. Para Phoebe, era velho e sem graça, e nunca olharia para ele. Não importava que ele fosse um dos solteiros mais cobiçados no mercado matrimonial. Não importava que estivesse cercado de admiradoras, muitas das quais eram suas amigas, todas desejando capturar um conde como marido. Sem mencionar as belas viúvas que queriam um amante distinto para diverti-las, e que lançavam suas iscas em seu caminho. Phoebe

simplesmente não percebia. Era amigo do seu pai, e acabava involuntariamente se envolvendo com pessoas muito mais velhas do que ele. Era culpa dos fios de cabelo branco, refletiu amargamente. Embora tivesse se saído melhor do que seu pai, que aos vinte e poucos anos estava completamente grisalho, a dispersão daquela cor em suas têmporas o fazia parecer distinto e lhe dava a aparência de ser mais velho do que realmente era. Até considerou tingir o cabelo antes de se repreender para não agir como um tolo. Teve uma esposa que mal tolerava a sua imagem, e ele não teria outra. Com o tempo, superaria essa paixão ridícula e encontraria alguém que, pelo menos, gostasse de sua companhia. Afinal, não era pedir muito. Muitas mulheres gostavam. Que se sentira compelido a se lembrar do fato, apesar das muitas evidências, só mostrava o quão baixo havia caído.

— O que é isso? — perguntou uma vizinha.

— Oh, tenha cuidado, minha querida. — disse Phoebe, apressando-se para o aparador, onde a pequena Evie estava agitando um chapéu meio gasto — Esse chapéu é bastante precioso.

— Ah, é o nosso chapéu! — Bonnie Cadogan gritou de prazer — Não acredito que ainda o tem.

— É claro que tenho. — disse Matilda, rindo — É uma relíquia de família para nossos filhos.

Todas elas conheciam a história das Senhoritas Peculiares, o intrépido grupo de amigas, que causaram muito alvoroço na *ton*, há pouco mais de uma década. Phoebe resgatou o chapéu, antes que as crianças pudessem mergulhar nele e abrir todas as tiras de papel, cada uma contendo um desafio escrito. De acordo com as histórias, esses desafios foram fundamentais para cimentar suas amizades e desempenharam um papel importante na forma como conheceram seus respectivos maridos.

— Oh, Max, segure isso para mim, por favor. — disse Phoebe, entregando o chapéu para ele, enquanto tentava libertar a pequena Alana, que descobriu que um dos meninos havia amarrado as fitas de suas sapatilhas. A pobre garota estava sentada no chão, com o rosto trovejando, prometendo retribuição a qualquer um dos meninos que tivesse sido tolo o suficiente para fazer aquilo.

— Devo pegar um desafio enquanto seguro isso? — perguntou, olhando para dentro do chapéu, que continha dezenas de tiras de papel.

Phoebe riu e olhou por cima do ombro, com uma expressão interrogativa — É claro que não. O senhor nunca completaria o desafio.

Max retraiu-se. Bem, aí estava. Phoebe fora proibida por Matilda de pegar um desafio, a mãe estava convencida de que a garota não precisava de incentivo. No entanto, Phoebe acreditava que ele era muito tímido, muito maçante para sequer considerar isso. Olhou para o chapéu, com uma forte sensação de inevitabilidade em seu peito. Phoebe não era para ele, e já era hora de se resignar a esse fato. Uma súbita explosão de indignação e raiva surgiu em seu coração, mesmo sabendo que era para o melhor. Não sabia o

que fora aquilo que o possuía, mas olhou em volta para ver se estava sendo observado e, em seguida, puxou um pedaço de papel do chapéu e enfiou no bolso.



Querida Phoebe,

Estou tão desapontada que seus pais não possam comparecer ao meu baile, este ano. Parece uma pena que a senhorita fique de fora, no entanto. Venha ficar conosco. Acredito que posso ser capaz de persuadir seu pai de que sou uma acompanhante adequada.

Eliza, Lottie e Jules ficarão felizes em vê-la também.

— Trecho de uma carta para a Srta. Phoebe Barrington de Sua Graça, a Duquesa de Bedwin.

5 de março de 1827. Beverwyck, Londres.

Phoebe ofegou e se recostou na parede do salão de baile, abanando-se vigorosamente. Os bailes de Prue eram sempre bem frequentados, mas este estava absolutamente abarrotado. Dançou todas as danças, seus pés doíam e ela estava muito quente. Com pesar, olhou para o cartão de dança e viu que havia reservado a próxima dança para o Sr. Jameson. Ele era um homem grande e alegre, e ela gostava muito dele, mas era um dançarino terrível e provavelmente pisaria nos dedos do seu pé. Estremeceu com a ideia.

— É tão ruim assim?

Olhando para cima, descobriu um rosto que nunca tinha visto antes. Ele era lindo, e sabia disso, e estava sorrindo para ela. Era alto, loiro e extremamente elegante, seus olhos azuis brilhavam e eram um pouco perversos.

— O que é tão ruim assim? — perguntou, ciente de que não deveria falar com o sujeito, pois não foram apresentados. Outra daquelas regras estúpidas que tanto desprezava.

Se alguém parecesse interessante, por que não falar com ela? Mas não, isso significava que teriam que encontrar alguém que conhecesse as duas pessoas e que poderia atestar por ambos, antes que se dignassem a apresentar um ao outro. Como se tivessem trocado um contrato informal, garantindo o bom comportamento de todas as partes. Quase como se o ato de dar o seu próprio nome tivesse algum poder místico. Era ridículo.

— O rosto da senhorita parecia estar considerando algo desagradável. — disse, inclinando a cabeça um pouco para o lado.

— Como comer uma lesma. — as palavras saíram antes que pudesse pensar melhor. Oh, que terrivelmente embaraçoso. Ele acharia que ela era uma idiota agora, e era o único homem interessante que conhecera a noite toda. Conheceu muitos homens agradáveis, homens charmosos, muitos tolos

também, mas este era o único interessante até o momento.

Longe de ficar revoltado com sua resposta, ele deu uma gargalhada.

— Exatamente assim.

Phoebe devolveu um sorriso tímido — Na verdade, não é tão ruim assim. Apenas que meus pés doem, e gostaria de me sentar por uns minutos, mas prometi a próxima dança.

Surpreendentemente chocante, ele pegou o cartão de dança pendurado em seu pulso, seus dedos enluvados roçando os dela, enquanto levantava o papel.

— Senhor Jameson. — leu, devolvendo um sorriso simpático — Minha nossa. Exatamente como comer uma lesma.

Phoebe abafou uma risada, um pouco ofendida, mas divertida também — Ah, não. Nem um pouco. Está sendo muito severo, senhor.

— Talvez. — disse suavemente — Mas sou um sujeito miserável e terrivelmente ciumento. Como posso ficar assistindo aquele grande imbecil dançando com a senhorita, quando sei que prefere ficar aqui, conversando comigo?

Ela o encarou com os olhos arregalados.

— Isso é bastante indelicado. — respondeu, não gostando da forma como ele falou do Sr. Jameson — E terrivelmente vaidoso de sua parte.

— É verdade, no entanto. — havia um brilho desafiador em seu rosto bonito, seu olhar concentrado nela. Desafiando-a.

— Srta. Barrington?

Um pouco aliviada, ela levantou os olhos e viu que o Sr. Jameson tinha vindo buscá-la.

— Minha dança, acredito. — disse o sujeito, sorrindo para ela.

Phoebe aceitou a sua mão.

— De fato, é. — disse ela, virando-se para encarar o homem loiro, mesmo quando sentiu uma pequena pontada de arrependimento por deixar a companhia dele. Voltou o olhar resolutamente para o Sr. Jameson e sorriu — Eu estava ansiosa pela dança.

Max contraiu-se ao ver Jameson pisar nos dedos do pé de Phoebe pela segunda vez. Pobre garota. Ela não reclamava, porém, apenas ria com bom humor enquanto Jameson ruborizava e gaguejava outro pedido de desculpas. Estava usando um vestido de seda dourada pálida aquela noite, e a luz das velas a incendiava, o brilho das chamas reluzia em seus cabelos, sua pele e seu vestido, enquanto se movia pelo salão. Ele estava longe de ser o único pobre idiota que não conseguia manter os olhos longe dela. Um anseio intensificou-se à vida, um desejo ardente de ser o homem que a segurava em seus braços. Tentou não pensar nisso, tentou ignorar aquele sentimento, mesmo que nada tivesse funcionado até o momento.

Manteve-se afastado durante o último mês, tentando o seu melhor para aproveitar as festas intermináveis e o turbilhão social, mas ficando entediado, a ponto de chorar. Era culpa dele, é claro. Se uma pessoa não consegue

encontrar satisfação na companhia de outras pessoas, certamente deveria olhar para si mesma, para encontrar o problema. Nem todos podem ser contados para ter uma conversa vibrante, e, ainda assim, havia prazer em uma troca educada ou em uma história bem contada, se estivesse disposto a ficar satisfeito com isso. Por mais que quisesse estar, por mais que se lembrasse de como essas trocas deveriam prosseguir, sempre se sentia como se estivesse contando uma piada, apenas para perceber que havia esquecido o final dela.

Sem querer, seus olhos foram atraídos de volta para a pista de dança e para Phoebe. Deslizou a mão no bolso, sentindo o farfalhar de um pequeno pedaço de papel. Bobo. Virando-se, abriu caminho para a sala de refrescos, sabendo que a palavra se encaixava nele de maneira precisa, mesmo que não conseguisse mudar isso.



Phoebe agradeceu ao Sr. Jameson pela dança e deu um suspiro interno de alívio. Movendo-se rapidamente, saiu correndo do salão de baile, na esperança de encontrar um canto tranquilo para recuperar o fôlego e aliviar os pobres pés. Dirigiu-se para a longa galeria, onde muitas pessoas estavam, apreciando o clima mais fresco, enquanto admiravam as pinturas. Procurando uma das muitas alcovas mais escondidas, avistou um banco acolchoado desocupado, e sentou-se com um suspiro de alívio. Era um recanto sombreado, público demais para ser considerado escandaloso, mas ainda razoavelmente privado, então aproveitou para tirar as sapatilhas. Olhando para cima para se certificar de que não estava sendo observada, se abaixou para massagear os pés, com um pequeno suspiro prazeroso.

— A senhorita perdeu algum dedo?

Phoebe se assustou e se levantou.

— Oh, é o senhor. — disse ficando aliviada por não ser ninguém com quem precisasse se preocupar, quando viu Max parado na sua frente.

— Em carne e osso. — concordou, avançando e segurando um copo para ela — Achei que pudesse precisar de fortificação, depois da sua provação.

— É champanhe? — Phoebe perguntou, animando-se.

Ele hesitou e Phoebe suspirou, sabendo que era apenas orchata. Claro que Max não traria champanhe para ela.

— Presumi que estaria com sede. — disse, parecendo bastante afável.

Ela estava, e supôs que não serviria beber uma taça de champanhe. Isso faria com que arrotasse.

— Obrigada. — respondeu educadamente, aceitando a taça — Isso foi atencioso da sua parte.

— Seus pés estão muito machucados? — perguntou, olhando para os dedos dos pés dela.

— Só um pouco doloridos, mas nada sério demais.

Max sentou-se ao lado dela e ficou em silêncio por um momento.

— Foi bom da sua parte dançar com Jameson. — disse Max por fim — Ele é um bom sujeito.

— Sim, ele é. — concordou, tomando um grande gole de sua bebida — Só queria que ele não fosse tão pesado.

Ficaram em silêncio novamente, observando alguns dos outros convidados subirem e descerem a galeria. Phoebe aprumou-se quando o homem loiro que vira antes passou. Ele olhou para a alcova e chamou sua atenção. Seus lábios se contraíram e ele piscou para ela, antes de seguir em frente. Phoebe sentiu um sorriso puxar seus lábios.

— Quem a apresentou para Alvanly?

Phoebe olhou para cima, um pouco assustada com o tom cortante na voz de Max.

— Perdão?

— Que idiota a apresentou ao Barão Alvanly?

— Ninguém. — respondeu, um pouco indignada com o tom dele. Sem dúvida, Max se referia ao homem bonito que piscou para ela — Não o conheço.

— Continue assim. — disse concisamente — Não é o tipo de homem com quem a senhorita deveria se associar. Não converse com ele.

Estava ciente de que Max agora parecia muito tenso, mas também estava com muita raiva para se importar — Perdoe-me, Lorde Ellisborough. Eu não sabia que o senhor tinha sido nomeado meu guardião. Oh, espere, o senhor não foi, e nem lhe foi pedido para desempenhar o papel de meu pai.

— Não quero ser seu maldito pai! — Max retrucou, chocando Phoebe com a força das palavras, e pelo praguejar, e conseguiu apenas olhá-lo fixamente.

Max sempre foi tão educado e encantador. Ninguém jamais conseguiu fazer com que perdesse a compostura. Exceto ela, ao que parecia. Corando um pouco, ele se recompôs.

— Perdoe-me. — desculpou-se, a mandíbula rígida, o rosto, normalmente amigável, agora sem expressão — Quero dizer, peço o seu perdão humildemente, Srta. Barrington. Isso foi imperdoavelmente rude da minha parte, não deveria ter falado assim. Apenas que... o Barão Alvanly... por favor, fique longe dele. Para não correr o risco de dizer mais alguma besteira, sei que seu pai repetiria minhas palavras.

— Obrigada pelo aviso. — disse firmemente, recolocando as sapatilhas e ignorando a dor nos pés — Direi a papai o quanto bem o senhor desempenha seu papel de cão de guarda. Tenho certeza de que será bem recompensado. Tudo bem se eu for falar com a duquesa, agora?

Ele não disse nada, sabia que estava sendo insultado, mas ficou de pé quando ela se levantou.

— Boa noite. — ela disse, antes de virar e ir embora.

Homem odioso. Como ele se atrevia a dizer como deveria se comportar, com quem conversar? Talvez estivesse certo sobre Alvanly, mas não precisava ter agido como se ela fosse desmiolada o bastante para fugir com o homem. Que tipo de pessoa achava que ela era? Fervendo de raiva, Phoebe voltou para o salão, totalmente determinada a dançar com o Barão Alvanly, antes que a

noite acabasse.



15 de março de 1827. Teatro Drury Lane, Londres.

— Meu Deus! — Bonnie disse para o marido, Jerome, que fez uma careta quando deixaram o camarote privado de St. Clair.

— Que monte de bobagem histórica. — o marido disse, impassível, ao que Bonnie disparou em gargalhadas — Bem, foi um monte de bobagem. — Jerome insistiu e balançou a cabeça — Eu preferiria ter visto uma comédia à essa exibição piegas. Estava prestes a abrir uma veia no final.

Phoebe franziu um pouco a testa, ficara bastante perturbada com a história de amor não correspondido. O jovem herói da peça havia se apaixonado perdidamente por uma mulher que, por sua vez, era casada com um homem mais velho. Eventualmente, ciente de que nunca a teria e que apenas lhe traria desgraça, deu um tiro na própria cabeça. Parecia bastante exagerado e confuso, no entanto, já tinha ouvido histórias de pessoas que morriam por amor. Era possível um sentimento forte assim? Era esse o tipo de paixão impotente que tanto queria? De certa forma, não parecia aconselhável. Como deveria ser desconfortável sentir um desejo intenso por alguém que nunca poderia ter. A única coisa que Phoebe podia sentir da pobre alma era pena.

Phoebe aguardava pacientemente, desviando do caminho daqueles que deixavam o teatro, enquanto Bonnie e Jasper conversavam com um conhecido.

— O sujeito era um parvo. — sussurrou uma voz em seu ouvido, o sopro quente contra seu pescoço a fez estremecer.

— Barão Alvanly. — disse se virando e o encontrando perto demais. Ela tentou dar um passo para trás e descobriu que não tinha para onde ir. Havia uma quantidade significativa de pessoas paradas, então supôs que o barão não tinha escolha, a não ser ficar próximo demais — De que maneira ele foi parvo?

O barão pegou sua mão, os olhos brilhando, enquanto segurava seu olhar — Em não tomar medidas mais decisivas, é claro. Certamente uma dama não quer um cavalheiro que nunca age e não faz nada além de suspirar melancolicamente por não poder estar com sua amada?

Phoebe franziu a testa, ponderando a pergunta, enquanto retirava sua mão das dele — Não, mas ele não queria trazer desgraça para ela ou causar problemas em seu casamento. Estava tentando considerar os sentimentos dela.

Alvanly bufou — Estourando os próprios miolos por causa dela. Tenho certeza de que ela ficou tocada.

Phoebe mordeu o lábio, tentando não rir.

— O senhor diz as coisas mais terríveis. — disse, depois de controlar a voz o suficiente para não rir.

— Se o que ouvi é verdade, formamos um belo par.

Havia um brilho divertido em seus olhos e Phoebe não interpretou o comentário como desprezo. Além disso, era verdade.

— O que o senhor teria feito, então? — perguntou, curiosa.

— Eu? Ora, teria sido amante dela. Nada e ninguém teria me afastado da minha amada, mas então, sou intrinsicamente perverso, Srta. Barrington. Certamente sabe disso. Ninguém a alertou ainda?

— Sim. — respondeu, tão surpresa com a honestidade dele quanto escandalizada com suas palavras — É claro que sim.

— Eles estão certos. — disse com um suspiro — É por isso que a senhorita deseja me conhecer melhor.

— Mas como o senhor é presunçoso! — Phoebe colocou a mão na boca, mas não conseguiu retirar as palavras. Longe de ficar irritado, no entanto, os olhos de Alvanly brilharam de prazer.

Lentamente, ele se inclinou para frente e sussurrou em seu ouvido novamente, muito perto, muito íntimo.

— Culpado. — endireitou-se e, desta vez, seu olhar estava mais sério — Somos parecidos, entende. A senhorita e eu não gostamos das regras e das opiniões dos outros. A única diferença é que deixei de me importar ou de prestar atenção a elas. Faço o que quiser e o mundo inteiro pode ir para os infernos. Não me importo. Não tenho certeza se a senhorita é corajosa o suficiente para se libertar de suas amarras, acha que é?

Phoebe olhava fixamente para o barão, sem saber o que dizer. Sentia-se exatamente como ele descrevera: frustrada pela sociedade pensar que as mulheres deveriam ser pacatas, bem-comportadas e fazer o que lhes mandavam. No entanto, não gostou da ideia de que ele a achara covarde.

— Eu não me importo com boatos, o senhor saberia se tivesse ouvido a menor coisa sobre mim.

Alvanly encolheu os ombros — A senhorita diz isso, mas duvido que seja verdade. Uma coisa é ser um pouco franca, fazer loucuras que fazem as velhas alcoviteiras se espantarem e reagirem de forma excessiva. Outra coisa é viver a vida livremente. O que fará essa semana, por exemplo? Se não tivesse que considerar sua reputação?

Phoebe não precisou pensar muito tempo.

— Haverá uma luta de boxe. — disse, melancolicamente.

Alvanly sorriu.

Jack colocou seu chapéu de tricórnio surrado sobre a mesa. Phoebe tinha quase certeza de que era o mesmo que ele usara quando era criança. Ele cruzou os braços maciços e olhou para ela — A senhorita tá querendo aprontá, não tá?

Jack Green, que já fora conhecido pelo apelido notório de “Flash Jack”, havia se aposentado das estradas, quando Phoebe era uma menina. Eles se conheceram quando o homem aceitara um serviço, cujo objetivo era colocar um ponto final na vida do marquês de Montagu, seu pai. O fato de o tio de seu pai ter lhe dado o emprego, dizia muito sobre a vida que seu pobre pai suportara quando menino. Que o outrora notório ladrão de estradas agora

daria sua vida pelo dito marquês, ilustrava qualquer outra coisa que pudesse ser necessária. Como qualquer caçador que se tornou guarda-caça, Jack levava seu trabalho muito a sério. Não era adverso, no entanto, a compartilhar seu conhecimento, principalmente se estivesse um pouco bêbado. O que sempre acontecia, nas suas noites de folga. Porém, nunca, jamais, bebia, quando estava em serviço, ciente de que isso significaria demissão imediata.

Haviam estabelecido uma estranha amizade ao longo dos anos, Jack cuidava de Phoebe, como a princesinha que parecia determinado a ver, apesar de muitas evidências do contrário, e parecia ser algum anjo da guarda corpulento. Ensinou-a como arrombar uma fechadura, trapacear nas cartas e fazer muitas coisas que uma jovem não deveria saber, mas que poderiam tirá-la de problemas, se um dia se encontrasse em perigo... ou em situações em que não estivesse se esforçando o suficiente para evitar. Qualquer uma das opções era igualmente provável no que dizia respeito a Phoebe, e ela gostava de estar preparada para todas as eventualidades.

— O que o faz pensar que eu esteja querendo aprontar? — Phoebe perguntou, tentando passar um ar de inocência.

A julgar pelo bufo que Jack soltou, ela precisava trabalhar melhor nisso.

— Porque a senhorita tá sempre tramando alguma travessura ou outra coisa, Princesa. A senhorita atrai os pobrema e aventura, emoção. Sei por que eu também já fui assim, uma vez. E se a senhorita tivesse ido pra algum lugar que seu pai soubesse, não estaria aqui perguntando, como se fosse um grande segredo.

Phoebe respirou fundo e imitou a postura de Jack, cruzando os braços — Eu só quero ir a uma luta de boxe, Jack.

Os olhos de Jack se arregalaram — Já larguei mão de arriscá meu pescoço, faz muitos anos. Não vou arriscá ser cortado em pedacinho pelo seu pai por fazer algo tão idiota como isso. Uma luta de boxe! Acho que a senhorita vai precisá que Pippin faça alguma magia pra mim, antes que eu entre na sua dança, mocinha.

Phoebe bufou, impaciente — Não é justo. Por que os homens fazem todas as coisas interessantes, e eu deveria ficar sentada em casa, parecendo um ornamento?

— Ora, espera um pouco. — Jack murmurou — Não é como se a senhorita não conseguisse fazer as coisas que gosta, diferente das outras moças da sua idade. O senhor lorde é um homem justo. Ele ensinou a senhorita a lutar e atirar e todas as coisas que você não deveria saber.

Phoebe fez um som descontente — Isso é verdade, sei que é, mas não posso contar para ninguém que sei fazer essas coisas, Jack, muito menos mostrar para elas, então, qual é a graça?

Jack assentiu e deu um passo à frente, apertando suavemente seu queixo, com uma mão que mais parecia um jarrete de presunto — Acho que nós dois tudo não gosta do que nós dois deveríamos e o que nós dois somos, Princesa. Mas é o que

nóis faz com o que nóis pode que diferencia nóis, eu acho.

Phoebe suspirou melancolicamente — Suponho que sim.

— Mais ânimo, moça. Vamo lá, vou deixá a senhorita me roubá no jogo de carta.

— Eu não o trapaceio, Jack. — retrucou.

— Então a senhorita é uma boba. — disse amigavelmente, piscando para ela enquanto se afastava para buscar as cartas.



Jasper,

Por mais que eu aprecie a ideia, mantenha seu nariz longe dos meus assuntos românticos. Concordo que a Srta. Rochester é adorável e amigável, mas não preciso que organize uma dúzia de eventos, para nos juntar em todas as oportunidades. E não, ainda não estou devaneado como um adolescente apaixonado. Estou bastante curado da minha doença, garanto. A dama deixou sua posição clara e não tenho vontade de me matar ou me jogar no rio Tâmis, então não há necessidade em se preocupar.

Dito isso, ficaria muito feliz em participar do seu maldito jantar.

—Trecho de uma carta ao O Honrável Jasper Cadogan, Conde de St. Clair, de O Honrável Maximillian Carmichael, Conde de Ellisborough.

18 de março de 1827.

Phoebe puxou o capuz de sua capa sobre a cabeça, para se esconder melhor sob o tecido volumoso. Em um bolso, segurava uma pequena pistola com cabo de pérola - um presente de seu pai - e havia uma faca na bota. Poderia ter sido idiota o suficiente para arriscar sua reputação pela emoção de fazer algo proibido, mas jamais arriscaria o seu pescoço.

Por que estava aqui?

Fez-se a pergunta, mas não podia negar o arrepio de excitação que percorria sua espinha. Havia uma grande multidão em Moulsey Hurst agora, quando a hora da luta de boxe se aproximava. Por toda parte, havia gritos de vendedores ambulantes e vendilhões, que se reuniam onde quer que houvesse a chance de bom comparecimento de pessoas. O cheiro de comida, misturado com o entusiasmo de uma multidão que se divertia, estava solto no ar. O rico perfume encheu seu nariz, ao lado do amargor menos agradável daqueles que ainda não haviam seguido o conselho de Brummel, de se lavar diariamente.

Examinando os arredores, Phoebe sorriu ao ver o Barão Alvanly parado no local que haviam combinado de se encontrar. Seu olhar caiu sobre ela, e seus olhos se arregalaram. Isso o ensinaria a nunca a subestimar, mesmo que não fosse tola o suficiente para acreditar que sua provocação não tinha outro lado. Alvanly estava à procura de uma herdeira rica, com bolsos fundos, disponível,

e Phoebe não duvidava que ele a arruinaria, se pudesse. Mas tudo fazia parte do jogo, superando esses homens que a consideravam uma ratinha com quem pudessem brincar, como um gato grande e preguiçoso. Ele não seria o primeiro a descobrir que Phoebe sabia usar suas próprias garras, e que não temeria em usar se provocada.

Porque não podia se contentar em ser uma jovem bem-comportada e frequentar bailes e festas, e apenas aproveitar o turbilhão social, não sabia. Talvez fosse por ter estado à beira do perigo, fato que assombrou sua infância, a presença constante de seu tio-avô e sua determinação em arrancar o título de seu pai. Embora sempre acreditasse que seu pai a manteria segura, sabia que aquilo era um perigo real. Havia se regozijado com a confiança que Lucian depositara nela, confiança suficiente para ensiná-la a atirar e lhe explicar a realidade de um mundo que poderia ser traiçoeiro. Ele tinha vivido com a constante ameaça de seu próprio assassinato, e talvez algo nisso a tivesse contagiado. Talvez até sentisse falta da camaradagem que compartilhavam na época, quando eram apenas os dois contra o mundo.

O que quer que fosse, fazia dela um enigma. Por mais que fosse popular e as pessoas procurassem sua companhia, nunca se sentia à vontade. Estava sempre ciente da diferença entre ela e as outras jovens, que não sabiam o que fazer com ela. Gostava e admirava algumas das meninas, e não era avessa ao casamento e a ter uma família. Esperava por isso, mas..., mas certamente havia mais. Não poderia ter uma aventura ou duas, antes de fazer o que o mundo esperava dela? Não, era a resposta mais simples. Aventuras equivaliam à ruína. Ou, pelo menos, era isso que aconteceria se fosse descoberta.

— Bem, estou surpreso. — disse Alvanly com uma expressão prazerosa — Admito, não acreditei que fosse ousada o bastante para vir. Peça perdão.

Phoebe encolheu os ombros — Está tudo bem. Por que acreditaria? Mas se apresse, ou ficaremos muito longe para ver qualquer coisa.

Ficou perto dele e colocou a mão no seu braço, por nenhuma outra razão além de ser mais seguro. Sua mão livre permaneceu no bolso, e ela enfiou um pequeno saco de moedas sob a gola do vestido. Batedores de carteira em lugares como esse eram muito comuns e pegariam tudo em um segundo, antes que a pessoa percebesse.

Havia uma multidão grande reunida agora, carruagens alinhadas no espaço aberto, com pessoas amontoadas no topo, para obter uma melhor visão sobre aquelas que cercavam o ringue. Na frente, homens sentados de pernas cruzadas no chão, com muitos outros atrás das primeiras linhas, em pé. O ar de antecipação aumentou constantemente com o barulho, enquanto os combatentes entravam em campo.

A briga, entre um enorme irlandês chamado O'Sullivan e um diabo de aparência perversa chamado Evans, era um espetáculo e tanto. Phoebe estava dividida entre horror e admiração pelos dois. Sua admiração era inteiramente por seus físicos, pois estavam despojados até a cintura, uma visão que nunca teve a chance de desfrutar antes. Era estranhamente... energizante, a cena de

dois homens grandes e musculosos despidos para uma batalha. A coragem deles também era impressionante. Por Deus, mas podia ouvir, quase sentir, o eco de cada golpe, enquanto os punhos atingiam a carne com uma força cruel. Enquanto a luta continuava, no entanto, foi forçada a admitir que não era do seu gosto. O rugido da multidão era ensurdecedor, com gritos por vitória e sede de sangue, quando O'Sullivan jogou Evans no chão pela terceira vez. O olho de Evans estava inchando e sangue escorria constantemente de um corte na sobrancelha, e os dois homens estavam imundos e machucados. Ele não duraria muito tempo.

Bem, ela tinha vindo e visto uma luta de boxe, que era o objetivo do seu exercício, além de provar a Alvanly que ele não deveria subestimá-la. Agora, porém, a excitação se transformou em desgosto pela brutalidade de tudo aquilo, e parecia um bom momento para escapar. Se esperasse até o fim, haveria mais probabilidade de problemas, com os vitoriosos muito animados e os que perderam enraivecidos demais para tolerar aquilo. Alvanly estava totalmente preso à luta e não lhe prestava a menor atenção, então recuou, se afastando da multidão.



Max gemeu quando Evans atingiu o chão pela terceira vez. O fim já era praticamente uma conclusão antecipada agora. Deu um tapa no ombro de Jasper e balançou a cabeça.

— Vejo-o mais tarde para pagá-lo. — Max prometeu, enquanto Jasper sorria para ele, voltando sua atenção para a luta e para seu irmão, que ainda estava gritando incentivos para Evans.

Jerome não gostaria de perder para o irmão mais velho.

Max manteve seu olhar atento ao passar pelos expectadores. Sempre havia muitos batedores de carteira, prontos para roubar um relógio ou uma bolsa, ou qualquer coisa em que pudessem colocar suas mãos e lucrar com isso. Assim que alcançou o limite da multidão, saiu dela, aliviado por estar longe da atmosfera barulhenta.

O que, diabos, havia de errado com ele?

Talvez Phoebe estivesse certa. Mesmo que nunca tivesse mencionado, era óbvio que ela o achava velho e enfadonho, e ele, de fato, se sentia entediado até a morte. As vezes em que seu sangue subia em suas veias era quando ela estava perto, fazendo com que ele dissesse as coisas mais embaraçosas. Nunca fora sua intenção, mas Phoebe era tão imprudente, e, pensar que ela pudesse se ferir, fez seu coração tropeçar no peito. Ficava de olho nela o mais discretamente possível, e intervia quando achava que ela corria o perigo de cair em desgraça. Pensar que Alvanly pudesse atraí-la para seu ambiente de devassidão, dava-lhe pesadelos. Pior do que isso, contemplar que o belo rosto do sujeito poderia agradar a Phoebe trouxe uma torrente forte de ciúme, que o deixou perturbado e miseravelmente infeliz.

Como se o simples pensamento nela tivesse evocado uma visão, seu olhar foi atraído para uma esguia figura andando bastante rápido à sua frente. Havia

algo nela, na maneira como se mexia, que fez sua respiração parar, mas... não, não podia ser. Não aqui. Nem mesmo Phoebe faria...

Por Deus, o que ele estava dizendo? Mas é claro que ela faria!

Acelerou seus passos e viu, para sua consternação, não ser o único a ter notado a mulher, sem acompanhante, entrando em um beco, em direção a estrada principal, onde poderia chamar uma carruagem de aluguel. O sujeito seguiu atrás dela, até o beco.

Max correu.

Provavelmente não passou mais do que segundos, embora parecesse uma vida, até ele começar a correr a uma velocidade vertiginosa, depois de virar a esquina, deixando cair o seu chapéu no chão e derrapando na sujeira que acarpetava o beco. Ignorou, concentrado que estava em chegar até Phoebe, e depois parou, fascinado pela cena adiante.

— Eu não quis machucá a senhorita, moça. — o sujeito implorava, enquanto se afastava de Phoebe, que estava apontando uma pistola para ele, com as mãos perfeitamente firmes.

— É claro que não, apenas queria roubar minha bolsa e pegar tudo que lhe conviesse, não é mesmo? — Phoebe retrucou, com raiva fumegando nos olhos azuis.

— Eu só queria a bolsa e esses brinco bonito, nada mais. Eu não ia machucá a senhorita. Nós só sente fome, moça. — o sujeito continuou implorando, seus olhos nunca deixando o cano da arma que estava apontado para o seu rosto.

— No entanto, um sujeito não deve abordar mulheres sozinhas nas ruas e tentar assustá-las até a morte.

Max podia ouvir a raiva em suas palavras, e uma pontada ínfima que fez seu coração apertar e querer arrancar membro por membro do sujeito. Ela estava com medo, não que estivesse demonstrando.

Ele se aproximou lentamente, pois não queria assustá-la.

— Srta. Barrington, precisa de ajuda? — perguntou, sabendo que provavelmente seria informado de que nenhuma assistência era necessária, muito obrigada.

Provavelmente era verdade. Ela tinha a situação sob controle e não precisava do resgate dele. Qualquer vaga noção de ser seu cavaleiro de armadura brilhante murchou e morreu. Phoebe poderia cuidar sozinha de si e não precisava de nenhum herói para fazer isso por ela. Não ele, de qualquer forma.

— Lorde Ellisborough, — disse com a voz firme — o senhor tem um talento incrível para aparecer em tais momentos. — suas sobranceiras loiras se uniram com suspeita — Estava me seguindo?

— Não! — Max disse imediatamente, quase admitindo que, na verdade, a estava evitando — Não, eu estava na luta com St. Clair. Estranhamente, não pensei em procurar pela senhorita lá.

— Estranho, de fato. — comentou, seus lábios se contraindo um pouco —

Na verdade, estou feliz que esteja aqui...

Bem, isso era novidade.

Ela hesitou, parecendo um pouco incerta — Er... o que faço com ele agora?

Max reprimiu um sorriso — Irá atirar nele?

O sujeito que estava de frente para a pistola soltou um som sufocado.

— Eu teria atirado se não o tivesse visto a tempo, ele se move com a graça de um elefante. Realmente, senhor, é inadequado para a vida do crime. Dançará com Jack Ketch em pouco tempo, se continuar com esse tipo de trabalho.

— Ah, senhorita, me solte, eh? Não fiz nada.

Phoebe bufou — Faz parecer que também não quis fazer nada, o que nós dois sabemos ser uma mentira enorme.

Max se aproximou de Phoebe e colocou a mão sobre a dela, esbelta e enluvada, segurando a pistola com firmeza.

— Vá embora. — Max disse ao homem, sua voz não tolerando nenhum argumento.

O sujeito não precisou ouvir duas vezes. Saiu correndo pelo beco e sumiu em segundos. Max gentilmente abaixou as mãos de Phoebe.

— Muito bem. — disse suavemente.

Só então ela olhou para ele e soltou um suspiro aliviado. Retribuiu um sorriso, que ele suspeitava ser mais bravata do que orgulho, mas nunca o deixaria saber que estava abalada, e Max não a pressionaria para admitir.

Phoebe desarmou a pistola, com as mãos tremendo, e a enfiou no bolso da capa. Depois levantou o queixo para olhar para Max.

— Bem, pode começar. — Phoebe disse, soltando um suspiro, resignada com seu destino.

Ah, não. Não desta vez.

— Começar o quê?

— O senhor não vai me repreender? Não vai dizer como sou terrível e perguntar o que eu estava fazendo?

O desejo de fazer tudo aquilo e dar-lhe um susto enorme por tê-lo aterrorizado arrastava-se por sua pele. Mas ele ignorou.

— Presumi que estava assistindo a luta. — disse levemente, tomando seu tempo para pegar seu chapéu.

Após inspecioná-lo em busca de sujeira, ficou aliviado por não estar pior do que imaginava, e se deu tempo para que seu coração desacelerasse, para uma velocidade que não fosse matá-lo.

— Apenas isso? — exigiu, semicerrando os olhos para ele.

Deus, mas ela era encantadora. Agora que estava segura, podia se deleitar na imagem que ela fazia com a pistola na mão, certa e determinada, e sentiu uma onda de orgulho. Um instinto protetor igualmente forte também emergiu, do tipo que o fazia querer levá-la para casa e mantê-la segura, protegida do mundo, depois procurar aquele delinquente novamente e quebrar seu maldito

pescoço. Deveria ter espancado o desgraçado, antes de deixá-lo ir embora. O desejo de buscar vingança por ela era tangível, mas ele não queria que visse aquilo. Max olhou-a, sabendo que não poderia contar nada disso para Phoebe.

— O que mais quer? Deixou seus sentimentos perfeitamente claros, Srta. Barrington. Estou certo de que não precisa ou quer minhas opiniões, nem minha proteção.

Ela parecia um pouco incerta agora, seus grandes olhos azuis o fitavam em dúvida.

— No entanto, o senhor veio correndo, de qualquer maneira.

— Como eu teria feito com qualquer mulher que achasse estar correndo perigo. — disse concisamente.

— É claro. — Phoebe respondeu imediatamente, com um pedido de desculpas nos olhos — Sei disso, sei que faria isso. Obrigada.

Ele assentiu, pois não confiava em si mesmo para dizer mais uma palavra. Agora sua dúvida era com quem ela estava na maldita luta, pois, certamente, não teria sido tão imprudente a ponto de ir completamente sozinha. E se ela tivesse ido com alguém, onde estava o desgraçado agora? Que tipo de homem não a acompanharia em segurança até em casa? Que tipo de calhorda tirou os olhos dela por um momento, em meio aquela multidão barulhenta?

— A senhorita tem uma carruagem esperando?

Phoebe balançou a cabeça — Não. Eu... Eu vou chamar uma carruagem de aluguel.

Max mais uma vez conteve o desejo de exigir o que, diabos, ela estava fazendo, andando desacompanhada por esta parte de Londres, alugando carruagens sozinha. Seu coração parecia realizar uma estranha reviravolta acrobática, enquanto considerava tudo o que poderia ter acontecido com ela. Apertou a mandíbula contra a repreensão que crescia em seu peito. Se a repreendesse, ela ficaria com raiva e fugiria de novo, e estava certa, Max não tinha voz na vida dela.

— Minha carruagem está a uma curta caminhada daqui, permite que eu a leve para casa?

Max rezou para que Phoebe concordasse, pois não podia permitir que continuasse sozinha, e, ainda assim, não queria brigar com ela de novo.

— Sim. Obrigada.

Graças a Deus.

Quando ela colocou a mão enluvada em seu braço, um pouco da ansiedade e da necessidade desesperada de protegê-la, que corria através dos seus músculos, pareceu diminuir e foi substituída por um tipo completamente diferente de tensão. Tentou o seu melhor para parecer tranquilo, manter a voz calma e conversar com ela.

— Então me diga, o que achou da luta?

Max olhou para baixo, imaginando o que viu. Suas feições eram extraordinariamente finas, sua pele quase translúcida, seus olhos da cor de flores de milho sob a luz e, em outros momentos, a de um céu, antes que uma

tempestade começasse. Como algo tão frágil e adorável poderia revestir um desejo tão formidável? A combinação de delicadeza e determinação, beleza e imprudência, o atraíu, como se tivesse sido pego como um peixe, o anzol cavou fundo e certo.

— Não sei, exatamente. — disse, olhando para ele.

Max desviou o olhar, com medo do que pudesse ver em seus olhos. Ela não o queria, sabia disso, e ele não pioraria as coisas, permitindo que visse o quanto a queria. Isso deixaria as coisas desconfortáveis para os dois.

— No começo, foi bastante excitante. — admitiu — Eles pareciam muito heroicos e corajosos, e a excitação da multidão era inebriante, mas, à medida que avançava, Evans se machucava e ainda continuava se levantando...

Ela estremeceu, e o corpo de Max ficou tão ciente do dela, que o leve tremor parecia atravessá-lo também.

— Mas depois ficou feio, bárbaro, e eu queria que aquilo tudo parasse.

— Por que a senhorita veio aqui?

Para seu alívio, ela não tomou a pergunta como uma crítica.

Sentiu o olhar dela sobre ele e não pôde deixar de encontrá-lo, descobrindo um atributo cauteloso em sua expressão, imaginando se deveria lhe conceder a verdade.

— Porque nunca fui a uma, porque eu não deveria, porque... eu queria fazer isso, de qualquer maneira, pela emoção.

Max assentiu, pois sabia disso. Ela era como uma fera atrás de uma cerca: podia ter o mundo inteiro às suas costas, mas a noção de que havia uma cerca a deixava ainda mais selvagem e determinada a escapar. Quem se casasse com ela, não teria uma vida confortável, e era isso que ele queria, não era? Queria uma amiga e companheira, conforto e segurança, e um pouco de felicidade. Phoebe traria caos e aventura, e problemas, para qualquer homem que ousasse enfrentá-la.

— Suponho que eu o enoje.

Olhou-a, alarmado, ciente do desafio das palavras e de outra coisa também, algo um pouco vulnerável, ao qual ele não conseguia dar um nome, mas teria dado qualquer coisa para ter identificado.

— Por que a senhorita acha isso?

Alcançaram sua carruagem e a ajudou a subir e esperou até que ela se sentasse. Observou enquanto ela encolhia os ombros, e mantinha os olhos baixos.

— O senhor está sempre enojado comigo. — disse, suavemente.

Max riu então, incrédulo por Phoebe interpretar tão mal os seus sentimentos por ela. Olhou para ela por um longo momento antes de responder. Estendeu a mão e pegou a dela, dando um breve aperto nos seus dedos.

— Nojo é a última coisa que sinto, Srta. Barrington.

Antes que ela pudesse responder, fechou a porta da carruagem e deu instruções ao cocheiro, que a levasse até St. James. Não confiava em si

mesmo para ficar sozinho com ela, e não faria bem à sua reputação, se alguém descobrisse os dois sozinhos e juntos. Refazendo seus passos, voltou para Moulsey Hurst e esperava poder encontrar St. Clair. Com sorte, seu irmão Jerome estaria disposto a afogar suas mágoas.

Phoebe olhou enquanto Max batia a porta da carruagem. Bem. Não sabia o que pensar dele. Ele parecia... diferente hoje. E o que quis dizer com aquilo?

Nojo é a última coisa que sinto, Srta. Barrington.

Ponderou essa declaração, franzindo a testa, incerta da estranha sensação de vibração em seu peito. Os eventos do dia foram enervantes, porém, e Phoebe se viu muito sobrecarregada de exaustão, para pensar com clareza. O medo e a excitação do que havia acontecido pareciam drenar dela, levando toda a sua energia com eles. Tudo o que queria fazer era deitar-se em um quarto silencioso e tentar recuperar a compostura. Se fosse perfeitamente honesta, nunca estivera tão feliz em ver Max em sua vida. Sabia que poderia lidar com a situação, e lidou com ela, mesmo assim, foi assustador. Vê-lo caminhando pelo beco em sua direção, tinha sido um alívio tão grande, nem se importaria que a repreendesse por ser uma tola. Tinha sido tolice ir sozinha, sabia disso, mas..., mas enfim, tinha feito. Tinha feito e tinha lidado com a situação, e ainda estava viva, e...

E por que ele não a repreendeu?

Ela se sentiu quase descontente, o que era ridículo. Exceto que Max sempre a repreendia quando a descobria fazendo artimanhas, e isso era normal. Passou a esperar isso dele. Isso era quem ele era e como agia e hoje... hoje Max não parecia como de costume, e isso era... perturbador.

Estranho.

O que ele estava planejando?

Talvez tivesse desistido dela e não se incomodava mais em repreendê-la. Esse pensamento a irritou e fez seu estômago parecer estranho e se contorcer. Talvez ele tivesse simplesmente decidido não o fazer, pois sempre terminava em uma discussão, e em vez disso, iria direto ao pai dela e...

Ah!

Phoebe estremeceu com a ideia. Seu pai era o mais querido e indulgente que uma garota poderia ter, e ela o adorava, mas..., mas, se ele achasse que ela se colocaria em perigo...

Minha nossa.

Afundando de volta no assento almofadado, Phoebe sentiu cada quilômetro que passava, da mesma maneira que um bandido se aproximando da execução, em Tyburn. Bem, tinha que enfrentar seu destino. Não havia como evitar. Inspirou fundo. Poderia ser impossível evitar isso, mas não significava que tinha que esperar por um desastre.

Céus. Agora estava encrencada.



Querida Matilda,

Eu fiquei tão animada ao ouvir todas as coisas terríveis que seus meninos aprontaram na semana passada. Sapos em botas parece ser algo muito apreciado por aqui também. Eu me pergunto se eles nascem com esses pensamentos, essas criaturas diabólicas. Honestamente, Lyall e Muir estão determinados a me dar um colapso nervoso. Não me importaria, mas Gordy é pior do que os dois juntos. Não me atrevo a perder os três de vista por um momento. Os dois serão tão grandes quanto o pai, o que, naturalmente, atrai todos os jovens a quilômetros, propensos a brigar. Parece que passo meus dias cuidando de hematomas de brigas, arranhões de subidas em árvores e puxões de orelhas, depois de caírem no lago... de novo! Não reclamam, estão sempre alegres e parecem completamente perplexos com a minha preocupação com eles.

Simpatizo com cada janela e vaso quebrado, e nervo à flor da pele, garanto. Já encontrou lesmas em suas sapatilhas? Eu não vou esquecer disso até o dia em que morrer.

— Trecho de uma carta à Muito Honorável Matilda Barrington, Marquesa de Montagu, da Sra. Ruth Anderson.

21 de março de 1827, Montagu House, St. James, Londres.

Phoebe concentrou-se em empilhar geleia de cereja sobre um bolinho. Sua mãe ainda não havia descido para o café da manhã, mas seu pai estava à mesa, e seu olhar penetrante se fixou nela. Ela sentia isso perfurando a sua mente e não ousava olhar para cima e encará-lo.

— Bee, — disse, seu tom suave e inquisitivo — é melhor confessar logo. Tem estado sentada sobre espinhos nos últimos dias. Quem exatamente está esperando que apareça?

Phoebe engoliu em seco, sabendo que estava condenada.

— Ninguém. — respondeu, esforçando-se para parecer inocente.

Seu pai suspirou, obviamente descrendo dela. Seu estômago se contorceu e ela colocou o bolinho de volta no prato, sabendo que ficaria preso em sua garganta.

— Bee, — disse novamente, um pouco mais severo agora — não suporto mentiras, sabe disso.

A culpa fez seu estômago revirar ainda mais, sabia que não conseguiria mais fugir agora, pois o pai estava no seu rastro. Bastava apenas perguntar o que tinha aprontado, então seria forçada a contar. Evasão era uma coisa, mas Phoebe não mentiria, e ele sabia disso. Melhor confessar tudo, como o pai sugerira, do que fazê-lo perguntar. Pulava toda vez que alguém batia na porta, esperando que Max aparecesse e revelasse tudo, mas os dias se passaram e ele não veio.

Por quê?

Phoebe respirou fundo, o coração batendo forte no peito, enquanto se forçava a encontrar os olhos do pai.

— O senhor vai ficar zangado. — disse miseravelmente.

— Quão zangado?

Phoebe engoliu em seco.

Um músculo saltou em seu maxilar.

— Entendi.

— Estou bem. — Phoebe forçou um sorriso alegre, esperando que esse fato aliviasse a tensão — Não causei nenhum dano, e ninguém me viu. Bem, ninguém que pudesse dizer alguma coisa. — considerou o Barão Alvanly por um momento — Eu acho.

Seu pai esperou, ainda olhando fixamente para ela, seus olhos prateados enervantes, fazendo com que sentisse que o pai podia ver exatamente o que estava pensando. Phoebe agarrou-se a cadeira, desejando ser corajosa e não fugir da mesa.

— Talvez devêssemos esperar por mamãe...

— Phoebe!

Oh. Seu nome cristão. Aquilo não era um bom sinal.

— E-Eu fui ver O'Sullivan lutar com Evans, em Moulsey Hurst.

Pronto. Confessara.

Phoebe o observou, mas seu rosto estava sem nenhuma expressão. Nenhuma reação.

Oh, céus.

— E o que mais? — perguntou, sua voz perigosamente calma.

Maldição. Como ele sempre sabia que havia um “e”?

— E... estava tudo indo bem. Vi a luta, mas..., mas não gostei muito, então saí, antes que ela terminasse. Estava óbvio que Evans perderia, entende. Então, fiz o caminho de volta, para pegar uma carruagem de aluguel, e um sujeito apareceu e tentou me roubar, mas eu tinha a minha pistola e o impedi. Então Max apareceu e mandou o bandido ir embora, antes que eu atirasse nele, depois me colocou na sua carruagem e... e isso é tudo.

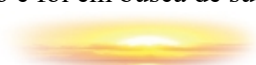
Houve o tipo de silêncio que fez todos os pelos da sua nuca se levantarem. Seu pai não disse nada. Ficou parado por um bom momento, durante o qual a respiração de Phoebe ficou presa.

Cuidadosamente e com movimentos precisos, ele dobrou o guardanapo e o colocou sobre a mesa, depois se levantou.

— Diga à sua mãe que estou indo para o Angelo. Conversaremos esta noite sobre... sobre sua última aventura. Tenha um bom dia, Bee. Tente não atirar em ninguém enquanto eu estiver fora. —ele saiu e fechou a porta silenciosamente atrás dele.

Céus.

Phoebe soltou a respiração e poupou um pensamento para quem quer que fosse o pobre coitado que se oferecesse para lutar contra seu pai, no clube, aquela manhã. Provavelmente seria dissecado em pequenos pedaços, enquanto seu pai descarregava suas emoções. Agora ela sabia como Dâmocles se sentira com aquela espada miserável suspensa por um triz. Só que sabia que o pior aconteceria a noite, quando tivesse que enfrentá-lo. Desanimada, decidiu que só havia uma coisa a fazer. Iria até Hatchard para encontrar um livro que pudesse distraí-la de seu destino. Suspirando, cabisbaixa, empurrou o café da manhã inacabado para o lado e foi em busca de sua criada.



Max observou, sem saber se deveria se divertir ou ficar alarmado, quando o marquês despachou seu quinto oponente, em poucos minutos. O florete do homem escorregou incontrolavelmente pelo chão, deslizando, até parar do outro lado do salão, para onde Lucian o arremessou, com força. Embora tivesse terminado pela manhã, Max ouviu os murmúrios de apreciação do público, que se reuniu para assisti-los. Lucian não tinha nem suado. Parecia irritado por ninguém ter habilidade suficiente para proporcionar a luta pela qual estava claramente desesperado.

— Próximo. — chamou, caminhando até o fim do salão e se virando para ver quem ousava tentar a sorte. Ninguém se ofereceu.

Lucian bufou aborrecido, e então seu olhar se fixou em Max. Era seu amigo há algum tempo, mas isso não significava que ele pudesse ser o alvo daquele olhar gélido, sem sentir um pouco de medo. Algo lhe dizia que a recente aventura de Phoebe não era mais um segredo.

— Max, — chamou Lucian, com um sorriso tenso nos lábios — tem algo para me contar? — perguntou.

Max ponderou sobre isso — Não há nada que eu queira contar-lhe, Lucian, mas suspeito que já saiba que, talvez, tenha informações que possa querer.

Lucian balançou a cabeça, indicando que saíssem para o pátio. Max o seguiu, aliviado quando Lucian colocou o florete de lado, antes de deixar o salão.

— Por que, diabos, não me contou? — exigiu, quando as portas se fecharam.

Max hesitou — Ninguém se feriu, e... e não queria que ela me visse como

um homem que correria para contar histórias para o seu pai. Esperava que ela mesma contasse.

Lucian bufou — Ela contou, mas apenas depois de eu tê-la pressionado. Então, é por isso que Phoebe ficava assustada, toda vez que a porta se abria. Esperava que aparecesse e contasse tudo.

— Imagino que sim. — Max concordou, bastante magoado por Phoebe vê-lo sob tal luz.

Ele observou o ritmo do marquês, os punhos cerrados, que se abriram antes de se voltar para Max.

— Ela foi se encontrar contigo?

— Não! Deus, não. — Max respondeu imediatamente, alarmado — Cristo, me conhece melhor do que isso, espero.

Lucian soltou um suspiro e beliscou a ponte do nariz.

— Perdoe-me. — disse — Sei disso, é claro, só... só que aquela garota vai me matar, um dia. Meu coração não suporta o tipo de explosões que ela desencadeia, onde quer que seus pés toquem. A culpa é toda minha, sei que é. Dei muita liberdade para ela, fiz com que fosse corajosa e destemida...

Max estendeu a mão e colocou sobre o braço de Lucian.

— Ela é maravilhosa. — disse, suavemente — Por Deus, Lucian, se ao menos pudesse tê-la visto. Lá estava eu correndo o mais rápido que podia, esperando resgatar uma donzela em perigo, e o pobre coitado que tentou roubá-la estava gaguejando, pedindo perdão e encarando o cano de uma pistola.

Lucian gemeu — Meu Deus.

— Ela não é uma garota inocente, a ponto de sair andando por Londres, como se estivesse em seu próprio jardim. Sabia que era perigoso e estava preparada para isso, e sim, é claro que não deveria ter ido para lá. Acredite em mim, foi difícil não a chacoalhar por me causar tamanho susto, mas isso não teria adiantado nada. Phoebe não vai mudar, e isso só faria com que desgostasse ainda mais de mim.

— Agradeço a Deus que estava lá.

— Eu também. — respondeu Max. Seu coração ainda tremia, sempre que pensava nisso — Embora Phoebe teria dado conta, mesmo se eu não estivesse, tenho certeza. No entanto, pela primeira vez, acho que ela ficou um pouco feliz em me ver. — acrescentou com pesar.

— Assim como deveria ser. — a voz de Lucian estava com raiva agora — E se ela não estava lá para encontrá-lo, com quem, diabos, então? Quem a encorajou? Por mais imprudente que possa ter sido, não deve ter ido completamente sozinha.

Max hesitou — Eu não sei.

Lucian apertou os olhos para ele — Mas suspeita.

— Não, de verdade. Não tenho provas, nem motivos para supor. — protestou Max.

— Mas *suspeita*. — Lucian repetiu, com o tom fechado para discussão.

Max suspirou, sabendo que não escaparia de um interrogatório.

— Sim, o Barão Alvanly.

Não ficou surpreso com a quantidade de palavras que saíram dos lábios do marquês.

— Receio ter sido idiota o suficiente para alertá-la quanto ao sujeito. — Max admitiu, retraindo-se, enquanto Lucian o encarava, indignado, levantando os dois braços em sinal de derrota — Eu sei, sei que meu comportamento foi além de imprudente, mas..., mas fui impulsivo e não pensei.

— Alvanly! — Lucian respondeu, seu tom suficiente para fazer os pelos de Max arrepiar — Entendi.

Houve um silêncio tenso e então Lucian soltou um suspiro e voltou sua atenção para Max.

— Se eu fosse tolo o suficiente para alertá-la como fez, os resultados seriam inevitáveis. Afinal, não a considero uma garota boba. Ela deve saber que Alvanly está à procura de uma herdeira rica e que seria um marido desastroso. Ensinei-a bem o suficiente para estar ciente dos truques que os homens usam para conseguir uma esposa através de um escândalo, então, devo confiar que ela esteja vendo além do seu belo rosto e da aparência de charme superficial que ele usa tão bem. Nós dois devemos confiar.

Max assentiu, não gostando de nada daquilo, mas ciente de que Lucian conhecia Phoebe melhor do que ninguém. Se o marquês confiava no julgamento dela, então ele também deveria.

— Mas isso não significa que não a vigiemos, e a Alvanly também. Posso contar contigo para ficar de olho nela?

Max abriu a boca para protestar. Tinha decidido deixar Londres, abandonar seu desejo insensato por Phoebe e voltar para casa, onde não precisava esbarrar nela em todos os eventos sociais. Estava cansado de desejar o que não podia ter, cansado de ser o homem que Phoebe acreditava que sempre acabaria com qualquer diversão que estivesse tendo.

— Sei o que estou pedindo. — disse Lucian, e Max odiou a simpatia em seus olhos — Mas peço, de qualquer forma. Minha esposa...

Ele hesitou e, por um momento, Max viu medo nos olhos do marquês.

— Ela tem estado cansada ultimamente. Não quero que se sobrecarregue. Se não melhorar em alguns dias, voltaremos para Dern. Gostaria que ela visse um médico em Londres, mas não quer ouvir falar disso. Criatura mais teimosa. Insiste em que está apenas um pouco cansada. A temporada, para não mencionar Phoebe, tem sido bastante desgastante.

O coração de Max afundou, mas ele era um caso sem esperança e estava aliviado por ter um motivo para ficar perto dela. Deus, como ele era patético.

— Espero que Lady Montagu se recupere em breve, e sim, é claro que ficarei de olho em Phoebe.

Lucian soltou a respiração — Confesso que está tirando um peso de cima dos meus ombros.

Max acreditava nele. Agora via a tensão ao redor dos olhos de Lucian e percebia o quão desesperadamente preocupado estava com sua esposa. Não era segredo que o homem ainda era apaixonado por ela. Apesar de mulheres o perseguirem a cada passo, tentando ocupar o posto de amante do marquês, ninguém nunca conseguira desviar seu olhar da esposa. Aquelas que não percebiam sua sugestão sutil, corriam o risco de receber uma de suas infames repreensões, ainda assim, algumas ainda se arriscavam.

Observando o escrutínio de Max, Lucian franziu a testa — Por favor, não conte nada para Phoebe. Matilda não deseja estragar sua temporada, preocupando-a indevidamente, quando provavelmente não há necessidade.

— Não direi uma palavra, prometo.

Lucian assentiu antes de devolver um olhar pensativo — Suponho que não estaria interessado...

— Não. — Max balançou a cabeça e recuou — Eu vi como lutou com aqueles dois últimos pobres coitados. Finalizei minha atividade pela manhã e não desejo passar por uma situação humilhante também, obrigado.

Houve um suspiro frustrado — Estará no baile da Condessa March, amanhã à noite?

— Sim.

— Muito bem. Acredito que Lady Helena e Gabriel irão acompanhar Phoebe.

— Ficarei de olho nela, tem a minha palavra.

Lucian assentiu e deu um tapinha no ombro de Max, um raro gesto de amizade, que falava de sua gratidão, antes de voltarem para dentro.

Phoebe demorou no caminho de volta para casa. Passou duas horas em Hatchard, mas não podia ficar na livraria o dia inteiro, e, certamente, não a noite toda. Não importando o quão tentador fosse evitar a repreensão inevitável de seu pai.

— Oh, rápido, senhorita. — sua criada, Rachel, insistiu — É como andar com um caracol na coleira.

Rachel era uma garota sensata e prática, que não se impressionava com intrigas e não podia ser subornada para enviar bilhetes para amantes e afins. Não que Phoebe quisesse, mas poderia querer um dia, e Rachel não era a pessoa certa para isso. Sua mãe foi astuta ao selecioná-la. Era gentil e eficiente, mas não podia ser levada a travessuras. Infelizmente.

— Estou indo. — Phoebe respondeu, mas não se apressou, enquanto Rachel bufava e continuava. A criada atravessou a Ryder Street rapidamente, tentando desviar de um cabriolé elegante. Phoebe a deixou ir, pois, de forma alguma, estava ansiosa para voltar para casa. Olhando para a Ryder Street, sua atenção foi atraída pela cena de um homem esmurrando a porta da primeira de uma série de casas estreitas. Era uma casa elegante, mas um pouco envelhecida, tinha três andares de altura e sua porta era preta, e estava descascando. Claramente frustrado, o homem gritou para a janela acima,

aparentemente sem sucesso, pois ninguém lhe respondeu. Com um último grito de frustração, o sujeito bateu forte na porta e se virou, revelando então o Barão Alvanly, em um momento de descontrole. Intrigada, Phoebe olhou para frente e viu Rachel desaparecendo na multidão. Curiosa demais para deixar aquilo passar, como deveria, Phoebe levantou as saias e atravessou a rua, dando de frente com o Barão Alvanly, no momento em que ele se afastava da porta.

— Há algum problema?

— Srta. Barrington. — disse o barão, sua boca transformando-se em um sorriso largo — Problema? Ah, sim. Sou muito tolo, me tranquei do lado de fora e meu amigo idiota aparentemente consegue dormir durante um Armagedom, pois não consigo acordá-lo. Temo que devo me resignar a passar um dia nas ruas, até que ele consiga se livrar dos braços de Morfeu. Ainda assim, — acrescentou, animando-se consideravelmente — parece que terei companhia para minhas horas solitárias.

— Oh, não. — disse Phoebe imediatamente, ciente de que já estava com problemas demais — Estou a caminho de casa. Minha criada está logo à frente e notará minha ausência em um minuto.

— Bem, ao menos permita-me acompanhá-la. St. James's, não é mesmo? Assim posso aproveitar sua companhia por alguns minutos.

Ora, maldição. Nunca aprenderia a não meter o nariz onde não deveria? Era melhor deixar a curiosidade para os gatos. Seu pai deveria estar em casa a essa hora e se a visse com Alvanly... oh, não.

— Eu consigo colocá-lo para dentro. — disse ela, de repente ansiosa para se livrar dele.

Alvanly riu — Como? A porta está trancada. A senhorita faz magia?

Phoebe devolveu um sorriso duvidoso, desejando ter uma ideia melhor.

— Algo do tipo. Vire-se, por favor, para que ninguém possa me ver.

Alvanly a olhou de forma curiosa, mas fez o que ela pediu. Phoebe foi até a porta, tirou um conjunto de pinças especiais, que Jack lhe dera para praticar quando menina, e se agachou. Era uma fechadura simples e bem lubrificada, e foi como uma brincadeira de criança, manteve a tensão na abertura da fechadura e girou cada um dos pinos. Houve um clique certo, e Phoebe se levantou, colocando as pinças de volta em sua retícula. Olhou para cima então e encontrou os olhos de Alvanly. Ele a encarava com espanto.

— Acho que estou apaixonado. — o barão murmurou.

— Não seja bobo. — disse, irritada com ele. O barão nunca perguntara como ela chegara em casa depois da luta, nem se estava bem. Max teria... Phoebe franziu a testa, voltando sua atenção para o barão — Enfim, o senhor pode entrar agora, tenha um bom dia.

— Não, espere, Srta. Barrington.

Alvanly esticou o braço e pegou o de Phoebe, quando tentou passar por ele. Tinha pouca escolha, pois a mão dele segurava firme o seu antebraço.

— A senhorita é a criatura mais surpreendente que já conheci. Irá

comparecer ao baile dos March, amanhã?

— Sim. O senhor poderia, por gentileza, soltar o meu braço? — acrescentou Phoebe acidamente.

Ele soltou, embora seus olhos permanecessem um pouco assustadores.

— Então deve me guardar uma dança. Bom dia, Srta. Barrington.

Phoebe assentiu e correu para longe.



Querida Harriet,

Larkin me pediu que perguntasse se Cassius gostaria de passar o final de semana conosco. Sua irmã o está enlouquecendo, e o pobrezinho disse sentir a necessidade de reforços. Admito que nossa querida Grace é um pouco difícil. Ela insiste em ser Napoleão, sempre que brincam de guerra, mas se recusa a perder, como deveria. Solo sugeriu que Grace interpretasse Wellington, mas ela é uma mocinha muito autoritária. Isso faz com que o temperamento do pobre Larkin exploda, terminando de fato em uma luta. Não consigo imaginar de quem ela puxou isso. Nunca fui tão ousada.

—Trecho de uma carta para A Mais Honorável Harriet Cadogan, Condessa de St. Clair, da Mais Honorável Lady Jemima Rothborn.

21 de março de 1827.

Lucian respirou fundo ao ver Phoebe sentada na cadeira, perto da lareira, suas mãos entrelaçadas recatadamente sob seu colo. Parecia incrivelmente jovem e bastante miserável, depois da repreensão dele. Odiava fazer isso e nunca fora muito bom em repreendê-la por seu mal comportamento. Sua última aventura fora o suficiente para fazer seu coração se revirar no peito, enquanto considerava tudo o que poderia ter acontecido com ela, e ele não podia deixar passar. A pobre garota tentou o seu melhor para fazer a noite durar o maior tempo possível, brincando com Philip e Thomas além da hora de dormir, a fim de evitar o inevitável.

Phoebe havia arrastado o máximo que pôde, e ele sabia que estava realmente arrependida. Também sabia que isso não a impediria de repetir tudo de novo. Phoebe tinha uma veia imprudente, com um quilômetro de comprimento, um desejo por aventura e emoção, e nem sempre parava e pensava duas vezes, antes de sair em busca disso. Pelo menos, havia tomado precauções. Isso era reconfortante e mostrava-lhe que Phoebe não estava alheia aos perigos do mundo. Nunca esteve.

— Eu sinto muito, papai.

Sua voz estava baixa, seus grandes olhos mais cinzas do que azuis, sob a luz do fogo, e o coração de Lucian se apertou quando viu o eco de seu irmão

mais novo em sua expressão.

— Eu sei que sente, Bee.

Incapaz de manter aquela atmosfera de desaprovação, Lucian estendeu os braços para ela. Phoebe se levantou e correu para eles.

— O senhor ainda está zangado? — perguntou, a voz abafada contra o seu ombro.

Lucian bufou — Sabe perfeitamente que não consigo ficar zangado contigo por mais que cinco minutos, Bee. Apenas me preocupo. Certamente sabe o quão devastados ficaríamos se algo lhe acontecesse ou se estiver infeliz.

— Sim, sei e sinto muito. Não quero ser uma provação para o senhor, de verdade, mas fico terrivelmente entediada. Não posso ficar parada e costurar por horas, além disso, odeio falar sobre moda e todo mundo é tão chato, papai, que me dá vontade de gritar.

Apesar de tudo, Lucian riu.

— Eu sei. — disse com simpatia.

Agradecia a Deus por ter nascido homem, pois entendia muito bem como ela se irritava com as regras. Teria sido melhor se Phoebe tivesse nascido no século anterior, onde suas travessuras a teriam feito muito popular. Embora fosse certamente popular agora, travessuras como essa a prejudicariam se se tornassem de conhecimento público.

Lucian a segurou pelos ombros e olhou para ela — Não vou exigir que seja comportada, Phoebe. Sei que é impossível. Só que, por favor, querida, cuide-se. Não suportaria se algo lhe acontecesse.

Phoebe devolveu um sorriso pesaroso — Farei o meu melhor, papai.

Lucian assentiu — Pode ir agora, então. Boa noite, querida.

— Boa noite. — beijou-o na bochecha e correu para o seu quarto.

22 de março de 1827. Baile de Primavera da Condessa de March, Mayfair, Londres.

— Oh, Phoebe, que vestido lindo.

Phoebe sorriu para Helena quando um lacaio tirou sua capa e deu um pequeno giro para ela. Era um cetim rosa pálido, com pequenas mangas bufantes baixas em seus ombros. Bem ajustado na cintura, ele se alargava abaixo e a parte inferior das saias pesadas era bordada com pequenos botões de rosa, em um tom mais escuro da mesma cor.

— Esplêndida! — Helena disse, pegando seu braço — Os pobres homens se jogarão a seus pés.

Phoebe fez uma careta com a ideia e Helena riu — Sim, eu sei. Um desafio é muito mais atraente. Sabia que Gabe nem ao menos olhava para mim, nas primeiras vezes que nos encontramos? O que, naturalmente, me deixou ainda mais determinada a tê-lo. Fui bastante ousada, garanto.

— Eu acredito. — Phoebe respondeu gravemente, fazendo Helena rir novamente.

— Como deveria, e realmente espero que não siga o exemplo dela. —

Gabriel respondeu, balançando a cabeça — Só Deus sabe com que tipo de canalha acabará se envolvendo.

— Um do seu tipo? — Helena sugeriu.

Phoebe quase corou com o olhar que se passou entre os dois, uma adoração tão óbvia e um calor tão intenso que se sentiu como uma intrusa. Céus. Se ao menos pudesse conhecer um homem que a deixasse tão apaixonada e desesperada, como Gabe estava por Helena. Ouvira a história deles muitas vezes, é claro, da corrida maluca de Londres a Brighton, e depois um tipo diferente de corrida, que havia sido abafada. Apenas as pessoas mais próximas sabiam de sua fuga desesperada para Gretna Green, com o irmão de Helena, o duque, os perseguindo. Phoebe não podia imaginar querer um homem tanto, a ponto de abandonar sua vida e arriscar tudo por ele. Ela faria alguma loucura pela aventura, pela emoção, mas não sentira nada perto da profundidade de sentimentos que via entre esses dois, ou entre seus pais.

— Oh, Senhor. — Phoebe murmurou.

Helena seguiu seu olhar pelo salão lotado, até onde as pessoas estavam reunidas, nas beiradas da pista de dança, conversando. Lá estava Max, conversando profundamente com Lorde St. Clair.

— O que foi? — Helena perguntou.

— Preciso falar com Lorde Ellisborough. — disse Phoebe, com o mesmo tom que poderia usar para dizer que arrancaria um dente.

— E isso é algo tão terrível assim? — Helena perguntou, seus olhos verdes brilhando de curiosidade.

Phoebe encolheu os ombros — Não. Apenas que ... Devo a ele um pedido de desculpas, um agradecimento, ou algo assim, e não sou particularmente boa com esse tipo de coisa. Ele sempre me faz sentir como uma menininha boba.

Helena franziu a testa para ela, a curiosidade em seus olhos se aprofundando — E o que acha que pode ter causado isso?

— Eu não sei. — disse Phoebe, bufando — Simplesmente me faz querer ser ainda pior que o normal, porque sei o quanto me desaprova, ele diz que não, mas não acredito. — ergueu os olhos, enquanto Helena ria, o som suave e astuto — O quê?

— Nada. — respondeu Helena — Não ouvirá isso de mim. É uma garota inteligente e vai descobrir... eventualmente.

— Está pensando em causar travessuras, esposa?

Helena olhou para cima, os olhos brilhando — Possivelmente. — respondeu.

Gabe riu — Nem pense nisso. Venha dançar comigo, antes que o tumulto comece, sua criatura perversa.

Phoebe observou, bastante invejosa, enquanto Gabe guiava Helena para a pista de dança e a segurava chocantemente próxima demais, fazendo com que todas as alcoviteiras ofegassem e iniciassem um murmurinho. Respirando fundo, decidiu que era melhor acabar com a parte onerosa da noite e foi em

direção a Max.

Seu estômago agitou-se enquanto se aproximava e disse a si mesma que era apenas porque ele, provavelmente, diria algo para irritá-la. Max se virou e a viu, antes que o alcançasse, finalizando então sua conversa com o conde, e indo em sua direção.

— Srta. Barrington, — cumprimentou educadamente — posso dizer como a senhorita está linda, esta noite?

Phoebe sorriu e agradeceu, sem dar muita atenção às suas palavras. Era infalivelmente educado com todos, e teria dito exatamente a mesma coisa, se ela estivesse usando um vestido marrom-avermelhado com mangas bufantes da cor laranja e renda verde. Phoebe desejou estar usando um, nesse momento, de fato, apenas para ver se ele se encolheria enquanto a elogiava.

— Quero agradecê-lo. — começou desejando poder evitar o olhar dele, aqueles olhos escuros, que tinha certeza de que poderiam ver sua mente e ler qualquer bobagem que estivesse pensando, e que sempre pareciam pensar que ela não era boa o suficiente — Por não ter contado ao meu pai o que fiz.

Max sorriu para ela. Era um sorriso bom, caloroso e honesto, e Phoebe percebeu agora que isso fazia com que seus olhos enrugassem um pouco nos cantos, o que era algo que ela gostava.

— Não queria fazer intrigas sobre a senhorita, e sabia que contaria a ele, de qualquer forma.

Phoebe bufou e depois desejou não ter feito isso, lembrando-se, tarde demais, de que não era nada feminino — Bem, o senhor tem mais fé em mim do que eu mesma. Acreditei plenamente que levaria essa história para o túmulo, se pudesse. Infelizmente, meus nervos não são fortes o suficiente para resistir ao escrutínio do meu pai.

— Não tenho certeza se os nervos de qualquer pessoa são fortes o suficiente para isso. — Max respondeu com um sorriso irônico.

— Não. — Phoebe suspirou, relaxando um pouco, à luz de seu bom humor — Suponho que não sejam.

Max pigarreou. Se Phoebe não soubesse, poderia ter acreditado que estava nervoso.

— Srta. Barrington...

— Encontrei a senhorita!

Phoebe se virou e sentiu uma onda de consternação ao ver que fora o Barão Alvanly quem a encontrara.

— A senhorita me deve uma dança. — disse, um brilho perverso em seus olhos. Estava vestido com trajes noturnos imaculados, alto, flexível e bastante esplêndido, com seus cabelos loiros reluzentes e dourados. Bem, o danado era bonito, tinha que admitir.

— Boa noite, e sim, sei disso. — disse, ousando olhar para Max e descobrindo que seu rosto estava rígido, seus olhos escuros gelados de desaprovação.

Bem, sinceramente, sabia que Alvanly era um libertino e um canalha, mas

estavam em um salão de baile lotado. Dançar com ele não traria perigo. Certamente, Max não poderia se opor a isso. Phoebe aguardou, na esperança de que Max continuasse o que quer que estivesse prestes a dizer.

— Há algo que o senhor gostaria de dizer? — perguntou quando ele permaneceu em silêncio, ignorando a mão estendida de Alvanly por um momento, pois Phoebe tinha certeza de que Max a convidaria para dançar.

— Não. — disse, devolvendo um sorriso tenso que não alcançou seus olhos — Aproveite sua dança.

Ora bolas!

Phoebe ferveu de irritação. Alvanly sempre foi popular em eventos como esses. Era engraçado, charmoso e um dançarino maravilhoso. Ela pareceria terrivelmente convencida se o recusasse, canalha ou não. Não era como se ela tivesse concordado em ir para os jardins sozinha com ele. Max era apenas um velho chato, que achava que as jovens deveriam ser recatadas e bem-comportadas e nunca sair de casa sem um homem ao seu lado.

Grrrr.

Quando chegou à pista de dança, Phoebe já estava bastante indignada. A ideia inquietante de que estava terrivelmente desapontada por Max não a ter convidado para dançar não ajudava em nada.

— Que perversidade está tramando dentro dessa sua linda cabecinha? — Alvanly perguntou, enquanto a guiava por uma curva complicada — A senhorita parece estar pronta para matar alguém.

Phoebe soltou um suspiro, ciente de que sua expressão não tinha relação com a máscara inescrutável que seu pai havia aperfeiçoado.

— Oh, nada. — disse, sabendo que a mentira era facilmente discernível.

— Ellisborough é um velhote sem graça. Sem dúvida, desaprova nós dois. A senhorita, a filha bastarda, e eu, o parafuso solto. Não suporta ver as pessoas se divertindo.

Phoebe franziu um pouco a testa com isso, nervosa por ele tê-la lido com tanta facilidade. Nunca lhe ocorrera que sua filiação pudesse enojar Max. O pensamento fez seu peito ficar apertado de ansiedade. Se isso fosse verdade, ele escondia muito bem. Seu pai era seu amigo e Max era bem-educado com todos, não importando o berço deles. Poderia realmente pensar mal dela por sua ilegitimidade? Como Phoebe poderia dizer que sim, se ele sempre se comportava impecavelmente? Mas não tinha certeza de que Max não gostava que as pessoas se divertissem. Oh, como desejava que ele fosse mais fácil de entender, embora se considerasse uma boa juíza de caráter, ou de mau caráter, no mínimo, Max sempre a fazia se sentir incerta de tudo, especialmente de seu próprio julgamento.

— Acredito que ele gostaria de tê-la para si e não deseja vê-la contaminada por associação com pessoas como eu.

Essas palavras desconcertaram tanto Phoebe que ela tropeçou, salva apenas pelo aperto dos braços de Alvanly. Puxou-a para perto, muito perto, seus corpos se tocando por um momento.

— Alvanly! — disse, chocada. Ele a soltou imediatamente, mas Phoebe se sentiu quente e confusa e não sabia por quê. Certamente o barão não causou aquelas sensações?

— Também a quero. Sabe disso, não sabe?

A voz dele era baixa e fluida, causando uma sensação intensa em suas costas, e Phoebe foi compelida, por alguma força que não, entendia a olhar nos olhos dele. Estavam mais escuros do que antes, as pupilas dilatadas, e ela não era tão inocente a ponto de não reconhecer o desejo contido neles. Olhou-a, seus olhos caindo para os seus lábios, e Phoebe soube que ele queria beijá-la. Como seria com um homem como ele, se perguntou. Uma pequena tentação de excitação se desenrolou no fundo de sua barriga. Sabia, por sua mãe e suas amigas, que a aconselhavam uma vez ou outra, que havia tentação em homens como ele, que o desejo pode levar as pessoas a todos os tipos de problemas. Alvanly era um homem perverso, um libertino, assim ele sabia o que estava fazendo. Quão interessante seria permiti-lo, apenas para ver como era, ver se era diferente de qualquer coisa que ela havia experimentado antes. Phoebe se perguntou então, como Max beijaria, um pensamento tão surpreendente, que lembrou justamente o que tinha emaranhado seus sentimentos em um nó, desde o início.

— O que quis dizer?

— Certamente não preciso explicar o que significa quando um homem quer uma mulher? — Alvanly murmurou, um traço de diversão em sua voz.

— Não, não isso. — disse Phoebe impaciente, notando um lampejo de irritação nos olhos do barão — O que quis dizer com Ellisborough me querer para ele?

— Qualquer homem que respira gostaria de tê-la, Srta. Barrington. Certamente sabe disso?

Phoebe riu e balançou a cabeça — Qualquer homem com uma conta bancária vazia, certamente, e talvez alguns outros, mas não Ellisborough.

Sentiu o barão enrijecer e penalizou-se um pouco por ter falado tão levemente. Sabia que ele precisava se casar por dinheiro e não o culpava por persegui-la. Alvanly era preguiçoso e excessivamente educado, não tinha ideia de como trabalhar para viver. O que mais poderia fazer? Apesar de não confiar nem um pouco no barão, gostava bastante dele, sua companhia era divertida, mesmo que pudesse ser um marido desastroso.

— A senhorita está enganada. — disse ele, nervoso — Não é apenas o dinheiro, embora Deus saiba que seria atingido por um raio, se dissesse que não significa nada para mim, e há uma dúzia ou mais como eu assistindo enquanto falo. Mas a desejaria, mesmo se a senhorita não tivesse um tostão, e essa é a verdade também. Ellisborough não é diferente. Ele pode agir como se desejasse que a senhorita se comportasse como uma dama sofisticada, mas ficaria interessado em descobrir mais do seu espírito tempestuoso. Deve gostar muito quando a imagina em sua cama, não duvido, assim como todos nós, pobres coitados.

— Milorde! — Phoebe o fitou por um instante e se arrancou dos braços dele.

Felizmente, a dança havia terminado naquele momento, e Phoebe pensou que talvez ninguém tivesse notado.

Alvanly parecia impenitente — Sinto muito, Srta. Barrington, por ser tão grosseiro, mas achei que quisesse saber. Acredito que gosta de um pouco de perigo, não é mesmo?

— Não acho que o senhor deveria falar dele assim. — disse, muito mais indignada por parte de Max do que por ela mesma.

Sabia que homens da natureza dele diziam essas coisas para fazê-la corar e deixá-la curiosa. Bem, suas bochechas estavam queimando e suas entranhas estavam todas em um nó, embora não pudesse entender o porquê, pois havia lidado com homens como Alvanly antes, sem problemas.

— Perdoe-me. — disse o barão, sorrindo gentilmente agora — A senhorita tem um espírito e tanto, uma natureza tão selvagem quanto a minha, que, às vezes, esqueço que trilhamos caminhos diferentes. Esqueço o quão inocente a senhorita é, doce menina. Eu não deveria ter falado assim.

Phoebe assentiu, aceitando seu pedido de desculpas, embora não gostasse de ser chamada de menina por ele. Não que ele quisesse dizer isso, o diabo. Ainda podia ver o brilho escuro em seus olhos. Bem, era um libertino. O que esperava, depois de dançar com um homem como ele? Alvanly respirou fundo, um brilho triste aparente enquanto a observava.

— Estou perdoado?

— Sim. — disse Phoebe, desejando não se sentir tão agitada. Não conseguia decidir o que fazia seu coração pular, mas as palavras do barão a atingiram e a deixaram desconfortável.

— Bom, até a próxima, Srta. Barrington.

Phoebe se afastou da pista de dança e se dirigiu para a sala de repouso, com a intenção de jogar um pouco de água fria no rosto. O que havia de errado com ela? Sentia-se estranhamente inquieta e zangada, mas não sabia por quê.

— Srta. Barrington.

Oh, diabos. Não queria falar com ninguém. Apressando-se, ignorou seu nome, mas quem quer que fosse a chamou novamente.

— Srta. Barrington, espere, por favor.

Ela se virou então, incapaz de fingir que não tinha ouvido uma segunda vez, quando estava tão próximo. Era Max, é claro.

— A senhorita está bem?

— Estou bem, obrigada. — disse, forçando um sorriso e tentando se afastar novamente, mas Max pegou o seu pulso. Foi apenas um toque gentil, o suficiente para conter o seu movimento, antes que ele a soltasse novamente.

— Alvanly... Ele disse algo que a chateou?

Para sua irritação, só conseguia se lembrar do que o barão havia dito sobre ele, sobre como Max ficaria satisfeito em imaginar seu espírito tempestuoso em sua cama. Suas bochechas brilharam, escarlate.

— Eu vou matá-lo. — Max murmurou.

— O quê? Oh! Não... Não. — disse rapidamente, percebendo o que ele devia estar pensando.

Na verdade, Alvanly nunca deveria ter falado daquele jeito, mas ela não era uma garota boba, que não tinha ideia de como eram os homens. Sabia muito bem como lidar com ele. Foi apenas quando falou de Max pensando nela de tal maneira, que ficou bastante... bastante...

— Verdade, ele não disse nada que o senhor precise repreendê-lo.

Phoebe cruzou os dedos atrás das costas e esperava que seu rosto miserável não a denunciasses. Não queria que Max falasse com Alvanly, ou que Alvanly contasse para ele o que havia dito.

Max a estudou e seu maxilar enrijeceu.

— Entendi.

O que, diabos, quis dizer com isso?

Phoebe o olhou, percebendo que Max achava que Alvanly estava flertando com ela, e que gostara. Indignação inchou em seu peito. Max ainda achava que era uma ingênua, que era boba demais para enxergar a verdade de um homem como Alvanly. Bem, maldito seja. Deixaria que pensasse isso.

— Isso é tudo? — perguntou amargamente.

Max assentiu e a deixou ir, então Phoebe correu.

Max observou Phoebe fugir dele e tentou lutar contra a onda de ciúmes que crescia dentro do seu peito. Não tinha esse direito, se repreendeu. Não tinha direito a tais sentimentos. Lucian pediu que ficasse de olho em Phoebe e ele o faria. Cuidaria dela e rezaria para que pudesse livrá-la de problemas. Max não conseguia fazer com que ela o desejasse ou que o visse como um homem que a desejava, da mesma forma que claramente pensava em Alvanly. Que ela pudesse se jogar em tal criatura, um sujeito que beberia, apostaria e se prostituiria através de sua fortuna e que a faria ser miserável também... Isso o fez querer quebrar alguma coisa. Max cerrou os punhos e se lembrou de que era um ser humano racional, e que quebrar o nariz de Alvanly por flertar com ela não era uma reação racional. Aquilo não pareceu ajudar.

Respirou fundo e se forçou a andar pelo perímetro do salão de baile duas vezes, antes de confiar em si mesmo para procurar o barão.

Alvanly ergueu a cabeça, com um sorriso malicioso nos lábios, quando Max se aproximou.

— Bem, me perguntei quanto tempo até que o senhor viesse falar comigo.

— Tive que aguardar um tempo, até lembrar de que sou um cavalheiro. — respondeu Max, sua voz tão descontrainda e relaxada quanto a do barão.

As sobranceiras de Alvanly se levantaram — Ora, ora. Admito, isso é... inesperado. Não pensei que adotaria uma abordagem tão direta.

— Eu sim, mas talvez o pai dela não.

Isso lhe fez parar. Havia histórias suficientes sobre Montagu, e o poder que ele exercia, para o barão levar suas palavras a sério. O marquês poderia atacar

obliquamente, e Alvanly nunca veria de onde veio. Max podia ver o medo nos olhos do homem, que apareceu e desapareceu em um instante. Alvanly riu e balançou a cabeça.

— Bem, de qualquer forma, não têm com o que se preocupar. Gosto da garota, mas não gostaria de ter Montagu como sogro. Nenhum dote, por maior que seja, vale o terror de suportar esse fardo por uma vida inteira, acredite em mim.

— O que está fazendo, então? — Max exigiu, enojado que o sujeito pudesse estar seduzindo Phoebe, que pudesse envolver seu coração e depois machucá-la com seu desrespeito insensível por seus sentimentos.

O barão riu, balançando a cabeça para Max com uma expressão de pena — Seu pobre miserável, ela não tem ideia, tem? Bem, não se preocupe, Romeu, não vou fazê-la se apaixonar por mim. Não que eu ache que poderia, embora seja irritante admitir isso. Ela me conhece bem, acredito.

Max apertou os dentes, sem se preocupar em negar seus sentimentos por Phoebe. A negação só confirmaria as suspeitas do homem.

— Por que está andando por aí como um maltrapilho, então? — exigiu, restringindo um desejo muito forte de arrancar a verdade dele, ou pior.

— Agora, não há necessidade de ferir meus sentimentos, velhote. Juro, não tenho nenhum desejo ou intenção de prender a garota em casamento. Apenas gosto dela, ela me faz rir e gosta da minha companhia. Isso é tudo. Não vou ficar no caminho do amor verdadeiro, juro pela minha alma.

Max sentiu que Alvanly estava falando a verdade, mas havia algo na expressão do homem que ele não conseguia gostar.

— O senhor vai exigir que eu me afaste? — perguntou a Max, com a cabeça um pouco inclinada.

— Não. — respondeu Max, embora quase o sufocasse fazer isso — O senhor dirá a ela que eu pedi isso, e, sem dúvida, isso a deixaria duas vezes mais determinada a procurá-lo. Não, faça o que quiser, mas terá que responder a mim se machucá-la, e isso se Montagu não o pegar primeiro.

— Devidamente anotado. — disse Alvanly, sorrindo, embora a expressão não chegasse aos seus olhos.

Max assentiu e se afastou.



Querida Phoebe,

Muito obrigado pelos meus presentes de aniversário. Especialmente o livro de Washington Irving, que é excelente. Já gostei muito de “Rip Van Winkle” e da história de “A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça”. As ilustrações também são maravilhosas, embora as histórias nunca pareçam tão vívidas quanto quando a senhorita as lê. Espero que eu possa persuadi-la a ler “A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça”, um dia, irá assustar todo mundo, sem dúvida, especialmente Bella, e eu gostaria de ver isso.

—Trecho de uma carta para a Srta. Phoebe Barrington de seu primo, Mestre Leo Hunt, de 12 anos.

7 de abril de 1827. Festa da Sra. Manning, Old Burlington Street, Londres.

Phoebe viu Alvanly várias vezes nas semanas seguintes e, como ele era escrupulosamente educado e tão charmoso quanto poderia ser, pouco a pouco relaxou. Parecia que ele não desejava mais fazê-la corar, ou desfrutar de seu desconforto, com sua conversa lasciva e flertes, e se contentava em ser apenas o seu amigo. Embora soubesse que não devia confiar nele, isso era um alívio tão grande que esquecera aquela noite estranha e as coisas que ele dissera. Phoebe lembrava, às vezes, geralmente nos momentos tranquilos, antes de dormir, apenas para acordar na manhã seguinte e descobrir que estava sonhando com Max e se sentindo incomodada e irritada consigo mesma por ser tão boba.

A noção de que Max tinha sentimentos assim por ela era ridícula, com certeza. Apesar daquela vez em que disse que a última coisa que sentia por ela era nojo, a tratava como se fosse uma irmã mais nova irritante, olhando para ela com diversão à custa de seu entretenimento, na melhor das hipóteses e, o resto do tempo, repreendendo-a e desejando que se comportasse como uma jovem deveria. Não que o culpasse completamente. Phoebe sabia que era mimada e imprudente e deveria ser melhor do que era. Na verdade, até tentou. Mas era tão... difícil. Ficava entediada com muita facilidade, falava sem pensar e seu temperamento disparava muito rápido. Sua mãe dissera que ela era o que seu pai teria sido, se a vida não o tivesse ensinado a esconder sua verdadeira natureza. Felizmente, era uma lição que Phoebe nunca precisara

aprender, embora achasse que deveria ter aprendido, em alguma medida.

Porém, agora, Max mantinha distância e raramente olhava na sua direção. Phoebe decidira que Alvanly definitivamente não sabia nada sobre o conde, se era bobo o suficiente a ponto de acreditar que Max tinha algum sentimento por ela, não passava de irritação.

— Têm alguma ideia do que a Sra. Manning pretende exhibir, esta noite?

Phoebe se virou para participar da conversa entre sua tia Alice e Aashini.

— Eu acredito que é um quadro, mas não qualquer um. — Aashini confidenciou em um tom que teria sido considerado um grito em qualquer outra circunstância, tão alta a conversa no salão.

As festas da Sra. Manning sempre eram bem atendidas, e pouco importava que cada pedaço de mobília tivesse sido removido de sua luxuosa mansão, para abrir espaço para seus convidados. As pessoas pareciam entrar na residência como rios barulhentos em tecidos ricos e ondas de perfume, embora Phoebe visse pouco delas saindo. Na mansão, logo não caberia mais ninguém.

— Que tipo de quadro, então? — Alice exigiu saber, intrigada.

Phoebe se afastou das duas. Até agora, a noite tinha sido realmente entediante, e estava extremamente enfadada. Já havia jogado cartas, e era muito tentador trapacear simplesmente para se divertir, mas causara problemas suficientes ultimamente, então decidira que seria melhor parar. Pelo menos era quase meia-noite, e a Sra. Manning sempre fornecia um jantar luxuoso, então ainda tinha isso. Nem mesmo o quadro que seria mostrado depois era muito interessante para ela aquela noite, tal era seu humor.

Sabia muito bem que a Sra. Manning era uma grande amante da arte e estava sempre em busca de um novo talento ou trabalho de gênio ainda não descoberto. Havia aqueles que diziam que ela não era apenas uma amante da arte, mas também amante de artistas, pois havia tomado vários como seus amantes ao longo dos anos. Phoebe não se importava. Estava inquieta e mal-humorada depois de outra noite mal dormida, isso era algo que a deixava irritada, e descobrira que não estava satisfeita em estar em sua própria companhia. Provavelmente ninguém mais estava, pensou, respirando fundo.

O buffet foi finalmente aberto e Phoebe fez uma fila para os doces, enchendo um prato com pequenas *pains à la duchesse* e outros itens deliciosos, antes de encontrar um canto tranquilo para apreciá-los. Acabara de colocar o prato vazio de lado, com um suspiro de contentamento, quando uma voz familiar a cumprimentou.

— Ora, e aqui está um colírio para os olhos.

Seu ânimo aumentou um pouco quando Alvanly a saudou.

— É claro, o senhor está aqui, não é mesmo? — cumprimentou-o com um sorriso.

— De fato, estou, sua criatura ingrata.

— Ingrata? — Phoebe exigiu, levantando as sobrancelhas — Por quê?

— Eu enfrentei essa multidão miserável para resgatá-la do tédio e tudo o

que recebo por meu sacrifício é um “é claro, o senhor está aqui”.

Phoebe só podia rir da reprovação em seus olhos.

— Ora, o senhor é ridículo. — disse, balançando a cabeça — Mas estou feliz, mesmo assim.

— Creio que sim. —ele repreendeu gentilmente, pegando o braço dela — Eu realmente não entendo todo esse alvoroço por causa de um quadro idiota.

— O senhor sabe sobre o que é, então? — Phoebe perguntou.

— Na verdade, sei. — sussurrou, sua voz pesada com um tom conspiratório — E ainda não entendo o alvoroço. — acrescentou com uma risada.

— Ora, me conte, seu miserável.

Alvanly revirou os olhos — Muito bem. Chama-se Cristo Zombado, e é bastante antigo, agora a senhorita sabe tanto quanto eu.

— Oh! — Phoebe ficou desapontada ao saber que era sobre um tema religioso, pois não se importava muito com isso — Bem, receio ser uma filisteia terrível, pois não consigo encontrar muito interesse nesse assunto. Prefiro muito mais artistas modernos, Turner, por exemplo. Embora, com certeza, saiba do tamanho da importância para a história.

— Não, eu sei. Pense como todos ficarão desapontados quando descobrirem que não é um trabalho chocante de um novo artista, como o que ela exibiu no ano passado.

— Eu não estava aqui no ano passado. — disse Phoebe lamentando, lembrando-se da conversa escandalosa sobre a nudez que havia sido exibida — Papai sabia do que se tratava a pintura e não me deixou vir.

— Claro que não. — murmurou Alvanly.

Phoebe lançou um olhar penetrante para ele, mas o homem apenas deu um sorriso.

— Venha. Sei exatamente como podemos animar esse evento maçante.

— Verdade?

Alvanly não respondeu. Apenas puxou o braço dela e a arrastou inexoravelmente escada acima. Phoebe não ficou alarmada, pois todos os cômodos, incluindo os quartos, haviam sido esvaziados e estavam abertos para o público presente. Na parte de cima, como no andar de baixo, o som da música derivava de uma orquestra em um cômodo pequeno e, em algumas salas, mesas e cadeiras haviam sido montadas para jogos de cartas.

Ela resistiu um pouco quando ele a puxou para além de um cordão de seda amarrado de um lado ao outro do corredor escuro com uma costura escrita “privado” nela.

— Alvanly! — disse, resistindo a ele e parando — O que está fazendo? Não vou a um encontro amoroso com o senhor, se é essa a sua intenção.

O barão fez um som de desaprovação para ela.

— Nunca esperei que a senhorita fosse. — retrucou, obviamente magoado com a implicação.

— Bem, então, o que estamos fazendo aqui?

Alvanly bufou e olhou em volta, para verificar se não haviam sido seguidos — É aqui que está o quadro. Em breve, a Sra. Manning trará seus convidados até aqui para vê-lo. Pense em como ficará chocada em não o encontrar.

Phoebe o olhou boquiaberta.

— Ora, não faça essa cara, será apenas por um minuto. — disse, rindo de sua reação horrorizada — Só até ela soltar um pequeno grito e então eu apareço e *ta da!* Apresentarei aquela coisa horrível para todo mundo. Como será engraçado ver todos gritando, chocados, e depois seus rostos de surpresa se perguntando como consegui fazer aquilo. Eles me chamarão de O Mágico.

Piscou para ela e Phoebe franziu a testa, preocupada.

— E como fará isso? A porta deve estar trancada.

Alvanly revirou os olhos — Não sou eu quem vai fazer, sua bobinha. A senhorita irá arrombar a porta para mim, com seus dedos mágicos, e eu farei o resto. Vamos lá, será uma brincadeira muito engraçada. Não direi a ninguém que a senhorita me ajudou, então, não há mal nenhum.

Phoebe balançou a cabeça — Eu... eu acho que não é...

Alvanly respirou fundo e devolveu uma expressão zombeteira — Ah, entendo. Ele finalmente falou com a senhorita, não foi?

— O quê? Ele quem? — Phoebe indagou, perguntando-se sobre a mudança de assunto.

— Nada, esqueça isso. — o barão acenou com a mão de forma desdenhosa e balançou a cabeça, virando-se para voltar por onde vieram, mas parecia terrivelmente ferido.

— Não, me diga. — Phoebe insistiu, fazendo-o parar com a mão no braço — Quer dizer Ellisborough?

— É claro que é Ellisborough, quem mais? — retrucou com uma risada amarga — Está sempre nos observando, a senhorita não notou? Ele me dá esses olhares gelados, que prometem retribuição. Sem dúvida, está pingando veneno em seu ouvido e dizendo que sou um desequilibrado também, e para a senhorita não confiar em mim, nem um pouco.

— Não, ele não fez isso. — disse Phoebe, franzindo a testa — E tomo minhas próprias decisões sobre meus amigos, Alvanly. Sabe disso.

— É o que a senhorita acha. — respondeu o barão, em um tom de voz que Phoebe não gostou — Exceto que me pergunto quantos cavalheiros deixaram de ser seus amigos e permitiram que ele os assustasse.

— O que está falando? — Phoebe olhou para ele, alarmada — Ellisborough nunca...

— Tem certeza disso? Então deve ter sido alguém muito parecido com ele que me ameaçou naquele caso. Ele me disse para ficar longe da senhorita, *ou então*, minha querida. O *então* claramente indicando que me encontraria em um beco escuro e me ensinaria uma lição. Parecia positivamente assassino, juro.

Ellisborough ameaçando Alvanly? A mente de Phoebe ficou confusa com aquela ideia. Max? Max ameaçara Alvanly? Uma sensação estranha se

desenrolou em seu estômago. Não era totalmente confortável, e ela não gostou nada daquilo. Também não gostava da ideia de que Max estava manipulando as pessoas ao seu redor. Como ele se atrevia? Nem mesmo seu pai escolhia suas amigas por ela. O pai sabia que ela era amiga de Alvanly e confiava nela para tomar suas próprias decisões. Mas Max...

Indignação surgiu e aumentou, acompanhada de uma onda de calor e uma forte emoção, que não conseguia identificar, mas teve o efeito de fazê-la querer agarrar Max pelo pescoço e... e... estrangulá-lo com sua própria gravata. Aquela besta!

Pelo menos, achava que era aquilo o que ela queria.

As emoções em Phoebe surgiram em um emaranhado quente e desconfortável, deixando-a à beira do abismo. Por que Max estava tão frequentemente em seus pensamentos ultimamente, impedindo-a de dormir, sempre presente, com aquele olhar sisudo de desaprovação nos olhos?

— Está bem. — disse, com a mandíbula tão apertada que mal conseguia dizer uma palavra.

— O que?

— Está bem, vou fazer isso. — murmurou, passando por Alvanly e descendo o corredor.

Max a ignorou desde aquela cena com o barão, mas, se ele descobrisse sobre isso, seria forçado a repreendê-la, não seria capaz de se conter, e então... então... ela lhe falaria o que pensava, em troca.

Seria muito fácil entrar na sala, mesmo sem suas ferramentas. Os alfinetes do seu cabelo funcionavam bem o suficiente, embora algumas mechas de cachos pesados tivessem caído, como resultado. A fechadura era simples e resistente, mas bem lubrificada, e foi só uma questão de tempo, até que ouvisse aquele clique satisfatório. Alvanly sorriu para ela, e um tremor de desconforto percorreu seu corpo. Já estava arrependida de sua decisão impetuosa, mas agora não havia como voltar atrás.

— A senhorita realmente é maravilhosa. — disse, sua admiração aparentemente genuína — Se não fosse pelo seu pai aterrorizante, acho que poderia me apaixonar.

— Que gratificante. — Phoebe disse secamente, enquanto entrava na sala.

Tudo o que queria agora era que isso acabasse logo, para que ela pudesse deixar a sua companhia. Queria encontrar Max e perguntar por que havia ameaçado Alvanly e porque não estava conversando mais com ela. Phoebe agira de forma tão horrível, que Max não gostava mais dela, agora? Seu coração afundou quando percebeu que não podia descartar essa possibilidade. Alvanly acendeu algumas velas, e foram até o quadro, para inspecioná-lo. Phoebe o estudou e balançou a cabeça, desejando poder ver o que havia de notável nele.

— É uma coisinha lúgubre.

Alvanly olhava para o quadro admirado, o que Phoebe achou estranho, pois era pequeno e inexpressivo. Parecia estar sujo, e a tinta estava gasta, mas o

barão o admirava, maravilhado.

— O senhor gostou do quadro? — perguntou, surpresa ao descobrir que era do agrado dele.

— Oh, eu gostei. — respondeu, com uma nota estranha na voz — Gostei muito dele.

Olhou para o quadro novamente, tentando enxergar o que tanto o cativava — Que estranho, eu nunca teria pensado que era...

Era tarde demais quando Phoebe se virou e uma mão grande cobriu a sua boca, e a outra segurou seus braços presos ao peito. Ele era muito mais forte do que parecia.

— Não faça barulho, docinho. — disse Alvanly — Odiaria machucá-la, mas estou bastante desesperado. Esse quadro é minha passagem para a liberdade, e devo roubá-lo. Consegue ver.

Phoebe acertou o pé dele e se contorceu o suficiente para acertar o cotovelo em seu estômago. Indicando fortemente que ela não conseguia ver, de fato, nada. Alvanly gemeu e praguejou, mas não a soltou.

— Sua garota infernal! — disse, embora parecesse divertido em vez de zangado com ela — Por favor, Phoebe, não piore as coisas. Serei obrigado a machucá-la, se não parar com isso.

Ele retirou a mão de sua boca e Phoebe respirou fundo, para lhe dar uma boa enxurrada de ofensas, mas engoliu as palavras, quando o barão sacou uma pistola e a apontou para ela.

— Pronto, pare. Seja uma boa menina. — disse, quase se desculpando — A senhorita ficará bem quieta, enquanto a amarro, e ninguém irá culpá-la pelo que aconteceu.

— Não vai se safar disso, seu calhorda. — Phoebe praguejou furiosamente — Não vou deixar que se safasse disso.

— Não seja uma péssima perdedora, querida. A senhorita tem a maioria dos truques, admito, mas nunca pensei que ficaria reduzido a fazer algo assim. No entanto, a oportunidade era simplesmente boa demais para deixar passar. Esta feiurinha aqui é um tesouro perdido. É uma obra-prima do século XIII, e vale mais do que dez mil libras.

— Mas serei arruinada! — gritou, incapaz de esconder o ódio em sua voz.

Deus, como tinha sido boba. Sabia que ele era um sujeito perverso, mas achou que conhecesse todos os truques que poderia tentar com ela. Infelizmente, esse nunca lhe ocorreu. Sabia que era um libertino, mas um criminoso? Com isso, não contara.

Pior ainda da parte dela.

— Ah, não por muito tempo. — disse o barão, sua voz suavizando-se, enquanto enfiava um lenço de seda em sua boca, quase fazendo-a se engasgar, quando o cheiro doce e floral de sua colônia encheu seu nariz — Não duvido que Ellisborough seja rápido o suficiente para propor casamento. Na verdade, ele deveria me agradecer, porque estou lhe fazendo um grande favor.

Como não podia mais falar, Phoebe teve que se contentar em apenas olhar

para ele. Alvanly deu um tapinha suave em sua bochecha e se moveu rapidamente, amarrando seus braços e pernas com uma corda fina que retirou do bolso. Vera preparado, então. Esse era o seu plano, o tempo todo. Phoebe foi tomada por uma fúria e por arrependimento por ter permitido que ele a usasse dessa maneira. Bem, Alvanly não se safaria. Vingar-se-ia dele, nem que fosse a última coisa que fizesse.

Alvanly a ergueu, ignorando a maneira como ela se contorcia, e a deitou em uma chaise longue, antes de correr de volta para o quadro. Era pequeno o suficiente para poder ser escondido sob seu colete, sem ser muito visível, e ela percebeu agora que seu casaco era grande demais para ele, grande o suficiente para esconder o objeto volumoso por baixo. Ele se virou então, dando-lhe um último sorriso, e soprando-lhe um beijo.

— Sinto muito. — disse, e Phoebe conseguiu ouvir arrependimento em sua voz, antes que Alvanly desse uma risada pesarosa — Mas não o bastante.

Em seguida, foi embora.



Max franziu a testa. Procurou Phoebe por toda parte e não conseguiu encontrá-la em nenhum lugar. Sua tia, a Sra. Hunt, confirmara que ela estava aqui e ainda assim... Onde, diabos, estava? Olhou para a multidão e viu Alvanly descendo as escadas correndo, indo em direção a porta de entrada. Por que o canalha estava com tanta pressa? Sinos de alarme soaram alto em sua cabeça, e ele correu em direção às escadas, ignorando aqueles que tentaram chamar sua atenção para cumprimentá-lo. Havia um aperto estranho em seu estômago, algum sexto sentido que lhe dizia que Phoebe estava em apuros. Vasculhou cada cômodo, metodicamente, sem encontrar nenhum sinal dela, e então viu a área isolada. Olhando em sua volta para certificar-se de que não fora visto, desceu pelo corredor e procurou em cada cômodo. Todos estavam escuros e vazios, exceto um.

A luz das velas iluminava o espaço o suficiente para que ele visse o cavalete que havia sido montado para exibir um quadro, embora nenhum estivesse nele. Um som abafado de desespero chamou sua atenção e a respiração de Max ficou presa em sua garganta quando viu Phoebe, amarrada e amordaçada.

— Phoebe!

Correu até ela e retirou o lenço de sua boca. A respiração dela tornou-se entrecortada.

— Oh, Max, graças a Deus! — disse Phoebe, sua voz trêmula e incerta e nada parecida com ela.

— Phoebe, querida, o que aconteceu? Quem fez isso com a senhorita? — porque assim que soubesse, os mataria com as próprias mãos.

— Alvanly. — ela cuspiu em desgosto, enquanto ele a desamarrava — Max, ele roubou o quadro.

— O quê?

Max desfez o último nó e olhou para ela.

— É verdade. — ela disse, com os olhos se enchendo de lágrimas — E a culpa é toda minha. Max, fui uma grande idiota.

— Não é culpa sua. — disse, querendo desesperadamente puxá-la para os braços e abraçá-la forte, mas sabendo que não podia — Ele é um canalha astuto e mentiroso. Sabia que ele estava aprontando alguma coisa, eu deveria ter feito mais... deveria tê-lo impedido. — praguejou, enrolando as cordas em sua distração e colocando-as no bolso.

Phoebe deu uma gargalhada — Como fiquei zangada quando ele me disse que o senhor o ameaçou, mas o senhor estava certo o tempo todo. Eu deveria tê-lo escutado em vez de ser tão teimosa, e agora... bem, suponho que seja bem-feito para mim.

Max paralisou, um pouco atordoado por aquelas palavras, mas não teve tempo de aproveitar o momento, porque ela continuou com a voz desesperada.

— Oh, que lamentável confusão fiz de tudo, e a culpa é minha, Max. Fui eu que arrombei a fechadura. Ele nunca teria entrado aqui sem mim.

Max olhou para ela, perguntando-se por que estava surpreso.

— A senhorita... arrombou a fechadura. — diss fracamente.

Ela assentiu, o lábio inferior tremendo — Parece que esse quadro ridículo vale uma fortuna, e agora sou cúmplice de um crime, e haverá um escândalo, e papai... papai...

A voz dela tremeu.

— Não. — ele disse, balançando a cabeça calmamente — Não, não haverá um escândalo. Vou consertar as coisas, prometo.

— Oh, Max! — ela soluçou, e, para seu espanto e deleite, jogou os braços em volta de seu pescoço.

Max não conseguiu se mexer por um momento, não conseguia respirar, e então seu cérebro lhe deu um chute rápido e disse-lhe para não ser idiota, então retirou os braços dela de seu pescoço e os colocou para baixo, segurando-a forte, assim como ele queria.

— Vou consertar as coisas. — disse novamente, as palavras sussurradas desta vez.

Ela ofegou e olhou para ele, os cílios molhados de lágrimas. Max prendeu a respiração na garganta, e seus olhos caíram para os lábios dela.

— Milorde!

Ambos se assustaram quando foram surpreendidos pela voz da Sra. Manning. Ao se virarem, perceberam que tinham uma audiência. A Sra. Manning obviamente trouxe a primeira leva de convidados para ver sua descoberta surpreendente.

Max se levantou, segurando a mão de Phoebe, mas se movendo para protegê-la dos olhos da audiência boquiaberta.

— Perdoe-me, Sra. Manning. — disse, fazendo o possível para parecer um homem interrompido em um interlúdio romântico, que esperava desesperadamente ter sido — Eu... Eu sei que não deveríamos estar aqui, mas precisava de um lugar privado para... perguntar à Srta. Barrington se ela

aceitaria ser a minha esposa. Felizmente, ela me fez o mais feliz dos homens e aceitou, mas peço desculpas por invadir.

Max ouviu o suspiro de choque de Phoebe atrás dele e apertou sua mão forte, rezando para que ela mantivesse a boca fechada.

— Ah! — disse a Sra. Manning, seus olhos ficando enevoados, enquanto olhava para eles, um murmúrio de interesse passava pela multidão — Que terrivelmente romântico. E depois virou-se para o cavalete vazio, levando a mão a garganta e gritando: — O quadro! — um tanto teatral na opinião dele — Onde está o meu quadro?

Ela se virou para olhar para ele e para Phoebe, que segurava a sua mão o mais forte que podia.

— Quadro? — Max respondeu, esperando que ele pudesse ser tão inescrutável quanto Montagu. Vira Montagu em ação e sabia o quanto poderia usar uma máscara impenetrável. Por favor, Deus, faça com que seja convincente, desejou, enquanto mentia descaradamente — Não havia quadro quando entramos, Sra. Manning, apenas aquele cavalete vazio. Presumi que a senhora o traria quando estivesse pronta.

— Mas a porta... — disse ela, enquanto os murmúrios e suspiros se espalhavam, ficando cada vez mais altos — A porta estava trancada.

— Não! — disse Max novamente, balançando a cabeça tristemente — Não, não estava. Eu... Eu vi o Barão Alvanly, no entanto. Quando subimos as escadas, eu o vi as descendo, correndo. Estava vindo desse corredor. Talvez ele tenha visto alguém?

— Ah, um ladrão! — a Sra. Manning gritou e depois deu um pequeno gemido, antes de desmaiar com destreza, nos braços de seu último amante.

Ela foi retirada do ambiente quando os gritos de indignação começaram a aumentar e um pandemônio se instalou. Max se virou para Phoebe e disse:

— Vamos, venha rápido.

Phoebe assentiu, e eles voltaram pela multidão e desceram as escadas, correndo em direção à porta de entrada. No caminho, ouviram a história se espalhar pela multidão.

O quadro... roubado... um encontro amoroso... Ellisborough e a filha de Montagu... Alvanly um ladrão... Estavam juntos nisso? Certamente que não!

Max fechou os ouvidos para as fofocas, ciente de como uma história poderia se espalhar, crescer e se transformar em outra coisa. Concentrou-se na mão de Phoebe, guiando-a através da multidão, até que irromperam no ar fresco da noite. Apressaram-se, descendo o caminho até as carruagens que os esperavam, Phoebe avistou seu cocheiro. O sujeito sempre dava a Max a impressão de que iria revistar seus bolsos, e nunca entendeu por que Montagu mantinha um sujeito que, obviamente, mais parecia um bandido a seu serviço. Parecia mais propenso a roubar uma carruagem do que conduzir uma, principalmente com um grande rubi brilhando em sua orelha. Então, quando Phoebe soltou a mão dele e correu para o homem, lançando-se nos braços do velho malandro, Max ficou momentaneamente desprovido de fala.

— Oh, Jack, Jack! — ela gritou, soluçando contra o peito do grande malvado.

— Princesa? O que aconteceu? — exigiu, seus olhos se estreitando em direção a Max — Esse desgraçado machucou a senhorita? Porque, se ele fez isso, vô arrancá a maldita cabeça dele!

Max parou abruptamente, bastante convencido de que aquela ameaça não era algo para se tomar de ânimo leve.

— Oh, não... Não seja bobo, Jack, Max nunca me machucaria. A culpa é minha, como sempre. Mas, desta vez, realmente fiz a coisa mais horrível e estou em apuros!

Jack, antes de voltar sua atenção para Phoebe, lançou um último olhar para Max, cheio de desconfiança.

— Desembucha. — ordenou — Não posso consertá as coisa se eu não soubé qual é o pobrema.

— É o Barão Alvanly, me enganou para abrir uma fechadura para ele, e agora roubou um quadro valioso da Sra. Manning. O canalha me amarrou, mas Max veio e me encontrou, mas então todo mundo entrou e nos viu, e Max mentiu para me salvar. Disse que tinha me pedido em casamento e agora o p-pobre coitado deve se casar comigo, e sabe que vou fazê-lo infeliz, Jack, e... Tem me ajudar a resolver tudo! — lastimou-se — Devemos ir atrás dele, imediatamente, e recuperar aquele maldito quadro, então poderei dizer a verdade para todos, não será tão ruim assim.

Jack lançou a Max um olhar curioso, antes de voltar ao assunto em questão.

— Onde ele mora, esse sujeito Alvanly?

— Na Ryder Street.

Jack assentiu — É apenas a alguns minutos de distância. Entre, então. — disse, gesticulando para a carruagem — Duvido que ele esteja lá, mas podemos descobrir para onde foi e alcançá-lo.

Phoebe não perdeu tempo em fazer o que ele pediu, e Max entrou atrás deles.

— Quem é ele, exatamente? — Max perguntou, querendo desesperadamente perguntar também por que Phoebe havia dito *pobre coitado*, e por que achava que ele ficaria infeliz se se casassem, mas sentindo que não era a hora.

— Quem? Oh, Jack? — ela perguntou, virando-se para olhar para Max — Papai nunca lhe contou?

Max balançou a cabeça e Phoebe sorriu — Flash Jack foi enviado para matar meu pai, pelo meu tio-avô Theodore. Jack era um salteador e terrivelmente perverso, mas papai convenceu Jack de que seria melhor trabalhar para ele em vez do tio Theodore, então mudou de lado, e está conosco desde então.

Max a encarou — Seu pai contratou o assassino que foi enviado para matá-lo?

Meu Deus, sabia que Lucian poderia ser tão frio quanto o gelo quando a

situação exigisse, mas isso... isso era...

— Jack é um amor, de verdade. — disse Phoebe, fazendo Max esbugalhar os olhos. O grande vilão que ameaçou arrancar sua cabeça era um amor? — O senhor sabe o que dizem sobre um salteador que virou guarda-caça? Bem, esse é o Jack. Daria a vida por papai, sei que sim. E por mim. — acrescentou, com a voz baixa.

Max refletiu sobre isso — E o fato de a senhorita poder arrombar uma fechadura?

Phoebe mordeu o lábio, as mãos apertadas forte no colo, a mortificação cintilando em seus olhos — Sim, Jack me ensinou, mas o senhor não deve culpá-lo. Ele só fez isso no caso de eu estar em apuros, e nunca deveria usá-lo para algo assim. Sério, não é culpa dele, Max, é tudo minha culpa. Sabe disso, não sabe? Afinal, sempre sou eu. É o tipo de coisa imprudente e estúpida que eu faria. — disse, parecendo tão abatida, que ele queria abraçá-la novamente, e teria feito, se a carruagem não tivesse parado.

— Chegamos! — ela disse, correndo para a porta, antes que ele pudesse dizer mais uma palavra.

Max não teve escolha a não ser correr atrás dela.



Querida Prue,

Acabei de ouvir o boato mais inacreditável. Um de nossos conhecidos estava na festa da Sra. Manning, esta noite, e nos deparamos com eles a caminho de casa, voltando do jantar de um vizinho. A história é tão absurda, que mal posso acreditar, exceto que parte dela é sobre Phoebe. Havia alguma história confusa sobre um quadro roubado, que eu não consegui entender, mas também disseram que ela se casaria com Ellisborough?

Isso é verdade? Mal posso acreditar.

Posso perguntar a Eliza se ela gostaria de fazer compras comigo, esta semana? Vi o mais querido e pequeno bonnet, que ficaria adoravelmente bem nela.

— Trecho de uma carta para Sua Graça, Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin, da Sra. Minerva de Beauvoir.

7 de abril de 1827. Quartos do Barão Alvanly, Ryder Street, Londres.

Max assistiu, sentindo como se tivesse caído em um sonho extraordinário, enquanto Jack forçava a fechadura para abrir a porta da frente dos quartos de Alvanly, encaminhando seu companheiro, igualmente suspeito, que atendia pelo nome de Fred, para a parte de trás, para verificar se o sujeito não estava saindo pelo beco que corria atrás das casas. Ambos os homens estavam armados com pistolas e porretes e Max ficou desconcertado ao descobrir que Phoebe não se surpreendera com eles arrombando e entrando.

— Fique aqui. — ele ordenou, seguindo Jack.

— Absolutamente não. — ela retrucou, não o surpreendendo nem um pouco.

Max suspirou — Tudo bem, fique atrás de mim.

Ele segurou a mão dela firmemente, para garantir que ela não tivesse escolha, à medida que se moviam silenciosamente para dentro da casa. Logo ficou claro que Alvanly estava preparado para partir. Max praguejou e ergueu uma sobrancelha enquanto Phoebe murmurava algo semelhante, bem baixinho, mas optou por não a repreender. Isso não o tornaria atraente para ela e, nas circunstâncias, Phoebe tinha o direito de aliviar seus sentimentos.

— Princesa! — Jack falou de maneira abrupta, acenando com um pedaço de papel amassado, que havia tirado de uma cesta de lixo superlotada. Alvanly pode ter tido tempo para se preparar para sua fuga à meia-noite, mas claramente não incluiu a organização da casa em seus planos — Olha aqui.

— O que foi, Jack?

— Um horário para o navio a vapor. Acho que esse sujeito desagradável está a caminho da França.

Max gemeu — É claro. Vai vender o quadro em Paris. Sabe que sua reputação será destruída aqui, então tomou uma decisão irrevogável, mas poderá viver bem com os lucros. Maldição, mas o diabo vai nos escapar.

— Não vai não. — Jack disse, irritado — Vou atrás dele. Mesmo se eu tivé que virá Paris de cabeça pra baixo e do avesso, vô pegá esse quadro de volta, Princesa. Tem a minha palavra.

— Ah, não, Jack. Pelo menos vamos recuperar o quadro. — acrescentou Phoebe — De fato, vamos, mas não pode ir sozinho. Não fala uma palavra em francês, já eu falo fluentemente, graças a todas aquelas malditas aulas que papai me obrigou fazer. E, afinal, causei essa bagunça. Acho que devo consertar isso.

Jack expressou sua desaprovação através de um som nasalado e balançou a cabeça em desacordo — A senhorita acha que eu a levaria junto? A senhorita é estranha na sua cabeça, mocinha, é isso que é.

Phoebe cruzou os braços, uma expressão amotinada no rosto, que Max reconheceu muito bem — Isso é tudo culpa minha, Jack. Eu irei, com ou sem sua companhia, mas prometi a Papai que me manteria segura, então eu definitivamente preferiria que me acompanhasse.

— Seu pai vai me castigá severamente pelas minhas... não importa o que! Não. Não. Não vou permitir, Princesa.

Max assistiu, pensativo, enquanto o argumento ia e voltava entre eles. Max colocou as mãos nos seus bolsos e descobriu a corda que Alvanly tinha usado para amarrar Phoebe. Aquele desgraçado. Tirou-as dos bolsos, perguntando-se como aquilo tinha acabado ali, e um pequeno pedaço de papel voejou para o chão. Max o pegou e olhou para ele, um estranho sentimento no peito.

Faça algo fora do seu caráter.

Max nunca faria algo tão imprudente e idiota quanto perseguir um bandido pela metade da França, em busca de um quadro roubado, na companhia de uma jovem solteira e um ex-assassino. Nunca, em um milhão de anos. Era sensato demais para essas bobagens. Muito equilibrado.

Muito... entediante.

Phoebe pensou em libertá-lo de sua promessa de se casar com ela. Não queria que ele se casasse com ela. O achava velho e chato e...

— Todos nós iremos.

Houve um silêncio tão profundo, que ressoou em seus ouvidos. Tanto Phoebe quanto Jack olharam para ele com as bocas abertas. Bem, pelo menos Max os tinha surpreendido.

— Phoebe, a senhorita não pode viajar sozinha, não importa que Jack esteja lá para acompanhá-la. A senhorita não tem uma criada, ninguém para acompanhá-la, mas, se estivesse na companhia do seu marido...

— Oh, Max. — Phoebe exclamou, mostrando uma emoção intensa, seus olhos brilhando de excitação, e o olhando com tal admiração, que o coração dele deu um pequeno salto no peito — Realmente está falando sério. De verdade? O senhor virá conosco?

Max estremeceu ao considerar a ira de Lucian quando descobrisse o que acabara de fazer. Bem, coração fraco, donzelas bonitas e tudo mais...

— Sim.

Phoebe soltou um gritinho e jogou seus braços ao redor de seu pescoço, pela segunda vez naquela noite, e beijou sua bochecha — Como o senhor é maravilhoso, e sei que não mereço, mas obrigada, Max!

Por um momento se deliciou com o brilho de aprovação dela, depois percebeu a expressão de Jack. Parecia como se tivesse voltado à ideia de arrancar a cabeça de Max.

— Agora, espere só um minuto, senhor. — ele disse, sua voz grave e proibitiva o suficiente para fazer todos os pelos da nuca de Max se arrepiarem — O sinhô não tá casado.

— Não. — disse Max, olhando para o homem — Mas contei à ton que fiz uma proposta de casamento para a Srta. Barrington e ela aceitou. Isso é um acordo vinculante. Estou obrigado pela honra a casar-me com ela, agora e, garanto-lhe, sou um cavalheiro. Se houvesse tempo para me casar com ela, antes de partirmos, eu o faria, mas, no dia em que voltarmos, farei dela minha esposa, e pode me matar a tiros, se não fizer isso.

— Posso mesmo? — Jack ressoou, com algo escuro e intimidante brilhando em seus olhos — Bem, é muita gentileza de sua parte. Penso que vô aceitá a sua proposta.

— Penso que sim. — seu companheiro, Fred, ecoou, ganhando um olhar irritado de Jack.

— Oh, Jack, pare de rosnar para Max e tentar assustá-lo. O pobre coitado está me ajudando, e não é a primeira vez. Realmente, tenho sido a amiga mais ingrata, mas ele nunca deixa de intervir. Ainda nem me repreendeu, e sei que mereço. Pode me repreender mais tarde, Max. — disse gentilmente, estendendo a mão para pegar a dele — Apenas sinto que devemos nos apressar.

Max engoliu a bolha de riso que era ameaçadora, temendo que pudesse soar um pouco histérico.

— Sim. Mais tarde. — disse, concordando seriamente — Jack, é melhor passar por minha casa, para que eu possa fazer as malas e conseguir fundos suficientes para nossa viagem. Phoebe não pode ir para casa, sem ter que responder a muitas perguntas, então teremos que comprar o que ela precisa no caminho.

Jack devolveu outro olhar hostil, o qual Max encontrou sem vacilar. Depois

de um longo momento, Jack resmungou e voltou para a carruagem. Max sentiu que havia passado em um teste. Suspirou e se virou para descobrir Phoebe o observando.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou, a ansiedade brilhando em seus olhos, que cintilavam em cinza prateado ao luar.

Max sorriu e assentiu — Tenho certeza.

— Por quê? — a pergunta foi quase um sussurro, e ele sentiu que a resposta era importante para ela, então considerou as próximas palavras com cuidado.

— Acho que talvez eu queira ter uma aventura.

Um sorriso despontou em seu rosto, luminoso como a luz do sol, deslumbrando-o — Mesmo?

Ele assentiu, certo agora de que estava dizendo a verdade — Mesmo.

Phoebe observou enquanto ele estendia a mão para ela, Max sentiu uma explosão de felicidade percorrer seu corpo quando ela lhe deu a mão. Phoebe fitou-o e Max riu, transbordando tudo o que sentia. Deus, isso era uma insanidade, uma loucura total... e ele não perderia por nada no mundo.

Quando Max fez as malas, acalmou os ânimos do seu valete indignado, a quem achou prudente deixar para trás, e arranjou fundos suficientes para a viagem, os primeiros toques de luz do dia estavam tingindo o céu noturno.

Phoebe adormeceu na carruagem, enrolada no assento oposto a ele, com seu casaco grande cobrindo-a para aquecê-la. Max se perguntou sobre a capacidade dela de dormir, pois ele estava animado com antecipação, com excitação, com... sua mente gritando mais e mais alto, a cada momento que passava. Estava prestes a levar Phoebe em uma viagem com ele, que a arruinaria totalmente. Deveria se casar com ele agora, ou seria arruinada de qualquer maneira, tal constatação não pareceu acalmar a voz que lhe dizia que estava sendo um tolo imprudente. Essa voz era bastante eloquente sobre a recepção que Lucian lhe daria quando voltassem para casa. Tanto ele quanto Phoebe escreveram cartas para os pais dela, e Max fez muitas promessas, que rezou para que fossem suficientes para impedir que o marquês o cortasse em pedaços.

Max olhou ao redor do interior do veículo, enquanto Jack lhe fazia um gesto do lado de fora da carruagem, então ele saiu silenciosamente, não querendo perturbar Phoebe.

— Algum sinal? — Max perguntou.

Jack fez uma careta e balançou a cabeça.

— Nenhum sinal do vagabundo. — resmungou — Acho que deve ter mudado de ideia e arranjado passagem com contrabandistas ou algo do tipo, pois seu nome não está reservado em nenhuma das travessias regulares. É lógico que tentará não deixar nenhum rastro.

Max assentiu, desanimado, mas não surpreso — Ah, bem, era demais para esperar, suponho.

— Tem certeza de que ele vai para Paris?

— Sim, tenho. — nisso, pelo menos, Max se sentia confiante — Duvido que Alvanly tenha conexões do tipo para obter o melhor preço para o quadro, mas há traficantes suficientes em Paris, com acesso ao tipo de compradores ricos, que não fazem muitas perguntas incômodas. Ele não seria capaz de vendê-lo aqui a tempo, antes de ser pego, não agora.

— Muito bem. Paris, então. — disse Jack. Max tentou se virar, mas Jack colocou uma mão robusta em seu braço, detendo-o — O sinhô vai casá cum ela?

Max assentiu.

— Não somente por devê, não é mesmo?

Por um momento, Max hesitou, imaginando o que dizer exatamente, mas estava claro que esse sujeito atravessaria o fogo por Phoebe e seria prudente descobrir o que Lucian viu no homem, então se arriscou.

— Teria pedido sua mão de qualquer maneira, se considerasse que havia uma mínima chance dela me aceitar.

— O sinhô não se importa que ela seja ilegítima?

Max fez uma careta para ele, algo quente e raivoso se desenrolando em seu estômago — Não.

— Ah! — disse Jack, assentindo pensativo, e Max se perguntou se talvez aquilo fosse aprovação em seus olhos — O sinhô sabe?

Por um momento, Max pensou que estava perguntando se Deus estava ciente de seus sentimentos e olhou-o fixamente, um pouco surpreso. Então entendeu — Oh, Montagu. Sim. Ele sabe.

— E ele aprova?

Max assentiu — Por todo o bem que isso me faz. Phoebe, ou melhor, a Srta. Barrington, no entanto não me vê como... como um pretendente. Acredito que me considera muito sério e sensato, mas...

— Mas o sinhô tá esperanu que essa pequena brincadeira possa fazê ela mudá de ideia.

Jack olhou para ele: um escrutínio penetrante e um tanto enervante, que fez suas orelhas ficarem quentes. Max limpou a garganta.

— Sim. — disse, um tanto desafiadoramente — Suponho que sim.

O olhar continuou por mais um momento, e então Jack contraiu os lábios — Certo, então. É melhor irmo andando. Vamo embarcá em breve.

Max assentiu, mais uma vez com a sensação ligeiramente inquietante de ter passado em algum tipo de teste. Só esperava não falhar com nenhum deles, principalmente enquanto estivessem no mar. Jack parecia bem capaz de jogá-lo na água, se estivesse com vontade.

Subiu de volta na carruagem e fechou a porta silenciosamente, mas Phoebe se agitou quando a carruagem avançou. Ela piscou, como uma coruja na luz fraca, então seu olhar se fixou em Max e seus olhos se abriram, bem grandes.

— Ah, agora me lembro. — disse, sentando-se repentinamente. O casaco dele escorregou de seus ombros e ela olhou-o, surpresa — O senhor me deu

seu casaco.

— Eu estava com medo de que ficasse com frio.

O sorriso que Phoebe lhe deu em retribuição era satisfeito e um pouco tímido, bem diferente de qualquer outro que já vira antes. Isso atingiu seu coração com a força de um golpe de martelo.

— Isso foi gentil, obrigada.

— O prazer foi meu. — disse, ainda um pouco sem fôlego.

— Que horas são?

— Perto das sete da manhã. Estamos prestes a embarcar.

Ela respirou fundo, trêmula, e ocorreu-lhe que talvez estivesse nervosa — Já esteve em um barco antes?

Phoebe balançou a cabeça — Não no mar.

— Tudo ficar bem.

— Sim. — disse, animada, acenando com a cabeça vigorosamente para ser convincente — Sim, claro que vai, e estou ansiosa para conhecer Paris. Quero dizer, sei que estamos em busca do quadro, e, se alcançarmos Alvanly rapidamente, pode não haver necessidade de continuar, mas...

— Veremos Paris. — Max lhe prometeu, querendo fazer qualquer coisa, dar qualquer coisa, para fazê-la continuar sorrindo para ele. Funcionou, e sua expressão encantada o deixou tonto de prazer.

— Oh! — ela disse, com um suspiro de encanto, depois franziu um pouco a testa, dobrando as mãos de maneira ordenada, no colo — E não deve se preocupar, Max. Aprendi minha lição, de verdade. Não vou me meter em mais nenhuma situação problemática ou constrangê-lo. Vou me comportar adequadamente, prometo.

O quê? Não!

— Não há necessidade disso. — disse imediatamente, mas ela balançou a cabeça, uma carranca franzindo suas sobrancelhas.

— Sim, há. O senhor está sendo muito gentil, mas a verdade é que sempre foi. Posso ver isso agora. Eu... Eu simplesmente era muito teimosa e estúpida para perceber antes, e sinto muito por isso. Acho que talvez eu precise crescer, e vou. Tem a minha palavra.

Max a olhou, querendo exigir que ela retirasse tudo que havia dito. Não queria que ela mudasse, nem um pouco. Ele se apaixonou por seu comportamento irreverente, pelas coisas escandalosas que dizia, e pelo fato de ser tão surpreendente, vibrante, viva. Max não podia dizer mais nada, porém, Jack veio e abriu a porta.

— Certo, é a nossa vez. Consegui uma cabine privada, sinhô. Eles tão providencianu que alguém mostre pro sinhô.

— Obrigado. — disse Max, saindo da carruagem e ajudando Phoebe a descer.

Phoebe olhou para o vasto mar cinza, as ondas coroadas com pequenos frisos brancos, e engoliu em seco.

— Ai, meu Deus!



Meu amado papai,

Por favor, não fique bravo...

**— Trecho de uma carta para O Muito Honorável
Lucian Barrington, Marquês de Montagu, da Srta.
Phoebe Barrington.**

Milorde Marquês,

Lucian,

Eu mal sei por onde começar.

Eu me casarei com ela.

**— Trecho de uma carta para O Muito Honorável
Lucian Barrington, Marquês de Montagu, do O Muito
Honorável Maximillian Carmichael, Conde de
Ellisborough**

8 de abril de 1827. Calais, Pas-de-Calais, França.

— Está se sentindo melhor?

— Sim, obrigada. — respondeu Phoebe, mentindo descaradamente. No entanto, estaria condenada se se tornasse ainda mais um incômodo para Max. Como era, estava se sentindo extremamente humilhada e nunca sentiu tanto a falta de Pippin como agora. Pippin saberia o que fazer, provavelmente teria algum composto repugnante pronto, que a faria se sentir melhor em pouco tempo.

Porém, Pippin não estava lá, e sim acomodada confortavelmente em um pequeno chalé, em Dern. Phoebe suspirou. Como alguém que raramente se rendia até mesmo a um leve resfriado, era intragável e irritante ter sido derrubada por um enjoo do mar. No entanto, nenhuma quantidade de força de vontade era suficiente para controlar o mal-estar intenso que sentia, e foi assim durante toda a travessia. E para piorar, de acordo com Max, não estava balançando muito. Ela poderia ter chorado com essa informação, tão entregue a felicidade que estava, assim que pisaram em terra firme. Não que ela parecesse firme. Ainda estava balançando e instável no que dizia respeito ao seu estômago, embora tivessem desembarcado há cerca de duas horas. Levou muito tempo para Max subornar os oficiais necessários, já que ela não tinha documentos ou passe, assim como Jack e Fred... um fato que nem sequer lhe ocorreu.

Exasperado, Max finalmente foi forçado a contar uma mentira gigantesca e disse à *douanier* que eles tinham acabado de fugir e eram recém-casados,

então não tivera tempo para adicioná-la em seu passe. Isso, finalmente, os convenceu - afinal, era a França - e permitiram que entrassem.

Phoebe olhou-o, se lembrando de como Max tinha sido gentil quando estava doente, e como ainda estava totalmente horrorizada por ele tê-la visto em um estado tão revoltante. Ter um homem assim, tratando-a tão gentilmente, segurando a bacia para que ela colocasse tudo para fora... Phoebe queria morrer. Ainda estava usando o vestido da noite anterior, que agora estava amassado e enrugado, muito além de qualquer salvação. Seu cabelo estava uma bagunça, já que não tivera tempo para arrumá-lo, estava ciente de que deveria estar parecendo uma aberração. Por que somente agora, depois de Max tê-la visto no seu pior, depois de tê-lo arrastado para essa situação terrível, Phoebe conseguia enxergar o que não tinha visto antes?

Max era maravilhoso.

Não a censurou, nem uma vez, por envolvê-lo nessa bagunça ímpia, ou por forçá-lo a um casamento, que ele certamente não poderia encarar com nada além de arrependimento. Nem por palavras nem por ações, fez com que ela sentisse a menor culpa, quando Phoebe sabia que era inteiramente culpada. Max não só era gentil, paciente e infalivelmente bem-humorado, como também era terrivelmente bonito.

Phoebe o observou secretamente, estudando-o, talvez pela primeira vez, e ficando perturbada com o que via. Sempre pensou que seus cabelos grisalhos nas têmporas o faziam parecer bastante severo, mas era mais do que isso, lhe davam um ar de gravidade, de confiabilidade, de um homem que nunca decepcionaria, fato que agora sabia ser verdade. Seus olhos escuros, que uma vez acreditou serem desaprovadores, eram de fato quentes e cheios de humor, e enrugavam nos cantos quando sorria, o que ele fazia com muito mais frequência do que tinha imaginado, principalmente dadas as circunstâncias. Também tinha o maxilar quadrado e uma fenda discreta no queixo, que era bastante adorável, e que ela queria tocar, muito. Se fosse bem honesta, e Phoebe sempre fora, não era a única parte dele que gostaria de tocar.

Phoebe se lembrou da noite anterior, quando a resgatou heroicamente, pensando bem agora, ela se jogara em seu pescoço. Max estava quente e tão sólido, e quando ele finalmente retribuiu o abraço, a sensação foi... maravilhosa. Tão maravilhosa, que ela não queria mais soltá-lo, assustada com a enxurrada de sentimentos que experimentara em seus braços. Ele fez apenas o que deveria, a confortou porque estava exausta, e ela sabia disso. Se Max a quisesse em seus braços, supôs que, talvez, devesse ter agido com mais entusiasmo quando a abraçou, mas dificilmente poderia culpá-lo. Phoebe agira de forma abominável, e agora ele fora forçado a oferecer casamento para ela. A parte mais absurda de tudo isso era que estava começando a ver o casamento com Max sob uma nova perspectiva, mas ele se oferecera apenas porque fora necessário. Aquela ideia a fez se sentir mal novamente.

Então, Phoebe estava virando uma nova página. Seria uma jovem bem-comportada e educada. Não seria mais uma menina de comportamento

desinibido, se portaria com decoro e talvez... talvez, se Phoebe se esforçasse muito, Max decidiria que se casar com ela não seria tão ruim.

Assim que Max terminou de lidar com a alfândega, ficou bastante tempestuoso. Apesar de ser um lorde inglês, ou talvez por causa disso, foi submetido a uma busca rigorosa em suas botas, cujo brilho polido agora estava manchado com impressões de dedos, e até mesmo o seu chapéu, pelo amor de Deus, seguido rapidamente por um interrogatório sobre seu propósito na França, que teria satisfeito a Inquisição Espanhola. O que os oficiais da alfândega esperavam que um conde inglês estivesse contrabandeando para fora do país, ele não podia entender, mas então se lembrou de que o Barão Alvanly havia contrabandeado uma obra de arte inestimável e decidiu que era melhor manter a boca fechada. Ainda assim, não era o tratamento a que estava acostumado, e mesmo o mais santo dos homens teria se sentido pressionado a resistir com equanimidade.

O fato de Jack e Fred terem passado relativamente sem serem molestados não ajudou em nada. Em seguida, foram inundados por *touters*, aquelas pessoas que coletam passageiros e quase os obrigam a ficar no hotel para o qual trabalham. O Hotel de Bourbon, pelo menos, empregava um comissário, o que significava que eles não tinham mais a indignidade de se apresentar juntamente com seus passes no *Mairie*. O preço deste serviço era tão chocante, que Max quase protestou, mas um olhar para o rosto pálido de Phoebe lhe disse que ela precisava descansar, então engoliu sua raiva e exigiu que fossem levados para o quarto, imediatamente.

No momento em que Phoebe se acomodou, com uma criada para ajudá-la com sua toilette, Max procurou o gerente, mais uma vez. O nome um tanto inapropriado de Monsieur Joly, para um rapazinho arrumado e elegante, com um bigode pequeno e de formato perfeito. Os óculos, que se equilibravam tão precariamente na ponta do nariz, pareciam desafiar a gravidade, e Max observou, fascinado, o momento em que eles cederam ao inevitável e caíram.

— Houve um acidente com a bagagem da minha esposa na viagem até aqui. — disse Max, desejando ser melhor em mentir descaradamente e determinado a ser tão inescrutável quanto Montagu, quando esta aventura terminasse. A prática levava a perfeição, afinal, e ele teve a assustadora premonição de que estava prestes a praticar bastante — E, assim, precisa urgentemente de um novo guarda-roupa. Espero que possa atender às necessidades dela, aqui em Calais.

Os olhos do gerente se arregalaram por trás de seus óculos ridículos, que tremiam em seu nariz.

— *Mais, mon Seigneur*, está me dizendo que ficará apenas uma noite e partirá pela manhã, *c'est impossible!*

— Nada é impossível, Monsieur Joly. — disse Max secamente e colocou uma pilha ultrajante de moedas de ouro na mesa do gerente — Não se alguém estiver devidamente motivado.

Os olhos de Monsieur Joly se iluminaram e ele devolveu um sorriso confiante.

— *Mais, oui, mon Seigneur*, o cliente pede, e eu, Monsieur Joly, forneço.

— Tinha certeza de que sim. — Max respondeu secamente — Se puder enviar nosso jantar para nossos quartos. Um jantar leve para Lady Ellisborough, por favor. Ela sofreu bastante com a travessia.

— Ah, *le mal de mer*, é uma coisa terrível, *mon Seigneur*. Vou mandar prepararem algo leve como uma pena, *oui*?

— *Oui*. — Max respondeu com um aceno distraído, sentindo-se um pouco sobrecarregado ao perceber que era a primeira vez que se referia a Phoebe como Lady Ellisborough.

Lady Ellisborough.

Lady Phoebe Ellisborough.

Seu peito parecia apertado, com esperança e uma felicidade cautelosa, da qual ele havia desistido. Bem, Phoebe poderia não ter o título legalmente ainda, mas em seu coração o título já lhe pertencia e sempre pertenceria, se ao menos ela o aceitasse.



Phoebe acordou no início da noite, quando um aroma agradável de comida se espalhou pelo quarto. Cheirando apreciativamente, quando seu estômago deu um ronco audível e esperançoso, se sentou e depois deu um grito, alarmada. Max tomou um susto, quase derrubando a cúpula prateada no prato que estava inspecionando.

— Oh, perdoe-me. — desculpou-se, mais uma vez mortificada.

Céus. Max pensaria que era uma boba. Estavam viajando como marido e mulher, não estavam? Claro que dividiriam um quarto. Só que este era Max, que sempre foi tão convencional, e ela presumiu que... que...

Phoebe segurou as cobertas até o pescoço, ao perceber que não estava vestindo nada além de uma camisola fina, e Max rapidamente recolocou a cúpula e virou de costas.

— Perdoe-me. — disse ele, parecendo um pouco tenso — Acabaram de trazer a comida e... e o quarto está um pouco mais quente do que... e eu pensei que ficaria estranho..., mas... Não se preocupe. Há uma cama perfeitamente confortável na sala de estar anexa. Dormirei lá. Não... Não se preocupe.

Essa declaração, bastante estranha e desarticulada, a fez se sentir ainda mais tola ao perceber que, é claro, Max não pensaria nela dessa maneira, muito menos tiraria proveito. Era cavalheiro demais para isso.

— Está tudo bem. — ela disse, esforçando-se para parecer calma e objetiva, como se estivesse acostumada a jantar com cavalheiros em seu quarto constantemente — É que o senhor me assustou, não esperava vê-lo no meu quarto.

— Naturalmente. — respondeu e, apesar de suas costas estarem viradas, ela pôde sentir que Max estava sorrindo e corou. Que ridículo — Acredito que

encontrará um roupão sobre a cama. Eu fiz arranjos para que vestidos, sapatilhas e... e tudo mais que possa precisar sejam trazidos até a senhorita, pela manhã.

— Meu Deus. — disse Phoebe, impressionada — Tão rápido. Como consegui fazer isso?

— Bem, ainda não consegui, mas vamos esperar que o gerente tenha conseguido, pelo menos.

Phoebe riu e pegou o roupão, que era um belo veludo cor de ameixa, e muito quente e aconchegante, embora um pouco grande demais — O senhor o subornou ou o intimidou?

— Ah, suborno, é claro. Detesto valentões.

Phoebe riu — Fico feliz em ouvir isso. Pode se virar agora.

— Está se sentindo melhor?

— Estou. — disse Phoebe, movendo-se em direção à mesa — E estou faminta.

— Excelente. — Max puxou uma cadeira para ela, dando um sorriso rápido e se sentando — Tudo parece delicioso.

E estava, Phoebe praticamente devorou duas tigelas de sopa, que Max insistiu que deveria tomar, para garantir que seu estômago se recuperasse bem, antes de atacar a *carbonnade flamande*. Um prato local tradicional, consistindo em um ensopado de carne, com um sabor doce e azedo distinto, servido com um pão temperado, bastante delicioso.

— Mais? — Max perguntou educadamente, vendo seu prato vazio, com um olhar divertido.

Phoebe corou, percebendo que mal falara com ele, concentrada que estava em comer avidamente. Meu Deus, Max devia pensar que era desbocada e desprovida de modos. Olhou com pesar para o prato de ensopado e balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Já comi o suficiente.

— Bobagem. — disse Max com um riso abafado — Ainda está com fome e finalmente tem um pouco de cor nas bochechas. Venha, coma um pouco mais, para me agradar.

Phoebe olhou-o, imaginando como não se apaixonar por um homem que, ao invés de mostrar desaprovação quando aceitou uma segunda porção de comida, oferecia mais a ela. Pareceu-lhe perfeitamente razoável aceitar.

— Obrigada.

Max serviu uma segunda porção generosa, antes de se servir, e eles comeram em silêncio, por um tempo.

— Isso estava excelente. — ele disse aprovando e depois afastou o prato vazio — E este *Claret* é bastante tolerável. Talvez devêssemos comprar algumas garrafas de vinho, enquanto estamos aqui. As adegas de Ellisborough precisam ser reabastecidas. Receio tê-las negligenciado, não tenho o hábito de receber convidados... quero dizer, não tenho recebido. — acrescentou apressadamente — Não me importo particularmente com festas de caça, e é

preciso uma esposa para... bem. Eu gostaria de dar festas e bailes, caso... caso goste disso.

Phoebe corou escarlate, imaginando como, diabos, ele estava conseguindo. Quase nunca havia corado na vida, antes deste lamentável caso começar, e agora isso estava se tornando um problema.

— Max... — Phoebe sabia que parecia profundamente triste, mas ainda precisava dizer a ele que não tinha nenhuma obrigação para com ela — Acho que, talvez...

— É claro, está tarde. — disse, se levantando imediatamente — Deve estar exausta. Perdoe-me por mantê-la acordada até tarde. Vou deixá-la agora, para descansar um pouco. Vejo a senhorita de manhã. Boa noite, Phoebe. Durma bem.

— B-Boa noite, Max. — respondeu Phoebe, um pouco confusa com a rapidez com que ele se despediu. Meu Deus, estava tão desesperado para deixar sua companhia? O pensamento fez um fluxo repentino de sentimentos negativos encher seu peito, disse a si mesma que aquilo era estúpido. Sabia que Max não desejava sua companhia. Ele só a tolerava por causa de sua estima por seu pai, e porque era cavalheiro demais para abandoná-la naquela situação.

Mas então Phoebe se lembrou de como ele estava quando disse que queria uma aventura, e, enfim, uma esperança começou a tomar forma.

— Céus, é uma boba, Phoebe Barrington. — repreendeu-se e foi para a cama.



Max fechou a porta adjacente com um suspiro e recostou-se nela. Sabia que tinha sido covarde em sair de forma bruta, mas sentiu que Phoebe estava prestes a explicar gentilmente por que nunca poderia se casar com ele, nem mesmo se a alternativa fosse a ruína. Que preferiria isso ao horror de ser sua esposa, deixara seu peito apertado. No entanto, ela não parecia desgostar dele. Parecia sim gostar da sua companhia, mas suspeitava que ela não suportava a ideia de que ele a tocasse e, por isso, Max poderia ter chorado. Phoebe realmente pensava nele como um tio gentil, como um dos amigos de seu pai, a quem seria infinitamente grata, e a quem preferiria morrer mil mortes a levar para a cama.

Com o coração apertado e uma sensação de desgraça iminente, Max sabia que havia pouco a esperar além de um coração partido, assim que esta aventura terminasse. Sem mencionar a ira de Lucian. Se ele tivesse conseguido impedi-la de se intrometer nessa aventura louca, em vez de se juntar a ela, poderiam muito bem ter resistido aos boatos e permitido que Phoebe rompesse seu noivado fictício. Apesar das conversas que poderiam surgir, Montagu poderia lidar muito bem com elas. Agora, porém... agora Phoebe havia compreendido uma viagem a Paris sozinha com ele. Não tinham como voltar atrás se ela se recusasse a se casar com ele. No entanto, ter uma esposa a quem adorava, a ponto de enlouquecer, mas que apenas o tolerava,

foi o suficiente para fazê-lo pegar o decantador de conhaque. Não dormiria agora, a menos que estivesse bêbado, então, poderia muito bem continuar com isso.



Phoebe acordou na manhã seguinte e encontrou a criada que a ajudou na noite anterior emitindo sons excitados ao ver uma grande pilha de vestidos e uma montanha de caixas de chapéus.

— Meu Deus do céu! — exclamou, saindo da cama para inspecionar o monte de tecidos, bastante luxuosos.

— Meu Deus do céu! — Phoebe repetiu com um pouco mais de força ao ver o que Max tinha conseguido para ela.

— Ficaré perfeitamente deslumbrante, Lady Ellisborough. — disse a criada, com os olhos arregalados de admiração, assim como deveria.

— Por Deus, Max! O que fez? — Phoebe disse baixinho, mordendo o lábio para tentar conter uma risada, pois estava certa em sua estimativa de que seria impossível fornecer um guarda-roupa inteiro para ela durante a noite.

O gerente tinha, claramente, feito o seu melhor, e tudo o que havia sido fornecido era o auge da moda parisiense. Os decotes eram quase imorais, e os vestidos excessivamente extravagantes, com enormes mangas gigot, fitas e babados, e... bom Deus.

— *Oh, la la!* — a criada gritou, surpresa, segurando um espartilho tão indecente, que Phoebe corou, escarlate.

As duas se entreolharam e começaram a rir.

Com alguma dificuldade, Phoebe selecionou o vestido menos chocante, lembrando-se de sua nova determinação de ser uma jovem respeitável e não fazer um espetáculo de si mesma. O efeito foi arruinado pelas peças íntimas escandalosas que, embora ninguém além dela soubesse que estavam lá, a fizeram se sentir bastante perversa. Esforçou-se para ignorá-las, mas foi difícil. Ainda assim, a criada, cujo nome era Yvette, estava olhando para ela com tanta admiração, que acreditava que não envergonharia Max, parecendo deselegante ou medíocre.

O robe-pelisse de cor verde claro, com mangas gigot enormes, endurecidas no topo com osso de baleia, sendo as maiores que Phoebe já tinha visto. Se houvesse uma forte rajada de vento, via a possibilidade assustadora de ser levantada do chão. As mangas do vestido afinavam e se ajustavam aos braços, com um arranjo complicado de rendas. A cintura era apertada e marcada por um cinto, com saias completas, ornamentadas com vários babados, em formato de conchas. Luvas amarelas e meias botas combinando completaram o conjunto. Era muito mais ultrajante e frívolo do que qualquer coisa que já usara antes e, quando Yvette arrumou seu cabelo com um penteado ridiculamente elegante, e colocou o enorme chapéu de Leghorn, que acompanhava o vestido, Phoebe se sentiu como a mistura entre uma duquesa e um bolo de casamento, com muitas decorações.

Tendo engolido uma xícara de chocolate e comido vários doces delicados,

chamados Kipferls, que foram servidos, Phoebe estava pronta para enfrentar Max novamente. Mal podia esperar para ver seu rosto e se achava aquilo tudo tão ridículo quanto ela.

Esquecendo momentaneamente sua promessa de agir com decoro, quase correu pelas escadas, encontrando Max esperando por ela no grande saguão de entrada. Sua boca se abriu quando a viu. Não apenas a dele, no entanto. Todo o hotel, que agora percebera estar bastante movimentado com clientes, parou o que estava fazendo para olhá-la.

Phoebe corou e se perguntou, mais uma vez, se não tinha feito nada além de constrangê-lo.



Minha querida Pippin,

Estamos voltando para Dern e imploro que esteja pronta para cuidar de Matilda. Ela tem estado muito indisposta, cada vez mais pálida e letárgica, e não me importo de dizer que estou extremamente preocupado. Desmaiou duas vezes na última semana, e me garantiu que isto nunca aconteceu antes em sua vida. Pippin, não posso perdê-la. Enlouquecerei. Eu não posso nem considerar minha vida sem

Imploro que descubra o que a aflige. A criatura irritante se recusa a ver um médico aqui e deseja a única que a atenda. Então, se tudo correr bem, chegaremos no meio da manhã de amanhã, e rezo para que possa aliviar meus medos.

—Trecho de uma carta para a Sra. ‘Pippin’ Appleton do O Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de Montagu.

9 de abril de 1827. Montagu House, St. James’s, Londres.

Matilda respirou fundo e se forçou a levantar, lutando contra a súbita onda de tontura. Agarrou o encosto da cadeira ao lado da penteadeira, desejando não desmaiar novamente, por medo de que Lucian a levasse ao médico mais próximo, à força. Seu reflexo no espelho falava muito de mais uma noite mal dormida e de uma falta de energia tão grande, que tudo o que queria era se virar e voltar direto para a cama. Nunca em sua vida quis dormir o dia todo, mas, neste momento, parecia uma perspectiva atraente.

Em outras circunstâncias, teria acreditado que estava grávida e ficaria muito feliz, mas não era esse o caso. Os sintomas não eram os mesmos, pois não tivera náuseas e não ficara extremamente cansada como com os meninos. Além disso, o parto de Thomas fora longo e difícil, e suas regras praticamente desapareceram desde então. Tinha visitado vários dos médicos mais proeminentes do país e todos concordaram que ela não era mais fértil. Já estava muito velha, e o último parto sobrecarregara e danificara o seu útero. Não haveria mais crianças. Até Pippin concordou que era improvável e não tinha nada para sugerir, exceto prescrever chá de trevo vermelho, que Matilda bebia várias vezes ao dia, sabendo que era inútil. Embora tivesse ficado desapontada, tendo desejado tanto dar a Lucian uma garotinha, sabia que não havia motivo para se chatear. Tinha gerado herdeiros para Lucian e eles eram

seu maior orgulho e alegria, assim como de seu pai. Foram realmente abençoados, e não seria ingrata a ponto de desejar mais. No entanto, se esse mal-estar, que havia surgido de forma gradual e piorado de forma constante, não era uma criança, temia considerar o que poderia ser.

Lucian estava apavorado.

Matilda podia ver nos olhos dele e sentir na maneira como a segurava, tocando-a como se ela fosse frágil, como se fosse quebrar. Não disse nada para ela, é claro, apenas concordou que estava cansada, que os meninos a haviam exaurido, que a temporada tinha sido muito frenética, etc. Só que ambos sabiam que nunca lhe faltara energia antes, e que não era nada disso.

Determinada a não se comportar como uma heroína frágil em um romance gótico, respirou fundo novamente e desceu as escadas.

— Nossa, que preguiçosa me tornei. — disse alegremente quando entrou na sala de café da manhã, sorrindo para seu belo marido.

E, Senhor, como ele ainda era bonito, mais ainda, pensou, embora parecesse impossível. Os últimos doze anos só o tornaram mais imponente do que nunca. Nas raras ocasiões em que deixava de se barbear, Matilda havia notado um salpicado de branco sobre o dourado mais escuro de sua barba, mas não havia outros sinais visíveis da idade, Lucian era tão vigoroso e vital quanto sempre fora. Ao contrário dela, infelizmente.

— Por que não me acordou? — perguntou, enquanto fechava a porta.

Lucian estava parado ao lado da janela, olhando para uma carta. Ele olhou para cima quando a esposa entrou. Uma olhada para o rosto dele e sua pretensão de alegria se esvaiu.

— Meu querido, qual é o problema? — foi até ele e acariciou sua bochecha com a mão.

Ele a cobriu com a sua e respirou fundo.

— Phoebe... — disse rapidamente — Ela...

Para espanto de Matilda, ele deu uma risada ofegante e balançou a cabeça.

— Meu Deus do céu, essa garota vai me matar. Exceto que tenho bastante medo de que ela possa matar o pobre Max primeiro.

— Max e Phoebe? — Matilda repetiu, perplexa — Lucian, se não explicar imediatamente...

Silenciosamente, entregou-lhe a carta. Matilda viu que havia duas cartas, uma de Phoebe e outra de Max. Foi até a mesa do café da manhã e afundou em uma cadeira para ler.

— Alvanly! Oh, aquele canalha! — ela gritou enquanto lia, o mais rápido que pôde — Oh, Phoebe, oh, sua tolinha.

Matilda levantou os olhos, encarando Lucian.

— Graças a Deus por Max. Vai se casar com ela, vai ficar tudo bem. — Lucian não desviou o olhar, mas não disse nada, e Matilda assentiu, engolindo em seco — Se Phoebe o aceitar.

— Se ela o aceitar. — repetiu sem entusiasmo, voltando-se para a janela e olhando para a praça adiante.

— Deveria ir atrás deles, suponho.

— Não. — essa única palavra era firme e definitiva, e Matilda olhou para cima, chocada.

— Lucian!

Ele se virou e voltou para ela, ajoelhando-se à sua frente e pegando suas mãos. — Max é um homem bom, confio nele, e Phoebe é uma garota imprudente, e gostaria de torcer seu lindo pescoço, mas ela não é boba. Vão resolver as coisas entre eles, e não precisam de mim enfiando meu nariz e piorando tudo. Se ela se casar com ele, como rezo para que aconteça, vou me alegrar e desejar-lhes felicidade. Caso não, vou apoiá-la e protegê-la da maneira que puder, mas, se está pensando que vou deixá-la sozinha, agora...

Sua voz tremia e ele fechou a boca, a mandíbula rígida.

O coração de Matilda doeu. Se descobrissem que estava seriamente doente, temia por ele, muito mais do que por si mesma. Se algo lhe acontecesse, sabia que isso o quebraria.

— Lucian, não se preocupe. Tenho certeza de que quando chegar a Dern e descansar um pouco, ficarei bem de novo. Sem dúvida, Pippin terá algum remédio horrível para me forçar a engolir e que me fará querer vomitar, então ficarei boa de novo, em questão de dias.

Ele assentiu e segurou suas mãos, firmemente.

— Sim. — disse, sorrindo para ela, embora o terror espreitasse em seus olhos — Sim. Pippin vai colocar tudo em ordem.

Devolveu-lhe o sorriso, e ele levou suas mãos aos lábios, beijando cada uma com tanta ternura, que Matilda piscou para conter as lágrimas.

— Eu a amo. Tanto.

— Também o amo.

Ele olhou para cima, seus olhos prateados cintilando com medo e dor.

— Sempre. — disse firmemente.

Matilda acenou — Sempre.

9 de abril de 1815. Hôtel du Bourbon, Calais, Pas-de-Calais, França.

Max sentiu mais do que ouviu a inspiração coletiva de todos ao seu redor, e, instintivamente, olhou para as escadas e foi como ser atingido na cabeça por algum objeto pesado.

Meu Deus.

Ele estava condenado.

Descendo as escadas, quase pulando, vinha uma criatura animada, confeccionada em seda verde pálida. Confeção era, de fato, a única descrição, e Max desejou desembrulhá-la para descobrir as delícias que se escondiam por baixo. O chapéu fora claramente desenhado por alguma lunática, pois era enorme e enfeitado com fitas largas, listradas de preto e verde e penas de avestruz o bastante para levá-la até Paris, voando. As mangas grandes e os laços pendurados acrescentavam detalhes à peça. Tudo se mexia, desde as saias farfalhantes até as fitas e penas do chapéu. Uma

profusão insana de cachos emoldurava o lindo rosto de Phoebe ao passo que caminhava em sua direção. Ela diminuiu os passos e um belo rubor coloriu suas bochechas, ao perceber que era observada por todos, fazendo com que Max desejasse jogá-la sobre os ombros e a levasse de volta para o quarto, onde pudesse deflorá-la em particular. Exceto que Phoebe ficaria enojada e o odiaria por isso, então ignorou seus desejos com uma dolorosa lamentação e se levantou para cumprimentá-la.

— Bom dia, milady. — disse, tentando sorrir, embora o desejo em seu peito fizesse sua expressão parecer rígida. Max só esperava que parecesse natural.

— B-Bom dia, milorde. — respondeu, fazendo uma reverência.

Por Deus, por que Phoebe estava agindo tão formal?

Max respirou fundo e tentou dissipar a atmosfera repentinamente tensa, mas só piorou, pois notou outros cavalheiros olhando para Phoebe com tanta inveja, que sentiu uma explosão de irritação.

— A senhorita está... — começou, descobrindo que a sua voz estava inexplicavelmente rouca e que era incapaz de achar as palavras apropriadas para descrever o que via.

Comestível era a única que parecia se encaixar, e ele duvidava que isso a encantaria. Muito provavelmente, ela correria de volta para o quarto e se trancaria nele.

— Ridícula. — ela respondeu, rindo, embora Max achasse que era um som estranhamente frágil — Sim, eu sei. Monsieur Joly fez o melhor que pôde, tenho certeza, mas, dos que ele enviou, este foi o vestido mais respeitável que encontrei. Tentei não causar constrangimento ao senhor, prometi, mas se acha o vestido ultrajante, deveria ver as roupas de baixo. São todas de renda, com pequenos arcos e fitas de seda vermelha, até as ligas, e...

Max sentiu seu tênue fio de sanidade estalar.

— Phoebe! — disse, em um sussurro áspero — Pelo amor de Deus, não discuta suas roupas íntimas.

Ela corou então, quase tão escarlate quanto as malditas fitas que não saíam da sua cabeça pelo resto desta maldita viagem.

— Perdão, Max. — desculpou-se, tão mortificada, que ele quis pegá-la no colo e implorar seu perdão.

Deus é testemunha que poderia discutir sobre suas roupas íntimas até Paris, e com prazer, mas não se ela não quisesse que as visse. O que restava agora era apenas a loucura, e ele já estava na metade do caminho.

Max ofereceu-lhe o braço, incapaz de corrigir a situação, quando metade de Calais parecia observá-los.

— Venha. — disse, moderando a voz para algo menos intenso — A carruagem está esperando.

— Oh, mas eu sinto muito... Não foi de propósito...

Max sentiu uma onda de irritação com seu pedido de desculpas e dispensou. Ela deveria chutá-lo nas canelas por ser tão bruto. Phoebe teria chutado, Max tinha certeza, antes de dizer ao mundo que se casaria com ela.

Agora havia mais contenção entre eles do que nunca, e Max não sabia como consertar isso.

Guiou-a para fora, onde Jack tinha acabado de arrumar os baús extras, com o novo guarda-roupa de Phoebe na carruagem. Virou-se e seus olhos se arregalaram quando a viu. Até Fred tirou o chapéu ao vê-la se aproximando, espantado. Jack assobiou baixo, aprovando.

— Minha nossa, Princesa, tá pareceu uma, é verdade. Pode me matá se eu contá uma mentira. A senhorita tá muito bonita, é um fato.

Max sufocou seu aborrecimento por não ter conseguido fazer metade de um elogio como aquele, e se odiou mais com o retorno do sorriso de Phoebe.

— Obrigada, Jack. — agradeceu baixinho, enquanto Max a ajudava a subir na carruagem.

Jack olhou para ele, assim como deveria, mas Max entrou e fechou a porta, antes que pudesse ser submetido a um interrogatório. Phoebe não o olhou, e sim pela janela, enquanto a carruagem avançava. Apenas momentos atrás, estava vibrante e cheia de vida e, de alguma forma, ele arruinara tudo. Max queria se chutar por sua estupidez. Nunca ficava nervoso ou desajeitado perto de mulheres. Embora não fosse, e nunca desejara ser considerado um homem das mulheres, sabia como flertar, como seduzir, e, ainda assim, precisava chegar só a alguns metros de Phoebe para se transformar em um idiota.

— Acredito que será um dia bom, assim que as nuvens subirem. — disse, estremecendo por dentro. Falando sobre o tempo. De verdade? Era o melhor que podia fazer? Merecia ser baleado.

— Acredito que sim. — respondeu Phoebe.

Isso era intolerável.

— Jack estava certo. — disse rapidamente, sua voz soando alta no espaço confinado.

Ela levantou os olhos para olhá-lo, com uma leve carranca aparecendo entre as finas sobrancelhas loiras, que Max desejava suavizar com a ponta do dedo.

— Sobre o quê?

— Está parecendo uma princesa.

— Oh.

Lá estava aquele lindo rubor de novo, a cor rosa delicada lembrando as pétalas de uma rosa, não tão escuro quanto o tom rosado de seus lábios. Ignorando intencionalmente suas instruções expressas para se comportar, sua libido entrou em ação e, de repente, se perguntou se os mamilos dela eram do mesmo tom delicado que sua boca. Seu corpo ficou tenso de desejo.

— E-Eu achei que não fosse gostar.

— Gosto. — disse apressadamente, forçando-se a olhar pela janela e pensar sobre a rotação de safras e o rendimento de grãos por acre.

— Graças a Deus, pois se acha esse vestido frívolo, não me atrevo a considerar como poderá reagir ao resto do que foi enviado.

Embora soubesse que era tolice, Max voltou sua atenção para ela.

— É terrivelmente escandaloso? — perguntou com interesse, incapaz de exorcizar visões de espartilhos e ligas, com bordas de renda aparadas com fitas vermelhas de sua mente perversa.

Phoebe mordeu o lábio, o que fez o olhar dele cair para a sua boca.

Ela assentiu.

— Terrivelmente.

— Então, esta viagem deverá ser fascinante. — disse levemente, de alguma forma tentando parecer divertido, quando, na verdade, sentia como se estivesse sendo submetido a tortura, por uma visão vertiginosa de arcos de cetim vermelho, que ainda dançavam em sua imaginação.

— Não estava zangado, então? — perguntou, olhando-o, confusa.

Max balançou a cabeça.

— Ficou zangado quando mencionei o espartilho. — disse categoricamente.

Max não podia dizer que estava errada, sem explicar o verdadeiro motivo.

— O que é bastante injusto, Max, de verdade, já que mencionou meu espartilho na minha festa de aniversário. Disse que eu o tinha amarrado muito forte.

— É verdade. — ele concordou, desejando se mover, sentar-se ao lado dela para abraçá-la, bagunçar aqueles cachos engenhosos e jogar o chapéu cheio de fitas e plumas no chão.

— O senhor estava certo, é claro. — acrescentou com um suspiro, o que o fez sorrir — Max? — chamou-o, um momento depois, com a voz baixa — Algum... algum problema?

Max estremeceu ao perceber que estava olhando para ela com a intensidade de um cachorro faminto na porta de um açougue. Pigarreou e balançou a cabeça, lembrando-se de que era um cavalheiro e que não devia pensar nessas coisas, a menos que ela concordasse em se casar com ele.

— Não. — disse firmemente. — Não tem nada de errado.

Querida Prue,

Sinto muito, mas devo recusar seu delicioso convite para jantar, amanhã. Teria gostado muito de vê-la e conversar, mas estamos voltando para Dern amanhã e, para ser honesta, estamos em pânico. Não vai acreditar no que Phoebe aprontou desta vez...

— Trecho de uma carta para Sua Graça, Prunella Adolphus, a Duquesa de Bedwin, de A Muito Honorável Matilda Barrington, Marquesa de Montagu.

9 de abril de 1827. Palais Impérial, Boulogne sur Mer, França.

— De verdade, Max, seja sensato. É a única maneira de pegarmos o rastro. É muito certo acreditar que Alvanly irá para Paris, mas, se ele chegar lá antes de nós, teremos um problema infernal para encontrá-lo. Fazer algumas perguntas inocentes não tornará minhas ações inaceitáveis, especialmente porque estou viajando com meu... meu marido.

Phoebe amaldiçoou-se por gaguejar, mas a ideia de Max como marido se tornou algo tão raro e mágico quanto um unicórnio, o tipo de coisa que adoraria ver, mas não tinha nenhuma expectativa, pois era impossível. Phoebe não sabia como interpretar o comportamento dele. Metade do tempo, Max a encarava como se estivesse tentando ler sua mente, e a outra metade agia como se ela não existisse. Tinha certeza de que Max sentia vergonha dela e do alvoroço que causara no hotel, mas depois dissera que ela parecia uma princesa. Em um minuto, ele era gentil e afetuoso, até mesmo um pouco sedutor, e, no outro, estava irritado com ela. Se ao menos sua mãe estivesse aqui, Phoebe lamentou. Saberia como interpretar isso.

Normalmente, se um homem gostava dela, escrevia poesia, trazia flores ou tentava beijá-la. Max não fez nada disso durante todo o tempo que o conhecia. Comprou-lhe alguns livros excepcionalmente finos, que ela gostava muito mais do que poemas, e, para seu aniversário, a mais requintada caixa de pássaro, com marchetaria de tartaruga. Tinha uma pequena tampa com um acabamento lustroso no topo, que abria de repente, revelando um pequeno autômato emplumado de um pássaro com penas, que batia as asas e pulava, cantando uma canção agradável. Era uma de suas posses mais preciosas, ficara completamente encantada. Como não ficara encantada por ele antes? Estava cega. Certamente, ele não teria dado um presente tão bonito e caro, apenas por sua amizade com o seu pai... teria?

Confusa, voltou sua atenção para a discussão em andamento. Pararam para trocar os cavalos em *Boulogne sur Mer*, e Max aceitou ao desejo dela de explorar um pouco a cidade, para tentarem descobrir notícias de Alvanly. Então, foram ao *Palais Impérial*, assim chamado devido a uma hospedagem de Napoleão, para comer e fazer uma investigação discreta. Exceto que o francês de Max era excruciante, e ele parecia relutante em permitir que Phoebe exercesse o dela.

— Devemos ser discretos. — disse, franzindo a testa, e Phoebe se perguntou por que Max se preocupava tanto se sua intenção era de se casar com ela.

A menos que ele esperasse que ela recusasse. Aquele pensamento a mergulhou em tristeza, mas o sacudiu. No mínimo, recuperaria aquele maldito quadro e daria um soco em Alvanly que ele jamais esqueceria. Em seu estado de espírito atual, se sentia tentada a atirar no descarado, por todos os problemas que ele causara.

— Bem, é um pouco tarde para isso. — retrucou — Foi o senhor quem sugeriu que viajássemos como marido e mulher. A Condessa de Ellisborough não é um nome discreto. —ela se arrependeu-se de ter agido de maneira inadequada e então voltou sua atenção para ele — Perdoe-me, Max, eu...

— Pare de se desculpar, maldição! — disse, parecendo exasperado, enquanto a pegava pela mão e a arrastava para dentro do hotel — Vou amarrar o gerente a uma cadeira e poderá interrogá-lo, até se sentir satisfeita.

Phoebe correu atrás dele, perplexa mais uma vez pelas suas repentinas mudanças de humor. Sempre acreditara que ele era um sujeito tão calmo, bem-educado e, sim, sem graça, se fosse perfeitamente honesta, mas ficou claro que não o conhecia mesmo, pois Max não era nada disso. A essa altura, estava tão incerta sobre seus sentimentos ou humor, que não sabia o que pensar.

Entraram no elegante hotel e rapidamente foram reconhecidos como sendo da alta classe. A eles fora concedida uma área de jantar privada, onde um banquete luxuoso e saboroso foi servido de forma abundante, que incluía *moules marinières*, um prato de mexilhões em molho de vinho branco, uma grande porção de frutos do mar, como lagosta e lagostins, seguido de *sole munière*, um tipo de peixe frito com chicória, pratos de batatas cozidas no creme, cogumelos e ervas e outros acompanhamentos, que Phoebe não conseguiu identificar. O vinho era excelente e servido em abundância, e terminaram com um excelente prato de maçãs, cozidas em um licor de maçã, servidas com um creme aromatizado do qual Phoebe fingiu não querer mais porções.

Tudo isso pareceu restaurar o bom humor de Max, que não pareceu mais tão sério quando a viu conversando com o garçom, apenas observando com um brilho estranho nos olhos. Gostava quando ele a observava, Phoebe decidiu, só que era bastante perturbador. Tentando ignorá-lo, se concentrou em falar com o garçom. Ele era um jovem bonito, com cabelos pretos

ondulados, e obviamente a admirava, o que não era uma situação desagradável. Phoebe esperava que Max tivesse notado também. Uma vez que o homem lhe deu felicitações volúveis e muito lisonjeiras sobre seu maravilhoso francês e seu sotaque encantador, perguntou se a refeição havia sido satisfatória. Phoebe ficou feliz em continuar falando com grande entusiasmo por algum tempo antes de concluir.

— Ah, de fato, foi uma refeição maravilhosa, então envie nossos cumprimentos ao chef. Mas, é claro, sabia que seria excelente, já que um conhecido nosso o recomendou. O Barão Alvanly, lembra dele talvez? Acredito que possa estar um ou dois dias à nossa frente.

O rosto do homem escureceu imediatamente.

— Sim. — disse, parecendo que cuspiria no chão, se não estivesse na presença de uma dama — Eu o conheço.

— Ai, meu Deus. — disse Phoebe baixinho, quando pareceu que o garçom não estava satisfeito em admitir conhecer o Barão Alvanly. Deu-lhe seu olhar mais charmoso.

— Estou ciente de que o barão possui um comportamento errático, embora muito encantador quando deseja. Devo entender que ele não agiu de forma honrada?

Com essa pergunta, Phoebe realmente pensou que ele cuspiria como resposta. No entanto, ao contrário disso, o garçom apenas se manteve ereto e respondeu, com desgosto, que o Barão Alvanly havia saído naquela mesma manhã sem pagar sua conta.



Max observou a conversa entre Phoebe e o jovem garçom com grande interesse e curiosidade. Como é que uma mulher, que já o tinha totalmente enfeitado, ficava ainda mais atraente quando falava em outra língua? Tinha a mais vaga noção do que estavam conversando e, assim que terminaram de discutir a refeição, ele se perdeu completamente. Não importava. Ela poderia estar discutindo o estado dos esgotos, pelo que ele sabia, e ainda estaria cativado.

Oh, por favor, Deus, permita que ela aceite se casar comigo. Por favor. Por favor.

Que o garçom e todo o seu pessoal também estavam encantados por ela, era óbvio. Ele e uma dúzia de outros sujeitos estavam se esforçando ao máximo para servir *La Comtesse* e garantir que tivesse o melhor de tudo. Também mantiveram sua taça de vinho cheia, e agora Phoebe estava corada e animada, e algo que o sujeito disse claramente a agradou. Max esperava que o calhorda não estivesse flertando com ela. Não achava que seu ego pudesse suportar a concorrência de um garçom neste momento.

— Oh, Max. — disse, virando-se para ele e estendendo a mão para o outro lado da mesa.

Os dois tiraram as luvas para fazer a refeição e, por um momento, Max ficou tão distraído com a sensação da pele dela sobre a sua, que não prestou

atenção no que Phoebe estava dizendo.

— Max, ouviu o que eu disse?

Ele desviou os olhos da mão dela e pigarreou.

— N-Não. — gaguejou — Estava distraído.

O garçom lançou um olhar de compreensão e inveja para Max.

— Alvanly esteve aqui e partiu, essa manhã, não tendo pagado a conta. Espero que não se importe, mas eu... eu disse que o senhor pagaria. Afinal, se não fosse por mim, ele nunca estaria aqui e...

— É claro. — Max disse de maneira tranquila, feliz em fazer qualquer coisa que ela desejasse, se isso suavizasse sua opinião sobre ele — Peça para que acrescentem suas despesas à nossa conta.

— Oh, Max, muito obrigada. Vou pagá-lo de volta, assim que voltarmos para casa.

Ela sorriu para ele e se virou para o garçom. Não permitiria que ela o reembolsasse, mas Phoebe ainda tinha a mão descansando sobre a dele e Max não se atreveu a se mexer ou falar, com medo de que, se percebesse, a retirasse.

Assim que o sujeito se foi, ela se virou para ele.

— Estamos apenas há algumas horas dele. — disse, excitação brilhando em seus olhos — E muito obrigada por pagar a conta dele, Max. Vou ressarcir-lo, prometo, embora eu saiba que foi uma imposição terrível da minha parte oferecer sem pedir, e sinto muito...

— Não sinta. — disse, ciente de que havia muita emoção não dita nas palavras, mas não conseguiu evitar — Por favor, não se sinta culpada.

Olhou para ele, um pouco incerta, e deu um sorriso hesitante — Tudo bem, então.

Voltaram para a carruagem, após Max pagar as contas deles e de Alvanly.

— Acredita que ele possa parar em Abbeville?

Max encolheu os ombros, sentindo uma forte esperança, ao notar o quão feliz ela parecia.

— Não sei. — disse, quando, na verdade, o que queria dizer era, *eu não me importo*.

Não se importava com Alvanly ou com o bendito quadro abençoado, só queria que Phoebe ficasse com ele, que quisesse estar na sua companhia, nesta aventura ridícula — Só há uma maneira de descobrir, suponho.

— Sim. — disse, enquanto Jack abria a porta para ambos — Sua refeição foi boa, Jack?

— Nada mal. — disse, encolhendo os ombros — Eu prifiru uma torta de cerveja a mexilhões pra ser sinceru, mas aquele negócio... como era o nome mesmo, Fred?

— *Lapin à la moutarde*. — Fred respondeu sorrindo, seu sotaque surpreendentemente bom.

— Ah, isso aí. Essa cumida tava gostosa. — disse Jack com apreço, estalando os lábios.

Phoebe riu e subiu na carruagem, gemendo após se sentar.

— Comi demais de novo. — disse, com um suspiro pesaroso — Nunca deveria ter aceitado aquela segunda porção.

Em um instante, os pensamentos de Max voltaram para o seu espartilho, e precisou lutar contra o desejo de se oferecer para desamarrá-lo para ela.

— Valeu a pena. — diss ele, incapaz de se lembrar da conversa no jantar de aniversário dela.

Ela riu, um som surpreendentemente gutural, que fez seu coração bater mais rápido.

— Sim, e meu espartilho está muito apertado.

Seu rosto caiu quando ela o fitou, e Max se perguntou o que Phoebe vira em seus olhos.

— Vai me repreender novamente por falar das minhas roupas íntimas? — perguntou cautelosamente.

Max balançou a cabeça. Sentia como se estivesse sentado em um precipício. Phoebe era tão bonita, a queria tanto, e, como bebera vinho um pouco a mais, sentia-se um pouco imprudente.

— Não. — ele respondeu, ciente de que sua voz estava mais grave que o normal, sem fôlego — Mas, se mencioná-las novamente, estou avisando, terei que vê-las.

Os olhos dela se arregalaram, chocados, e Max esperou que o repreendesse fortemente, agisse com desgosto ou fingisse que ele nunca havia falado nada. Phoebe não fez nada, apenas olhou para ele.

— Quer.... quer vê-las, Max?

— É claro que quero vê-las! — retrucou, além de frustrado — Não penso em mais nada, desde que as mencionou, estou enlouquecendo. Cada pensamento meu é consumido pelo desejo de ver essas malditas ligas. Sou de carne e osso, Phoebe, mas parece que não percebe. Sou um homem vivo, ainda não tenho trinta anos, não sou um velho antiquado, como parece pensar. Como pode saber que todos os garçons daquele maldito hotel queriam se jogar aos seus pés, e não... e não saber...?

— Saber o quê? — exigiu, parecendo nervosa e verdadeiramente assustada.

Sem dúvida, ele a chocara profundamente. Max balançou a cabeça e se virou para olhar pela janela. Era um idiota, e provavelmente acabara de transformar toda essa jornada em uma empreitada infernal, onde Phoebe se sentiria desconfortável em passar mais um momento sozinha com ele.

— Sabe de uma coisa, Max? — perguntou novamente, sua voz mais suave agora.

Mas ele ignorou. Não era tão ingênua, logo descobriria.

— Max.

Ele respirou fundo e se virou para ela, seu coração saltou para a garganta e ficou preso lá.

Cristo.

— Não consigo alcançar as fitas do meu espartilho sem ajuda. — disse,

corando furiosamente, enquanto erguia as saias, revelando uma perna torneada e a fita de seda vermelha da liga.

Phoebe sentiu como se estivesse em chamas, estava muito quente. Era um tipo estranho de calor também, uma combinação de mortificação e intensa excitação, quando viu os olhos de Max escurecerem e ouviu sua respiração repentina. Não era nojo que via nos seus olhos, ela sabia, embora, talvez, o seu comportamento ainda o repugnasse. Estava agindo como uma promíscua e sabia disso. De repente, envergonhada, empurrou as saias para baixo e desviou o olhar dele. Oh, bom Deus. Nunca aprenderia a não ser tão estupidamente precipitada e impulsiva? Phoebe estava respirando mais forte e a vontade de chorar estava causando uma sensação de aperto na sua garganta. Será que arruinara tudo? Não que tivesse alguma coisa para arruinar, mas...

Ofegou quando Max pegou sua mão e se aproximou dela. Phoebe estava tão consumida por seu próprio comportamento terrível, que não notou quando ele se mexeu.

— Está tentando me enlouquecer, querida? — perguntou, sua voz suave e ao mesmo tempo áspera.

Phoebe balançou a cabeça negando, mas depois, sendo escrupulosamente honesta, assentiu.

— Bem, sim. Talvez um pouco. — admitiu, realmente queria que ele ficasse louco por ela, não podia negar.

Ele riu, o som baixo e bastante satisfeito.

— Está funcionando!

— Está? — perguntou desconfiada e franziu a testa, quando Max virou a sua mão para desabotoar uma fileira de pequenos botões.

— Está. — concordou, sua voz não deixando espaço para argumento.

Ela observou, ainda intrigada, enquanto ele trabalhava, cada botão por vez

— Nunca vai conseguir sem um gancho de botão. — disse ela.

Max olhou para ela com uma expressão feroz, sua respiração ficou presa — Deseja apostar, milady?

— Eu n-não sou sua s-senhora. — protestou fracamente, e ele continuou desabotoando os botões com facilidade, sem gancho algum.

— Também não apostaria nisso, no seu lugar, meu anjo. — ele murmurou, o termo carinhoso provocando um arrepio de prazer surpreendente nela.

Anjo?

Ela?

Ele estava louco?

Talvez tivesse confundido a cabeça dele.

Agora que os botões estavam desabotoados, ele expôs um triângulo de pele sobre o interior do pulso dela. Max olhou para aquele pedaço por um momento e Phoebe prendeu a respiração, imaginando o que viria a seguir. Tudo parou, até mesmo a carruagem sacolejando os dois estava sendo ignorada por sua mente. Lentamente, levantou a mão dela e pressionou seus

lábios naquela pequena área. Phoebe ofegou, assustada com a intensidade da sensação que a tomara de surpresa. Os lábios dele eram quentes e macios, e ela podia sentir seu hálito, sua respiração contra o seu pulso. Max olhou-a então, e ela se perguntou por que estava tão nervoso. Decerto era apenas seu coração pulando, como um peixe fora d'água? Max era um homem experiente, sofisticado e mundano, e... obviamente ansioso.

— Phoebe?

O nome dela foi dito como uma pergunta, e Phoebe tateou em busca de uma resposta apropriada.

— S-Sim? — gaguejou.

— Eu a choquei?

— S-Sim.

Sua expressão de desfez e ele soltou a mão dela.

— Perdão, Phoebe, eu não deveria...

— O quê? Oh, não, Max, não... — protestou agarrando a sua mão novamente entre as suas e segurando firme — Não pense... Eu não quis dizer...

— Não quis dizer o quê? — ele sussurrou, olhando para a maneira como ela segurava sua mão.

— Não quis dizer que foi um choque desagradável. — diss ela, desejando não ser tão desajeitada. Talvez devesse ter prestado mais atenção quando os homens tentaram namorá-la.

— Apenas que foi um choque. Veja, eu pensei...

Max levantou o olhar para o dela e Phoebe não conseguiu pensar em nada, perdida na tranquilidade de seus olhos, como veludo marrom salpicado de ouro, bronze e cobre.

— O que pensou?

Phoebe engoliu em seco e tentou se concentrar na questão, quando a carruagem bateu em outro buraco.

— Pensei que não me aprovava, que m-me achava horrível e um incômodo terrível.

Ele deu uma risada sufocada.

— A senhorita é horrível e um incômodo terrível. — disse, mas com tal calor que não soou como um insulto — Nunca quis me sentir assim, sabia que me achava muito velho, muito chato, que nunca seria sua escolha, que nunca me escolheria, mas..., mas...

Sua voz tremeu e Phoebe sentiu como se seu coração fosse explodir de antecipação, se ele não terminasse a frase, mas então a carruagem cambaleou bruscamente para um lado, jogando-os para a direita. Max bateu na lateral do veículo com um baque forte, e Phoebe caiu sobre ele. Max a segurou firme, depois tudo ficou quieto.

— Phoebe? — chamou seu nome, o pânico audível — Phoebe, está ferida?

Phoebe soprou uns cachos de cabelo do rosto e empurrou o chapéu de volta para cima — Não. Eu estou bem. — disse, embora, na verdade, estivesse

abalada — O que aconteceu?

— Eu não sei, um eixo quebrado seria o meu palpite. — disse amargamente.

— Que momento horrível.

Ele riu então e ela lhe sorriu, um pouco envergonhada, ao descobrir que estava quase deitada em cima dele.

— Foi horrível. — ele concordou — Mas vamos conversar sobre isso ainda. Muito em breve, sim?

— Sim, por favor.

Ele tocou-lhe a bochecha e Phoebe cobriu a mão dele com a sua. Max soltou um suspiro trêmulo e depois deu um sorriso, a sensação de admiração estava refletida em seus olhos. Phoebe ficou maravilhada com isso, pois nunca pensara que Max olharia para ela dessa forma. Max? Deus do céu.

— Princesa? — a voz preocupada de Jack soou de fora, ele abriu a porta.

— Estou bem, Jack. — ela assegurou e pegou sua mão para sair da carruagem, com dificuldade, por causa de suas saias volumosas — Os cavalos estão machucados?

— Não, graças aos céus. Apenas o maldito eixo. Esta estrada é uma desgraça.

Phoebe alisou as saias amarrotadas e admirou a visão de Max deixando a carruagem, notando, talvez pela primeira vez, como era atlético. Como nunca notara antes, estando sempre tão perto dele? Por que nunca vira o que estava bem diante de seus olhos?

— Onde estamos? — perguntou.

— A placa dizia *Saint Etienne au Mont*. — Fred fez um movimento brusco com a cabeça — E passamos por uma pousada, a menos de um quilômetro atrás. Acho que é melhor vermos o que pode ser feito lá, pois não vamos continuar, até que isso seja consertado.

Phoebe olhou para o eixo quebrado com consternação — Ah, maldição, estávamos tão perto dele.

— Não se preocupe, minha querida. Não vamos deixá-lo escapar.

Ela olhou para Max, sentindo um impulso de calor ao receber essa demonstração de carinho dele. Phoebe assentiu.

— Claro que não. — disse — Bem, Jack, Fred, se puderem ficar com os cavalos e nossos pertences, vamos voltar e mandar ajuda imediatamente.

— Certo, Princesa. — disse Jack afetuosamente enquanto ele e Fred começavam a desatrelar os cavalos.



Prezada tia Helena,

Muito obrigada pelo novo diário encantador que me enviou. Parece que consumo as páginas em um ritmo acelerado, então, foi um excelente momento, pois tenho apenas algumas páginas restantes no que tenho.

Por favor, tia, pode falar com o papai, na próxima vez que vier? Disse a ele que sou grande o suficiente para aprender a pilotar agora, e o lembrei que a senhora tinha a mesma idade quando ele a ensinou. Ele se recusou e disse que já foi ruim o suficiente ter que correr atrás de sua irmã por todo o país, e que não tem pressa em correr atrás de sua filha da mesma maneira. O que ele quis dizer com isso, a senhora sabe?

—Trecho de uma carta para Lady Helena Knight de Lady Elizabeth Adolphus.

9 de abril de 1827. La Villa Desvaux, St. Etienne au Mont, Pas-de-Calais.

Foi uma caminhada agradável pela floresta, no percurso de volta para a pousada, ainda que ventosa, o cheiro do mar, salgado e fresco, batia neles enquanto caminhavam. Max não conseguia tirar os olhos de Phoebe e desejou que ele ousasse recomeçar a conversa imediatamente. Max ainda não conseguia acreditar que ela havia levantado as saias para mostrar a liga para ele. Não havia nada calculado em suas ações, ele sabia disso, mesmo quando admitira que queria enlouquecê-lo. Apenas um pouquinho. Ele sufocou uma risada. Meu Deus, se ela soubesse que tinha o poder de comandá-lo por meses, agora. Exceto que Phoebe não faria isso com ele. Era muito honesta. Honesta o bastante para dizer que a chocara, mas que fora um choque agradável.

Seu coração ainda estava batendo rápido demais, revigorado pela esperança, por suas palavras, seu toque e por aquela fita vermelha perversa. Sabia que não deveria se precipitar. Se agisse muito rápido, poderia assustá-la, mas Deus sabia que Max esperara tanto tempo, apenas para ser notado, então esperaria o tempo que ela precisasse, o tempo que Phoebe levasse para vir até ele, como sempre desejara.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, ela olhou-o e sorriu, e a sensação familiar de ter a respiração arrancada dele o fez se sentir atordoado e feliz.

Para seu pesar, chegaram a St. Etienne au Mont, Pas-de-Calais rápido demais, antes que Max tirasse proveito daquele olhar agradável. Entraram no pátio da grande e movimentada estalagem, onde uma carruagem robusta de diligência estava sendo carregada ao limite. Uma senhora corpulenta carregando um pássaro em uma gaiola estava sendo ajudada a entrar no veículo, para o desânimo daqueles que já estavam acomodados, e Max contou nada menos que dezesseis passageiros, quatro deles no telhado, e bagagem e baús suficientes para fazer a coisa parecer um desastre, esperando por um lugar para acontecer. Apenas rezou para que pudessem consertar sua própria carruagem em tempo hábil, pois esse modo de transporte não era recomendado.

A Villa em si era uma construção elegante, mas agora estava um pouco desgastada nas bordas. As persianas verdes estavam descascando e desbotando, a casa tinha uma atmosfera de elegância, embora um pouco desprezível e em vias de desaparecer. Galinhas ciscavam a terra do pátio e dois cães sarnentos brigavam por um osso, apenas para serem conduzidos para fora do caminho por um cavaleiro impaciente. A clientela parecia ser mista, e Max guiou Phoebe para dentro, um pouco apreensivo. Amaldiçoando-se por não ter prestado mais atenção durante as aulas de francês quando menino, se resignou a falar inglês, até que a compreensão do idioma pelo gerente acabou e Phoebe teve que intervir. Mesmo a beleza dela e o que Max esperava ser um sotaque encantador, pois certamente soava encantador para ele, não puderam influenciar o sujeito.

O gerente balançou a cabeça e encolheu os ombros.

— Ele diz que todos os seus criados estão ocupados e teremos que esperar até que alguém possa ser enviado para ajudar. — Phoebe disse quando se voltou para Max, sua frustração aparente.

— *Je suis désolé, monsieur.* — disse o homem, mas não parecia sentir nada.

— *Monsieur le Comte Ellisborough.* — corrigiu Phoebe, dando seu título que, naturalmente, fez toda a diferença, quando o sujeito se curvou e explodiu em uma série rápida e contínua de palavras incompreensíveis em francês.

Max suspirou, não querendo nada além de ficar sozinho com Phoebe e retomar à conversa, sentindo-se impaciente demais para suportar qualquer outra coisa. Nivelou o gerente com um olhar duro, antes de pegar sua bolsa de moedas. Colocando uma quantia generosa, manteve o olhar do homem — Lide com isso.

Esta era uma linguagem que o gerente entendia sem nenhum problema.

De repente, tudo não era apenas possível, como também o menor problema do mundo, e foram levados imediatamente a uma sala privada, certos de que ajuda seria enviada aos seus criados e refrescos seriam trazidos imediatamente, enquanto o quarto era preparado. A frustração de Max só aumentava, à medida que um número aparentemente inesgotável de criados entrava e saía, limpando a mesa, trazendo vinho e cerveja, pão e queijo e

pequenos pratos de aperitivos.

Assim que ficaram a sós, Max pensou que, talvez, pudessem ter cinco minutos de paz, então um tumulto começou no quintal do lado de fora. Phoebe se levantou e correu para a janela.

— Meu Deus. — disse, ajoelhando-se no banco acolchoado abaixo e dando-lhe uma visão bastante tentadora de seus tornozelos bem torneados.

— O que foi? — perguntou, distraído pela luta interna entre suas obrigações morais e seus desejos pessoais com fitas de seda vermelhas.

Ele lutou para desviar o olhar e perdeu a batalha, com um suspiro de resignação.

— Uma briga a qualquer momento, acho. — disse Phoebe, voltando-se para olhar para ele.

Max limpou a garganta e desviou sua atenção para o rosto dela — Então é melhor irmos embora.

Phoebe franziu a testa para ele — Por quê? Além disso, acho que reconheço aquele sujeito. Venha e veja, Max.

Max fez o que Phoebe pediu e olhou pela janela suja.

— Por Deus! Aquele é o visconde Kline.

— Está vendo? Sabia que o reconhecia. Eu o encontrei uma ou duas vezes, em Londres, no ano em que debutei, e me lembro de Lorde Rothborn discutindo com Jemima, quando ela insistiu que fossem ao funeral de sua esposa.

— Não estou surpreso. — retrucou Max — Por que, diabos, fariam isso? Ela quase arruinou a vida de Rothborn, sem mencionar a de Lady Rothborn.

Phoebe assentiu — Sim, mas Jemima disse que deveriam ir, pelo bem de Lorde Kline. Senti que ela tinha um carinho especial por ele, tendo sido casado com uma mulher tão vil por tanto tempo. Oh, Max, olhe, ele acabará sendo atingido, nesse ritmo. Devemos ajudar.

Antes que Max pudesse concordar ou contestar, Phoebe estava a meio caminho da porta. Max saiu correndo atrás dela, segurou a sua mão para pará-la.

— Deixe-me tomar conta disso. — disse severamente.

Ela revirou os olhos para ele, mas abençoadamente não discutiu e Max continuou caminhando, até o iminente ataque de socos.

— Kline?

O homem se virou com os olhos irritados, que clarearam assim que viram Max. — Ellisborough? Deus do céu! Como é bom vê-lo.

— Está com algum tipo de problema? — Max perguntou educadamente.

— Sim, estou, maldição! Esse maldito imbecil diz que não paguei a conta da minha esposa, mas não tenho mais esposa, graças a Deus, e, ainda assim, o cafajeste não aceita.

— Que curioso.

Max olhou para o sujeito grande, que havia sido despachado para enfrentar o visconde e lidar com a discrepância, com receio. Teve a impressão de que

essa discussão estava acontecendo há algum tempo e o sujeito estava a um fio de cabelo de perder a paciência.

— *Le homme est pas marié.* — disse Max em seu melhor francês, para o qual o grandalhão rosnou algo que não parecia encorajador e cuspiu no chão — Oh, Max, deixe-me lidar com isso. — disse Phoebe, avançando e ficando entre Kline e o francês, antes que ele pudesse impedi-la.

Os olhos do visconde se arregalaram e se aqueceram consideravelmente, uma expressão de prazer em seu rosto, enquanto olhava para Phoebe. Até o francês parecia bastante surpreso.

— Phoebe! — Max murmurou, tentando arrastá-la de volta, antes que ela começasse uma briga de uma variedade diferente.

Olhou-o e cruzou os braços — Max, é um homem de muitos talentos, mas seu francês é horrível. Deixe isso comigo, por favor.

Kline deu uma risada assustada e sorriu para Max.

— É um sujeito de sorte, Ellisborough. — murmurou.

Max só podia esperar que ele estivesse certo.

Phoebe olhou para o francês e o visconde Kline, com um pouco de apreensão. Ambos eram homens grandes, e ela não queria ficar entre eles, mas a atmosfera violenta já havia se dissipado um pouco, então, talvez, pudesse resolver isso e evitar o derramamento de sangue.

— Por favor, poderia descrever a esposa do visconde? — pediu ao sujeito.

Com isso, os olhos do homem assumiram uma expressão bastante perversa e ele fez o que ela pediu, com muitos detalhes. Phoebe corou.

— O que, diabos, ele acabou de dizer? — Max exigiu, avançando.

Oh, bom Deus.

— Nada! — Phoebe disse apressadamente, colocando as mãos no peito de Max e empurrando-o para trás, o que era um esforço bastante inútil, ainda que revelador. Ele não cedeu nem um pouco. Meu Deus, mas ele era sólido. Lutando para manter sua mente focada no problema atual, Phoebe olhou para Max, suplicando com os olhos — Ele não estava falando de mim. Pedi que descrevesse Lady Kline e... e ele parece pensar que ela é, er... extremamente atraente.

O visconde se iluminou consideravelmente, depois de ouvir sua resposta.

— Mesmo? — disse com interesse — Então devo insistir em conhecê-la.

Phoebe voltou sua atenção para o francês, que rosnou uma resposta.

— Minha nossa, ela pegou a diligência e está a caminho de Abbeville.

Kline bufou — Isso tudo é irrelevante, se me perguntar. O sujeito está apenas tentando extorquir mais dinheiro de mim.

Phoebe balançou a cabeça — Acho que não, diz que ela assinou o registro e o senhor é bem-vindo para vê-lo. Ela ficou aqui dois dias e partiu esta manhã.

Phoebe se voltou para o francês indignado e reuniu o máximo de

informações extras que conseguiu.

— Diz que a senhora lhe contou que o marido estava atrasado, mas pagaria as contas, assim que chegasse. Está a caminho de Paris. Ele diz que o senhor não pode perdê-la de vista.

— De fato, não vou. — disse Kline, franzindo a testa em perplexidade — O que, diabos, está acontecendo?

Phoebe não sabia explicar, não fazia ideia, mas voltou mais uma vez para falar com o francês. Ela explicou que Lady Kline havia morrido há quase dois anos e que o visconde não sabia quem era a dama em questão. Isso produziu uma avalanche de sentimentos feridos no pobre sujeito por ter sido enganado, e Phoebe virou os olhos suplicantes para Max. Não era seu trabalho resolver essa bagunça, mas ela não sabia a quem mais recorrer, já que Kline estava obviamente zangado com a situação.

— Oh, meu Deus, Max.

Max suspirou e assentiu, e ela lhe sorriu, antes de explicar que Lorde Ellisborough pagaria as dívidas da mulher.

— Digo, sobre o que ele está sorrindo? — Kline exigiu, desconfiado agora.

— Oh, eu disse a ele que Lorde Ellisborough pagaria a conta, apenas para manter a paz. — disse Phoebe com pressa — O pobre homem acabaria tendo um colapso nervoso se continuasse. Entendo que o gerente é tio dele. É um sujeito bastante severo e tiraria a quantia de seu salário.

— Bem, isso é muito gentil da sua parte, — disse Kline um pouco rigidamente, — mas posso pagar minhas próprias dívidas.

Phoebe ficou extremamente satisfeita ao ouvir isso, já que Max não deveria ter que pagar e a última vez que ouviu, Kline estava em dificuldades financeiras.

— Mas ela não é sua esposa. — Max apontou.

— Também não é a sua, por Deus. — retrucou Kline, rindo — Mas é o meu nome que está espalhando por aí. Falando em esposas, — acrescentou o visconde, um vislumbre de curiosidade em seus olhos — não vai me apresentar?

Max hesitou, e Phoebe entendeu sua dificuldade. Uma coisa era andar com sua esposa na França, entre pessoas que não os conheciam, mas o visconde Kline fazia parte do seu mundo.

— Eu sou Lady Phoebe Ellisborough. — disse, estendendo a mão para o visconde, antes que pudesse pensar muito sobre o que estava fazendo — Já nos conhecemos antes, na verdade, embora tenha sido há anos. Eu era a Srta. Barrington antes de nos casarmos.

Ela deslizou o braço pelo de Max e corou ao ver o olhar encantado em seus olhos.

— Estamos em nossa lua de mel. — acrescentou, perguntando-se como se atrevera.

— Estou vendo. — disse Kline, olhando entre eles com diversão.

Phoebe ignorou seu olhar astuto e continuou — Estávamos a caminho de

Abbeville, por acaso, mas nossa carruagem sofreu um acidente e por isso estamos presos aqui.

— Bem, isso é muito azar. — disse Kline, e ela decidiu que gostava do grandalhão despojado. Ele era ruivo e alto, na casa dos quarenta e poucos anos, e parecia ser um homem que preferia sorrir a franzir a testa — Mas há muito espaço na minha carruagem e, parece que devo ir para Abbeville, em busca de uma esposa que eu não sabia que tinha, são bem-vindos para me acompanhar.

— Oh! — disse Phoebe, bastante encantada com esta oferta — Que esplêndido, obrigada. Não é esplêndido, Max?

Ela se virou e descobriu que Max parecia um pouco menos entusiasmado com a ideia, mas sorriu educadamente.

— Esplêndido. — concordou, encontrando os olhos de Kline.

Um olhar triste passou entre os dois homens, deixando Phoebe um pouco incerta, mas pareciam amigáveis, pelo menos, e isso significava que Alvanly não poderia ficar muito à frente deles. Sem mencionar que tinham um mistério para resolver, agora.

Em suma, Phoebe achava que a jornada estava indo maravilhosamente bem e era apenas a aventura que Max desejava.



Querida Matilda,

Lamentei tanto não ter podido vê-la antes que deixasse a cidade. Voltamos para casa na próxima semana. Espero que venha me visitar. Já faz muito tempo desde a última vez que nós nos vimos no Priorado.

E devo oferecer felicitações? Ouvi dizer que Phoebe e Lorde Ellisborough se casaram. Foi tudo muito repentino, então estou desejando profundamente que tenha sido um casamento por amor e que Phoebe esteja feliz. Acredito que Ellisborough seja um homem completamente decente e de bom coração, e muito bonito também! Foi terrivelmente insensato ao escolher sua primeira esposa, que era uma criatura carrancuda e séria, mas então ele era incrivelmente jovem. Espero que façam um excelente par. Muito amor para todos.

—Trecho de uma carta para A Muito Honorável Matilda Barrington, Marquesa de Montagu, de A Muito Honorável Lady Jemima Rothborn.

9 de abril de 1827. Montreuil sur Mer, Pas-de-Calais, França.

Estava quase escuro quando chegaram a Montreuil-sur-Mer, a cerca de cinquenta quilômetros de Abbeville, e ao charmoso Hôtel du France, onde passariam a noite. Max sabia que Phoebe estava consternada por não ter viajado direto para Abbeville, mas a fictícia Lady Kline tinha a vantagem de uma manhã inteira de viagem e eles não a pegariam tão facilmente.

Max não estava no seu melhor humor e ciente de que sua má disposição era totalmente sua culpa. Foi uma jornada longa e bastante tediosa do seu ponto de vista, observando Phoebe e o Visconde Kline - ou Charlie - como ele insistiu que o chamassem, se darem bem.

O que era adequado, claramente.

Kline era um sujeito simpático e muito divertido. Apesar de sua reputação bastante terrível, não era, de fato, o libertino que pretendia ser. Max sabia, e entendia muito bem, que um casamento infeliz tinha direcionado o seu comportamento. Nos dois anos, desde a morte de sua esposa, Kline ficou sóbrio, resolveu-se e estava fazendo o seu melhor para ser respeitável. Max o

admirava por isso. Mas desejava que o visconde fosse embora e fizesse isso em outro lugar. Queria tanto ficar sozinho com Phoebe, que seus nervos estavam à flor da pele e, apesar de seus melhores esforços, sua paciência estava se esgotando. Os olhares levemente divertidos e piedosos que Kline enviava a Max, em intervalos, não faziam com que se sentisse melhor.

Chegar ao hotel, no entanto, não deu a Max o descanso que tanto desejava e, em vez disso, produziu outra situação frustrante, embora de natureza diferente. O Hôtel du France era antigo e caótico, e surpreendentemente movimentado. O que significava que, embora um belo quarto tenha sido disponibilizado imediatamente para o Conde de Ellisborough, havia apenas um disponível, não uma suíte, Max não tinha para onde escapar. Não que ele quisesse, o que era a razão de sua crescente frustração.

— Como é charmoso.

Phoebe parecia encantada com o belo quarto, com sua cama enorme e tapetes grossos. O chão estava inclinado violentamente de um lado, e o teto era baixo e grosso, com vigas pesadas, sob as quais Max era forçado a se abaixar, se não quisesse arrancar os miolos. Na verdade, não conseguia ficar de pé em nenhuma parte do quarto. Phoebe se virou para olhá-lo, enquanto ele dava gorjeta para os criados que trouxeram sua bagagem, e fechou a porta atrás deles. Ela os observou partir e soltou uma risada nervosa.

— Finalmente sozinhos. — disse ela, fracamente.

— Phoebe, — Max começou não querendo que ela tivesse medo dele — está segura comigo, minha querida. Eu nunca... nunca...

Phoebe sorriu para ele, um olhar afetuoso de diversão em seus olhos — Eu sei disso, Max.

Max franziu a testa, um pouco indignado com seu tom confiante — O que quer dizer com isso?

Phoebe sentou-se na cama e tirou o chapéu extravagante, jogando-o de lado, antes de tirar os sapatos com um suspiro de prazer.

— Quero dizer que é um cavalheiro até os ossos. Nunca sonharia em...

— Fugir para a França com uma jovem com quem não sou casado? — sugeriu secamente.

Phoebe olhou para cima, uma carranca criando vincos no espaço entre suas sobrancelhas — Oh, mas, Max, a culpa foi toda minha. Nunca faria algo tão... tão imprudente se não fosse por mim. Sei o quanto de problemas eu trouxe e sinto muito por isso.

— Eu não sinto.

Ela piscou, parecendo bastante surpresa — Não sente?

Max sentou-se, cansado de ficar de pé, com a cabeça torta para um lado.

— Não. — disse, decidindo que já estava cansado de ser considerado um homem totalmente sensato e seguro, que não ofereceria nenhum risco ao ficar sozinho com uma dama — Por favor, venha aqui.

Phoebe ficou um pouco tensa, dando-lhe um olhar duvidoso, percebendo a tensão em sua voz e a intensidade de sua demanda.

— Por quê?
— Porque desejo continuar nossa conversa.
— Oh! — Phoebe lhe deu um olhar ponderado e lambeu os lábios, e todo o seu corpo ficou tenso — N-Não pode fazer isso de onde está?
— Não. Está muito longe.
— Oh.
— A menos que prefira ficar bem longe daqui, mas então não consigo beijá-la.

Phoebe ficou vermelha como um nascer do sol, e Max sentiu um desejo profundo, quase doloroso. Havia realmente dito o que disse. Estava segura com ele, mas Max não queria que ela se sentisse assim. Estava segura porque era um cavalheiro, porque não aceitava o que não era dado livremente, não porque não a quisesse. No entanto, queria que ela sentisse que estava sozinha em um quarto com um homem que desejava ser seu amante, de quem Phoebe desejaria ser amante, então não, não era nada seguro.

Ela deslizou para o chão, com um suave farfalhar de saias e cruzou o cômodo, mas, próximo do lugar onde ele estava sentado, hesitou. Max estendeu a mão e ela aceitou, entrelaçando os dedos nas mãos dele.

— Falou que foi um choque agradável. — disse, puxando-a para mais perto.

Phoebe assentiu, sua respiração vindo rápida.

— Então estou dando um aviso justo, amor.

Ele levantou a mão para que ela a pegasse e a puxou para o seu colo, fazendo com que Phoebe desse um gritinho e suas saias se agitassem. Elas flutuaram ao seu redor quando se sentou, seu lindo traseiro aconchegado perfeitamente em seu colo.

— Max! — exclamou, olhando para ele com os olhos arregalados.

— O que, amor?

— Bem, eu... eu não esperava...

— Deseja se levantar?

Ela o encarou, sacudindo a cabeça, e Max sorriu.

— Não precisa parecer tão convencido. — retrucou, embora o riso brilhasse em seus olhos.

— Ah, não preciso? Depois de passar a tarde toda ouvindo-a tagarelar com Kline alegremente sobre tudo o que está ao sol, quando o que mais queria era tê-la só para mim.

Um sorriso se curvou sobre sua boca exuberante enquanto o olhava.

— Estava com ciúmes, Max?

— É claro que eu estava com ciúmes. — resmungou — Tenho ciúmes de todos os homens que tiveram sua atenção por meses, se quer saber. Eu... Eu estava começando a ficar desesperado.

Max não conseguia ler a expressão dela, mas Phoebe parecia pensativa, como se só o estivesse vendo agora pela primeira vez. Talvez estivesse, ele percebeu.

— Eu fui muito tola. — disse, suavemente — E realmente não entendo por que ... porque eu não... oh, Max, por favor, me beije.

Max certamente não precisava ouvir o pedido uma segunda vez, então pressionou os lábios nos dela. Deus, esperara por isso por tanto tempo, queria muito, e não ficou desapontado. Seus lábios eram suaves e doces e tão... tão... perfeitos. Ele recuou, não queria sobrecarregá-la ou assustá-la e tinha consciência de que Phoebe estava tremendo. Seus olhos se abriram, escuros com desejo, suaves e nebulosos, e Max queria gritar de triunfo, de alegria, com um alívio tão vertiginoso, que mal conseguia respirar. Ela tocou seus próprios lábios, olhando para ele de maneira admirada.

— Oh, Max! — disse, seu nome, um som sussurrado, que fez todo o seu corpo formigar com antecipação — Faça de novo.

E então jogou os braços em volta do pescoço dele e o beijou, intensamente, se contorcendo em seu colo, para se aproximar.

Por um momento, Max não conseguiu reagir a nada, até perceber que ela estava desabotoando os botões do seu colete. Ele interrompeu o beijo por tempo suficiente para dizer o nome dela, antes que seus lábios estivessem nos dele novamente.

— Phoe... Phoebe... amor...

Era impossível. Phoebe era como mercúrio em seus braços. Max gemeu quando ela se moveu rápido e, antes que percebesse, estava sentada com as pernas escarranchadas no colo dele, puxando sua gravata.

— Phoebe, pare, pare!

Ela ficou imóvel, respirando com dificuldade e olhando para ele, sem entender.

— Parar? — repetiu, parecendo totalmente perplexa — Por quê?

Max deu uma risada um pouco aguda — Amor, não somos casados.

— Oh! — ela disse, e então ficou intensamente corada, o que deixou sua pele, pálida, bastante colorida, e antes que ele tornasse a falar, saiu de seu colo. — M-Max! — começou, parecendo totalmente mortificada — Peço que me perdoe. Eu... eu presumi que... que quisesse se casar comigo. Eu...

Sua voz falhou e ela girou com um soluço, dando-lhe as costas.

Meu Deus. Realmente achava que ele não queria se casar com ela? Era uma mulher insana?

— Phoebe! — disse, levantando-se com um salto — Cristo!

Uma dor aguda e intensa atravessou sua cabeça quando ele bateu em uma das vigas baixas.

— Max! — Phoebe correu até ele, seus lindos olhos cheios de lágrimas, seu rosto, a imagem da preocupação — Oh, Max, pobrezinho. Sente-se de novo. Vou buscar um pano frio e...

Antes que ela pudesse desaparecer e fazer qualquer coisa do tipo, Max sentou-se novamente, puxando-a com ele, mais uma vez.

— Oh! — ela exclamou enquanto se sentava pesadamente e suas saias se estufaram — Eu gostaria que parasse de fazer isso.

— Gostaria? — rosnou, acariciando sua bochecha e virando seu rosto para olhar para ele.

— N-Não, na verdade não. — admitiu timidamente.

Max riu — Phoebe, sua tolinha. Como pode pensar por um momento que não quero que nos casemos? É tudo com que tenho sonhado desde... Deus, desde sempre, ao que parece. Não sabe que estou desesperadamente e irremediavelmente apaixonado?

Ela sorriu para ele de tal jeito que Max teve certeza de que seu coração tremera.

— De verdade?

— Verdadeiramente, loucamente, com todo o meu coração.

Ela piscou para ele e depois franziu a testa — Bem, então por que me fez parar de beijá-lo? — exigiu, um pouco indignada — De verdade, Max. Não é de admirar que eu tenha ficado confusa. Normalmente, quando alguns sujeitos querem falar de casamento, beijar é tudo no que eles conseguem pensar.

Max sentiu uma onda de ciúme tão forte, que expulsou o bom senso pela janela.

— E que sujeitos são esses? — exigiu saber.

Phoebe mordeu o lábio e deu-lhe um olhar de soslaio.

— Realmente está com ciúmes. — murmurou, como se isso fosse uma revelação.

Max jogou sua cabeça para trás, contra a cadeira, e fechou os olhos com um gemido — Eu estou. Estou. Que Deus me perdoe.

Ela se mexeu em seu colo e Max ficou parado, enquanto um desejo zumbia por seu corpo. Suas mãos macias acariciaram seu rosto, seu pescoço e ele abriu os olhos novamente e encontrou Phoebe o olhando.

— Na verdade, não me fez o pedido, Max. O pedido de casamento, quero dizer.

Sorriu para ela — Parece que eu nunca tive a oportunidade de amar, e... bem, para ser honesto, não tinha certeza se queria que eu a pedisse adequadamente. Não tinha certeza se, de fato, queria que eu fizesse o pedido.

— Eu quero que me peça, Max.

— E quando eu fizer isso, qual será a sua resposta?

Ela deu um pequeno ressoar, e beijou sua testa, depois seu nariz e então sua boca, de maneira suave, demorada, e Max teria a mantido ali, se não quisesse tanto ouvir a resposta.

— Sim. — sussurrou — Sim, por favor.

— Graças a Deus! — disse, puxando-a para mais perto.

Beijar Max foi uma experiência bastante chocante. Quaisquer beijos que ela tivesse tido antes eram... bem, agradáveis o suficiente, mas não gratificantes. Aqueles beijos foram suaves, úmidos e decepcionantes.

Beijar Max era como... como ferver sobre um fogo baixo, exceto que o fogo parecia queimar cada vez mais quente a cada toque de seus lábios, até

que ela estivesse completamente em chamas, suas entranhas derretidas e líquidas e sua carne pegando fogo, queimando com a necessidade de ser tocada por ele. Sua língua buscou e ganhou espaço e deslizou ao lado da dela, entrelaçando-se e acariciando, enquanto suas grandes mãos também acariciavam, subindo e descendo pela coluna de Phoebe. Ela tremia de necessidade, com o desejo de mais. Graças a sua mãe e Helena, estava longe de ser ignorante sobre o que se passava entre homens e mulheres, no entanto, mesmo possuindo este conhecimento, a situação nunca fez tanto sentido para ela, até aquele momento. Até este momento, não entendia muito bem como as pessoas se envolviam em situações complicadas, quando poderiam simplesmente ter parado...

Exceto que a ideia de parar era impossível, e agora tudo ficara ofuscantemente claro.

Queria Max, queria sentir sua pele sobre a dela, sentir o peso de seu grande corpo pressionando-a para baixo. Um sentimento intenso de desejo cresceu dentro dela, ao mesmo tempo agradável e atormentador, uma necessidade clamorosa por ele, um vazio interior, que clamava por ser preenchido, que Max a completasse, que completasse aos dois.

— Max, oh, Max! — gemeu, puxando suas saias para fora do caminho e escalando sobre ele, montando em suas pernas.

— Phoebe, querida, espere... não... Oh, Deus!

Phoebe, ao se sentar, percebeu o quanto os dois se encaixavam perfeitamente, proporcionando-lhe uma sensação de prazer puro. Embora tivesse ficado presa entre uma camada de anáguas por baixo dela e por cima de todas as roupas dele, podia sentir claramente o desejo de Max, exatamente onde precisava tanto.

Phoebe olhou para ele com uma mistura de prazer e choque.

— Deus do céu!

— Não se mexa. — ele comandou, sua voz soando estranha e bastante abafada.

Embora seus ouvidos captassem as palavras, elas não pareciam se conectar ao seu cérebro e Phoebe agia totalmente por instinto agora. Seu instinto mandando que se aproximasse mais.

Max gemeu, as mãos apertando os quadris de Phoebe e segurando-a parada.

— Não. Se. Mexa. — parecia bastante perturbado agora.

— M-Mas eu quero. — Phoebe protestou — Não me quer também?

— Santo Deus, sim! — exclamou — Mas ainda não estamos casados e estou condenado, se tiver que enfrentar seu pai, se estiver solteira e... e deflorada!

— Oh, Max! — disse Phoebe, sorrindo para ele e suspirando — É tão engraçado.

— Hilário. — murmurou, deslizando-a do colo, enquanto se levantava e estalava a cabeça na viga, pela segunda vez — Maldição!

— Oh, Deus do céu! Max, realmente deveria se deitar na cama. Acredito que conseguirá uma concussão se continuar fazendo isso.

Ela o observava cautelosamente enquanto ele agarrava a cabeça. Max respirou fundo e Phoebe teve a forte sensação de que estava contando até dez, ou possivelmente mil.

— Está tudo bem?

— Perfeitamente bem.

Houve um silêncio tenso.

— Eu realmente acho...

— Phoebe, se me pedir para irmos para a cama de novo, não serei responsável pelas consequências.

Phoebe ponderou sobre essa afirmação.

— Oh, não se atreva. — disse ele, embora estivesse rindo agora.

— Bem, — disse, aproximando-se para alcançar a mão dele — Não deveria me desafiar. Sabe disso, não sabe?

Max fez um som divertido, e ela observou quando enfiou a mão no bolso e retirou um pedaço de papel. Estava velho, amassado e a escrita muito desbotada. Entregou a ela.

— O que é isso? *Faça algo fora do seu caráter.* — leu em voz alta — Max?

— É um desafio daquele chapéu.

— O chapéu? Ah! Pegou um? — Phoebe teve que admitir que ficara chocada por ele fazer tal coisa.

Ele assentiu, um olhar um pouco cauteloso em seus olhos — Disse-me que eu nunca faria tal coisa e... e fiquei bastante magoado por me considerar um sujeito tão covarde.

— Então pegou um desafio. — disse suavemente, seu coração doendo ao perceber quantas vezes devia tê-lo magoado com sua indiferença. A escrita estava borrada e ela a colocou cuidadosamente de volta no bolso dele — É por isso que veio aqui.

— Apenas em parte. Eu... Eu só queria que me notasse, Phoebe. Não me importava com o que tivesse que fazer para conseguir isso.

Phoebe piscou com força — Sinto muito por... por não...

Ele balançou a cabeça e pressionou um dedo nos lábios dela — Não precisa pedir desculpas.

Ela tirou a mão dele e a colocou em sua bochecha, beijando a palma, com ternura.

— Eu o notei, agora. — diss, um pouco travessa.

— É um milagre. — ele respondeu, sorrindo — E suspeito que tenha uma concussão, e é provável que me mate antes que isso acabe, mas não me importo. Só me importo em tratá-la bem, meu amor. Esperei por tanto tempo...

Phoebe franziu a testa, bastante descontente com essa atitude. Afinal, eles se casariam. Apenas não hoje.

Ele notou sua carranca e tocou-lhe o queixo, levantando o rosto para o dele e dando um beijo leve e afetuoso em sua boca. Phoebe suspirou quando Max a soltou.

— Não tem ideia de como meu pobre ego foi apaziguado pelo seu descontentamento, Srta. Barrington. — murmurou — No entanto, poderíamos resolver nossos dois problemas e nos casar imediatamente.

Por um momento, o coração de Phoebe pulou com a ideia. Poderiam se casar na França e...

Ela balançou a cabeça.

— Não posso. — disse, com tristeza. — Eu gostaria muito, mas... Não, Max. Devo me casar na Capela de Dern, se... se não se importar muito. Papai e mamãe ficariam muito desapontados. Ah, e meus irmãos, e Pippin e...

— Está tudo bem. Vou esperar. Vou esperar o tempo que quiser, mas não posso fingir que não ficarei impaciente para torná-la minha.

Um calor a inundou, o prazer que ela tirou de suas palavras a fazendo suspirar, feliz.

— É um homem maravilhoso, não é?

Max revirou os olhos — Bem, não gosto de dizer que avisei.

Phoebe riu e depois gritou quando ele a levantou em seus braços.

— Cuidado com a cabeça! — gritou, e Max se abaixou, bem a tempo de evitar outra viga.

Colocando-a com cuidado na cama, se inclinou e deu um beijo leve em sua boca — Mandarei uma criada para ajudar a prepará-la para a cama.

— Ah, mas aonde vai? — protestou.

— Dar uma caminhada. — disse, com tristeza — Uma caminhada muito, muito longa.



Querido diário,

Eu juro solenemente que se meu irmão e seu amigo detestável roubarem meu diário novamente, não terei escolha a não ser buscar vingança. Eles deveriam entender melhor que minha ira é uma coisa terrível e que é melhor evitá-la.

Cassius Cadogan, está avisado!

— Trecho de uma anotação de Lady Elizabeth Adolphus em seu diário.

10 de abril de 1827. Montreuil sur Mer, Pas-de-Calais, França.

Mesmo tendo se preparado para essa avalanche de emoções, e entendendo o aviso de Phoebe, de que tinha escolhido a roupa mais respeitável na manhã anterior, Max ainda ficara boquiaberto como um tolo quando ela desceu para o café da manhã.

— Santa Mãe. — disse o Visconde Kline em um tom de admiração sem fôlego, pelo qual Max queria chutá-lo.

Poderia ter feito isso, se tivesse sido capaz de arrancar os olhos de Phoebe. Como antes, o resto do hotel parecia igualmente afetado. Estava descendo as escadas, desta vez vestindo um traje notável, em azul-cobalto, com detalhes na cor verde, lembrando o mar Mediterrâneo e os papagaios. Era o chapéu extravagante e a quantidade excessiva de penas que faziam isso, ele tinha certeza. Quando chegou ao pé da escada, três jovens dândis a avistaram e estavam esperando que Phoebe tocasse seu delicado pé no chão para se aproximarem.

Max se preparou para o impacto.

O primeiro tolo correu até ela, brandindo um lenço de renda e, embora Max não pudesse entender nem ouvir o que fora dito, tinha certeza de que o sujeito estava fingindo que o havia encontrado e estava perguntando se era dela. Phoebe lançou ao jovem um olhar curioso, tão ciente quanto Max de que o lenço pertencia ao próprio jovem. Essa fora a tática que o sujeito usara para conseguir falar com ela, também rapidamente adotada pelos outros dois, e, agora, três lenços de renda estavam sendo brandidos em seu rosto.

Max observou com diversão, quando Phoebe pacientemente mostrou o seu, sorrindo e passando por eles. Os três jovens imediatamente começaram a discutir, sem dúvida, sobre qual deles estragara seu plano perfeitamente sólido e acabara com suas chances.

— Ela cria esse alvoroço por onde passa? — Kline perguntou, dando a Max um olhar levemente piedoso.

— Sim.

— É isso. — disse Kline, com um suspiro pesado — Da próxima vez, vou me casar com uma garota tranquila, modesta e simples. Do tipo que gosta de livros e de ficar em casa, e não suporta moda e festas. Eu tive muita emoção por uma vida. Não que acredite que Lady Ellisborough seja um pouco como a, presumivelmente, falecida Lady Kline. — disse rapidamente, parecendo horrorizado, para que Max não se ofendesse. — É apenas que, quando até mesmo as mulheres de natureza mais doce se parecem com isso, atraem problemas, sem culpa própria. Os homens agem como imbecis quando ficam a uma milha de distância delas. É como... como...

— Como se perguntar quando e onde a próxima bomba explodirá. — Max forneceu prestativamente.

— Isso mesmo. — Kline o olhou com uma carranca pensativa — O senhor gosta de coisas que explodem, não é mesmo?

Max não pôde deixar de rir — Estou começando a acreditar que sim.

Kline sorriu para ele — Sabe, parece bem desgastado, meu velho.

Max se recusou a comentar, tendo passado uma noite agitada em uma cadeira, bastante consciente de sua noiva confortavelmente aconchegada na cama espaçosa, a menos de três metros de distância dele.

— Sinto muito pelo atraso. — Phoebe disse quando eles se levantaram — Perdi o café da manhã?

— É claro que não. — Max disse, enlaçando o braço dela no dele — Como se eu fosse deixá-la passar fome.

Phoebe riu.

— Seria uma má ideia se fôssemos dividir uma carruagem. — disse com um sorriso, antes de sussurrar alto para o Visconde Kline — Sou terrível quando estou com fome.

— Pavorosa. — Max concordou cordialmente, puxando uma cadeira para ela — O que fez que demorou tanto? — perguntou em voz baixa.

— Não posso dizer. — ela murmurou, com uma pequena fungada — Mas posso dizer que encontrei mais fitas, e estas são rosa.

Max gemeu.

10 de abril de 1827. Dern, Sevenoaks, Kent.

Lucian olhava pela janela da biblioteca, seu estômago estava atado em nós. Pippin pegou Matilda rapidamente, assim que chegaram, e ele não conseguira respirar desde então. Tudo ficaria bem, disse a si mesmo. Estava se preocupando à toa. Pippin cuidaria disso, o que quer que fosse. Ainda assim, seu peito estava apertado de medo e seu coração batia forte. Lá fora, podia ver Philip e Thomas caminhando com seu tutor. O Sr. Evans acreditava que o ar fresco era bom para a mente e o espírito, e regularmente os levava para caminhar, enquanto discutiam as lições da manhã. Philip estava ouvindo com uma séria carranca de concentração, enquanto Thomas ficava para trás, brandindo uma vara como uma espada e atacando árvores e, ocasionalmente,

um arbusto de rosas em seu caminho. Lucian sentiu seu coração apertar com a ideia de ter que dizer a eles que sua adorada mãe estava doente.

Não.

Não, não, não.

— Por favor, Deus. — suplicou em voz alta — Sei que é improvável que eu seja uma das suas pessoas favoritas, mas, por favor, não a tire de mim. Posso melhorar. Serei uma pessoa melhor. Apenas deixe-a ficar bem. Por favor.

Uma batida na porta o assustou tanto, que quase saiu de sua pele, correu para abri-la, dando a Denton um susto tão grande, que o pobre homem deu um passo para trás, amedrontado.

— A Sra. Appleton diz que pode subir agora, milorde. — disse Denton, com os olhos cheios de simpatia e preocupação, pois devia saber o porquê voltaram.

Lucian assentiu, mas descobriu que não conseguia se mover, sua mão ainda segurava a maçaneta da porta. Ele respirou fundo. — Pippin... ela disse...?

— Não, milorde.

Lucian engoliu em seco.

— Lady Montagu espera pelo senhor. — disse Denton com a voz baixa e gentil.

Isso, se nada mais, o fez se mexer. O que quer que fosse, Matilda provavelmente já sabia, e ele não seria covarde a ponto de permitir que ela enfrentasse isso sozinha. Sentindo-se como um homem subindo os degraus para a execução, em Tyburn, ele se forçou a subi-las e foi para o quarto de Matilda, batendo suavemente na porta.

— Entre. — disse a voz de Pippin do interior do aposento.

Lucian hesitou, tentando ao máximo enterrar seu medo, para que Matilda soubesse que poderia confiar nele, que o que quer que fosse enfrentar, enfrentariam juntos. Abriu a porta e entrou. Seu coração despencou quando viu Matilda encolhida na cama e chorando. Lucian correu até ela e a puxou para os braços.

— Meu amor, meu amor. — disse, desesperado para consertar as coisas, para lutar contra o que quer que fosse que ela tivesse que enfrentar — Seja o que for, nós iremos resolver, encontraremos uma cura. Podemos ir para o exterior. Li sobre um médico na França que está fazendo coisas maravilhosas e...

— Oh, bom Deus, eu poderia bater as cabeças dos dois! — Pippin gritou, interrompendo-o.

Lucian olhou ao redor, confuso. Como Pippin poderia falar tão insensivelmente quando Matilda estava angustiada? Mas, olhando para baixo, viu que sua esposa estava de fato chorando, mas também estava rindo, seu corpo delgado tremendo de tanto rir.

— Oh, Lucian. — ela disse, estendendo a mão para tocar seu rosto — Oh, meu pobre querido. Sinto muito por tê-lo assustado tanto.

— Não está... Não está doente. — ele sussurrou, quase sem ousar ter esperança.

Matilda balançou a cabeça — Não, meu amor. Não estou doente.

— E a senhora, — Pippin repreendeu Matilda, balançando a cabeça tristemente — com dois filhos nascidos e sem saber que está esperando de novo. Eu me desespero.

— Mas Pippin, me disse até mesmo que eu não poderia mais engravidar. — Matilda se opôs.

— Eu não disse isso, milady. — retrucou Pippin, cruzando os braços — Disse que suas chances eram muito pequenas, mas, se bebesse o chá, três vezes ao dia, e fosse paciente, poderia ser surpreendida, e assim aconteceu.

Lucian olhou entre elas, ainda incapaz de respirar — Um bebê?

Matilda olhou para ele e deu um sorriso acuado — Sim, Lucian, não é maravilhoso?

Ele não conseguia falar, muitas emoções atormentavam seu pobre coração de uma vez. Tudo que conseguia fazer era puxar Matilda para seus braços e segurá-la firme, enterrando seu rosto em seu cabelo e concentrando-se em respirar. Quando se recompôs o suficiente para falar, ele se voltou para Pippin.

— E está tudo...?

— Tudo está como deveria estar, não se preocupe. — disse Pippin gentilmente.

— Mas ela não é um pouco...

— Lucian Barrington, se a próxima palavra que sair da sua boca for velha, vou agredi-lo. — disse Matilda indignada.

Lucian fechou a boca, enviando a Pippin uma expressão de súplica. A mulher pigarreou, a boca se contraindo um pouco — Sua senhora está em forma, forte, e com excelente saúde, milorde. Certamente não é incomum e não há necessidade de se preocupar excessivamente. Vou cuidar bem dela, e se ela fizer o que eu mandar e descansar, como seu corpo está pedindo, ficará bem.

— Ela vai. — Lucian disse de maneira assertiva, dando a Matilda um olhar de advertência.

— Oh, por Deus, Pippin. Agora não serei capaz de levantar um dedo por meses. — resmungou Matilda, olhando para ele, apreensiva.

— Não. — ele concordou, lutando contra o desejo de insistir que ela não saísse de seu quarto novamente, até que a criança nascesse em segurança — Certamente não, e direi a seus filhos para tratá-la com mais delicadeza também.

— Oh, Lucian. — ela protestou, mas ele apenas balançou a cabeça e Matilda suspirou — Sim, milorde. — disse humildemente — Se fará com que não se preocupe.

— Nada fará com que eu pare de me preocupar. — disse firmemente, ainda pulsando com a tensão, vibrando de aflição que não esperava que o deixasse, até que a criança nascesse, e tanto o bebê quanto sua mãe estivessem seguros

e bem.

— Pippin acha que é uma menina. — disse Matilda, apertando fortemente a mão dele — Ela diz que é por isso que me sinto diferente. Não tão enjoada como com os meninos. Isso não é maravilhoso?

Lucian assentiu. Não conseguia falar. Estava tão orgulhoso de seus filhos e de sua esposa, por ter fornecido os herdeiros de que precisava, mas, embora soubesse que estava pedindo demais quando foi tão abençoado com Phoebe, desejava muito uma menininha. Uma menina de olhos azuis, no tom centáurea-azul, uma imagem de sua linda mãe.

— Muito bem, então, milorde, pode sair e deixar sua esposa descansar um pouco, depois de toda essa perturbação. — disse Pippin, gesticulando para que ele saísse — Ela está exausta por causa disso, e, de alguma forma, sei que o senhor também estava preocupado. O senhor perdeu peso, pelo que estou vendo. Então, vamos deixá-la descansar e tirar um bom cochilo, e pedirei a cozinheira que traga chá e biscoitos. Não que sejam tão bons quanto os meus, já pedi repetidas vezes para que ela adicionasse mais gengibre.

— Ninguém os faz do seu jeito, Pippin. — ele disse, dando à velha um olhar afetuoso, antes de virar para Matilda — Descanse então, meu amor, e nos vemos mais tarde.

Matilda assentiu e sorriu para ele com tanta adoração que Lucian não resistiu e roubou-lhe um beijo.

— Não demore muito. — ela sussurrou, enquanto ele se afastava, Lucian riu e beijou seu nariz.

— Não. Decerto que não.

Relutantemente, saiu da cama, parando para olhar para sua linda esposa e agradecer a Deus por lhe permitir mais uma bênção em sua vida. *Farei melhor*, ele prometeu em silêncio, e deixou o quarto.

— Isso é excelente. — pensou o Visconde Kline, tomando outro gole do vinho.

Chegaram a Abbeville a tempo e pediram uma refeição leve, para se fortalecerem para o desafio que os aguardava. Kline, em perseguição a sua esposa, que na verdade não era esposa, enquanto Phoebe e Max continuavam à procura do Barão Alvanly.

— É bom. — Max concordou, olhando para Kline — Tem conhecimento sobre vinhos?

Kline devolveu um sorriso bastante torto — Mais do que deveria, temo. A verdade é que estou aqui em uma viagem de negócios, e ficaria grato se pudermos guardar isso para si. Não podemos deixar a *ton* saber que fui reduzido a trabalhar para viver, podemos?

— Que tipo de negócio? — Phoebe perguntou com interesse.

Kline segurou a taça contra a luz, admirando a cor do vinho, enquanto o inclinava para trás e para frente — Estou trabalhando para Gabriel Knight. Ele está ganhando muito dinheiro com importação de vinho, mas, com todos os

seus outros interesses, não tem tempo para perder buscando novos fornecedores. Conversamos sobre o assunto, uma noite, e ele ficou, er... impressionado com a profundidade do meu conhecimento.

Deu uma risadinha autodepreciativa. Todos sabiam que tinha uma reputação de beber e jogar, e muitos outros vícios. Qualquer coisa que o mantivesse longe de Lady Kline.

— Eu preciso encher meus cofres desesperadamente, e essa parece uma maneira satisfatória de fazer isso.

Max olhou para ele, de forma avaliativa — De fato, é. Estive pensando em reabastecer as adegas de Ellisborough. Posso contar com o senhor?

— De certo que sim. — respondeu Kline, com um sorriso satisfeito — Knight ficará emocionado ao saber que consegui para ele um cliente tão importante.

— Excelente. — disse Max com um aceno satisfeito — Bem, então, Phoebe. Está pronta?

Phoebe assentiu e Kline se levantou ao mesmo tempo que ela, estendendo-lhe a mão. Levou os dedos dela aos lábios e os beijou gentilmente.

— Foi um prazer conhecê-la, Lady Ellisborough. E se sua carruagem e cocheiro não aparecerem, procurem por mim. Ficaria encantado em continuar a viagem para Paris em sua companhia.

Max fez um som que poderia ter sido tomado como agradecimento, mas Kline sabia que era mais como um *não, se eu pudesse evitar*.

— Obrigada, Charlie. — disse Phoebe — Foi um prazer passar um tempo com o senhor. Espero vê-lo novamente, em breve, e boa sorte, na busca por Lady Kline.

O visconde riu — Ah, sim, minha esposa fictícia. Mal posso esperar para conhecê-la.

Max guiou Phoebe para a saída do hotel e parou nos degraus do lado de fora, quando notou sua carranca.

— O que foi?

— Oh, nada. — disse Phoebe, balançando a cabeça — É bobagem, na verdade. Só que, toda vez que ele fala de sua esposa fictícia, sinto uma pontada na consciência. Afinal, é isso que eu sou.

Max cobriu a mão que descansava em seu braço — Não por muito mais tempo, minha querida.

— Não. — suspirou — Assim que tivermos esse maldito quadro em nossas mãos, podemos voltar para casa.

— Poderíamos ir para casa, de qualquer maneira. — sugeriu Max, ansioso demais para se casar com ela e começar sua vida juntos, para se importar com um quadro roubado de outra pessoa. Afinal, a Sra. Manning poderia se dar ao luxo de perder uma dúzia desses quadros.

— Max! — Phoebe disse, com os olhos arregalados de choque — E deixá-lo se safar com isso? Acho que não.

Max franziu a testa, imaginando o que exatamente Phoebe esperava

conseguir.

— O que quer dizer? Mesmo se o encontrarmos, a única coisa que posso fazer é tentar pegar o quadro de volta, e duvido que ele dê de bom grado. Não está esperando que eu o transporte de volta para a Inglaterra acorrentado, não é mesmo?

Sentiu um tremor de alarme com o lampejo de irritação nos olhos dela.

— Claro que não. Não quero ele preso ou qualquer coisa do tipo. Entendo que Alvanly esteja desesperado, mas a culpa é dele por ser tão imprudente, e não pode simplesmente sair por aí roubando coisas. Mais do que isso, ele me enganou, Max, e ainda estou extremamente irritada por isso. — deu-lhe um olhar avaliador, que fez com que o tremor parecesse semelhante a um terremoto.

— E o que quer dizer com a única coisa que pode fazer é tentar pegar o quadro de volta? Estamos juntos nesta aventura, Max. Vou ajudá-lo a recuperar o quadro.

— Oh, não.

Uma onda de medo se abateu sobre ele enquanto contemplava a possibilidade de Phoebe estar na mesma sala que o cretino que a amarrrou e amordaçou, a deixando indefesa. Seus instintos protetores vieram à tona, com muita intensidade para que escutasse a voz de alerta, sugerindo que Max deveria proceder com cuidado, deveria considerar com quem estava falando.

— Pode me ajudar a encontrar o canalha, mas isso é tudo. Assim que souber onde ele está, lidarei com Alvanly pessoalmente, e esperará que eu volte.



Phoebe olhou para Max, magoada e consternada com suas palavras. Esta deveria ser uma aventura compartilhada, pelo menos tinha compreendido a situação como tal. Embora o desafio que ele havia pegado pudesse tê-lo estimulado, Phoebe sabia que Max tinha vindo nesta jornada para protegê-la, e apreciava seus instintos. Era um homem sinceramente bom, Phoebe também acreditava que ele confiava nela, que Max percebera que não era uma tola, mesmo que tivesse permitido que Alvanly a tratasse como uma. Descobrir agora que ele pretendia forçá-la a ficar para trás, enquanto encarava o barão e recuperava o quadro sozinho...

Ah, não.

Phoebe considerou como seria sua vida, se Max insistisse que ela deveria ficar em casa, em vez de fazer o que achava ser certo, e seu coração doeu. Se era isso que ele esperava dela, estava condenado à decepção. Ela seria uma fonte constante de irritação, e ele logo se arrependeria do casamento. Phoebe sabia muito bem que tinha sido uma criança mimada e indulgente e que tivera muita liberdade. Também sabia que deveria crescer e assumir mais responsabilidade por suas ações. Que era obstinada e impulsiva, era algo que ela aceitava, e pretendia ser totalmente melhor, não ser tão imprudente, mas não estava tão inconsciente de sua própria natureza, para acreditar que poderia

ser totalmente contida. A ideia de que Max poderia esperar que ela se comportasse como a maioria dos outros homens queriam que suas esposas agissem era esmagadora. Estava bastante determinada a não o envergonhar ou perturbá-lo, mas ser deixada de lado... ser instruída a ficar em casa como uma boa menina, enquanto ele resolvia as coisas...

Oh, Max.

Phoebe viu Max se preparar, sem dúvida esperando sua resposta indignada às suas palavras, mas Phoebe só sentia tristeza e não disse nada. Ontem à noite, quando se beijaram, pareceu tão certo... tão perfeito e maravilhoso, e estava cheia de alegria por ter descoberto o que seus pais haviam encontrado um no outro. Finalmente entendera todos aqueles olhares secretos e ansiosos e as pequenas carícias que trocavam quando acreditavam que não eram observados. Agora, porém, sua certeza vacilara e todas as suas dúvidas retornaram de uma vez.

— Phoebe, querida, por favor, não fique tão desapontada. Certamente não esperava desafiar Alvanly para um duelo ou roubar o quadro dele, sob a mira de uma arma?

— Claro que não! Não sou uma criança boba, Max. — Phoebe retrucou, engolindo a dor de suas palavras.

— Eu nunca disse que era. — Max respondeu, soando um pouco impaciente — Mas, que tipo de marido eu seria ao permitir que confrontasse um homem que a enganou para participar de um crime e depois a deixou amordaçada e amarrada? Por favor, meu amor. Deixe-me lidar com isso e ver o que pode ser feito, depois vou levá-la a Paris e teremos um tempo muito agradável e prazeroso. O que me diz?

Phoebe respirou fundo e forçou um sorriso. Não queria discutir com ele, pelo menos não aqui na rua.

— Isso parece encantador. — disse, embora não houvesse entusiasmo em suas palavras.

Parecia encantador, só que agora sentia que Max estaria lá - não como seu amigo, seu amante, compartilhando a emoção e a aventura com ela - mas como seu acompanhante, garantindo que não se machucasse. Seu pai sempre a protegera e a fizera se sentir segura, mas ele também confiava nela. Ele a ouvia e a incluía em seus planos, e até aceitava seus conselhos.

— Agora, então, — disse Max — acho que deveríamos descobrir onde a diligência deixa seus passageiros. Se Alvanly está sendo discreto, pode muito bem ter viajado por esse caminho. Talvez alguém se lembre dele.

Phoebe assentiu, apenas metade presente — Sim, embora tenha usado seu nome verdadeiro em Bolonha e, se tiver usado a diligência, pode ter permanecido a bordo e ido diretamente para Paris. Pode ter ido durante a noite, sabe?

— É verdade, mas devemos começar por algum lugar. A menos que tenha uma sugestão melhor?

Max olhou-a seriamente, Phoebe sabia que estava tentando se desculpar,

consciente de que ela havia se calado, mas estava distraída demais para pensar em uma alternativa melhor, se houvesse uma. Sua felicidade havia diminuído, e não conseguia decidir se era culpa dela, por ter expectativas irrealistas sobre ele, ou de Max por ter pouca fé nela.

Talvez ambos fossem os culpados.

De qualquer forma, Phoebe não ficou surpresa quando ele encontrou a movimentada estalagem onde a diligência parara e a sentou em um canto tranquilo, enquanto fazia as perguntas. Muito desanimada para protestar, se sentou humildemente, sem um murmúrio de reclamação, e se perguntou o que, diabos, deveria fazer.

Phoebe estava tão perdida em seus próprios pensamentos que, inicialmente, não prestou atenção quando ouviu uma explosão vibrante de risada feminina, e somente quando um flash de seda rosa vívido chamou sua atenção, olhou para cima. Uma mulher deslumbrante, vestida em um estilo tão extravagante quanto a própria Phoebe, e com uma abundância de cachos vermelhos, caídos de maneira desordenada, estava saindo do pátio, com um fluxo de jovens homens atrás dela. Carregavam uma variedade de baús e caixas de chapéus entre eles, lutando sob o volume e o peso do conteúdo.

— *Mais*, Viscondessa Kline. — protestou um homem, acenando com um pedaço de papel e correndo atrás dela.

— Guardamos sua bagagem até que pudesse vir buscá-la como pediu, mas agora a madame deve pagar sua conta, *maintenant, s'il vous plaît!*

Aquela risada perversa e exuberante veio novamente, desaparecendo quando a mulher dobrou na esquina.

— Ah, mas meu marido vai lidar com isso quando chegar. — disse a senhora, o último lampejo cor de rosa do tecido de seda chamava a atenção de tal maneira que, quando ela saiu do pátio, o lugar pareceu muito mais monótono.

Lady Kline!

Phoebe se levantou e olhou ao redor, à procura de Max. Ele não estava em lugar nenhum e... e... ela não tinha tempo de procurá-lo. Havia descoberto Lady Kline e resolveria esse mistério sozinha, pelo menos. Não seria obrigada a ficar sentada em um canto como uma boa garotinha, enquanto Max fazia tudo por ela. Phoebe agarrou um dos cavaleiros, que estava caminhando com um cavalo cansado e suado, de volta para os estábulos.

— *Monsieur*, por favor, encontre meu marido, *Monsieur le Comte Ellisborough*, e diga-lhe que encontrei Lady Kline, e que o verei no hotel, mais tarde.

Ela pressionou uma moeda na mão do sujeito, e ele tirou o chapéu em agradecimento. Levantando um pouco as saias para fora da sujeira, Phoebe correu e foi atrás de Lady Kline.

Eliza,

Se um cavaleiro estivesse em uma missão, não seria tão bobo a ponto de se distrair com uma garota estúpida. A história estava avançando em um ritmo acelerado, até que ela apareceu. A senhorita não pode matá-la? E posso muito bem acreditar que a senhorita seria louca o suficiente para caçar um dragão sozinha, mas qualquer garota sensata saberia que seria queimada se fizesse algo tão idiota. No mínimo, ela deveria ter ido com o cavaleiro, não fugir dele para fazer tudo sozinha. Ela é uma tola, se me perguntar.

Eu incluo um desenho do dragão, conforme solicitado.

— Trecho de uma carta de O Muito Honorável Cassius Cadogan, Visconde Oakley (11 anos) para Lady Elizabeth Adolphus (11 anos).

10 de abril de 1827. Abbeville, Sommes, França

Embora tivesse levado apenas alguns minutos para dar sua mensagem ao cavaleiro, quando Phoebe deixou o pátio, Lady Kline, pois não havia outro modo de chamá-la no momento, estava no outro extremo da rua, virando uma esquina, fora de vista.

— Ora, maldição.

Com uma mão segurando suas saias para evitar que sujasse no barro e a outra segurando seu chapéu monstruoso, Phoebe correu. Finalmente virou a esquina onde Lady Kline havia desaparecido e não viu... ninguém. Ofegante - correr com sapatilhas de salto e um espartilho apertado não era recomendado - parou para recuperar o fôlego. Furiosa consigo mesma por ter perdido sua presa, Phoebe correu pela estrada, mantendo o olhar atento. Ah há! À frente, vislumbrou um dos pobres coitados, carregando a bagagem de Lady Kline, e partiu novamente. Se aprofundando cada vez mais nas ruas antigas e sinuosas de Abbeville, seguiu a procissão da bagagem, escorregando nos paralelepípedos reluzentes em alguns lugares e movendo-se entre as pessoas cuidando de seus afazeres, seguindo o vestido rosa vibrante, enquanto marchava pelas ruas antigas da cidade. Às vezes, se aproximava o suficiente para chamar a atenção dos carregadores de suas bagagens, mas eles não prestavam atenção, porque estavam mais preocupados em seguir a mulher e manter a bagagem intacta e longe dos ladrões. Finalmente, depois que Phoebe

amaldiçoou a mulher com todas as palavras perversas que conhecia e começara a acreditar que ela pretendia guiá-la até Paris, eles viraram em uma rua larga e os homens pararam.

Por fim, Phoebe conseguiu alcançá-los, a tempo de ver que ela havia entrado em um teatro.

Phoebe atravessou a rua, esquivando-se de carruagens, e correu em direção à construção. Piscou um pouco ao lidar com o ambiente escuro do interior do edifício depois da luz forte do dia, lá dentro, não viu, mas ouviu Lady Kline entrando por uma porta lateral. Estava marcado como “Privado” e Phoebe a seguiu, suspeitando que levasse aos camarins. Moveu-se em silêncio, mantendo distância, enquanto viajava pelo corredor estreito, observando a mulher à sua frente entrar em um camarim, com uma estrela na porta.

Phoebe se aproximou, notando que a porta estava entreaberta. Ficou quieta para ouvir.

— Ora, aqui está o senhor. Admito que não contava com isso. — ouviu a mulher dizer — Então, acho melhor ter o dinheiro que me deve, depois de me forçar a deixar Londres, quando eu estava tão esplendidamente bem, e por esse... lugar decadente. Não pode esperar que eu me apresente em um lugar como esse?

— Esplendidamente bem, querida? Acho que está exagerando um pouco, mas não, querida Nina, não espero que levante um dedo, e nem que se apresente. Na verdade, tive um desempenho tão magnífico, que acredito que não apenas liquidarei minha dívida contigo, mas também sairei de meus apuros muito bem. Acho que vamos nos divertir muito, minha querida. Apenas pense em todos os lugares que poderemos ir agora, as coisas que poderemos ver.

Phoebe paralisou horrorizada ao perceber que reconhecia o segundo orador, uma voz presunçosa e masculina, intensificando sua fúria, assim como jogar conhaque em brasas.

Alvanly.

— Não me lembro de dizer que iria a algum lugar em sua companhia, Richard, e por que tive que encontrá-lo aqui? Por que saiu de Londres tão de repente? — Nina exigiu, se é que esse era realmente seu nome verdadeiro.

— Deixar Londres foi... prudente... e quanto a este lugar, meu amigo é um investidor nesta péssima desculpa para um teatro, e está fora do caminho. Meus negócios podem muito bem serem concluídos em Paris, mas achei mais seguro nos encontrarmos aqui primeiro. Não acredito que alguém pensaria em me procurar em um lugar como este, caso alguém esteja me buscando.

— E tem alguém o procurando?

Houve uma pausa, e Phoebe percebeu que Alvanly acreditava que, talvez, seu pai estivesse atrás dele. Papai teria vindo atrás dele, se ela já não tivesse vindo com Max, mas confiara nos dois para organizar as coisas como se sentissem melhor. O pai confiaria nela. Sentiu uma súbita saudade de seu pai, do tipo que não sentia, desde que era menina. Se, pelo menos, ele estivesse

aqui. Saberá o que fazer com Max, com Alvanly, com essa situação totalmente ridícula em que Phoebe parecia ter envolvido todos eles, até mesmo o pobre Visconde Kline! Embora não soubesse como poderia ser responsabilizada por esse último.

— Não sei se tem alguém atrás de mim. — admitiu Alvanly — Mas é possível.

— Oh, Richard, — disse a mulher, parecendo cansada e exasperada — O que fez?

— Eu me salvei da prisão, em Marshalsea, e se salvou do trabalho penoso de uma carreira de segunda classe como atriz. Tem muitos encantos, minha querida, mas já passou da juventude e o papel de ingênua nunca será seu. Começou tarde demais na vida.

Houve uma risada alta — Como uma declaração romântica tais palavras deixam algo a desejar, e garanto, estou ciente de meus encantos e minhas limitações. Também estou ciente de que homens do seu tipo não são confiáveis. Terei meu dinheiro de volta, Richard, e depois veremos o resto.

— Maldição, mas é uma cadela fria.

Havia mais frustração do que malícia nas palavras, e Nina não pareceu se ofender por sua resposta ter sido ácida.

— Sim, suponho que sim, e foi a vida que me ensinou bem a lição, Richard, querido. Pode confiar apenas em si mesmo neste mundo, ou então será considerado um tolo. Se eu fosse junto, aproveitaríamos bastante, até que o dinheiro acabasse, ou até que ficasse entediado e me abandonasse por uma moça mais jovem e doce, uma moça que não esteja ciente de que todas as palavras bonitas que fala são vazias.

— Eu jama...

— Por favor, não termine. — a voz dela estava mais firme desta vez — É um diabo encantador, Richard, e gosto disso, mas não finja que me ama mais do que eu o amo. Ou está propondo se casar comigo?

Houve um silêncio revelador e Nina deu uma risada baixa e zombeteira.

— Agora, me diga o que fez.

Phoebe mordeu o lábio, cada vez mais irritada com Alvanly, enquanto contava a Nina sobre seu ousado roubo, sem mencionar sua parte nele. Phoebe deveria talvez ser grata por isso, pois não queria que mais ninguém soubesse, mas, por alguma razão, isso a aborrecia agora. Ouviu um farfalhar de papel e presumiu que ele estava desembrulhando o quadro para mostrá-lo a Nina.

— Esse pequeno quadro imundo vale uma fortuna? — Nina perguntou, incrédula — Deus do céu! Não teria isso na minha parede por nada, mas então nunca afirmei ter algum conhecimento sobre arte.

— Bem, é nossa passagem para a liberdade. Foi avaliado por um especialista. O sujeito de quem falei e que é dono de uma parte deste teatro, disse que há um Monsieur Lemoine, que administra uma loja de penhores de alta classe, no coração de Paris, mas também compra e vende peças exclusivas, obras de arte, joias e afins. — disse Alvanly, suas palavras

interrompidas por aquela risada abundante e vibrante que Phoebe ouvira antes.

— E ele, e aqueles a quem ele vende, não fazem perguntas sobre como alguém adquiriu tais objetos de valor, suponho, hmmm?

— Sim. — respondeu o barão, irritado agora — Bem, enfim. Tenho um encontro marcado com o sujeito, então é melhor irmos andando. Reservei o Hôtel Saint Vincent para nós. Não é o que estou acostumado, mas é discreto e limpo, de acordo com meu amigo. Escrevi com antecedência e reservei um quarto em nome do Sr. e da Sra. Babbage.

Houve um suspiro pesado — Babbage? Sra. Babbage, que decadência! E eu estava gostando tanto de ser uma viscondessa.

— O quê?

— Esqueça, Richard. Muito bem, é melhor seguirmos nosso caminho, então. Quanto mais cedo esse desastre acabar, melhor.

Phoebe ofegou ao perceber que já estavam indo embora. Olhou em volta, em busca de um lugar para se esconder, ou outra porta, mas todas estavam do outro lado da que ela estava. Não havia tempo. Decidindo que deveria encarar a situação, se virou quando a porta se abriu e correu de volta pelo corredor, esperando que Alvanly a confundisse com uma atriz ou alguém envolvido no teatro.

— Srta. Barrington?

Maldição.

Phoebe não se virou, apenas falou em francês rápido — *J'ai peur que vous ayez fait une erreur. Je suis Mademoiselle Dubarry.*

— Oh, ho, não, não é mesmo, sua danada. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

Phoebe gritou e pegou suas saias, correndo para a porta pela qual passara, mas era pesada e difícil de abrir, e Alvanly já a tinha alcançado. Colocou uma mão sobre sua boca, para impedir o grito que ela estava prestes a soltar, a outra apertando-a com força, aprisionando seus braços. Determinada a não deixar que ele levasse a melhor dessa vez, Phoebe mordeu a parte carnuda de sua mão e pisou em seu pé.

Alvanly rugiu com furor e retirou a mão, mas não a deixou ir.

— Richard! — Nina gritou — Deixe essa pobre criança em paz. O que está fazendo?

— Esta pobre criança não é nada disso. — Alvanly voltou, com um olhar escaldante para Nina — Não vê que a desgraçada me seguiu, de Londres até aqui?

— Por quê? O que fez com ela? — a voz de Nina estava fria e furiosa, e Phoebe olhou para ela com interesse.

— Nada! — Alvanly retrucou, seu tom indignado, quase machucado.

Phoebe bufou de desgosto.

— Ah, chama me enganar para ajudá-lo a roubar um quadro e depois me deixar amarrada de nada? — exigiu, lutando contra o aperto dele — É um

ladrão vil e desprezível. Arruinou-me, seu maldito!

— Oh, não me diga que Ellisborough não aproveitou a chance de brincar de cavaleiro de armadura brilhante. — disse Alvanly, nada impressionado com suas palavras.

— Claro que sim. — retrucou, sua voz ficando grossa ao se lembrar de Max, considerando o quão preocupado deveria estar agora. Só lhe trouxera problemas — Max é um homem bom e nunca ficaria parado e deixaria alguém sofrer, se pudesse fazer algo a respeito, mas não me casarei com ele. Nós... Não combinamos. — disse, tentando firmar o tremor em sua voz — Então estou arruinada, e é tudo culpa sua.

— Solte-a!

Phoebe olhou de volta para Nina, sua atenção tomada pela raiva que continha em sua voz.

— Mas, Nina... — Alvanly protestou.

— Deixe-a ir, Richard, ou então, que Deus me ajude...

— Está bem! — Alvanly disse com desgosto, dando a Phoebe um pequeno empurrão em direção a Nina — Lide com ela então, mas a garota sabe o que fiz, e, se está aqui, Ellisborough não está muito atrás, sem mencionar seu querido papai. Gostaria de estar do lado errado de Montagu, querida? Pois ele é seu pai, mas pode lidar com todos eles, se desejar. Tenho um quadro para vender. Vejo-a em Paris, se descobrir de que lado está. Se quiser ver seu dinheiro de novo, tome cuidado com que lado escolha.

Alvanly se afastou, deixando Phoebe e Nina sozinhas.

Phoebe observou atentamente a mulher diante dela, imaginando o que faria a seguir, e não ficou totalmente surpresa quando ela estendeu a mão para cumprimentá-la, como os homens costumam fazer.

— Eu sou a Sra. Abercrombie. — disse, com um sorriso — Embora tal formalidade pareça ridícula nas circunstâncias, então, pode me chamar de Nina.

— Não a Viscondessa Kline? — Phoebe perguntou, levantando uma sobrancelha enquanto pegava a mão da mulher.

Nina apertou os dedos com força por um momento e depois riu. Era um bom som, aquela risada, o som confiante de uma mulher que conhecia seu próprio valor e que não deixaria mais ninguém a diminuir.

— Não, infelizmente. — disse com um suspiro — Ouvi dizer que ele é um homem muito bonito.

— Ele é. — Phoebe concordou, vendo a surpresa nos olhos da mulher — E está aqui, em Abbeville. Nós viajamos juntos.

— Oh! — Phoebe observou a mão da mulher se mover para a garganta — Tão cedo? Eu... Eu acreditava que estivesse mais atrás de mim do que isso. Viajou com ele? — acrescentou, seu olhar considerando, enquanto olhava para Phoebe.

Phoebe sabia onde os pensamentos de Nina a levaram. Uma coisa era ela estar vestida de forma tão elegante ao viajar com o marido, o Conde de

Ellisborough, mas, para uma jovem solteira em companhia de um homem...

— Também estou com meu noivo. — disse Phoebe, rapidamente — Lorde Ellisborough.

Nina inclinou a cabeça para um lado, a grossa fita rosa que caía de seu gorro luxuoso descansando levemente sobre a bochecha, por um momento — Pensei que tivesse dito que não se casaria com ele. Que não combinam, acredito.

— N-Não. — disse Phoebe, uma inundação de tristeza a preenchendo enquanto se lembrava — Não combinamos, mas... Ainda não contei a ele.

— Ah! — disse Nina, seus olhos suavizando-se como se entendesse perfeitamente, e talvez entendesse mesmo — Sabe de uma coisa, estou cansada, suja e com fome, e Richard é um fanfarrão... bem, a senhorita sabe tão bem quanto eu. Não esperava vê-lo aqui, então tomei a precaução de reservar quartos, do outro lado da rua. Venha comigo, descansaremos e decidiremos o que deverá ser feito a seguir.

— O quadro deve ser devolvido ao seu legítimo proprietário. — disse Phoebe, não disposta a ser persuadida sobre este ponto, apesar do fato de que estava gostando bastante da Sra. Abercrombie.

— Talvez. — disse a senhora com um sorriso largo e deslumbrante — Mas vamos discutir isso com bolos e champanhe. Nada pode parecer tão terrível quando se tem bolo e champanhe.

Apesar de tudo, Phoebe riu e assentiu — Pois bem, então, bolo e champanhe, é isso.

Max olhou para o céu, desesperado. Logo escureceria, e Phoebe estava desaparecida há horas. Não conseguia respirar, aterrorizado, enquanto considerava em que problemas uma bela jovem poderia se meter sozinha. Abbeville não era Paris, mas era um lugar grande, com muitas pessoas perversas e desesperadas, muitas que não pensariam duas vezes antes de se aproveitar. Não era boba, ele se assegurou. Phoebe mostrou a ele que era ao mesmo tempo engenhosa e corajosa, e inteligente também.

Mais uma vez, Max se lembrou de seu olhar, quando lhe disse que não faria parte da recuperação do quadro do Barão Alvanly. Era como se alguém tivesse apagado uma vela, toda a luz e a emoção que brilhavam ali se extinguiu com algumas palavras. Phoebe não precisara dizer nada para que ele percebesse o quão desapontada estava. Não, até que fosse tarde demais, até que voltasse do escritório de reservas da diligência, e percebesse que Phoebe estava muito desapontada com ele. Max a decepcionara. Queria tanto mantê-la segura, que fez a única coisa que sempre soube que seria fatal com Phoebe: tentou segurá-la, tentou controlar seu espírito feroz.

Agora, ela, de alguma forma, descobrira a esposa fraudulenta de Kline, e não queria que ele a impedisse de fazer o que tinha planejado. Só Deus sabia em que tipo de problema essa descoberta a levaria, se estivesse sozinha, quando Max poderia ter estado ao seu lado.

Havia voltado para o hotel em que fizeram reservas para a noite, esperando que Phoebe já tivesse voltado para lá, mas não havia nenhum sinal dela, assim como nenhuma outra notícia para ele.

Seu coração bateu forte quando olhou para a rua e reconheceu a carruagem estampada com o brasão de Montagu. Jack e Fred os alcançaram, os reparos tinham sido feitos em tempo hábil, e agora... agora tinha que explicar a Flash Jack que sua princesinha havia fugido e estava sozinha neste lugar, com a noite se aproximando. Max teria sorte se Jack não o estrangulasse na hora. Não seria tão ruim, se ele não achasse que merecia.

Jack parou a carruagem e olhou para Max com incerteza.

— Por que tá com essa cara de sexta-feira, milorde? Aconteceu alguma coisa?

— Sim, Jack, aconteceu. Sou um idiota e não o culparia se quisesse quebrar meu pescoço, ou qualquer outra parte, mas não temos tempo agora. Preciso da sua ajuda. Phoebe fugiu para algum lugar e eu... Não consigo encontrá-la. — admitiu, as palavras alojadas em sua garganta, um peso em seu coração tão forte que queria afundar no chão, mas não faria isso.

Haveria tempo suficiente para se arrepender de suas ações, assim que encontrasse Phoebe, pois Max não tinha dúvidas de que ela lhe diria para ir para o diabo, agora.

Deus, era um tolo.

— O sinhô num consegue encontrá ela? — Jack perguntou, franzindo a testa para ele.

— Foi o que eu disse! — Max falou, jogando as mãos no ar. Jack parecia muito calmo — Fui ao escritório de reservas para diligências, procurando notícias de Alvanly. Pedi para que ela me esperasse aqui e...

— O sinhô disse pra ela sentá e esperá, enquanto resolvia as coisa? — Jack ecoou, dando a Max um olhar penetrante, que fez suas orelhas ficarem quentes.

Fred, que estava sentado ao lado de Jack, deu uma risada abafada.

— Pior do que isso. — admitiu Max — Disse que ela não teria participação na recuperação do quadro de Alvanly. Que poderia me ajudar a encontrá-lo, mas...

— Mas que ela tinha que sentá caladinha, como uma boa menina, enquanto o sinhô lidava com o grande bandido marvado? — Jack adivinhou.

Max assentiu.

— E ela fugiu depois disso?

Max assentiu novamente, muito miserável para falar.

— O sinhô está certo. — disse Jack, com um triste aceno de cabeça — É um idiota.

— Eu sei disso. — Max concordou — Tenho que encontrá-la, Jack. Está sozinha, e se... se algo acontecer com ela...

— Pare com isso!

As palavras foram duras e irritadas, Max fechou a boca, enquanto Jack o

olhava.

— O sinhô pode sê um idiota, mas Phoebe não é. Ela tem um cérebro na cabeça e sabe uma coisa ou duas sobre o mundo. Mais do que o sinhô imagina, aposto.

Max engoliu em seco — Nunca quis tanto estar errado em minha vida, Jack, mas precisamos encontrá-la.

— Sim, acho que é melhor, mais ela não vai agradecê nós por isso. É melhor nós voltá para este escritório de reservas e partirmos de lá.

Max subiu com Jack e Fred, sem disposição para ser um passageiro.

— Ela me deixou um bilhete, dizendo que encontrou a mulher que está se passando pela esposa do Visconde Kline.

— Certo, então. — disse Jack — Vamos vê se nós mesmo não consegue encontrá a mulher, e, quem sabe, nossa menina ainda esteja com ela.

Cassius,

Eu não pedi a sua opinião.

O cavaleiro enfrentaria o dragão sozinho. Então ela não é mais insana do que ele e é mais inteligente. Usará sua inteligência para enganar o dragão, e não para entrar cutucando a pobre besta com uma espada estúpida, e ela teria ido com o cavaleiro, se ele tivesse pedido, ah, mas os homens nunca pedem às mulheres para fazer coisas com eles! Em vez disso, nos dizem que somos bobas e ingênuas e que devemos sair do seu caminho. Bem, eu não vou sair, e nem a minha princesa!

O dragão é magnífico, Cassius, muito obrigada. O senhor realmente desenha muito bem. A minha tentativa pareceu mais com um rato gigante.

— Trecho de uma carta de Lady Elizabeth Adolphus (11 anos) para O Honorável Cassius Cadogan, Visconde Oakley (11 anos).

10 de abril de 1827. Abbeville, Sommes, França.

Max deixou o teatro furioso e frustrado.

— E então? — Jack perguntou.

— Não faço ideia. Ninguém fala uma palavra de inglês e, como Phoebe disse tão eloquentemente, meu francês é horrível. Ela poderia estar lá dentro neste minuto e eu não saberia dessa maldita informação.

— Max?

Max olhou para trás e viu o Visconde Kline atravessando a rua em sua direção.

— Charlie? Graças a Deus. Fala francês, não é mesmo? Preciso da sua ajuda, agora, por favor?

— Naturalmente. — disse o visconde, as sobrancelhas loiras se unindo — Mas qual o motivo de todo o alarde, e onde está a sua encantadora esposa?

Max tentou diminuir o pânico que aumentava em seu peito.

— Charlie, posso confiar na sua discrição?

O visconde apurou-se um pouco mais e olhou Max nos olhos — Tem a minha palavra de honra, Ellisborough. Seja o que for, ninguém ouvirá nada de

minim. Ficarei feliz em ajudar se puder, especialmente se envolver a jovem.

— É Phoebe... Srta. Barrington. Nós... nós não somos casados... ainda. Ou nunca seremos, se eu tiver estragado tudo, como temo. Por Deus, Charlie, ela desapareceu. Deveria estar me esperando, mas, quando voltei, havia um recado dizendo que havia encontrado a mulher que estava disfarçada de sua esposa. Isso foi esta manhã, e não a vi desde então. Ela está sozinha e...

O visconde estendeu a mão e segurou o braço de Max, apertando-o.

— Não precisa dizer mais nada. Na verdade, também segui uma trilha que me trouxe até aqui, então vamos para dentro e vemos o que podemos descobrir, está bem?

Max soltou um suspiro áspero — Sim. Sim, obrigado.

Kline sorriu e deu um tapinha nas suas costas — Não se preocupe, meu caro. Vamos encontrá-la, as duas, se pensar bem, mesmo se tentarem nos confundir.

— Vamos, então. Vamos ver se eles o entendem, pois eu poderia muito bem estar falando grego antigo, tamanha ajuda isso foi. Ironicamente, essa é uma linguagem que entendo moderadamente bem.

Kline riu e o seguiu para dentro do teatro.

Vinte minutos depois, e com o bolso um pouco mais leve, receberam a informação perturbadora de que ninguém tinha conhecimento de uma Viscondessa Kline, mas que o Barão Alvanly estivera lá para encontrar uma Sra. Abercrombie. Max forneceu ao visconde todos os detalhes ridículos da escapada de Alvanly, até o momento, que ele ouviu em um silêncio incrédulo.

— Oh, Deus! — disse Max, cerrando os punhos — Se eu não tivesse sido tão idiota, poderíamos tê-lo encontrado juntos. Se aquele desgraçado colocou suas garras nela, se a machucou...

— Vamos encontrá-la, Max. — disse Kline de forma firme — E Alvanly pode ser um ladrão e um canalha, mas nunca ouvi falar que maltratasse uma mulher. Mesmo assim, acho que devemos nos apressar, e faremos mais se nos separarmos.

Max assentiu — Vou seguir Alvanly até Paris. O sujeito disse o Hotel St. Vincent, então vou começar por lá. Não sei se devo rezar para que Phoebe esteja com ele ou não. Veja se consegue encontrar essa Sra. Abercrombie. Se é tão extravagante quanto o sujeito disse, não terá muita dificuldade.

Kline assentiu e estendeu a mão para apertar a de Max — Boa sorte, vou encontrá-lo em Paris, o mais rápido possível.

Phoebe suspirou quando Nina reabasteceu seu copo — Gostaria que me deixasse mandar uma mensagem para Lorde Ellisborough. Deve estar muito preocupado.

— Talvez lhe faça bem. — respondeu Nina, selecionando uma delicada torta de frutas e colocando-a na boca.

— Oh, não! — Phoebe disse imediatamente, balançando a cabeça — Ele acha que eu sou nada além de problemas, e que preciso de proteção e cuidado

do mundo em geral. Isso só confirmará todas as suas suspeitas, não tenho dúvidas.

— Bem, vá até ele, então. — Nina deu de ombros e apontou para a porta — Não estou lhe mantendo em cativeiro, querida.

— Não, mas ainda estou muito curiosa para ir embora. — Phoebe admitiu — Gostaria de saber o que está acontecendo. Como se envolveu com Alvanly e por que tem se disfarçado de Lady Kline?

— Ah, que tédio. — Nina queixou-se — Prefiro falar sobre Lorde Ellisborough. Não posso deixar de pensar que está apaixonada por ele.

Phoebe corou — Isso não é da sua conta.

— Nem a minha vida é da sua, mas posso compartilhar, se quiser. — Nina pegou a bandeja de bolos e tortas e ofereceu para que Phoebe pegasse uma.

— Oh, muito bem. — disse, bufando e pegando uma pequena torta de nozes — Max... Lorde Ellisborough ele é... Ele é o tipo de homem que qualquer mulher desejaria para marido.

— Mas não você.

— Sim, às vezes, mas...

— Mas não deseja ser protegida e mimada?

Phoebe olhou para cima, um pouco assustada com a precisão de sua observação — Bem, às vezes, talvez. É bom ser mimada de vez em quando, mas... Eu não sou frágil, não sou o tipo de mulher que desmaia ou tem acessos de nervosismo. Sou teimosa e curiosa demais, para o meu próprio bem, e nem um pouco delicada. Sei xingar, atirar, praticar esgrima, arrombar fechaduras e trapacear no jogo de cartas, quero tomar minhas próprias decisões e cometer meus próprios erros. Não sou estúpida o bastante para pensar que posso fazer tudo sozinha, mas gostaria de ser incluída, e não deixada em casa, para não correr o risco de quebrar uma unha. Se eu quiser me tornar propriedade de algum homem, devo saber que ele considerará meus sentimentos, que pedirá meu consentimento e me envolverá em decisões que afetam nosso futuro. Caso contrário...

— Caso contrário, é apenas uma posse e não uma pessoa.

Phoebe assentiu, vendo o completo entendimento nos olhos de Nina. A mulher deu um sorriso tenso — Já fui casada e não foi uma experiência feliz. Talvez esteja certa em ficar longe para lhe ensinar uma lição. Pode ser que ele aprenda melhor do que os outros homens.

— Seu marido está morto? — Phoebe perguntou, não gostando da implicação de que estava punindo Max. Afinal, ele não merecia isso.

— Hoje sim. — Nina concordou, acenando — Mas fugi dele, muito antes disso. Melhor ser dona do meu próprio nariz e definir meu próprio preço do que ser usada de graça e contra minha vontade. Sou, como observou o querido Richard, uma atriz medíocre, mas sou uma companheira divertida, e nenhum homem jamais me possuirá novamente.

— Então você e Alvanly...

— Não foi uma das minhas escolhas mais inteligentes. — disse Nina com

um suspiro — Não tinha ideia de que estava tão endividado. Sua família é extremamente rica, mas eles o abandonaram, há dois anos, e eu sempre fui facilmente atraída por uma aparência atraente e um bom físico. Pelo menos não me apaixonei por ele, embora tenha confiado nele, mais do que deveria. Emprestar-lhe dinheiro foi tolice, embora os homens para os quais Alvanly devia não sejam sujeitos aos quais se deva renegar, por isso, temi que realmente o matassem.

— E agora? Agora que ele roubou um quadro valioso e arruinou meu futuro. E agora?

— Não sei.

Bem, isso foi honesto, pelo menos.

Nina balançou a cabeça, sua expressão escurecendo — Não gosto nem aprovo o que ele fez, mas esse dinheiro é tudo o que fica entre mim e a miséria na minha velhice. Minha aparência não durará para sempre, não importando o quanto me apegue a ela. Preciso de segurança, e ele não me pagará, a menos que venda aquele quadro.

— Talvez não a pague. — observou Phoebe — Alvanly não pensou duas vezes antes de abandoná-la aqui, não foi? Disse para ele que não o ama, nem acredita em suas belas palavras. Não confiaria nele ficando aqui agora. Não depois que ele colocar as mãos no dinheiro.

Nina sentou-se um pouco mais reta — Acha que ele caiu tão baixo assim?

— Acho que ele jogou a sua honra para o alto, quando me deixou amarrada e roubou aquele quadro. Não conseguirá recuperá-la mais, então, não há nada que o impeça. Não confiaria nele, nem um centímetro, muito menos quilômetros, até Paris.

Phoebe observou Nina se levantar com um redemoinho de saias cor-de-rosa. Era realmente uma mulher adorável, com um corpo voluptuoso e curvilíneo. Podia muito bem imaginar quão desejada Nina era, e, a julgar por seu vestido extravagante, também tinha gostos caros.

— Tem razão. — disse Nina por fim — Já fui tola em confiar nele antes, não serei queimada pela segunda vez. Vamos atrás dele.

— Excelente! — disse Phoebe, levantando-se, com uma onda de alívio — Mas escreverei um bilhete para Max primeiro, informando que estou bem e que o encontrarei em Paris. Não posso deixar o pobre homem destruindo Abbeville à minha procura. Ele ficará tão...

Sua voz tremeu e Nina se moveu em sua direção, puxando Phoebe para um abraço.

— Ama-o.

— Sim. — Phoebe admitiu — Mas gostaria de não amar. Não posso fazê-lo feliz, e não poderia suportar o estar sempre desapontando.

Nina pegou o seu rosto com as duas mãos e olhou para ela — Acho que talvez devesse falar honestamente com seu Max e contar a ele seus medos. Pelo menos deve explicar por que está recusando a oferta. Se é um homem bom como diz, deve isso a ele.

Phoebe fungou, piscando fortemente — Sim, está certa, devo isso a ele.

E muito mais, pensou tristemente.

Uma batida brusca na porta fez com que se voltassem em direção a ela, e Nina deu um suspiro chocado quando se abriu, sem esperar por permissão, e um homem entrou.

— Charlie! — Phoebe exclamou, correndo em sua direção, quando reconheceu o Visconde Kline — Max está com o senhor?

— Phoebe! — Kline estendeu as mãos para ela, e Phoebe as pegou, enquanto ele soltava um suspiro de alívio — Graças a Deus! Sabia que o pobre Max está morrendo de preocupação com a senhorita?

— Ai, meu Deus! — disse Phoebe, a culpa se instalando em seu coração.

— Quem é esse, Phoebe? — Nina exigiu, um tom incisivo na pergunta.

Phoebe olhou de volta e a viu fitando o visconde, uma mão apoiada em seu coração, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Ora, madame, — disse Kline, soltando as mãos de Phoebe e movendo-se rapidamente em direção a ela. Pegou sua mão e a levou aos lábios, sem desviar o olhar — a senhora não reconhece seu próprio marido?

— Oh! — disse Nina fracamente. Corou um pouco, antes de se reerguer e levantar o queixo — O senhor é mais jovem do que eu imaginava. Mais bonito também.

O visconde sorriu — Eu poderia dizer o mesmo, milady.

Nina arrancou a mão dele e bufou — Não sou sua senhora, nem uma dama, como bem sabe. Sinto muito por usar seu nome. Foi um truque infeliz, sei disso. Pagarei tudo que lhe devo, dou a minha palavra, se é que vale alguma coisa. Estava desesperada, ou nunca teria feito uma coisa dessas. Não tinha fundos e precisava vir atrás de Alvanly, ou nunca receberia meu dinheiro de volta.

— Alvanly? — Kline repetiu, sua voz rígida e descontente — Está envolvida com ele também?

Phoebe olhou para ele, surpresa — Max contou para o senhor?

— Tudo. — disse Kline, seu rosto suavizando, enquanto lhe dava um sorriso simpático — E pode confiar em mim, Phoebe.

Phoebe soltou um suspiro e assentiu — Sim, acredito que posso, Charlie. Obrigada. E sim, Alvanly também faz parte disso, mas Nina não está envolvida no roubo, nem no que aconteceu comigo. Nina emprestou dinheiro para o calhorda escapar de alguns homens perigosos, e ele não pode pagá-la, a menos que venda o quadro. Está a caminho de Paris, agora.

— Sim, com Max o perseguindo de perto. — Kline comentou, observando Nina com interesse — Bem, é melhor irmos atrás deles. Se Max encontrar Alvanly e nenhum sinal da senhorita, Phoebe, pode haver problemas. É uma sorte termos uma boa lua, esta noite. Se as damas puderem se preparar, é melhor não demorarmos.

— O senhor vai me levar também? — Nina perguntou, olhando cautelosamente para Kline.

O visconde bufou — Minha querida, não vou perdê-la de vista. Nenhuma das duas!

As próximas vinte e quatro horas foram excruciantes. Phoebe tentou o seu melhor para dormir, enquanto a carruagem sacudia e dava solavancos durante a noite, dando trancos, por causa das estradas ruins, mas era quase impossível. Mesmo que estivesse em uma cama confortável e um quarto de dormir luxuoso, duvidava que tivesse conseguido fechar os olhos. Desejou não ter deixado Max tão abruptamente, embora estivesse feliz por ter descoberto Nina, de quem estava começando a gostar muito. A mulher nunca reclamou durante a jornada cansativa e fez o possível para manter o ânimo de todos. Phoebe notou Kline observando Nina secretamente, quando esta não estava olhando, uma expressão curiosa em seus olhos, e ela suspeitou de que o visconde estava um tanto encantado.

Phoebe suspirou quando voltou seus pensamentos para Max. Por mais desapontada que estivesse com ele, se comportara mal, impiedosamente, como de costume. Sem dúvida, Max ficaria muito feliz em libertá-la do noivado, depois do que ela fizera. Ele já devia ter percebido o mau negócio que havia feito. Supôs que o pensamento deveria confortá-la, pois não suportaria machucá-lo, mas sentiu pena de si mesma, para encontrar algum alívio nisso.

Bem, ela não se casaria. Nina escolhera não se casar novamente. Melhor do que cometer um erro desastroso. Ficaria arruinada, e seus pais desapontados com ela, mas não surpresos, suspeitava. Sempre houve uma inevitabilidade nisso, e uma liberdade nesse estado, que não era de um todo indesejável.

Sua ilegitimidade sempre a manchou, no que dizia respeito a muitos da *ton*, mesmo que temessem as consequências de tratá-la com menos respeito, assim como por nunca mencionar tal fato em voz alta. Mas estava sempre lá, em seus olhos. Não faria tanta diferença, Phoebe supôs. As pessoas que já conhecia e que a desaprovavam, a cortariam. Isso não parecia como uma perda muito ruim. Poderia ter amantes, e, ainda assim, não teriam voz em sua vida e nenhum controle sobre ela. Ao contrário da pobre Nina, estava financeiramente segura e não precisava temer o futuro.

Sua mente voltou para a noite em que Max a beijara, a sensação de seus braços fortes ao redor dela, a perfeição daquele momento e o arrependimento encheram seu coração. Acreditava ter encontrado um homem em quem pudesse confiar, com quem pudesse contar e se orgulhar, e que retribuísse os mesmos sentimentos, mas Max não confiava nela total e completamente, como ela desejava confiar nele. Que deveria deixá-lo, cortá-lo de sua vida, fez seu peito apertar com uma tristeza profunda e se perguntou se, talvez, pudesse persuadi-lo a ser seu amante, pelo menos por um tempo.

Phoebe quase riu em voz alta da ideia.

Não, Max nunca consentiria uma coisa dessas. Ele queria salvá-la da ruína, não acelerar seu caminho até ela. Era um homem bom, gentil e honrado, mas Phoebe não poderia viver em uma gaiola dourada, não seria protegida da vida,

de viver, e Max queria fazer exatamente isso. Nunca funcionaria. Tal arranjo só faria os dois miseráveis. Seus olhos queimaram e ela piscou rapidamente, forçando seus pensamentos a tomarem outro rumo, onde a emoção que surgia era raiva, não tristeza. Tinham que alcançar Alvanly, antes que vendesse aquele maldito quadro. Como desejou nunca ter posto os olhos naquela coisa maldita!

— Não devemos ir para o hotel primeiro.

Kline tentou sufocar um bocejo e focar os olhos turvos em Phoebe. Olhou para o lado, um pouco surpreso, ao descobrir que Nina havia adormecido no seu ombro. Phoebe sorriu quando ele preferiu não a acordar.

— Perdão, Phoebe? — ele perguntou, esfregando o rosto com a mão.

— Não devemos ir para o hotel primeiro. Alvanly vai fazer de tudo para conseguir o dinheiro. Ele disse que iria a um tal de Monsieur Lemoine.

— Lemoine? — Kline repetiu, surpreso.

— O senhor o conhece?

O visconde assentiu — Eu... er... tive motivos para visitá-lo, antes. Minha esposa, não está aqui, —ele acrescentou, com um aceno triste em direção a Nina, dormindo em seu ombro — sempre teve desejo de ver Paris. Eu cedi a ela e, previsivelmente, quase me arruinei. Fui forçado a penhorar alguns objetos de valor, para conseguir fundos suficientes para nos levar de volta para casa.

Phoebe se sentou um pouco mais reta — Então sabe onde ele está?

— Sim, no 7º *arrondissement*, à margem de onde moram os ricos e respeitáveis, perto o suficiente para ser discreto quando apostam o valor das joias de sua esposa.

— Então é melhor irmos direto para lá.

— Não deseja parar e se refrescar?

Phoebe devolveu um olhar impaciente — Desejo recuperar aquele maldito quadro, e o quanto antes, melhor. Alvanly me causou muitos problemas e, embora eu deva assumir a responsabilidade por minha parte nisso, ele é o calhorda que criou todo esse alvoroço, e não pretendo deixá-lo escapar impunemente.

Kline riu, um brilho de admiração em seus olhos.

— Posso ver por que alguns acreditam que Montagu seja o seu pai de verdade — disse, e depois estendeu a mão, antes que Phoebe pudesse repreendê-lo com palavras duras — Ora, não seja dura comigo. Nunca acreditei nisso, e não dou a mínima para sua paternidade. Foi um elogio, garanto.

Mortificada, Phoebe se acalmou e retornou, com um aceno digno.

— Nesse caso, tomarei como tal.

Gabe,

Sim, os rumores do que aconteceu na festa da Sra. Manning são verdadeiros, até certo ponto.

O Barão Alvanly roubou o quadro e Phoebe o ajudou, embora involuntariamente. Ela arrombou a fechadura, para deixá-lo entrar na sala onde o quadro seria exibido. Por favor, imagine o escândalo se isso vier à tona. Estou tentando não imaginar. Alvanly a amarrou e a deixou para os lobos - e ele pagará caro por isso - mas Ellisborough a encontrou primeiro, graças a Deus. Ele fingiu um pedido de casamento romântico, daí a notícia que todos ouviram. Se Phoebe realmente o aceitará, não sei.

Foram para Paris, atrás de Alvanly. Tenho pena do sujeito quando ela o encontrar. Para ser sincero, acredito que tenho pena de Max também. Não tenho certeza de que ele entenda o que assumiu. Mas é melhor que descubra, antes de se casem. Com sorte, ela também descobrirá uma coisa ou duas, sozinha. Acredito que há uma chance de Phoebe ter encontrado seu par.

Sinceramente espero que sim.

**— Trecho de uma carta para o Sr. Gabriel Knight do
O Muito Honorável Lucian Barrington, Marquês de
Montagu.**

+++

***11 de abril de 1827. Hôtel St. Vincent, Rue Barbet-de-Jouy, 7º
Arrondissement, Paris.***

Max saiu do hotel, xingando baixinho, e subiu de volta, para se sentar com Jack e Fred.

— O calhorda ainda não chegou. Acho que o quadro está abrindo um buraco no bolso dele, enquanto considera seu valor. O gerente me disse que há dois penhoristas aqui perto: um Monsieur Chappuis e um Monsieur Lemoine.

— Acho que é melhor nós procurá eles, então. — disse Jack, com um aceno rápido — O sinhô recebeu instrução?

— Sim. Lemoine é o mais próximo. Vá para o final da rua e vire à esquerda, depois, na primeira à direita. Estamos procurando a Rue de Saint-Simon.

Não mais do que cinco minutos depois, pararam do lado de fora de uma casa alta e elegante. Max saltou e se virou, quando ouviu outra carruagem estacionar atrás deles. Era cedo, ainda nas primeiras horas da manhã, e a rua estava envolta em sombras, pois o sol não estava alto o suficiente para iluminá-la bem. A porta da carruagem se abriu e Kline saltou — Charlie! — Max disse, surpreso, correndo em sua direção — Tem alguma novidade? Viu...

Kline sorriu para ele e estendeu a mão para alguém dentro da carruagem. O coração de Max parou quando os dedos enluvados a pegaram, e Phoebe desceu, com uma enxurrada de saias azuis.

— Phoebe! — disse, tão aliviado, que seus joelhos quase cederam.

— Bom dia, Max. — cumprimentou-o com um sorriso incerto.

Max não pensou, apenas agiu, seguindo os impulsos de seus sentimentos, sem considerar se ela poderia ou não receber bem o seu abraço, mas diminuiu a distância entre eles e a puxou para seus braços, segurando-a forte contra ele.

— Graças a Deus! — sussurrou, com a voz instável — Graças a Deus.

Ele a soltou devagar, a contragosto, e Phoebe se afastou dele, de seus braços.

— Sinto muito, Max. — começou, mas ele a parou, pressionando um dedo em seus lábios, enquanto balançava a cabeça.

— Foi culpa minha, sei que foi. Deveria saber melhor e não cortá-la do processo, dessa maneira. Alvanly fez isso contigo, não comigo, e é justo que o enfrente, se é isso que deseja. Fui arrogante e dominador, e tudo que sei que não suporta e, por isso, peço seu perdão, meu amor, apenas... me dê outra chance, Phoebe. Prometo que farei melhor.

Phoebe o encarava e Max, muito ansioso para acreditar que estava interpretando suas emoções com precisão, mas ela parecia surpresa com suas palavras, pelo menos. Uma esperança floresceu em seu coração, e prometeu a si mesmo que não erraria tão catastroficamente de novo.

— Obrigada, Max. — disse baixinho — Também sinto muito, por fazê-lo se preocupar tanto. Isso foi horrível de minha parte e... e gostaria de não ter saído como fiz.

Max levou a mão dela aos lábios e beijou seus dedos — Estou apenas feliz por tê-la de volta comigo, e pela chance de fazê-la desejar ficar desta vez.

Phoebe sorriu para ele, a incerteza ainda brilhando em seus olhos, mas também havia calor neles, e as esperanças de Max queimaram, um pouco mais forte.

— Princesa?

— Jack!

Max observou Phoebe voar até o ex-bandido e abraçá-lo fortemente. O que o visconde pensaria dela, abraçando o cocheiro com tanto carinho, Max não

podia imaginar, mas o afeto entre eles era óbvio, e Phoebe estava irreprimível, como sempre. Max olhou para trás e viu que o Visconde Kline estava realmente observando com curiosidade, e do lado de uma mulher, de aparência notável, que estava vestida, da cabeça aos pés, de rosa vibrante.

— Lady Kline? — adivinhou, dirigindo-se a Charlie.

Os lábios do visconde se contraíram — Lorde Ellisborough, posso ter o prazer de apresentar a Sra. Nina Abercrombie? Sra. Abercrombie, Max Carmichael, Conde de Ellisborough.

— Milorde. — disse a mulher, fazendo uma reverência elegante.

Max olhou entre ela e Kline, perguntando-se por que a mulher estava com ele.

— Nina foi para Abbeville, para encontrar Alvanly, Max. — disse Phoebe, preenchendo as lacunas para ele — Ela não está envolvida no roubo. — acrescentou apressadamente, interpretando corretamente o desgosto dele com a ideia — Nina não sabia de nada disso. Ele lhe deve dinheiro, só isso, então veio até aqui, para coletá-lo. Alvanly pretende vender o quadro para pagá-la e depois viajar pelo continente, vivendo do resto, em grande estilo, sem dúvida.

— E Lemoine é seu penhorista. — disse Max, assumindo que era por isso que estavam aqui.

— Sim. — disse Phoebe, seus olhos excitados — Então, vamos ver se ele já esteve aqui.

Max olhou para baixo, com uma onda de prazer, ao ver Phoebe colocar a mão no seu braço e olhar para ele, esperando. Cobriu a mão dela com a dele por um momento, segurando seu olhar e esperando que Phoebe pudesse ler um pouco do que sentia por ela em seus olhos, antes de avançar e acompanhá-la para dentro.

— Uma falsificação!

A voz chocada de Phoebe soou pela elegante sala de estar de Monsieur Lemoine, o lugar para onde, discretamente os levara, depois de verificar quem estava entretendo.

— Lamento, madame. — disse Monsieur Lemoine, encolhendo os ombros, seu inglês era bom, mas fortemente acentuado — Mas sim. Uma ótima falsificação, admito, mas, mesmo assim...

Deu de ombros, enquanto abria as mãos.

— Mas a Sra. Manning mandou avaliá-lo. — Phoebe protestou.

O lábio de Monsieur Lemoine se curvou.

— Não sei quem a proclamou uma obra-prima, mas lhe asseguro, conheço *um faux*. Quem quer que tenha sido, era um *idiote*!

Phoebe bufou de frustração e caminhou até a janela. Estava cansada e seus ossos doíam, após horas em uma carruagem chacoalhante. Suas roupas estavam amarrotadas e suspeitava que não estava cheirando bem. Viajaram quilômetros pela França, em busca do odioso barão. E tudo isso por causa de uma falsificação? Seu único consolo era o conhecimento de que Alvanly

sofreria muito mais por sua idiotice. Havia perdido sua honra, nunca mais poderia aparecer na Inglaterra, e para quê? Para descobrir que seu pote de ouro era feito de latão.

— Espere, Phoebe. — disse Nina, em um tom mais baixo, aproximando-se — Está dizendo que... que a Sra. Manning era a dona do quadro?

— Sim, ela é. Algum problema?

— Minha nossa! — Nina mordeu o lábio e, embora também fosse perder o dinheiro do qual realmente dependia, seus olhos brilharam de alegria.

— O que foi? — perguntou o visconde, observando-a curiosamente.

— Receio que não ficarão felizes em ouvir isso. — disse, parecendo um pouco ansiosa, mas, ainda assim, seus lábios se contraíram irreprimivelmente, apresentando um humor que não conseguia conter — M-Mas, acredito que a Sra. Manning se vingou de Richard.

— Vingança? — Max perguntou, franzindo a testa para ela — Está dizendo que ela conhece Alvanly?

— Oh, ela *conhece* Alvanly. — disse Nina, sorrindo agora, e num tom de voz que nenhum deles teve dúvida de que se tratava de conhecê-lo no sentido bíblico — Sinto muito em dizer isso, mas... Richard a trocou por...

— Pela senhora. — Kline terminou por ela. Em vez de parecer enojado ou furioso, havia diversão em seus olhos.

Nina assentiu e virou-se para encarar Phoebe, estendendo a mão para segurar as dela.

— Sinto muito que Richard tenha causado tantos problemas, Phoebe. E ao senhor, milorde. — acrescentou a Max — Mas temo que tenham se envolvido em um esquema para ensinar uma lição a Richard. A Sra. Manning deve saber, como eu também descobri, que Richard é uma boa companhia, porém vaidoso, superficial e egoísta, e sua honra não é mais do que uma simplória fachada. Na verdade, acredito que ele venderia a mãe, se pudesse lucrar com isso, e certamente roubaria de uma amante, como fez comigo e com a Sra. Manning, acredito que ela se baseou no fato de que sabia que seria roubada. — sorriu então, balançando a cabeça com evidente admiração — Que mulher inteligente, acho que gosto dela.

Kline riu um pouco — Então, ela só precisou mencionar casualmente, para alguém que sabia que seria capaz de transmitir a informação a ele, sobre a exposição de um quadro inestimável, e contar com o fato de que Alvanly sairia das sombras.

— Acredito que sim. — Nina concordou.

Houve um longo silêncio, enquanto todos digeriam esse fato.

— Muito bem. — disse Phoebe, cruzando os braços — Então, o quadro é falso, e não precisamos mais nos preocupar em recuperá-lo, mas o fato é que tenho uma pendência para resolver com o barão e vou resolvê-la. A questão é, o que ele vai fazer agora?

Olhou para Max e se preparou, esperando que dissesse que a aventura deles havia terminado, que deveriam voltar para casa imediatamente e se casar, para

salvar sua reputação. Pensou ter visto o desejo de dizer tais coisas em voz alta através de seu olhar, como um lampejo rápido, mas Max respirou fundo e suas palavras não foram as que ela esperava.

— Alvanly foi enganado pelo quadro, e até mesmo o Monsieur Lemoine aqui disse que era uma falsificação inteligente.

— De fato, é. — acrescentou Lemoine, acenando para Max — Para alguém com menos experiência do que eu, pareceria o que pretendia ser.

Max assentiu — Então, por que ele não tentaria passá-lo como um quadro verdadeiro?

— Mas, como? — Phoebe perguntou, ainda um pouco assustada e se perguntando se Max estava apenas brincando com ela.

— Que tipo de homem é Alvanly, e que tipo de entretenimento ele prefere? — Max perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Ele vai apostar. — disse Nina, um tom de emoção se insinuando em sua voz — Foi isso que o meteu nessa confusão, em primeiro lugar, apostar dinheiro que não era dele para perder.

— Sim! — Phoebe disse, batendo palmas — Oh, muito bem, Max!

Phoebe quase corou com a explosão de prazer, quando viu a expressão calorosa de Max ao seu elogio, e ao saber que suas palavras significavam alguma coisa para ele.

— Oh, sei para onde ele vai! Richard me falou de um clube. — disse Nina, quase saltando de excitação agora — Ele estava ansioso para ir até lá, para tentar a sorte. É dirigido por dois jovens. Um é o *Comte* de Villen, o outro, seu irmão ilegítimo. Tornou-se o lugar para ser visto em Paris. É uma sensação e tanto, pelo que me disse.

— Ah! — disse Lemoine, acenando sabiamente — Casino Rouge et Noir. *Oui*, é exclusivo, *très chic*. — Lemoine olhou para eles e tossiu delicadamente — É melhor er... cuidarem um pouco dos seus... — fez um gesto com a mão em direção às roupas amassadas, mostrando um pouco de desgosto — Apenas alguns poucos selecionados podem entrar. *Le Comte* não tem ligação com o clube, porém, seu irmão é senhor e mestre lá. Nicolas Alexandre Demarteau. Se disserem na porta que Lemoine os enviou, poderão ganhar entrada, mas tenham cuidado com *Le Comte* e Demarteau. Não os subestimem por sua juventude, são implacáveis.

— Obrigado, Monsieur Lemoine, o senhor foi muito gentil em nos ajudar. — disse Max, ao que Lemoine se vangloriou um pouco — Se puder nos fornecer o endereço e talvez recomendar um hotel, onde possamos nos preparar para sermos vistos, deixaremos que continue seu dia.

— *Bien sûr, bien sûr* — Lemoine disse suavemente — Pode deixar, *mon Seigneur*, vou arranjar tudo.

Tão bom quanto sua palavra, e generosamente recompensado por Max pela mesma razão, Monsieur Lemoine os instalou no elegante e surpreendente Hotel Westminster, do outro lado do Sena, e a apenas quinze minutos do clube exclusivo Rouge et Noir.

Phoebe olhou para a seleção de vestidos que tinha para escolher e decidiu que, se alguma vez houve uma ocasião para algo um pouco escandaloso, este era o momento.

O hotel havia fornecido uma criada para ajudá-la a se vestir, e os olhos da jovem se arregalaram quando Phoebe escolheu o vestido de seda escarlate. O corpete era bem apertado e decotado, para mostrar uma boa quantidade de pele, e as mangas eram posicionadas fora do ombro, antes de se transformarem em grandes volumes de seda em forma de concha, bordadas com acabamento em seda preta. O material ajustou-se perfeitamente aos seus braços, dos cotovelos aos pulsos, e era fixado com uma sequência de pequenos botões de seda preta. A cintura estava bem apertada por um cinto de seda preta com uma fivela dourada, e as saias largas foram adornadas com o mesmo design de concha das mangas, numa ampla faixa de três níveis acima da bainha. Luvas de seda preta e sapatilhas de seda vermelha completaram o traje. Para o seu espanto, os franceses tinham modas ainda mais impressionantes para o cabelo do que na Inglaterra, e ela se contorceu e mordeu o lábio, enquanto seus cabelos loiros eram divididos em um arranjo complicado de cachos e tranças, que foram então adornados com três rosas vermelhas.

— Magnifique! — a criada deu um suspiro, satisfeita, enquanto se afastava e inspecionava sua obra.

Phoebe teve que admitir que era um arranjo impressionante, se projetado com a intenção de lhe dar uma enxaqueca, antes que essa aventura acabasse. Ainda assim, era bom estar vestida no auge da moda, mesmo que se parecesse mais com uma Cipriana do que com a esposa de um conde. Com um choque, se perguntou se seria de fato a esposa de um conde.

Max agiu muito bem quando se encontraram na casa de Monsieur Lemoine. Foi gracioso e se desculpou por seu comportamento, e acreditava que ele tinha sido sincero. Afinal, não a tinha repreendido nem uma vez por preocupá-lo tanto, e ela mesma tinha visto o alívio em seus olhos. O pobre homem estava fora de si. No entanto, restava uma pitada de dúvida de que Max tivesse agido apenas para evitar uma cena. Seu instinto não seria sempre mantê-la no escuro, se houvesse algo que pudesse preocupá-la ou perturbá-la? Temia que ele não compartilhasse seus problemas com ela, não permitindo que fosse parte integral do seu mundo e uma verdadeira parceira na vida deles juntos.

Bem, esta noite provavelmente seria um bom teste para os dois. Max veria com qual tipo de mulher gostaria de se comprometer pelo resto de sua vida, e Phoebe descobriria se ele realmente tinha entendido o que isso significava. Admitiu para si mesma que desejava, mais do que tudo, que Max ainda quisesse se casar com ela, mas não fingiria ser algo que não era. Amadurecer e fazer o seu melhor para não criar um escândalo, toda vez que saísse pela porta, era uma coisa, mas fazer o papel de esposa obediente e bem-comportada, que ficava em casa fazendo bordado, era um papel que ela não

tinha vontade nenhuma de interpretar, e não era algo que pudesse sequer contemplar.

Era tudo ou nada e, hoje à noite, Alvanly não seria o único jogando com altos riscos.



Irmão,

Estarei contigo novamente até tarde da noite, mas acabei de receber notícias de Lemoine de que um certo Barão Alvanly tentará apostar no valor de um quadro, que é, na verdade, uma falsificação. O Conde de Ellisborough e o Visconde Kline estão perseguindo este homem, e tenho certeza de que lidarão com ele. Embora eu saiba que preferiria que tal afronta fosse tratada rapidamente e por suas próprias mãos, lembre-se de que não desejamos nos envolver em um caso de honra entre os ingleses. É muito provável que precisemos de suas boas opiniões no futuro, e preferiria cultivar sua amizade a interferir em algo que não nos diz respeito. Uma recepção calorosa, do outro lado do Canal, não seria ruim para nenhum de nós. Afinal, temos o bastante para lidar no momento.

Peço-lhe que fique fora disso e faça o seu melhor para aprofundar as relações com os nossos clientes. Lemoine confirmou que Lady Ellisborough é a filha adotiva do Marquês de Montagu e essa é uma associação que seríamos tolos em não cultivar.

Faça amigos, uma vez na vida, Nicolas, não inimigos.

—Trecho de uma carta para Nicolas Alexandre Demarteau de seu irmão, Louis César de Montluc, Comte de Villen.

11 de abril de 1827. Hôtel Westminster, 2º Arrondissement, Paris.

Max reprimiu o desejo de espirrar e se afastou da exibição luxuosa de flores de estufa, no centro do suntuoso saguão de entrada de mármore do Hôtel Westminster. O Visconde Kline se moveu ao lado dele, parecendo estar antecipando a chegada da Sra. Abercrombie, tanto quanto Max a de Phoebe. Max sabia bem que ela o testaria esta noite, que qualquer decisão que Phoebe tomasse sobre o futuro deles seria influenciada, ao menos em certo grau, pela maneira como ele a tratasse.

Quaisquer reflexões ou decisões sobre exatamente como ele se comportaria pararam abruptamente quando seus olhos se elevaram para a escada, e sua visão se encheu de uma imagem que ficaria marcada em sua memória para sempre.

— Santo Deus! — murmurou baixinho.

— Coragem, meu caro. — disse Kline em seu ouvido, sua voz cheia de diversão.

Max desviou seus olhos de Phoebe por um breve momento, e viu Kline observando a Sra. Abercrombie descer as escadas, vestida completamente de preto e prateado brilhante.

— Mais uma vez na brecha. — disse Kline suavemente, antes de encontrar os olhos de Max e piscar — Sempre fui fraco por uma mulher bonita. Espero que eu faça uma escolha mais sábia desta vez, meu amigo.

Max soltou uma gargalhada e se virou para Phoebe. Escolha a mim, ele desejou em silêncio, enquanto ela vinha em sua direção, vibrante e sorridente, seus olhos mais azuis do que cinzas desta vez, um céu de verão brilhante, com a promessa de dias intermináveis e noites quentes e apaixonadas. Um desejo inchou seu peito, seu coração doía de tanto desejá-la, de querer ser digno dela. Não falharia desta vez, pois, se falhasse, não seria merecedor de um prêmio assim.

— Boa noite, Max. — disse Phoebe, seu olhar se movendo sobre ele, estudando o preto e branco de seu traje noturno. Ela devolveu seu escrutínio ao rosto dele, seus olhos azuis, mais escuros agora, e ele sentiu uma onda de calor, de orgulho, quando percebeu que Phoebe também o queria. Muito.

— Está terrivelmente bonito.

Ele riu e balançou a cabeça — Acredito que sou eu quem deva fazer elogios, milady, mas acabou de afugentá-los e a qualquer habilidade de usá-los de forma eficaz. Consegue me surpreender, como sempre, Phoebe.

Ela devolveu um olhar travesso, seus olhos agora brilhando.

— Bem, vou aceitar isso como um elogio, e minha suspeita é de que se trata de um de fato.

Max sorriu e pegou sua mão, levando-a aos lábios e beijando seus dedos enluvados — Não apenas uma forma de elogio. Estou obcecado, seduzido, sou inteiramente seu, para comandar. Apenas diga o seu desejo e eu obedecerei.

Por apenas um momento, algo quente e escuro cintilou em sua expressão, e todo o seu corpo ficou tenso. Então ela soltou um suspiro de arrependimento.

— Esta noite tem um propósito e desejo alcançá-lo, mas... — corou um pouco, segurando o olhar dele e baixando a voz — Não esquecerei do que me disse, Max.

— Phoebe, querida, — disse a Sra. Abercrombie quando ela e o visconde se aproximaram — está deslumbrante! Minha nossa, esse vestido é bem...

— Escandaloso. — Phoebe completou a frase, com um sorriso alegre no rosto — Sim, eu sei. Meu pobre pai teria um acesso nervoso se visse isso.

— De alguma forma, não consigo imaginar Montagu tendo acessos nervosos. — comentou Kline, balançando a cabeça — Acredito que seu maxilar se apertaria e seus olhos adquiririam aquele olhar gélido de descontentamento, que congela até os ossos.

Phoebe riu.

— Ora, mas esse é o acesso nervoso de meu pai. — disse, gravemente.

Max sorriu e soltou um suspiro desigual, enquanto considerava como o marquês os receberia, se devolvesse sua filha arruinada e ainda não disposta a se casar com ele. Um problema de cada vez, Max se aconselhou. Afinal, se Phoebe o recusasse, não tinha certeza se importaria o que acontecesse com ele a seguir. Lucian poderia fazer seu pior, e não seria nada, comparado ao arrependimento de ter perdido Phoebe por suas próprias ações tolas.

Acompanharam as senhoras até a carruagem que os esperava, e Phoebe pediu a Max que aguardasse um momento, antes que ele a ajudasse a entrar. Foi em direção aos cavalos, para onde Jack esperava, perto de suas cabeças.

Jack fez uma careta ao vislumbrar o vestido escarlate sob o manto, mas Phoebe apenas riu, atraindo o antigo vilão para um lado. Os dois falaram de forma suave e discreta e Max não conseguia entender, então se virou, para que o desejo de bisbilhotar não ficasse irresistível. Um leve toque em seu braço chamou sua atenção, e Phoebe sorriu para ele.

— Quando quiser, Max.



Do lado de fora, a fachada do Rouge et Noir era totalmente discreta, um prédio como tantos outros na rua, com seis andares e todas as suas janelas fechadas contra a noite... e para proteção contra os curiosos. Não havia teatro em sua apresentação, nenhuma entrada opulenta, apenas um pequeno sinal - um lado preto, o outro vermelho - que balançava suavemente, enquanto a brisa batia de um lado para o outro, em suas dobradiças bem oleadas. Não tinha nada escrito, nem instrução, e a porta preta não tinha número.

Max bateu na porta e ela se abriu imediatamente, revelando dois homens grandes, do tipo que não se gostaria de encontrar inesperadamente em uma rua escura.

— Monsieur Lemoine disse que seríamos bem-vindos aqui. — Max entregou seu cartão a um dos homens, que deu uma olhada rápida, assentiu e recuou.

E eles entraram.

No início, Phoebe ficou desapontada, tendo esperado coisas maiores do que o corredor escuro pelo qual passaram.

— A porta vermelha. — disse um dos homens, em inglês fortemente acentuado, acenando para uma das duas portas, uma preta e outra vermelha.

Phoebe olhou para a porta preta, intrigada, mas o sujeito corpulento apenas sorriu e balançou um dedo para ela.

— Porta vermelha. — insistiu.

Phoebe resistiu ao desejo de rir e mostrar a língua, e deu um aceno real de

cabeca, passando graciosamente pela porta vermelha, que Max mantinha aberta para ela.

— Curiosidade matou o gato. — ele murmurou, seus olhos iluminados de diversão, quando Phoebe percebeu que Max sabia exatamente o que ela estava pensando.

— É por isso que eles têm sete vidas. — rebateu, levantando o queixo, embora não pudesse resistir ao sorriso que puxava seus lábios — Oh!

Todos os pensamentos sobre o que estava por trás da porta preta desapareceram diante da cena exposta. Os ricos, os famosos e os escandalosos de Paris deviam estar todos ali, as mulheres usavam sedas e cetim luxuosos, joias que reluziam sob a luz de cinco enormes lustres. Homens, em seus trajes noturnos, fumavam e flertavam com as companheiras - nem todas respeitáveis - e a concentração em alguns cantos da sala, enquanto as pessoas se reuniam em torno de mesas de cartas e roletas, era tensa e absoluta. A sala era enorme, muito maior do que qualquer coisa que ela pudesse ter considerado possível do lado de fora.

Agora podia ver que as casas haviam sido alteradas para formar um vasto edifício. Os funcionários se moviam pela multidão sem problemas, vestidos de preto, exceto pelo vermelho escarlate de seus coletes. As paredes eram adornadas com afrescos, cenas exuberantes e eróticas, em um fundo vermelho, e as janelas eram cobertas com faixas pesadas de veludo vermelho. Espelhos com moldura dourada brilhavam, refletindo a luz e a cena diante deles, aumentando a sensação de espaço e grandeza. Aqui estava o teatro que estava ausente do lado de fora, a cena definida como um parque de diversões para os ricos e imprudentes.

Phoebe sentiu o braço de Max endurecer sob sua mão e, levantando os olhos, viu um homem se aproximar deles. Era alto e moreno, o cabelo brilhando preto azulado, como a asa de um corvo, enquanto se movia sob a luz dos lustres. Quem quer que fosse, as pessoas pararam para vê-lo passar, os olhares das mulheres admiravam seus ombros largos e o corpo ágil, os homens saíam de seu caminho, enquanto trazia consigo um ar de ameaça, que veio como uma surpresa quando ele se aproximou, pois era jovem, certamente não muito mais velho que Phoebe, e terrivelmente bonito. Olhos pretos como uma ameixa selvagem a observaram solenemente por um momento, antes que se curvasse para eles.

— Lorde e Lady Ellisborough, os senhores e seus convidados são muito bem-vindos ao Rouge et Noir, esta noite. Sou Nicolas Alexandre Demarteau, proprietário desta humilde casa. — havia um vislumbre de algo escuro e divertido em seus olhos enquanto falava, o diabo arrogante. Ele sabia muito bem que não havia nada de humilde em Rouge et Noir — Espero que alguém me informe se precisarem de alguma coisa, — prosseguiu sem problemas — mas, por ora, acredito que possam estar interessados em um dos jogos particulares. — gesticulando para um arco sombreado, coberto com uma pesada cortina de veludo preto, e depois estendeu um saco de fichas de jogos

— Entendo que é um homem íntegro e honrado, milorde.

Max acenou e aceitou o sacco — Todas e quaisquer dívidas serão pagas integralmente, tem a minha palavra, e, agora, acredito que daremos uma olhada por trás daquela cortina. Obrigado, Monsieur Demarteau.

— O prazer é meu, milorde, senhora. Espero que tenham uma... noite de sucesso.

Phoebe observou o homem se afastar, antes de erguer o olhar para Max novamente.

— Ele sabe. — disse, um pouco chocada.

— Suspeito que um homem que administra um negócio como esse faça questão de saber de tudo. — disse Max secamente.

O visconde riu baixinho e assentiu — Fiz algumas perguntas discretas sobre os irmãos proprietários de Rouge et Noir, mas não havia ninguém disposto a dizer uma palavra sobre eles. Nem mesmo uma objeção. Acho que isso diz muito.

— Bem, então, vamos ver o que Richard está aprontando? — Nina disse, voltando sua atenção, de Charlie para Phoebe.

Falou com leveza, mas havia um fio de tensão nas palavras, que revelava seus verdadeiros sentimentos. O visconde franziu a testa para ela e cobriu sua mão, que descansava levemente em seu braço.

— Não há necessidade de se envolver nisso. Não há necessidade de provocar a ira do barão. Ele não precisa saber que nos trouxe aqui, nem que desempenhou um papel nisso.

Nina balançou a cabeça — Sempre fui honesta com Richard. Desprezo falsidades, trapanças..., mas não o culparia por desacreditar disso, tendo me passado por sua esposa, nesses últimos dias. No entanto, prefiro enfrentá-lo. Não houve um grande caso de amor entre nós, mas havia afeto, da minha parte, pelo menos. Não gosto de acreditar que minha fé nele estava tão mal colocada, mas vou encará-lo, olhar em seus olhos. Acredito que saberei se ele pensou em me trair e ir embora.

Kline olhou para ela, com tanta admiração, que Nina riu, aquele som bom e vigoroso, que Phoebe gostava tanto.

— Posso ser uma prostituta, Lorde Kline, mas me gabo de ser honesta.

O rosto de Kline escureceu e ele pegou sua mão, levando-a aos lábios — Vejo apenas uma dama que enfrentou adversidades e sobreviveu. Venha, vamos encarar este dândi e ver que tipo de homem ele realmente é.

Phoebe percebeu um olhar assustado no rosto de Nina, seguido por um rubor cor-de-rosa, que suspeitava surpreender ainda mais a senhora. Nina não parecia uma mulher que corava facilmente, se é que corava, mas seguiu Kline, enquanto ele os conduzia em direção à alcova com cortinas. O visconde segurou a cortina e Nina entrou, seguida por Phoebe e Max, com Kline abaixando a cortina atrás dele, enquanto se juntava a eles.

Havia quatro mesas redondas, de bom tamanho, montadas na grande sala, iluminadas apenas por lâmpadas a óleo, uma suspensa acima de cada mesa.

Três das mesas estavam ocupadas, os jogadores tão concentrados em seu jogo, que nenhum olhou para cima. A tensão era palpável, as apostas altas. Do outro lado da sala, Phoebe viu Alvanly. Seu rosto estava relaxado, sua postura também, mas ela viu o punho cerrado, que descansava em sua coxa, sob a mesa. À medida que se moviam em direção a ele, seu oponente expôs suas cartas, e Alvanly soltou um longo e lento suspiro, e então sorriu. Ele se inclinou e varreu a pilha de fichas do centro da mesa, em sua direção.

— *Tant pis.* — disse ao homem à sua frente, que se levantou, murmurando um palavrão, e deixou a sala.

O barão riu, o som morrendo em sua garganta ao ver quem o observava. Ele se levantou e sorriu amplamente, embora a expressão não alcançasse os seus olhos.

— Ora, boa noite, meus senhores! Srta. Barrington, oh, e a adorável Nina. Tenha cuidado, Kline, ela é cara. Consegue arcar?

Phoebe viu Lorde Kline endurecer com o insulto, mas Nina apenas riu, e o coração de Phoebe doeu por ela, sabendo que havia percebido a verdade, assim como todos eles: Alvanly a enganaria.

— Querido Richard, como é típico que diga uma coisa dessas, quando foi quem me fez perder dinheiro. Está custando caro, e não posso me dar ao luxo de mantê-lo, nem encontro nenhum desejo persistente de fazer o esforço.

Ela se moveu em direção à mesa e levantou as saias volumosas de seu vestido luxuoso, varrendo as fichas que ele acabara de ganhar para dentro do tecido exuberante, enquanto Alvanly a encarava, enfurecido — Acredito que isso pagará a dívida, mais ou menos algumas libras. — disse, segurando o olhar furioso do barão por um longo momento, antes de se virar para Phoebe — Minha dívida, pelo menos. Acredito que tenha outra para resolver.

Nina sorriu quando Lorde Kline foi até ela e ofereceu o braço, mais uma vez.

— Podemos ir e trocar essas fichas para algo mais útil, Sra. Abercrombie?

— Sim, por favor. Tenho uma dívida a pagar. — disse, seu olhar suavizando, quando Kline manteve o olhar fixo nela, sem desviar. Sua respiração prendeu, e ela deu uma risadinha surpresa, antes de se virar para Phoebe — Boa caçada, querida. — disse, antes de permitir que Kline a guiasse para longe.

— Bem, Srta. Barrington, Lorde Ellisborough, em que posso ajudá-los?

— Um jogo. — Phoebe disse alegremente, antes que Max pudesse falar. Ignorou a maneira como Alvanly continuava se referindo ao seu status de solteira. Estava apenas tentando irritá-la, e seria preciso muito mais do que isso para fazê-lo. Phoebe pegou o saco de fichas que Max segurava e o jogou sobre a mesa, com um barulho abafado — Jogarei contigo.

Phoebe sentiu, em vez de ver, Max reagir às palavras dela, sentindo o desejo de alertá-la, de dizer para não jogar com um homem como ele. Ela se virou para olhá-lo. Max segurou seu o olhar por um momento e depois sorriu, puxando a cadeira para que se sentasse.

Alvanly riu e estendeu as mãos, para exibir a mesa vazia diante dele.

— Mas apostar o quê? Eles me negaram crédito aqui e não tenho mais nada com o que apostar.

Phoebe o repreendeu, como se estivesse repreendendo um menino.

— Ora, ora, milorde. Não seja obtuso, não quando sabemos que ainda está na posse daquele quadro valioso, e Max lhe emprestará... digamos, cinquenta libras em meu nome? Vou pagá-lo de volta, é claro, Max.

Max a fitou e Phoebe pôde ver seu desejo de falar, de perguntar o que ela estava fazendo, mas não disse nada e aceno com a cabeça.

A ganância cintilou nos olhos de Alvanly, e Phoebe sabia que o tinha. Sua capacidade de arrombar fechaduras de lado, ele não tinha motivos para acreditar nela, pensando apenas que se tratava de uma jovem dama, que achava que tinha habilidade razoável com as cartas, porque ganhava de seus amigos e familiares. Sorriu para ele, permitindo-lhe sua ilusão. Alvanly riu e olhou para Max, seu olhar considerando.

— O senhor vai permitir isso? — perguntou — É tolice.

Max devolveu um olhar gelado, do qual Montagu teria se orgulhado.

— Fez um grande mal para a senhorita, Alvanly. Se ela optar por se vingar dessa maneira, isso é assunto dela, sua escolha. Só me assegurarei de que não descumpra qualquer acordo que fizer com ela.

— Oh, não vou descumprir. — disse, tão convencido que a mão de Phoebe coçava com o desejo de bater na cabeça dele — Mas quem garantirá que a senhorita em questão me pague quando eu arrancar uma fortuna dela?

Phoebe devolveu um olhar enojado — Todas as contas serão pagas integralmente. Estou longe de ser pobre e alguns de nós têm um pouco de honra em nossos nomes.

O olhar de Alvanly escureceu, todas as evidências do jovem encantador que pretendia ser se dissolvendo como fumaça e deixando todos os que não tinham dúvidas sobre o quão fina a máscara havia sido, certos de sua falta de honra. Max estava certo em alertá-la sobre esse homem, em se preocupar com o interesse dela por ele. Phoebe olhou para Max agora, parado ao seu lado, sólido como um carvalho inglês, protegendo-a, mas permitindo-lhe isso, sua escolha, sua decisão.

— Max.

Olhou-a imediatamente, seus olhos escuros procurando os dela.

— Sim. — disse, suavemente.

Por um momento, ele franziu a testa, sem entender, e então prendeu a respiração. Havia tanta alegria em seus olhos, Phoebe sabia que tinha escolhido certo. Max nunca a esmagaria, não a intimidaria ou impor a sua vontade sobre ela, e, quando estivesse errado, pediria desculpas e faria as pazes. Ironicamente, foi forçada a reconhecer que era a mais propensa a gastar seu tempo se desculpando, mas também aprenderia a ser a esposa que ele merecia.

— Se ainda quiser... — acrescentou rapidamente, percebendo, tarde

demais, sua arrogância em acreditar que Max ainda poderia querer se casar com ela.

Antes que ela pudesse terminar a frase, porém, ele se curvou e roubou um beijo rápido.

— Mais do que pode imaginar. — sussurrou, apenas para os ouvidos dela.

— Se os dois pombinhos terminaram...? — Alvanly falou, arrastando as palavras.

— Não. — Max respondeu friamente, olhando para o barão com profundo desgosto — Mas posso esperar. Phoebe tem uma questão de honra para resolver.

Alvanly bufou e embaralhou as cartas, mas Phoebe apontou um dedo para ele.

— Oh, não. — disse ela, sorrindo e gesticulando para um dos criados que estava imóvel nas sombras, aguardando ordens — Um novo baralho, *s'il vous plaît*.

O barão sorriu e se serviu de uma taça de vinho, da garrafa meio vazia, na altura do seu cotovelo — E o que vamos jogar, Phoebe, querida? Whist?

— Não, Écarté. — disse simplesmente, e sorriu.



Prezado Gabriel,

Fiz os amigos mais interessantes, desde que cheguei na França, e tenho o grande prazer de informá-lo, que temos um novo cliente, na pessoa de Lorde Ellisborough, que deseja investir e reabastecer suas próprias adegas.

Admito que nunca sonhei que a vida a seu serviço me levaria a circunstâncias tão extraordinárias. O senhor me deu um novo sopro de vida, juntamente com a chance de me redimir e a minha fortuna.

Estou em dívida para com o senhor. Especialmente agora, pois acredito que minha sorte tenha mudado. A vida, às vezes, pode tomar um rumo tão surpreendente...

— Trecho de uma carta ao Sr. Gabriel Knight de O Muito Honorável Visconde Charles Kline.

11 de abril de 1827. Rouge et Noir, 7º Arrondissement, Paris.

Phoebe permitiu que Alvanly ganhasse as três primeiras mãos, jogando de forma imprudente e aparentemente com pouca consideração por suas cartas. Na verdade, o barão estava com uma sorte dos diabos aquela noite, e ela sabia que só teria ganho dois dos três jogos, se tivesse jogado da melhor maneira possível. Este era outro tipo de jogo, porém, atraindo o barão para o caminho que desejava que ele tomasse, e não estava disposta a jogar limpo.

Alvanly jogaria apostando um quadro, que ele sabia muito bem ser inútil. Ele a havia usado, roubado a Sra. Manning e enganado Nina com seu dinheiro. Phoebe não sentiu nenhum remorso em usar as habilidades que Jack lhe ensinara quando menina, para equilibrar a pontuação. O único problema era que Max não sabia de sua habilidade com as cartas, ou o quão bem poderia trapacear. Phoebe se perguntou brevemente se Max ficaria enojado por ela estar fazendo isso, mas afastou esse pensamento. Era hora de confiar em Max, acreditar que saberia que ela estava fazendo o melhor, pois confiava nela para realizar sua estratégia desvairada, mesmo que não entendesse o que Phoebe estava fazendo.

Fez uma grande demonstração de concentração na próxima mão e sorriu alegre para Max quando ganhou. Ele devolveu o sorriso, embora seus olhos permanecessem preocupados e ela desejasse poder dizer tudo o que estava acontecendo. Havia considerado, mas não tinham tempo e, na verdade,

convinha que ele parecesse nervoso, pois isso acrescentava verossimilhança à imagem de inocência que Phoebe desejava apresentar ao Barão Alvanly. Essa ansiedade nervosa se espalhou pelo pobre Max, quando Phoebe perdeu as três mãos seguintes, e sua dívida com Alvanly acumulou até duzentas libras.

— Querida Phoebe, não acha que talvez esteja lidando com uma situação além das suas habilidades? — Alvanly provocou, enquanto se servia de outra taça de vinho.

— Oh, não, minha sorte certamente vai mudar. — disse brilhantemente, embaralhando as cartas de forma tão inepta, que duas caíram do baralho — Ops.

Alvanly revirou os olhos, enquanto Phoebe pegava as cartas caídas, sem saber do fato de que ela acabara de esconder o rei de copas. Distribuiu as cartas em lotes de dois e três, cinco cada, e depois virou a próxima, revelando o trunfo, o rei de copas.

— Oh, eu ganho um ponto por essa, não é mesmo? — disse dissimuladamente.

Alvanly fez uma careta.

— Eu proponho.

— Oh, que querido. — disse Phoebe, piscando os cílios para ele, ciente de que isso significava que Alvanly desejava outra carta — Eu recuso.

A carranca de Alvanly se aprofundou. Mas era o direito do crupiê aceitar ou recusar, e Phoebe queria jogar imediatamente, tendo organizado um conjunto perfeito de cartas, através de um truque criterioso.

— São dois pontos extras para mim, se eu ganhar. — murmurou Alvanly.

— Mas não vai ganhar. — disse Phoebe, sorrindo docemente, e começou a pegar o truque, e o próximo, e o seguinte — Oh! — gritou de alegria, tendo recuperado de volta cinquenta libras — Eu disse que minha sorte mudaria.

Naturalmente, depois perdeu desastrosamente, cerca de trezentas libras, para a diversão de seu oponente, mas tudo fazia parte do jogo mais complexo que estava engendrando, enrolando-o.

— Acho que devemos tornar as coisas mais interessantes. — disse, tendo distribuído a próxima mão e feito como se estivesse tentando esconder o fato de que tinha cartas excelentes — Mil libras. — declarou.

Max fez um movimento súbito ao seu lado e ela o olhou. Havia uma expressão suplicante em seus olhos, e ela estendeu a mão e pegou a sua, dando um beijo em seus dedos enluvados, enquanto segurava seu olhar. Ele soltou um suspiro instável e sorriu, sem dizer nada, embora Phoebe soubesse que Max deveria estar mordendo a língua. Ele apertou os dedos dela, em uma demonstração silenciosa de apoio, e Phoebe se virou para Alvanly, para ver a ganância e a excitação brilhando em seus olhos.

— Mas eu não tenho mil libras, como bem sabe.

— Mas tem o quadro. — Phoebe apontou.

Alvanly riu e balançou um dedo para ela — Oh não, minha querida. Aquele quadro vale muito mais do que mil libras. Dez mil, pelo menos.

— Não jogarei contigo por dez mil libras. — disse Phoebe com desgosto, embora seu coração estivesse martelando de excitação.

— Então não jogarei. — Alvanly recostou-se e cruzou os braços.

Phoebe mordeu o lábio, como se estivesse considerando a proposta dele.

— Duas mil libras.

Alvanly bufou.

Phoebe ergueu os olhos, quando uma figura escura se aproximou da mesa e Monsieur Demarteau apareceu. Ficou observando, seu olhar escuro gradualmente se movendo para Phoebe, e ela sufocou um xingamento. Mesmo Jack não sabia dizer quando ela estava trapaceando. Seus dedos eram tão ágeis, rápidos demais para a maioria dos olhos, mesmo que soubessem o que procurar, mas, um homem assim... Seus olhos escuros se concentraram nela, fazendo seu coração bater forte e seu estômago revirar com tanta força, que se sentiu mal. Sentiu como se ele pudesse *ver* tudo. A última coisa que precisava era ser pega trapaceando. Bem, não tinha o que fazer agora. Estava determinada a seguir por esse caminho, mesmo que significasse arriscar tudo.

— Cinco mil libras. — disse, erguendo o queixo e ignorando Max, cujos punhos estavam cerrados agora. Ele os colocou atrás das costas e se afastou dela por um momento, antes de voltar a ficar ao seu lado, o maxilar rígido de tensão.

— Isso é metade do seu valor, menos ainda. — disse Alvanly, com desgosto.

— Sim, mas é dinheiro, e é seu se ganhar, *e ficará* com a pintura. Todo esse dinheiro, sem o incômodo de encontrar um comprador. Só Deus sabe quanto tempo isso levaria. E ainda há a questão da procedência. — acrescentou, erguendo uma sobrancelha.

O olhar do barão se desviou para Demarteau e de volta para Phoebe, seus lábios se comprimiram, em uma linha fina de desagrado.

— Tudo bem.

Phoebe lutou para suprimir um sorriso de triunfo quando Alvanly pegou um pequeno pacote envolto em papel, que estava sob a mesa. Puxou a corda que o mantinha fechado, para revelar a pequena imagem suja, que causara todo aquele problema.

— Eu aposto o quadro.

— E as trezentas libras que tem. — acrescentou Phoebe com um sorriso brilhante — E eu aposto cinco mil e trezentas, acredito que isso seja justo.

— Como quiser. — Alvanly respondeu, ressentido. Seu olhar voltou-se para Demarteau, que permaneceu nas sombras, silencioso e imóvel, e um pouco enervante.

Phoebe respirou fundo e teve um momento para acalmar seu coração nervoso, antes de embaralhar as cartas, habilmente desta vez, permitindo que Alvanly visse sua maestria, enquanto as cartas voavam entre suas mãos. Seus olhos se arregalaram e olhou bruscamente para ela. Phoebe o olhou, sem sorrir.

Distribuiu-as, seus dedos se movendo rapidamente, deslizando as cartas que queria para o topo do baralho, mais uma vez, e virando a carta do rei, revelando-a como o trunfo, na modalidade de espadas, dessa vez.

— Oh, olhe só isso. — disse, fingindo surpresa, quando a mandíbula de Alvanly ficou rígida.

Ousou olhar para Demarteau e o encontrou observando-a atentamente, seus olhos escuros intensos e ponderados. Ele não sabia, mas suspeitava. Phoebe esperou, imaginando o que faria, se é que faria algo. Um canto de sua boca se levantou só um pouco. Phoebe soltou um suspiro de alívio.

Podia sentir o olhar de Max sobre ela e seu espanto, enquanto ela jogava carta após carta perfeita. Alvanly estava suando agora. Não que ele tivesse algo de valor real a perder. Sabia tão bem quanto ela que o quadro era falso, mas, ter o dinheiro quase em suas mãos, como acreditava, pelo menos, e depois o ter arrancado por ela, de todas as pessoas. Estava doente com isso.

Phoebe segurou o olhar dele enquanto colocava a carta que selava seu destino e ganhava o jogo.

— Perdeu.



Max estava tão tenso, que sentia como se fosse explodir. Fechou as mãos em punhos e colocou atrás das costas, as palmas das mãos suadas, os pulmões travados, dificultando a respiração.

Quando Phoebe finalmente jogou a carta vencedora, ele quase não conseguiu gritar de triunfo. Aquela danadinha, conseguira! Meu Deus. Derrotara Alvanly, até reduzi-lo a frangalhos. Max não entendia como, não conseguia compreender como ela havia jogado tão terrivelmente no começo e depois...

Exceto, é claro, que ela estava jogando um jogo mais complexo do que ele imaginava. Os olhos de Phoebe haviam implorado para que confiasse nela, e, mesmo que estivesse desesperado para salvá-la daquela loucura, e de perder uma fortuna para esse homem repugnante, permitiu que ela continuasse. Não interferiu, não aconselhou e nem insistiu que ela parasse, e graças a Deus por isso. Nunca o teria perdoado, se não confiasse nela. E agora ele via... via a sua genialidade, a sua ousadia pura. Não tinha a menor dúvida de que Jack a havia ensinado como trapacear nas cartas, e ela esteve brincando com o barão, desde o início, totalmente no controle.

Por Deus, era magnífica.

— Perdeu.

Alvanly se levantou.

— Trapaceou! — enfureceu-se, apontando o dedo para ela — Não vou dar nada, sua cadelinha traiçoeira.

Max estava prestes a explodir, mas Demarteau chegou, antes que ele pudesse colocar as mãos no barão.

— *Arrêtez!* — disse bruscamente, segurando Max com uma força surpreendente para um homem tão jovem — Pare, sua senhora não precisa da

sua ajuda.

Max virou a cabeça e congelou, vendo que o que o francês dizia era verdade, e suspirou, chocado. Phoebe estava tranquilamente sentada em seu assento, apontando uma pequena arma com cabo de pérola para o barão.

Ele já tinha visto aquela arma antes.

— O quadro e minhas trezentas libras, por favor. — demandou, com as mãos perfeitamente firmes.

— Não se atreveria. — Alvanly zombou.

Max se engasgou, dividido entre o choque e o riso. Ela realmente recuperaria o maldito quadro sob a mira de uma arma?

— Honestamente, eu não apostaria nisso. — disse, falando sério — Não deveria ousar, Phoebe. É uma péssima ideia.

— Lorde Alvanly, — disse Demarteau suavemente, indo em direção ao barão — assisti ao jogo. O senhor perdeu, Lady Ellisborough ganhou. Não temos espaço para maus perdedores no Rouge et Noir. Gostaria que saísse agora, e o aconselho a não voltar aqui de novo. Acho que não vai gostar da recepção que receberá.

Alvanly olhou para Demarteau, que exalava ameaça, mesmo sem se mexer um centímetro. Apenas observava o barão placidamente. Alvanly voltou o olhar para Phoebe, que não havia abaixado a arma, e soltou uma risada suave, quando a tensão deixou o seu corpo. Balançou a cabeça — Realmente poderia ter me apaixonado, Phoebe, querida. — disse, olhando-a com fome nos olhos, antes de se virar para Max — Desejo que seja feliz com ela, Ellisborough. Irá conduzi-lo a uma dança animada, juro, mas admito que o invejo por isso.

E então virou as costas e foi embora.

Max soltou a respiração e se virou para Phoebe, querendo parabenizá-la e pedir desculpas por ter duvidado dela, mas, antes que tivesse a chance, ela se jogou em seus braços e o abraçou fortemente.

— Oh, Max! Max, graças a Deus estava aqui. Eu estava com tanto medo de estragar tudo.

Agarrou-se a ele, seu corpo inteiro tremia, e Max a segurou, emocionado por ela ter ido até ele, seu coração estava tão completo que quase não conseguia lidar com tudo o que estava sentindo.

— Medo? — perguntou, incrédulo, inclinando a cabeça dela para cima e segurando seu queixo suavemente — Não acredito nisso. Foi firme do começo ao fim. Nunca vi uma mão tão firme, e a maneira como o atraiu, perdendo as primeiras mãos... meu Deus, Phoebe. Foi incrível. Nunca vi nada parecido na minha vida.

— Nem eu. — murmurou uma voz ao lado deles.

Quando se viraram, viram Demarteau observando-os, interessado.

— Gostaria de jogar uma partida com a senhora, Lady Ellisborough, se um dia voltar para o Rouge et Noir. Acredito que seria uma... como é que se diz... *une expérience éclairante*?

— Uma experiência esclarecedora. — Phoebe traduziu, com um sorriso

nervoso.

— Exatamente. — disse Demarteau, o vislumbre de um sorriso puxando os cantos de sua boca — No entanto, prefiro que não use esses dedos ágeis e habilidosos quando nos encontrarmos. Um jogo justo, *alors*? Pedirei que troquem as fichas para a senhora. O dinheiro estará esperando na porta, com o quadro, quando saírem. Se desejar comemorar, tem dança no salão de baile, hoje. Um dos meus homens pode mostrar o caminho, tenham uma boa noite.

Fez uma reverência profunda e respeitosa e os deixou.

Max olhou para Phoebe com uma carranca — Ele sabia.

— Sim. — disse Phoebe timidamente — Não costumo trapacear, juro, embora admita que é tentador, mas tinha que vencer Alvanly. Tinha que vencer. Consegue ver?

Os olhos de Phoebe estavam melindrados, e Max percebeu que ela estava com medo de que ele não pudesse entender por que tinha feito aquilo. Não tinha palavras para dizer-lhe o que sentia e tudo o que havia experimentado, aprendido e entendido, desde o momento em que pisaram em Rouge et Noir, então, simplesmente se inclinou e pressionou sua boca na dela.

— Eu a amo. — declarou-se.

Ela suspirou, a ansiedade que sentia se dissipando, quando se inclinou para ele — Gostaria que dançássemos, Max.

— Seu desejo é minha ordem, milady.

Phoebe olhou para cima e sorriu para ele — Eu sou sua senhora?

— Sim. — disse, incapaz de esconder a emoção na voz — Sim, é.

Embora estivesse mais perto da manhã do que da noite, o salão ainda estava animado. A música aumentou e devassos e mulheres escandalosas, as mais elegantes e ricas da cidade, se reuniram para dançar. Não era uma dança do tipo que Phoebe estava acostumada. A valsa ainda era uma dança chocante, mesmo depois de tantos anos de aceitação nos salões de baile da *ton*, mas sempre havia uma distância adequada entre os parceiros de dança. Não era o caso aqui. A valsa aqui era algo diferente, passional e indiscreta, os cavalheiros seguravam as damas muito próximo e as mãos muito baixas, nas suas costas. Phoebe viu uma mulher fechar os olhos com um suspiro de prazer, enquanto um homem a beijava no pescoço. Apressou Max para a pista, querendo fazer a mesma coisa, imediatamente.

Ele a arrastou para o meio dos casais e Phoebe riu com prazer. Seus olhos refletiam a risada dela, que brilhava no calor de seu sorriso. A felicidade irradiava dele, e Phoebe era a causadora disso, ela o fez feliz.

— Quero dançar até o amanhecer. — disse ela ofegante, quando Max a puxou para perto dele, encantada que seu correto e educado Lorde Ellisborough pudesse agir tão escandalosamente.

— Então vamos. — disse, inclinando-se para beliscar sua orelha.

Phoebe ofegou quando foi atravessada por um desejo tão avassalador e se perguntou se poderia voltar para o hotel imediatamente.

Max balançou a cabeça.

— Não até que amanheça. — ele murmurou, seus olhos escuros de desejo tinham um pouco de diversão.

Bem, dissera que queria dançar até o amanhecer, e todas as coisas boas vinham para aqueles que esperavam, supôs. Phoebe sorriu e Max a girou rapidamente, tão rápido, que ela quase tropeçou. Os braços dele se apertaram em volta dela, mantendo-a firme, e continuaram, com Max a guiando sem esforço pelos casais. Phoebe percebeu que Max não agiria assim com a vida deles. Sempre a estabilizaria quando Phoebe tropeçasse, mas não escolheria o caminho por ela.

Phoebe fechou os olhos e deixou a música levá-la.



Max olhou para baixo, para os olhos de Phoebe, que brilhavam, e sentiu a sua respiração ficar presa. A noite acabara, o sol já tocando o céu e iluminando a escuridão, mas Phoebe não parecia nem um pouco sonolenta.

— Leve-me de volta para o hotel. — ela pediu, e Max percebeu um novo desafio. Como, diabos, levar Phoebe de volta para seus pais e se casar com ela, sem deflorá-la, em todas as oportunidades, entre aqui e Dern?

Julgando pelo escurecimento tempestuoso de seus olhos, era um esforço ou uma tentativa com a qual Phoebe não tinha intenção de ajudar.

Pegou sua mão e colocou-a firmemente em sua manga, guiando-a para fora do luxuoso salão de festas.

— Devemos encontrar Charlie e Nina antes de irmos? — ela perguntou, enquanto ele a conduzia para fora.

— Não. — disse, sorrindo um pouco — Suspeito que eles foram embora, horas atrás.

Phoebe sorriu, fazendo Max rir do prazer em seus olhos — Acha que eles podem se casar?

Max encolheu os ombros, não tinha certeza quanto a isto, mas sabia que Charlie tinha toda a intenção de conhecer Nina melhor.

— Após sua última experiência matrimonial, penso que seria preciso um grande incentivo para fazer Kline se casar novamente.

— Mas Nina não é nada parecida com sua última esposa, tenho certeza disso, e sou uma excelente juíza de caráter.

Max enviou-lhe um olhar sem graça e Phoebe bufou.

— Eu sabia que Alvanly era um canalha, Max, então, não me olhe assim. Admito que fui imensamente estúpida em cair nos seus planos, mas pensei que ele só queria me seduzir, e tenho bastante experiência em frustrar esse tipo de plano.

Max parou, algo quente e irritado se desenrolando em sua barriga — O que quer dizer com isso? Se algum infeliz, alguma vez, tentou...

Phoebe respirou fundo e tocou sua bochecha, uma carícia tão terna que ele tremeu, desejando que já estivessem no hotel e longe de olhares indiscretos.

— Não, Max. Não existem mais vilões dos quais precise me proteger.

Apenas quis dizer que não sou tão inocente assim. Sei como me defender, caso seja necessário, e, se esse fosse o plano de Alvanly, ele teria falhado, mas penso que está começando a ver isso por si mesmo.

Ele soltou um suspiro suave e riu — De fato. — murmurou.

Pareceu uma eternidade, antes de terem recolhido suas capas e chapéus, mas finalmente, a porta pintada de preto de Rouge et Noir se fechou atrás deles e Max colocou Phoebe na carruagem. Mal havia fechado a porta e se sentado, quando Phoebe pousou em seu colo, com um suave farfalhar de saias de seda e anáguas.

O desejo o atravessou, toda a contenção que pretendia controlar estalando em um instante, enquanto seu traseiro macio se aninhava sobre sua virilha. Com um gemido, ele a alcançou, afundando os dedos na insanidade de seu último penteado e puxando sua boca para a dele. Não foi carinhoso nem doce, sua boca estava urgente sobre a dela, buscando, tomando, exigindo mais, sentindo que sua paixão apenas a inflamava. Afinal, esta era sua Phoebe, ousada, corajosa e diferente de qualquer pessoa que ele já conhecera em sua vida. Ela puxou sua gravata e ele teve que pará-la.

— Ainda temos que passar pelo saguão do hotel. — ele disse rindo um pouco, frustrado.

— Mas eu quero tocá-lo. — reclamou, impaciente, enviando um choque de luxúria diretamente para sua virilha.

— Deve esperar. — ele ordenou, surpreso por ter conseguido pronunciar as palavras, mas nem um pouco surpreendido por sua voz ter saído grave e muito rouca.

Phoebe tremeu em seus braços, e Max percebeu que ela tinha gostado daquele tom, uma revelação que guardou para a posteridade.

— Mas posso tocá-la. — acrescentou maliciosamente.

Puxou as luvas, tirando-as com a boca, uma a uma, e as jogando no assento ao lado, antes de alcançar a bacia das suas saias. Phoebe ofegou quando ele fez um caminho sob os metros de seda e as anáguas, que espumavam por baixo, até que sua mão se fechou em torno de um tornozelo delicado e com meia.

— Aqui está. — ele murmurou, inclinando-se um pouco para acariciar o ponto doce sob sua orelha e beliscando o lóbulo macio, enquanto sua mão se movia para cima, lenta, mas inexoravelmente, seguindo a curva de sua panturrilha e depois acariciando a pele sensível, na parte de trás de seu joelho. Beijou a linha de sua mandíbula, ciente da maneira como sua respiração acelerava, a rápida ascensão e queda de seus seios, empurrando contra o decote indecente de seu vestido. Sua mão exploradora seguiu em frente, permanecendo na liga, logo acima do seu joelho. — Mostre para mim.

A respiração de Phoebe ficou presa pelo comando, mas ela não perdeu tempo e levantou as saias, até uma altura que lhe dava a visão da fita e um pequeno laço.

— Preto. — ela sussurrou.

Max gemeu e procurou sua boca, se deleitando com o sabor doce dela, o deslizar entusiasmado de sua língua contra a dele. Quase riu de felicidade ao considerar o entusiasmo dela, comparado ao desastre de seu primeiro casamento. Sua pobre primeira esposa havia sido criada para ter tanto medo da intimidade física que nem sequer olhava para a sua própria nudez, muito menos a dele. Esteve sempre cheio de arrependimento e pena dela, tentando o seu melhor para ser gentil, mesmo quando ela não era.

Mas nunca mais. Nunca mais sofreria anos de solidão, por causa de votos que o ligavam a uma mulher que não suportava que a tocasse, que achava o ato de fazer amor não apenas desagradável, mas abominável. Phoebe se aproximou dele, buscando mais, pressionando-se contra ele, não escondendo o seu desejo, querendo-o tão descaradamente, que Max se perguntou como manteria o controle da situação, quando estava louco de desejo por ela também. Ele, no entanto, não desejava uma interrupção de Jack, e que provavelmente o mataria e jogaria em uma vala, se o velho patife acreditasse que havia colocado as mãos na sua Princesa.

— Max, — ela gemeu contra sua boca — Max, por favor...

Ele a silenciou, beijando-a mais profundamente, murmurando carinhosamente palavras de amor, enquanto sua mão deslizava sobre a seda quente de sua coxa e roçava os cachos que marcavam o doce centro dela.

Ela ofegou e ele riu — É isso que quer, querida?

— Sim. — ela concordou, agarrando-se ao pescoço dele, os olhos se fechando, enquanto Max deslizava os dedos pelos cachos, até sua pele delicada.

Era sua vez de arfar, prender a respiração contra o gemido torturado que se acumulava em seu peito, ao encontrar o que procurava, quente e escorregadio de desejo.

— Oh, meu Deus! — ele sussurrou, a súplica desgastada pela necessidade — Quero beijá-la aqui, quero colocar minha boca e prová-la.

Por um momento, ele se perguntou se havia ido longe demais, se até Phoebe tinha seus limites. Afinal, era inocente. Ela poderia acreditar o contrário, mas ele sabia que Montagu a havia protegido tão bem quanto qualquer um poderia proteger uma filha...

— Sim, sim, por favor.

Estava olhando para ele, os olhos escuros, as bochechas coradas, e Max riu de sua própria tolice, imaginando que poderia chocá-la, de todas as pessoas.

— Por favor, Max. — ela sussurrou.

Max engoliu em seco, a boca salivando com o desejo de fazer o que ela pedia, mas não podia, não ali.

— Não. — ele murmurou — Não temos tempo. Chegaremos ao hotel em dez minutos, e estou condenado, se apressar esse momento.

— Mas...

— Tenha paciência, querida, — acalmou-a — deixe-me tocá-la.

Ele a moveu em seu colo e se inclinou para um canto da carruagem,

beijando-a lenta e profundamente, seus dedos acariciando o lugar macio entre suas coxas. Seu coração estava batendo forte e rápido demais, seu corpo doía de necessidade, mas conseguia focar-se apenas no desejo dela. Max deslizou um dedo para o seu interior, a respiração prendendo, enquanto a dela falhava também.

— Oh! — ela gemeu, com as mãos agarradas nos seus cabelos, puxando sua boca para a dela enquanto seu dedo explorador deslizava mais fundo, em seu intenso calor.

Por um momento, ele se imaginou lá, imaginou o prazer, o sexo dela escorregadio, caloroso e acolhedor, e quase foi afogado em uma maré de desejo. Lutou contra isso, lutou pelo controle, enquanto persuadia e tentava Phoebe a perder o dela. Finalmente ela ofegou, a cabeça tombando para trás, expondo a elegante linha de seu pescoço. Max se inclinou, beliscando sua garganta macia suavemente, e ela cedeu à intensidade do momento em seus braços. Phoebe tremeu e deu um grito suave e trêmulo, que fez seu coração disparar enquanto aproveitava o prazer que lhe dava, sem vergonha ou culpa. Quando se recuperou, ela o olhou com um prazer silencioso e sem um traço de arrependimento.

— Como é linda. — elogiou-a — E como a amo.

— Eu também o amo, Max.

Max a fitou então, não se atrevendo a respirar e acreditar que Phoebe havia dito as palavras que ele tanto desejara. Sabia que Phoebe o desejava e que gostava dele, na maior parte do tempo, e isso tinha sido mais do que ousara sonhar. Esperava que o amor viesse, com o tempo, mas não esperava...

— Não sabia disso, Max? — ela perguntou, um pouco tímida, enquanto ele balançava a cabeça, atordoado demais para falar. Phoebe riu e se aconchegou a ele, e Max ouviu quando ela tentou sufocar um bocejo — Bem, eu amo, eu o amo muito. Por Deus, estou morrendo de sono.

Soltou um suspiro suave e fechou os olhos, dormindo em instantes.

Max a olhou, hipnotizado e divertido, pelo fato de ter adormecido naquele momento.

— Meu amor. — ele disse, incapaz de conter sua risada, sua alegria — Obrigado. Obrigado por me lembrar o que é estar vivo.

Max a carregou para dentro do hotel, enquanto o sol se levantava sobre Paris, indiferente aos olhares escandalosos que recebiam. Ele não a teria acordado por nada neste mundo. Ela se mexeu, quando ele a deitou com cuidado na cama, e tentou desenrolar seus braços do pescoço dele.

— Não. — ela protestou, balançando a cabeça — Fique. Fique aqui, comigo.

Sabia que não devia. Apesar de terem entrado no hotel como marido e mulher, eles não eram, e Max não deveria se aproveitar disso, mas também não queria deixá-la sozinha.

Não era impossível dormir de forma casta ao lado dela. Era difícil, mas não impossível. Se ele se levantasse antes dela acordar, tudo ficaria bem. Então foi

até a cama e a abraçou, colocando a cabeça dela sobre seu peito enquanto voltava a dormir.



Meu querido amigo,

É com muita alegria que compartilho a notícia de que Phoebe concordou em se casar comigo. Embora ainda pareça ser algum sonho extraordinário, ela não aceitou apenas para proteger sua reputação. Na verdade, se essa fosse sua única consideração, sei que me recusaria. Por algum milagre, ela retribui meus sentimentos, e acredito que não preciso explicar como estou feliz. Eu me lisonjeio, pensando que essa notícia não será indesejada, mas dou-lhe minha palavra de honra de que farei tudo ao meu alcance para ser o que ela precisa, para dar-lhe tudo o que deseja e nunca enjaularei seu espírito livre.

Ela deseja se casar em Dern, após nosso retorno à Inglaterra. Para minha consternação, também está me fazendo cumprir minha promessa de permitir que desfrute de Paris. Voltaremos assim que conseguir convencê-la a deixar tais deleites para trás. Imploro que faça os arranjos necessários para que possamos nos casar imediatamente.

— Trecho de uma carta para O Muito Honrável Lucian Barrington, Marquês de Montagu, do O Muito Honrável Maximillian Carmichael, Conde de Ellisborough

12 de abril de 1827. Hôtel Westminster, 2º Arrondissement, Paris.

Phoebe suspirou, piscando um pouco, enquanto a luz do sol entrava por uma fresta nas cortinas. Pouco a pouco, os eventos da noite passada voltaram para ela: superando Alvanly nas cartas, e Max parado ao seu lado, confiando que fizesse o que desejasse, dançando até o amanhecer, e então o prazer intenso que lhe dera, na viagem de volta ao hotel. Um sorriso curvou seus lábios quando se lembrou dele na carruagem, a maneira como a beijou e a tocou, os desejos pecaminosos que prometera realizar. Nunca tinha notado esse lado da sua personalidade. Como sempre o achara tão correto, um cavalheiro tão perfeito, que de fato era, sem dúvida, mas Max também era...

— No que está pensando, sua garota terrível?

Ela teve uma reação súbita de surpresa e se virou, o sorriso ficando mais largo, quando o descobriu deitado ao seu lado, com a cabeça apoiada em uma mão, enquanto a olhava com um brilho preguiçoso e um tanto predatório nos olhos.

— Sobre o que me disse, ontem à noite. — ela respondeu, ciente de que seu coração estava acelerado.

Senhor, como ele era grande. Os seus ombros eram largos e seus braços fortes, sua fragrância a envolveu, algo limpo e cítrico, com outro cheiro subjacente, caracteristicamente masculino e almiscarado. Isso a fez querer arrancar sua camisa e lambar sua pele, como se ele fosse um gelado de morango. Aquele pensamento a fez corar.

— Que eu a amo? — ele sugeriu, sorrindo.

— Não, — Phoebe admitiu, mordendo o lábio, enquanto ele levantava uma sobrancelha — não isso, embora tenha sido adorável também, mas eu já sabia.

Ele deu uma gargalhada e se deitou na cama, rindo para si mesmo.

— Meu Deus, deveria ter saído antes que acordasse, mas não consegui fazer isso.

— Por que deveria? — ela exigiu, sentando-se com um farfalhar de suas saias escarlates e olhando para ele. Ele estava todo amarrotado, seus trajes noturnos, outrora imaculados, estavam amassados e seu cabelo despenteado, uma grossa mecha escura caída em sua testa. Ela a empurrou para trás, encantada por poder fazer isso, por ter o direito de tocá-lo assim.

— E sabe por quê. — ele disse, soltando um suspiro pesado — Porque tenho que olhar nos olhos do seu pai quando voltarmos para casa, e prefiro que ele não sinta a necessidade de me cortar em pedacinhos.

— Pffft — ela reclamou, balançando a cabeça — Ele não é tão hipócrita assim, vamos escrever para dizer que vamos nos casar, mas ainda não. Prometeu me mostrar Paris, lembra?

Max gemeu — Podemos ir para casa nos casar, e depois voltamos aqui, para nossa lua de mel.

Phoebe revirou os olhos — Estamos aqui agora, Max, e não tenho vontade de repetir aquela terrível travessia pelo mar tão cedo. Voltar para casa já será horrível o suficiente.

Ele jogou um braço sobre os olhos e praguejou baixinho — Phoebe, meu amor. Não sei se consigo esperar tanto tempo assim.

— Então não espere. — Phoebe subiu as saias e passou por cima dele, inibindo seus movimentos, ao segurar seus pulsos, ao mesmo tempo em que ele tentava afastá-la — Fique parado. — ela disse, decididamente.

Max recuou, algo cauteloso e quente mudando em seus olhos, fazendo o estômago dela contrair.

— Deve estar intacta quando caminhar até o altar. — o protesto foi mal-humorado, e Phoebe deu uma gargalhada.

— Oh, Max, como é adorável.

Ele a encarou, com uma expressão carrancuda, e Phoebe se inclinou e

beijou sua boca.

— Sua noite de núpcias... — ele persistiu, e ela o beijou novamente, interrompendo seu protesto indignado.

— Max, — ela disse suavemente, quando afastou seus lábios — quando eu disser meus votos, devo estar totalmente comprometida com eles, acreditando neles, de todo o meu coração, e com toda a minha alma, e assim o farei. Isso é o importante, que nos amemos e cumpramos todas as promessas que fizemos. Se anteciparmos ou não nossos votos por alguns dias, não vêm ao caso. Papai se importa apenas com a minha felicidade, e sabe que me faz feliz. Estou segura contigo, segura para ser eu mesma, por mais terrível que seja, e quero isso. Eu o quero. Inteiro, sem reservas, sem polidez, sem distância.

— Phoebe. — sussurrou, levantando a mão para tocar o seu rosto.

Ela se virou para a carícia dele e beijou a palma da sua mão.

— Sabe como sou horivelmente mimada, Max. Se quero uma coisa, devo tê-la, e vou conseguir.

Para seu descontentamento, Max balançou a cabeça — Não. Agora não. — disse, sua voz baixa e rouca de desejo — Mas... em breve, se estiver certa disso.

Phoebe sorriu para ele, satisfeita com sua rendição. Em breve não significava depois de se casarem — Estou certa disso, tenho certeza a seu respeito.

— Então vamos devagar e, quando estiver pronta, terá tudo o que deseja, mas, por enquanto...

Um brilho passageiro e perverso se moveu atrás de seus olhos novamente e Phoebe arrepiou-se de antecipação.

— Não me disse. — Max falou baixinho e carinhosamente, e a respiração dela ficou presa — Não me disse no que estava pensando.

Apesar de tudo, ela corou um pouco. As coisas que lhe dissera na carruagem a scandalizaram, mas apenas porque não sabia que ele queria aquilo. Sua mãe contara para ela grande parte do que esperar, mas deixara de fora os detalhes. No entanto, as palavras de Max despertaram fortemente uma reação nela, e o desejo no rosto dele fez com que ela sentisse algo igualmente intenso.

Ele se moveu, de repente, fazendo Phoebe gritar, quando a jogou de costas sobre a cama, e prendendo seus pulsos no colchão.

— Diga-me. — disse, com urgência.

Ela olhou para essa nova imagem de Max, que tinha vislumbrado apenas um pouco antes, e havia algo selvagem em seus olhos. A calma silenciosa que ela sempre associara a ele desaparecera e deixara algo muito mais primitivo em seu lugar, algo que a fez estremecer de prazer e antecipação. Ele era tão forte, forte o suficiente para dominá-la, e mais importante, forte o suficiente para nunca tentar.

Phoebe reuniu coragem, determinada a não ser reservada e tímida, quando ele claramente queria que pronunciasse as palavras — Disse que queria m-me

beijar.

— Eu disse. — olhou para ela, com uma expressão faminta — Quer que eu faça isso? Quer minha boca em você?

— Sim. — mal conseguia pronunciar as palavras agora. Sua respiração estava superficial, vindo muito rápido — Quero muito.

— Onde quer a minha boca?

Ele soltou os pulsos dela e, com as mãos nada firmes, Phoebe pegou a bainha de seda de suas saias e o laço de suas anáguas, todas amassadas e contorcidas. Max recuou um pouco e se sentou sobre os calcanhares, enquanto ela puxava as saias para cima dos joelhos.

Inacreditavelmente, seus olhos escureceram ainda mais, quando ela revelou suas ligas e as pequenas fitas pretas, e então o primeiro vislumbre de sua pele, no topo das meias.

Max engoliu em seco, seu olhar seguindo o tecido enquanto subia. Ela pensou que talvez ele estivesse prendendo a respiração.

— Mais. — disse, soando como se sua garganta estivesse seca, como se estivesse vagando por um deserto há dias, e ela fosse o seu oásis.

Fez o que Max pediu, até que ele tivesse a visão dos cachos dourados mais escuros, no ápice de suas coxas. Ele estava respirando rápido, o peito subindo e descendo, como se estivesse correndo. De repente, se moveu, tirando o casaco e jogando-o para longe, antes de, lentamente, ir em direção a ela.

— M-Max? — chamou seu nome, um pouco incerta agora, com o brilho predatório em seus olhos.

— Seu desejo é minha ordem, Phoebe. — murmurou, deslizando as mãos na direção dos tornozelos e das panturrilhas, com um suspiro, e ela caiu de volta sobre os travesseiros.

Ele esfregou a bochecha na pele macia do interior de sua coxa, sua respiração falhando de forma tão íntima, que ela não conseguia falar. Talvez sentindo sua tensão, ele olhou para cima, e a pura luxúria em sua expressão a fez tremer, fez um líquido quente enchê-la, como se aquele olhar a tivesse derretido, de dentro para fora.

— Pode me dizer “não”. Pode me pedir para parar.

Phoebe lambeu os lábios e hesitou por um momento — Não pare.

Ele sorriu então, um sorriso puramente masculino de triunfo que a fez querer rir, exceto que, naquele momento, Max fez exatamente o que havia prometido e a cobriu com a boca. O riso morreu em sua garganta, quando uma combinação de choque e espanto a atravessou. Meu Deus, isso era... era... isso era...

— Oh, Max. Ah, isso é tão... perverso.

Ele riu contra a pele dela — Gosta?

— É totalmente pecaminoso. — sussurrou as palavras, ofegante, quando a língua dele deslizou sobre sua pele sensível, em uma longa e sinuosa lambida — É claro que eu gosto.

— Ótimo, porque eu gosto ainda mais. Gosto muito, principalmente do seu

sabor doce, perfumado e delicioso.

Phoebe corou, espantada por Max dizer aquelas coisas para ela, por ele ser tão... tão diferente de como sempre parecera. E pensar que, uma vez, acreditou que ele era sério demais, chato e... sem graça. Que ingênua tinha sido.

Phoebe não conseguiu pensar em nada, quando ele retomou seu ataque sensual, deixando-a confusa e desorientada, fazendo com que gritasse alto e com abandono, parecendo se deleitar com os sons provocativos que ela fazia. Finalmente, ela se despedaçou, uma sensação de êxtase, de ser jogada em algum lugar alto e brilhante, que irradiava intensamente através do seu corpo, enquanto uma sensação de prazer se propagava por todo o seu corpo. Durante todo esse tempo, Max ficou com ela, extraindo cada último tremor de prazer de sua carne sensível, até que ficasse esgotada e sem forças, depois do resplendor. Então se deitou ao lado dela e a elogiou, disse que era linda, maravilhosa, totalmente perfeita... o que a fez rir e se virar para o peito dele, rindo incontrolavelmente.

— P-Perfeita. — gaguejou, impotente, agarrando a camisa dele.

— Sim, é. — insistiu — Perfeita para mim. Eu tinha esquecido como era viver, como era a alegria. Faz tanto tempo, desde que senti isso, que acreditei que tinha superado, que era para crianças e tolos, aqueles que não tinham visto a verdade da vida. — disse, segurando o rosto dela, seus olhos cheios de adoração, fazendo sua garganta apertar — Pensei que poderia me casar com alguém que pudesse ser uma amiga, que pudesse me fazer companhia, com o passar dos anos, mas nunca esperei... Nunca pensei por um momento... Fez-me lembrar quem eu era, Phoebe. Quem eu quero ser de novo.

— Eu amo quem é agora, Max. — disse e o beijou.

O resto do tempo em Paris foi perfeito. Para começar, Max a levou para fazer compras, insistindo que ela comprasse um guarda-roupa completamente novo, antes de retornarem para a Inglaterra.

— Eu não estou me casando com uma pessoa introvertida e comportada, amor. — disse, seus olhos acesos com travessuras — Quero que minha esposa seja tão atraente, a ponto de surpreender e provocar murmúrios entre as mulheres mais velhas. Então, é melhor comprarmos tudo o que está no auge da moda, não acha?

— Oh, bem, se insiste tanto, Max. — Phoebe disse recatadamente, lutando para manter o semblante — Porque quero ser uma boa esposa, e se é isso que deseja...

— É isso que desejo. — insistiu, e foi infinitamente paciente e bem-humorado, enquanto ela era medida e alfinetada, e escolheu um guarda-roupa de cores e estilos escandalosamente vívidos, precisamente calculado para fazer exatamente como Max havia pedido.

Foi maravilhoso.

Visitaram a Praça Luís XVI, onde o monarca e sua rainha, Maria Antonieta,

havam perdido suas cabeças para *Madame La Guillotine*, o Louvre, os jardins das Tulherias, a Praça Vendôme e a *Pont Neuf*. O cemitério de *Père Lachaise* talvez fosse um destino mórbido, mas Max se entregou a ela, feliz em levá-la a qualquer lugar, aparentemente contente em compartilhar a alegria em tudo o que viam e todas as memórias que criavam juntos. Eles se encontraram com Nina e Charlie, que pareciam estar gostando muito de Paris - e um do outro - e, na maioria dos dias, saíam juntos. Faziam compras e dançavam, visitavam o teatro e a ópera, e, à noite, Max a levava para a cama e ensinava um pouco mais de tudo o que podiam ter juntos, tudo o que podiam ser juntos, mas ele sempre interrompia o ato, antes de torná-la sua, de buscar seu próprio prazer.

Phoebe não insistia nem reclamava, sentindo que essa sedução lenta era a única maneira de Max se sentir em paz por não esperar pela noite de núpcias. Phoebe também sentira que ele estava ansioso para voltar para casa, para começar sua vida juntos, mas nem uma vez expressara seus desejos. Nunca fazia nada para diminuir o prazer que ela sentia em descobrir tudo o que Paris tinha para oferecer.

Estavam voltando de uma viagem à *Place de Vosges*, depois de deixarem Nina e Charlie para seus próprios divertimentos, quando ela decidiu que ambos haviam sido pacientes o bastante.

— Max, — disse e virou para olhá-lo — tem uma última coisa que desejo fazer, antes de irmos embora de Paris.

Ele franziu um pouco a testa — Ir embora? Achei que estava se divertindo.

Ela riu e se inclinou para beijar sua bochecha — Claro que estou me divertindo. Tem sido maravilhoso, cada segundo, mas gostaria de voltar para casa, Max. Amanhã, se não se importar. Desejo ver minha família e que nos casemos, rodeada por todos eles. E, depois, gostaria de ir para casa, para a sua casa, para que possa me mostrar tudo.

Os olhos dele se aqueceram e ela sabia que o havia agradado, o que fez a felicidade crescer em seu próprio peito — Nossa casa, amor. Será nossa casa.

— Sim.

Ele se inclinou e a beijou, e ela suspirou, sentindo o agora familiar impulso de excitação. Max teve o cuidado de limitar suas aventuras na hora de dormir, e ela admitiu sentir uma sensação de impaciência, um desejo de ter tudo o que ele havia prometido.

— E o que quer, na sua última noite em Paris? — perguntou, seu tom tal que ela sabia que não negaria nada que pedisse.

— Desejo voltar para Rouge et Noir e jogar uma partida de cartas com Monsieur Demarteau, e... — hesitou.

— E?

— E quero que faça amor comigo, Max.

Deu-lhe um sorriso perverso, embora um brilho tímido cintilasse em seus olhos — Quer saber a verdade, amor?

— Sempre. — disse, imaginando o que ele diria.

— Eu ia fazer isso, de qualquer maneira — ele sussurrou, acariciando a

pele macia sob sua orelha — Não posso esperar mais uma noite. Vou enlouquecer.

Phoebe riu, satisfeita com a admissão.

— Estou tão feliz. — disse, aliviada — Mas podemos ir para Rouge et Noir também?

Max bufou e a puxou para perto — Sim, querida. Qualquer coisa. O que desejar. Embora, eu imploro, não trapaceie o dono. Suspeito que ele não aceitaria bem.

Phoebe fez um som de desaprovação para ele — É claro que não.

E então ela se arrepiou quando se lembrou do olhar de Demarteau. Também achava que ele não aceitaria bem.

18 de abril de 1827. Rouge et Noir, 7º Arrondissement, Paris.

Max sorriu alegre, enquanto guiava Phoebe de volta para o ambiente turbulento e de atmosfera de prazer decadente, que era o Rouge et Noir. Taças tinindo e rolhas de champanhe estourando, o ruído de vozes intercalado em intervalos por gritos de triunfo ou desespero, à medida que grandes somas eram apostadas em cartas, dados ou roleta. Damas, menos do que respeitáveis, e ocasionalmente esposas ousadas, penduravam-se nos braços dos cavalheiros nobres, homens feitos e ricos, políticos, e o ar fermentava com expectativa.

Max estava impaciente para que essa parte da noite terminasse, ardendo de desejo pela bela mulher que estava ao seu lado. Sabia, no entanto, o valor da paciência. Havia emoção na expectativa, embora os últimos dias tenham testado sua paciência até o limite. No entanto, também não queria encurtar a noite, não quando podia ver o fascínio na expressão de Phoebe. Estava contente em dar isso a ela, em compartilhar esta noite e levá-la a um lugar que deveria ser proibido, mas que era seguro o suficiente, enquanto estivesse ao seu lado. Não queria negar nada para Phoebe e sabia que seu maior prazer na vida seria sempre conceder o mais ultrajante de seus desejos e apreciá-los com ela.

Os ricos, os titulados e os escandalosos, todos gravitavam para o antro de jogos de azar mais elegante de toda Paris. Como dois homens incrivelmente jovens criaram um negócio extremamente bem-sucedido e lucrativo, em um curto período, era um mistério, mas tudo sobre Nicolas Alexandre Demarteau e seu irmão, Louis César de Montluc, o *Comte de Villen*, era um mistério. Nicolas tinha apenas vinte e três anos, seu irmão era ainda mais novo, mas governavam este local elegante e sofisticado com mãos de ferro, e ninguém ousava falar contra eles. Pelos poucos boatos que havia, seus pais escaparam de *Le Terreur*, quando a nobreza da França estava sendo executada na guilhotina, e haviam perdido tudo de valor. Tiveram que escolher entre suas vidas e suas fortunas e decidiram viver, escapando com pouco mais do que as roupas do próprio corpo. O que acontecera depois, ninguém parecia saber, exceto que seus irmãos mais velhos haviam morrido, e que Louis César, o Comte de Villen, havia nascido na pobreza, com seu meio-irmão ilegítimo o

protegendo.

Dois anos atrás, ninguém sabia seus nomes, e, naquele curto espaço de tempo, provaram ser inteligentes, engenhosos e perigosos o suficiente para que ninguém falasse uma palavra contra eles, o que só aumentara o ar de mistério que os cercava.

Max ergueu os olhos enquanto Demarteau se aproximava para cumprimentá-los.

— Lorde e Lady Ellisboroug — cumprimentou-os, se curvando profundamente — É um prazer reencontrá-los.

— Minha esposa tem a ambição de jogar cartas com o senhor. — disse Max, deslizando o braço sobre a cintura de Phoebe — E não deixará Paris até que essa ambição seja cumprida. Posso perguntar se poderia atender aos caprichos dela, para que possamos voltar para casa o quanto antes?

Demarteau sorriu, seus dentes brancos e alinhados brilhando na luz lançada pelo enorme lustre pendurado.

— Seria uma grande honra jogar com a senhora, Lady Ellisborough. — disse, estendendo o braço para Phoebe.

Phoebe olhou para ele e Max sorriu.

— Também joga, milorde? — Demarteau perguntou educadamente.

— Não esta noite, mas gostaria de assistir, por favor.

Com um aceno de cabeça, Demarteau indicou o caminho e os conduziu através da multidão, até uma porta vermelha, flanqueada por dois guardas, impressionantemente intimidadores. Ambos se afastaram quando Demarteau se aproximou e abriu a porta para eles. Os sons de folia silenciaram imediatamente, quando a porta se fechou e eles foram levados por um corredor longo e mal iluminado para outra porta, também vigiada. Phoebe encontrou os olhos de Max, enquanto os dois se perguntavam para onde estavam sendo levados.

— Nossos aposentos particulares. — disse Demarteau, seus olhos escuros divertidos, tendo lido suas expressões corretamente.

— Estamos honrados. — disse Phoebe, enquanto Demarteau abria uma porta para eles.

Mais uma vez, ficaram surpresos, pois, tendo visto a opulência e o excesso da decoração que era Rouge et Noir, Max esperava mais do mesmo. O que descobriram era um lugar que oferecia conforto, luxo e elegância, de forma discreta, com uma atmosfera surpreendentemente aconchegante. Tapetes grossos abafavam seus passos e as paredes estavam cobertas por obras de arte. Em todos os lugares, havia pilhas aleatórias de livros e revistas, algumas deixadas abertas, como se o leitor tivesse acabado de se afastar por um momento, prestes a voltar com uma bebida.

Demarteau os levou até uma confortável sala de estar, pintada em tons de azul e verde, onde um fogo ardia na grande lareira de mármore e um homem estava esparramado, de forma desleixada, na cadeira grande de encosto alto. Pernas alongadas à sua frente, os pés apoiados em um banquinho. Em uma

mão, segurava um livro, obscurecendo o rosto, e na outra balançava uma taça de vinho negligentemente pela borda, seu aperto tão precário, que Max temia que caísse.

— Irmão, temos convidados. — disse Demarteau.

A figura na cadeira enrijeceu por um segundo e depois relaxou, o livro sendo abaixado para revelar olhos com cílios grossos, de um azul tão surpreendente, que ficaram um pouco surpresos. Era um homem muito jovem, pouco mais do que um menino, talvez tivesse dezessete, dezoito anos, no máximo. Era difícil dizer sua idade. Embora seu rosto fosse surpreendentemente bonito, seus olhos mantinham o peso de uma alma mais velha, que havia sobrevivido. Seu cabelo era muito escuro, próximo ao preto de seu irmão, mas não tanto, a luz da vela polindo-o para o bronze. Ele se levantou, em um movimento fluido, quase felino.

— Estou honrado. — disse com uma voz suave, enquanto se movia em direção a eles e se curvava — Sou Louis César, e é um prazer conhecê-los.

Phoebe olhou ao redor da mesa, um pouco desconfortável, ao descobrir que jogaria cartas com ambos os irmãos. Havia perdido dois jogos até agora e Demarteau a observava, divertido. Era o mesmo olhar que um gato dava a um rato, quando o encurralava, decidiu. Ele estava se perguntando se ela trapacearia ou não. Phoebe se eriçou um pouco, olhando para ele. Uma coisa era enganar um desgraçado como Alvanly, mas outra bem diferente era um jogo como esse.

— Ignore meu irmão, Lady Ellisborough. Ele gosta de tentar... enervar seus oponentes.

Phoebe olhou para Louis César, que se dirigia a ela e que ganhara duas mãos, embora mal parecesse estar participando do jogo, sua atenção presa ao livro que colocara sobre a mesa.

— É isso o que ele está fazendo? — Phoebe perguntou, arqueando uma sobrancelha. Demarteau sorriu para ela — É um bom livro? — perguntou, um pouco irritada por Louis César vencer tão facilmente, enquanto sua atenção estava em outro lugar. Phoebe estava se concentrando furiosamente e ainda estava perdendo.

Ele olhou para cima e virou os olhos azuis para o irmão.

— Sim, Louis, está sendo rude. — disse Demarteau secamente.

Para sua surpresa, o conde fechou o livro e o colocou de lado.

— Minhas desculpas. — disse, parecendo sincero.

Phoebe o observou, interessada. Na verdade, era difícil olhar para qualquer outro lugar. Nunca tinha visto um jovem tão bonito. Lindo, até. Ela se perguntou se ele poderia passar por uma menina e suspeitou que era possível, por agora. Havia a promessa de ombros largos e uma constituição forte em seu corpo esbelto. Teria uma aparência impressionante em alguns anos, quando a idade preenchesse sua estrutura corporal. Seu irmão estava à frente dele a esse respeito, uma figura sólida e masculina, mesmo agora, apesar de

sua juventude.

— O que estava lendo? — ela perguntou, interessada.

— A véspera de Santa Inês. — respondeu, jogando sua próxima carta.

— Oh, Keats. — disse Phoebe, surpresa — Gosta de poesia inglesa?

Uma malícia dançou em seus olhos azuis por um momento — Gosto de damas inglesas, que gostam de poesia inglesa.

Max riu ao lado dela — Então está tentando aumentar suas chances com nossas mulheres?

Os lábios do *Comte* franziram.

— Mais non. — respondeu, com os olhos arregalados de falsa inocência, o que o fez parecer um menino, de fato.

— Eu procuro apenas melhorar minhas habilidades com o idioma, mas... se por acaso isso também *acontecê*...

Deu de ombros, fazendo-os rir, e Phoebe se perguntou como já poderia ser tão paquerador e confiante. Louis César se tornaria um homem terrivelmente perverso, decidiu.

— Acontecer. — Phoebe o corrigiu — É preciso colocar o 'r' do final.

Louis César deu um suspiro pesado e assentiu — Oui, oui, eu sei, mas é difícil, o som é feio...

Phoebe sorriu para ele — Muito bem. Mas saiba que o seu inglês é excelente.

— Sim, é. — disse, indiferente — Mas sou melhor nas cartas.

Um lampejo de humor em seus olhos fez Phoebe sorrir com sua arrogância, e ele venceu os próximos dois jogos. Quando também ganhou o terceiro, Demarteau jogou a mão de cartas para baixo, com desprezo.

— Sabia que não deveria ter pedido para que se juntasse a nós.

— Então por que pediu? — Louis César perguntou, sua expressão genuinamente curiosa.

Demarteau fez uma careta — Eu estava sendo educado.

— Ah, sempre tão educado, Nicolas. — comentou suavemente, os lábios se contraindo.

Jogaram mais três partidas, Demarteau venceu a próxima, e Phoebe suspeitava que apenas porque Louis César permitiu, antes dele vencer as duas seguintes. Phoebe colocou suas cartas, com um suspiro.

— Bem, estou feliz que Alvanly não tem a sua habilidade. O senhor tem a sorte do diabo.

Algo mudou nos olhos de Louis César.

— Sim, *le diable*. — ele murmurou.

— Bem, desejo uma boa noite aos dois. Espero que tenham aproveitado tudo o que Rouge et Noir tem a oferecer. Serão sempre muito bem-vindos aqui, foi um prazer conhecê-los.

Ele olhou para o irmão, que deu um aceno de aprovação, antes de deixá-los sozinhos.

— Isso foi injusto da minha parte. — disse Demarteau, sorrindo para

Phoebe — Mas senti que a senhora poderia gostar da experiência.

Phoebe bufou — O senhor acha que eu gosto de perder?

— Não, mas tenho para mim que gostou de conhecer o meu irmão, e ele a senhora. Ele tem pouca paciência com a maioria das pessoas, mas, esta noite, pareceu feliz.

Ela assentiu — Gostei de conhecê-lo. No entanto, nunca conheci alguém tão letal com as cartas. Vou me lembrar, se nos cruzarmos novamente.

— Se me permite dizer, Lady Ellisborough, teve muito azar esta noite, mas nunca encontrei ninguém que possa... er... jogar cartas como a senhora. Tem uma habilidade excepcional. Quem a ensinou a jogar assim?

Phoebe sabia que ele não estava falando do jogo que haviam acabado de jogar, mas da maneira como ela havia manipulado as cartas que queria para o topo do baralho, quando estava enfrentando Alvanly.

— Um fora da lei. — disse, sabendo instintivamente que ele era um homem que guardava segredos como esse.

Ele franziu a testa, não entendendo a frase.

— *Un bandit* — ela corrigiu, divertidamente, enquanto ele dava uma risada radiante.

— *Un bandit*, — ele repetiu, balançando a cabeça — apontando um dedo para ela — Da próxima vez, deixarei que trapaceie com Louis César. Acho que é possível que nem mesmo ele consiga pegar mãos tão habilidosas, e a experiência lhe faria bem.

— Eu ficaria honrada. — respondeu, falando sério — Mas voltamos para a Inglaterra pela manhã. No entanto, se um dia visitar o outro lado do Canal, terei o prazer de aceitar o desafio. Muito obrigada por esta noite. Foi fascinante.

Demarteau fez uma reverência e pegou sua mão, beijando seus dedos, antes de se virar para Max — Lorde Ellisborough, sua esposa é bastante notável, o senhor é um homem de sorte.

— Sim, — disse Max, colocando a mão dela firmemente em seu braço, com um sorriso — tenho muita sorte.



Querida Helena,

Phoebe logo estará em casa! Estou tão animada em vê-la novamente.

— Trecho de uma carta à Lady Helena Knight da Muito Honorável Matilda Barrington, Marquesa de Montagu.

Ainda na noite de 18 de abril de 1827. Hôtel Westminster, 2º Arrondissement, Paris.

— Bem, — disse Max, enquanto abria a porta de seus aposentos — o que achou dos irmãos enigmáticos?

— Eu mal sei o que pensar. — Phoebe respondeu sorrindo, colocando a capa de lado, mas seus pensamentos não estavam focados nos irmãos há muito tempo, por mais fascinantes que fossem — O *Comte* é um jovem estranho. É tão bonito e habilidoso com as cartas, mas...

— Sim, mas...

Max concordou.

— Não gostaria de estar do lado errado dele, acho. E, apesar de todo o polimento, seu irmão, Nicolas, parece um demônio. Aqueles olhos azuis angelicais do *Comte* escondem uma mente afiada e rápida, se me perguntar.

— Hmmm. — disse Phoebe, não desejando mais discutir sobre eles — E o que acha que esse vestido esconde, Max?

Ela se virou para olhar para ele, puxando os dedos das luvas, até conseguir tirar uma do braço, deixando a seda branca cair no chão. Phoebe começou fazer a mesma coisa com a outra luva e Max ficou imóvel, observando o que ela estava fazendo com cuidado.

— Dificilmente me atrevo a presumir. — ele respondeu, reduzindo o tom de sua voz para um nível mais profundo e provocante, o que fez seu estômago vibrar de emoção — Mas estou esperando por... fitas vermelhas.

Phoebe sorriu e jogou a segunda luva de lado, antes de pegar a bainha do vestido. Era uma seda azul escura, esta noite, e o tecido frio deslizou entre os dedos, enquanto levantava as saias. Os olhos de Max escureceram, e ele soltou um pequeno suspiro de apreciação, ao ver as fitas vermelhas presas às ligas.

— Sabia que elas eram as suas favoritas. — disse Phoebe, sorrindo.

— São. — concordou, dando um passo em sua direção — Tanto que terei que examiná-las de perto.

Phoebe soltou as saias e devolveu uma expressão coquete — Oh, tem que examiná-las é? Não me lembro de ter dado permissão.

Os olhos de Max brilharam de apreciação. Sabia muito bem o que ela queria dele, e sabia que Phoebe estava brincando com ele, provocando-o, pelo simples prazer disso, sabendo qual seria o resultado.

— Mas é minha esposa, minha propriedade, minha, para fazer o que eu quiser. — ele rebateu, um olhar diabólico no rosto, que fez Phoebe perder o fôlego, mesmo sabendo que estava apenas brincando.

— De fato, não sou. — ela retrucou, aproveitando imensamente. Levantou o queixo e tentou parecer séria e inocente, o que era um desafio.

— Ainda não nos casamos, milorde. E nem nos casaremos, se essa for a sua atitude.

— Como quiser. — disse, se aproximando, enquanto Phoebe recuava — Mas aqui está sozinha comigo, então, acho que vou pegar o que quiser, quer queira ou não se casar comigo.

— Ah, seu vilão maldoso! — Phoebe gritou, correndo dele, até que o sofá de dois lugares estivesse entre os dois, pressionando o dorso da mão na testa, em um gesto dramático — Prefiro a morte a me entregar a um homem tão perverso.

— Tem certeza? — exigiu, claramente lutando para manter o rosto sério.

Phoebe se afastou dele, correndo em direção à porta do quarto, com Max em perseguição. Ele a alcançou, como ela pretendia, pegando-a em seus braços e jogando-a por cima do ombro.

— Oh! Coloque-me no chão, seu homem horrível. Nunca serei sua, nunca, estou dizendo!

— Veremos isso. — retrucou Max, dando um tapa entusiasmado em seu traseiro.

— Ai! Max, isso doeu!

— Ótimo. — ele respondeu, soando como se estivesse gostando muito do papel de vilão, enquanto a jogava na cama.

Phoebe recuou rapidamente, mas ele estava em cima dela, antes que pudesse fugir e prendeu suas mãos no colchão.

— Agora eu a peguei.

Phoebe ofegou quando ele afastou seus joelhos, acomodando-se entre suas pernas, o peso e o calor de seu corpo sólido fazendo-a tremer.

— Nunca vou me render! — retrucou, amando a maneira como seus olhos brilharam.

— Ah, penso que vai sim, mocinha.

— Mocinha? — Phoebe repetiu, indignada — Disse que se casaria comigo.

Max deu de ombros — Por que comprar a vaca, quando posso ter o leite de graça?

Phoebe ofegou com a vulgaridade da frase, mesmo sabendo que ele não a usou com intenção alguma — Ah, seu...

— Vilão. — Max forneceu prestativamente — Já disse isso.

Phoebe sufocou uma risada com a ideia de Max dizer uma coisa tão terrível. Ele rolou para o lado então, para grande decepção dela, e se ajeitou

atrás dos travesseiros, com os braços dobrados atrás da cabeça.

— Bem, mocinha. Se quiser ter uma chance de que eu cumpra minha promessa de nos casarmos, sugiro que me agrade.

Phoebe o observou por um longo momento.

— Agradá-lo como? — exigiu, tentando ao máximo mostrar um olhar carregado, enquanto sentia um calor concentrado no baixo ventre.

— Em primeiro lugar, pode começar se despiando. — acenou com uma mão negligente em sua direção, e ela sufocou uma risada e desceu da cama.

Fez todo um teatro com isso, tomando seu tempo, se deleitando com o olhar intenso fixo nela, tão impressionante quanto uma carícia. Quando ela se apresentou diante dele, usando apenas suas meias e ligas, ele estava respirando com dificuldade.

— Venha aqui. — disse, sua voz baixa e obscura.

Phoebe moveu-se em sua direção, ajoelhando-se na cama e Max a empurrou para baixo, subindo sobre ela, massageando seus seios, acariciando e apertando, beliscando seus mamilos, até que ofegasse.

— Meus.

A palavra era feroz, possessiva, a expressão em seus olhos correspondia exatamente ao sentimento, e ela já não tinha certeza de que estavam jogando um jogo. Ele baixou seu corpo sobre o dela e circulou o pico endurecido de um mamilo com a língua, fazendo-a estremecer, antes de colocá-lo na boca e sugar forte. Phoebe gritou, agarrando seus cabelos, incerta se pretendia afastá-lo ou aproximá-lo mais, mas segurando-o firmemente. Solto um gemido de prazer, misturado com uma pontada de dor. Uma mão deslizou por seu corpo, encontrando o lugar entre suas pernas que desejava intensamente por ele, que ansiava por ele, toda vez que estavam juntos, dessa maneira. Max sempre a deixava saciada e repleta, mas nunca havia preenchido completamente seus desejos mais íntimos e avassaladores, tal como ela tanto queria.

— Max, — sussurrou, enquanto ele continuava a acariciando, fazendo com que seu corpo arqueasse — está usando roupas demais.

Max riu estrondosamente, o som reverberando pelo seu corpo — Prefiro-a assim. Nua, enquanto estou vestido. Acredito que deveria ser assim, sempre que possível.

Phoebe bufou.

— Isso é injusto. — resmungou, embora, na verdade, houvesse algo delicioso em estar nua, enquanto ele estava totalmente vestido. No entanto, Phoebe queria tocar a sua pele, queria sentir o calor do seu corpo — Max! — protestou, puxando a camisa dele.

— O que quiser, meu amor. — disse, recostando-se e tirando o casaco e o colete.

Phoebe observou com ávido interesse, enquanto ele puxava a gravata e depois tirava a camisa. Sua respiração prendeu, estava muito satisfeita com os músculos que ele tinha, e com o rastro escuro de pelos, que levava até sua cintura e abaixo de suas calças.

— Suficiente? — perguntou, todo inocente.

Phoebe fez uma careta balançando a cabeça, e ele riu — E disse que eu era perversa.

Max moveu as pernas para a lateral da cama e tirou os sapatos e as meias, antes de se levantar. Retirou todo o resto, em um movimento suave, dando-lhe uma visão maravilhosa de um traseiro firme e das coxas musculosas, depois virou para encará-la.

O que quer que tenha visto em seu rosto, uma fome de tocar tudo nele, o estimulou a agir e não muito depois a jogou para baixo, sua boca faminta e exigente sobre a dela. Seja o que for que o impedira antes, que o fizera agir com cautela, tinha desaparecido completamente naquele momento.

Phoebe respirou fundo, impactada pela sensação dos seus corpos juntos, o de Max: quente, duro e pesado. O peso de sua excitação queimava na sua porção mais íntima, ela pressionada contra ele, esfregando aquela região sensível nele, encorajando-o a não esperar mais. Ele emitiu um som baixo de prazer, enquanto apertava o traseiro macio de Phoebe, levantando seus quadris, para uma posição específica. Ela respirou fundo quando a cabeça arredondada do seu membro pressionou sua entrada.

— Não! Não pare, não pare, não pare. — implorou.

Houve uma risada abafada.

— Não poderia, mesmo se quisesse. — ele conseguiu dizer, pressionando mais um pouco.

Phoebe se mexeu embaixo dele, ajudando-o e sua respiração ficou presa na garganta, enquanto Max deslizava para dentro dela. Ela deu um gritinho leve, mais de surpresa do que de dor, à medida que a preenchia, a sensação era estranha e um pouco desconfortável.

— Phoebe.

A voz de Max estava tensa, seu corpo também, ele se manteve imóvel.

— Está tudo bem. — disse, sabendo que ele estava lhe dando tempo, permitindo que aceitasse a invasão íntima — Eu estou bem.

Ele se moveu novamente, mais fundo e depois mais fundo ainda, em um impulso firme, e ela prendeu a respiração, com a ligeira pitada de desconforto, mas que passou rapidamente e desapareceu, assim que Max chamou sua atenção. Ele se inclinou e a beijou, de forma lenta e persistente, e então começou a se mover. Phoebe passou as mãos por seus ombros, pelas costas, deleitando-se com o movimento dos músculos sob seus dedos, sua pele macia como seda. Era tudo novo, tudo surpreendente, a ternura e o conforto de seu abraço, a confiança e o conhecimento de que ela era amada intensamente. Mesmo que tivessem sido íntimos antes, não tinha sido assim, essa sensação de plenitude e conexão. Os sons que ele emitia, de esforço, de deleite carnal, faziam seu próprio corpo reagir com calor e desejo, querendo mais dele. Deslizou as mãos para o traseiro dele, apreciando o poderoso impulso de seu corpo sob as palmas das mãos e agarrou suas costas, apertando-o, fazendo com que ele fosse mais fundo, mais forte. Ele emitiu um som que ressoou

baixo em seu peito, fazendo o prazer dela irradiar.

Phoebe olhou para ele, a linha forte de seu pescoço, o rosto bonito, os olhos fechados, enquanto Max se entregava àquele amor, a amá-la.

— Eu o amo. — quando ela disse, seus olhos se abriram, escuros, quentes e cheios de adoração, e Max permaneceu olhando para ela.

— E eu...

Ele começou, mas as palavras se perderam, quando foi dominado pelo êxtase.

Esticou a mão entre eles, seus dedos procurando o lugar que faria com que Phoebe se juntasse a ele, massageando-a, até que ela começou gemer sob seu toque. Ele observou, sua respiração estava descontrolada, o deslizamento sinuoso de seu corpo dentro do dela se tornando irregular e urgente.

— Phoebe. — disse seu nome, antes de fechar os olhos e virar o rosto no cabelo dela — Oh, amor...

Phoebe segurou-o firme, enquanto seu grande corpo tremia, seu próprio desejo aumentava ao vê-lo se entregar ao prazer a ela, derramando sua semente dentro dela, com um grito impotente. Era demais, o suficiente para sobrecarregá-la e fazê-la tropeçar em seu rastro, segurou firme, até que aquela sensação diminuiu. Phoebe se agarrou a ele, sua respiração ainda difícil, e totalmente incapaz de esconder o sorriso feliz nos lábios.

Max soltou um suspiro longo e lento, antes de levantar a cabeça para olhar para ela.

— Está...? — a pergunta morreu em sua boca, quando ele viu a expressão presunçosa dela e deu uma gargalhada pesarosa — Está feliz, agora que eu a arruinei, não é mesmo?

Phoebe puxou a cabeça dele e o beijou — Estou extremamente feliz. Obrigada, Max.

Ele bufou e se virou de costas, levando-a com ele.

— A qualquer hora, meu amor. — disse secamente — O prazer foi meu, garanto.

— Mmmm — Phoebe suspirou, aconchegando-se em seu calor — O meu também. — murmurou, e adormeceu alegremente.

Prezada Florence,

Phoebe está voltando para casa na sexta-feira e o lugar está um alvoroço. Deveria ser um casamento privado, para evitar um escândalo terrível, mas isso não impede que mamãe esteja preparando tudo como se o próprio rei estivesse vindo. Estou feliz que também esteja vindo, mas tente impedir que Evie nos siga. Eu não quero me envolver em problemas se ela se perder de novo.

— Trecho de uma carta para a Srta. Florence Knight de O Muito Honorável Philip Barrington, Conde de Blakeney.

24 de abril de 1827. Palácio de Dern, Sevenoaks, Kent.

Max ajudou Phoebe a descer da carruagem, desconfortavelmente ciente do olhar frio de Montagu sobre ele. Sua nuca formigou e teve a terrível suspeita de que ficaria envergonhado, mas então Phoebe deu um grito delirante, antes de se jogar nos braços de seu pai, beijando sua bochecha e abraçando-o fortemente.

— Oh, papai. Tivemos uma aventura e tanto. Mal posso esperar para contar tudo. — disse, antes de beijá-lo novamente e correr para abraçar sua mãe.

— Phoebe, querida. — disse Matilda, rindo e chorando ao mesmo tempo — Estamos muito felizes por tê-la em casa novamente, estávamos tão preocupados.

— Mas por quê? — Phoebe perguntou, parecendo um pouco extenuada — Certamente sabe que Max cuidaria de mim, e não sou tão boba assim. Bem... não na maior parte do tempo. — acrescentou, enviando um sorriso tão radiante para Max, que seu coração deu um sobressalto.

Bom Deus, mas estava apaixonado, tão irremediavelmente apaixonado, que era maravilhoso ela ter concordado em se casar com ele, pois não saberia como viver se a tivesse perdido. Max se endireitou abruptamente, ciente de que estava olhando para ela como um bobo apaixonado, e descobriu Lucian observando-o novamente.

Max enrijeceu quando o marquês se aproximou dele e, para seu grande alívio, estendeu-lhe a mão. Quase se atrevendo a respirar de novo, Max a aceitou.

— Bem-vindo de volta. — disse Lucian, sorrindo — E obrigado por mantê-la longe de problemas.

Max pigarreou e esfregou a nuca sem jeito, incerto de que poderia, nas circunstâncias, aceitar o agradecimento por isso.

— Não, — disse Lucian, silenciando-o, antes que pudesse falar — não há necessidade. Sei melhor do que ninguém que é impossível mantê-la totalmente fora de problemas, mas ela está aqui inteira e está feliz, isso é óbvio.

— Ela está. — disse Max, concordando com isso, sem nenhum problema — Nós dois estamos.

Lucian assentiu — Fico feliz, mais do que pode imaginar. Sempre me preocupei que ela se apaixonasse pelo tipo errado de homem, alguém que não a merecesse.

Max deu um sorriso pesaroso — Não tenho certeza se a mereço, mas a amo, Lucian. Com todo o meu coração. Serei bom para ela.

— Acredito no que diz. Afinal, — Lucian acrescentou levemente — nós dois somos membros do Angelo.

Um brilho malicioso apareceu em seus olhos e Max pigarreou, ciente de que era uma piada, mas... ainda assim.

— Nós somos. — respondeu.

— Papai, não assuste o pobre Max. — Phoebe repreendeu o pai, correndo de volta para entrelaçar o braço no dele.

Lucian a olhou, sua adoração bastante óbvia, enquanto cobria a mão dela com a sua.

— Como se eu fosse fazer isso, Bee. — disse, mostrando reprovação em sua expressão — Além disso, acredito que Max não se intimide tão facilmente. Acredito que nunca teria conquistado seu coração se fosse assim.

— Isso é verdade. — Phoebe sorriu para ele e depois se virou para sorrir para Max — Eu o amo, eu o amo muito.

A garganta de Max apertou e ele respirou fundo, enquanto olhava para o pai dela, surpreso ao ver o intimidador Marquês de Montagu piscando para conter as lágrimas.

— Estou feliz, querida Bee. — disse suavemente — Para que saiba, não poderia me separar de você, por nada menos que isso.

— Eu não suportaria ficar sem ele, papai. — disse Phoebe, algo em seu tom fez Max acreditar que isso era algo que seu pai precisava ouvir — Exatamente como o senhor prometeu.

Lucian assentiu e a puxou para seus braços, apoiando a cabeça na dela — Então eu a deixarei ir, querida, mas deve prometer voltar e nos visitar sempre, pois sentirei sua falta terrivelmente, todos nós sentiremos.

— Oh!

Max se virou e viu Matilda soluçando, com um lenço na mão, Lucian a pegou pela mão, segurando a esposa e a filha com cada braço.

Phoebe abraçou forte a mãe e depois olhou para baixo, com uma carranca.

— Mamãe...? — disse, uma nota interrogativa perceptível.

Max franziu a testa e Matilda corou um pouco.

— Oh, Phoebe, sim, há algo que queremos contar também...

Antes que qualquer uma delas pudesse dizer uma palavra, Phoebe deu um grito de alegria e abraçou sua mãe novamente, antes de se voltar para Lucian.

— Papai! — disse, com uma expressão de indignação fingida.

— Bee, é terrível. — disse Lucian, balançando a cabeça, embora seus olhos estivessem iluminados de alegria.

Phoebe riu com deleite.

— Se eu sou, a culpa é toda sua. — apontou — Mas isso é maravilhoso. Terão outra menina, assim não sentirão tanto a minha falta, embora espere que ela não ocupe meu lugar em seu afeto. — acrescentou, com um sorriso coquete.

— Como se isso fosse possível. — Lucian respondeu, rindo e segurando sua Matilda perto — E não sabemos se será uma menina, meu amor.

— Certamente é uma menina, pois isso será perfeito, e tudo hoje está perfeito. Não está, Max?

Max assentiu, emocionado demais para falar, quando percebeu o que finalmente tinha. A família que ele sempre sonhara em ter, não apenas incluiria sua amada Phoebe e quaisquer filhos com os quais fossem abençoados, mas também significaria fazer parte disso.

Seus irmãos, Philip e Thomas, correram até ele, pegando um braço cada e puxando-o pela casa e pelos jardins, determinados a mostrar o novo modelo de veleiro que tinham. Max foi com eles, olhando por cima do ombro e vendo Phoebe sorrindo, feliz. Ela soprou um beijo para ele enquanto os meninos conversavam do seu lado. Ele sorriu e foi junto com seus irmãos, feliz por fazer parte de tudo.



Casaram-se na capela particular, na propriedade do Palácio de Dern. Helena e Gabriel vieram com as filhas, Florence e a pequena Evie, que ainda não tinha cinco anos de idade.

Phoebe chorou quando viu o que sua mãe havia arranjado para ela, a porta da capela coberta por um arco de rosas brancas e peônias, véu-de-noiva e madressilva, o doce aroma era delicioso, enquanto aguardava do lado de fora, nos braços do pai.

— Obrigada, papai. — disse, inclinando-se para ele, enquanto Lucian lhe sorria.

— Pelo quê?

— Por me acolher quando poderia tão facilmente ter me deixado onde eu estava. Por me proteger, me dar um lar, e por ser tão gentil. Eu o amo mais do que posso dizer, sabe disso?

Lucian se inclinou e depositou um beijo na sua testa, ficando quieto por um longo momento, antes de falar.

— Thomas teria ficado imensamente orgulhoso, minha querida, Bee. Sei que eu estou.

Phoebe piscou para conter as lágrimas, apenas para ver seu pai fazer o

mesmo. Os dois riram e Phoebe o abraçou, com cuidado para não estragar suas flores ou o lindo vestido amarelo que sua mãe havia preparado para ela se casar.

— Está na hora. — disse, estendendo o braço para ela.

Phoebe respirou fundo, assentiu e se virou para a igreja — Então me leve para minha próxima aventura, papai.

Lucian cobriu sua mão com a dele e deu um passo à frente, levando-a para a igreja, para se casar com o homem que ela amava.



Epílogo



Minha querida amiga,

Estou voltando para casa. Parece uma eternidade, desde que estivemos todos juntos, pela última vez. A pequena Lottie ainda está se metendo em confusão? Imagino que todos mudaram muito, nos dois anos em que estive fora. Recebi uma carta de Leo, ontem. A senhorita o tem visto ultimamente? Minha nossa, Eliza, tenho tanto para lhe contar. As coisas que eu vi e fiz. Deve vir para a França, assim que tiver a oportunidade. Talvez no próximo verão, possamos persuadir o duque a levar toda a família. Sua mãe também adoraria, eu sei.

— Trecho de uma carta para Lady Elizabeth Adolphus de O Muito Honorável Cassius Cadogan, Visconde de Oakley



Onze anos depois...

5 de junho de 1838. Palácio de Dern, Sevenoaks, Kent.

Lucian suspirou e colocou de lado a carta que estava tentando ler. As festas de Matilda eram algo do qual sempre gostara, mas nunca deixava de surpreendê-lo como um lugar vasto como Dern parecia encolher, quando toda a família e seus amigos estavam se hospedando.

— Bee, quando ganhei tantos filhos? — ele perguntou, dando à sua filha o benefício de uma expressão de dor.

Ela riu e estendeu a mão, dando um tapinha na mão dele — Não são todos seus, papai.

— Eles não são, mas eu sou!

Lucian olhou para o lado, para onde sua filha mais nova estava sentada, tendo roubado o lugar de sua mãe. Matilda estava tendo um descanso bem merecido, após uma noite extremamente longa. Os lábios dele se contraíram quando se lembrou do motivo.

Lucian olhou para a filha, de onze anos, a imagem de sua mãe, exceto pelos olhos. Os olhos dela eram os dele, cinza-prateado. Melhor dizendo, eram cinzas. Ele tinha que admitir isso agora, tendo insistido por muitos anos que seus próprios olhos eram um cinza claro. Catherine, sua querida Cat, provara que estava errado.

— Tem certeza? — ele perguntou duvidosamente, estreitando os olhos para

ela.

— Essa garotinha perversa não poderia pertencer a mais ninguém. — respondeu sua irmã mais velha, sarcástica.

Cat mostrou a língua para Phoebe e as duas riram.

Lucian recuou, atrás de seu jornal.

— Quando todos vão para casa? — resmungou, ciente de que todos sabiam que realmente não queria dizer isso, embora um pouco de paz no café da manhã não fosse uma má ideia, na sua opinião.

— Não até o final da semana. — disse Phoebe, alegremente.

Max entrou na sala com Jacob, o primeiro neto de Lucian, que era apenas um ano mais novo que Cat, e segurando a mão de sua neta, Rose, de sete anos.

— Ali, veja, aqui está a mamãe. — Max disse calmamente para a garotinha, que correu para Phoebe e jogou os braços em volta do seu pescoço.

— Minha querida, qual é o problema? — Phoebe perguntou à criança, olhando para o marido.

— Jake foi rude com ela. — disse Max, dando ao filho um olhar duro — Mas ele se desculpou e prometeu não fazer isso de novo.

Jake olhou furioso, os braços cruzados e, em particular, Lucian pensou que a promessa não duraria além da hora do chá.

— Oh!

Um grito veio do outro lado da mesa, onde Lady Elizabeth e Lady Charlotte Adolphus estavam tomando café da manhã com seus filhos, Philip e Thomas.

— Cassius está voltando para casa! — Eliza gritou de excitação, só para murmurar um xingamento um momento depois, quando sua irmã, Lottie, arrancou a carta de sua mão.

— Quando? O que ele disse? — Lottie exigiu, levantando-se e fugindo do alcance de sua irmã, quando Eliza tentou recuperar a carta.

— Devolva agora, Lottie! — Eliza exigiu, enquanto Pip e Thomas riam e balançavam suas cabeças.

— Ele está trazendo amigos. — exclamou Lottie, se esquivando do alcance de sua irmã — Meu Deus, o Comte de Villen e seu irmão. Um Comte francês da vida real! É o mesmo que um conde, não é, Lorde Montagu?

Lucian abafou um suspiro e assentiu, abaixando o jornal — É, sim.

— Max, é Louis César e Demarteau! — Phoebe exclamou com prazer.

Max sorriu para ela — Finalmente vai acabar conseguindo aquele jogo que tanto queria, amor.

Lucian riu de sua empolgação, lembrando-se da história que ela lhe contara sobre jogar cartas com os irmãos enigmáticos.

— Que empolgante! — Bella gritou quando sua mãe, Alice, trocou um olhar ansioso com o irmão de Matilda, Nate.

— Devolva a minha carta, Charlotte. — Eliza exigiu novamente, tentando recuperá-la.

Lottie correu da sala, com Eliza em perseguição, seguida de perto pelas

gêmeas de Bonnie, Elspeth e Greer.

— Quando ele volta, Lottie? — gritaram em uníssono, suas vozes ecoando, enquanto desapareciam.

Lucian suspirou e olhou para o neto, Jake — Venha, vamos encontrar um lugar tranquilo, longe de todas essas meninas barulhentas.

— O senhor vai me ensinar a disparar uma pistola? — Jake perguntou, seus olhos escuros iluminados de esperança — Mamãe diz que o senhor é a melhor pessoa para me ensinar, e ela é melhor que o papai.

Os lábios de Lucian se contraíram — É mesmo? Bem, eu poderia, se me prometer não ser rude com sua irmã novamente.

Jake deu a isso a consideração que a pergunta claramente merecia, antes de suspirar e dar um aceno de concordância com a cabeça — Eu prometo.

— Muito bem, então. — Lucian se levantou e descobriu Cat levantando-se para segui-los.

— Posso ir também, papai?

— Queremos ficar longe das meninas, Cat. — disse Jake, cruzando os braços, com uma expressão rebelde.

— Mas eu não sou como elas. — Cat protestou, espelhando sua postura e olhando para ele — Gosto das mesmas coisas que gosta.

— Bem, Jake, deve admitir que há verdade nisso.

Jake suspirou longamente e revirou os olhos — Ah, tudo bem então, mas não deve ser melhor do que eu.

Catherine lhe lançou um olhar — Mas papai começou a me ensinar no ano passado. Estou destinada a ser melhor do que é.

— Ugh. Garotas. — Jake resmungou e saiu da sala de café da manhã.

Lucian trocou um olhar divertido com Phoebe, pegou a mão de sua filha e o seguiu para fora.

Phoebe observou o pai parar quando sua mãe entrou na sala. Seu pai demorou-se para beijar a esposa, sussurrando algo para ela que a fez corar e dar um tapinha leve no seu braço, antes de se sentar à mesa do café da manhã. Eliza a seguiu para dentro, segurando uma carta, um tanto amassada, triunfantemente em sua mão, antes de se jogar novamente na mesa.

— Eu sou a última? — Matilda perguntou a Max.

— Não, ainda não vimos Helena, nem nenhuma de suas crias, embora Gabriel tenha saído com Jasper e Jerome.

— Bom dia, mamãe.

Phoebe observou seu irmão Philip, ou Pip, como todos o conheciam, se inclinar e beijar sua mãe — Vamos fazer um piquenique no Mast Head. Pode dizer a Florence e Evie onde nos encontrar, se elas se dignarem a acordar?

Phoebe olhou para o irmão. Ele havia se tornado um homem atraente, tão bonito quanto o pai, com seus cabelos dourados pálidos, mas olhos que eram mais azuis do que cinzas. Thomas, o mais novo, tinha cabelos dourados mais escuros, mas os dois formavam uma imagem excepcional juntos, de tal forma

que se acostumaram com o olhar e os suspiros das mulheres.

Um pouco acostumados demais, na opinião de Phoebe.

Ela tinha esperança de que houvesse garotas corajosas esperando por eles, e que teriam a audácia de colocá-los em seus lugares. Não que eles fossem indelicados ou indiferentes, longe disso, e os amava muito, mas eram mimados e acostumados a ter tudo à sua maneira.

— Venha, Rose. — Pip disse gentilmente, estendendo a mão para a filha, que ainda estava de mau humor — Venha com o tio Pip e eu a levarei para um passeio no meu cavalo, enquanto todos se preparam para o piquenique.

— Oh! — Rose exclamou, instantaneamente acalmada enquanto corria para o tio e pegava a sua mão — Obrigada, tio.

Ela olhou para Pip com adoração, e Phoebe sorriu.

— Já terminou, meu amor?

Phoebe olhou em volta e encontrou Max a observando, seus olhos escuros calorosamente a olhando.

— Sim, por quê?

Max piscou para ela e se levantou. Phoebe o seguiu, intrigada, quando ele foi em direção às escadas.

— Onde está me levando? — perguntou desconfiada.

— Para algum lugar silencioso.

— Por exemplo? — sondou, tentando abafar uma risada, pois sabia muito bem do que se tratava. Max riu, agarrou sua mão e a arrastou escada acima, fazendo-a gritar e agarrar suas saias, antes que tropeçasse nelas.

— Nossos dois filhos estão ocupados. — disse, com a voz urgente — É uma oportunidade boa demais para perder neste manicômio.

Phoebe riu e correu atrás dele enquanto a puxava, até chegarem ao quarto e chutarem a porta atrás deles. Ela não teve tempo de falar, antes de estar em seus braços, e decidiu que não precisava dizer nada, afinal. Phoebe suspirou, enroscando os dedos nos cabelos grossos dele, agora grisalhos, muito mais do que os do seu pai. Ela gostava, pois isso o fazia parecer bastante sério e distinto quando, na verdade, era engraçado e irreverente e um pouco perverso, um ponto que Max provou quando sua mão puxou suas saias e se enterrou por baixo delas.

— Prefiro os bons velhos tempos, em que não tinha roupas íntimas no caminho. — resmungou, procurando na roupa a fenda na virilha, enquanto Phoebe dava uma risada forte.

— Sim. — ela respondeu — Lembro-me de nossa viagem de volta de Paris. Fez bom uso desse fato na carruagem, se bem me lembro.

Max bufou — Tem uma memória diferente dos eventos do que eu, amor. Fui atacado, se bem me lembro, e deflorado, em todas as oportunidades. Lá estava eu, com medo de que Jack me matasse, e estava decidida a me seduzir perversamente, sempre que pudesse.

Phoebe riu, feliz e incapaz de negar — Podemos visitar Jack e Pippin após o almoço, hoje. Estou tão feliz que aqueles dois finalmente se casaram. Pensei

que Pippin o manteria dançando conforme sua música, até o fim de seus dias.

— Não, amor. — disse Max gentilmente — Ela o amava demais para isso. Apenas queria que ele soubesse que valia a pena esperar por ela, para que Jack apreciasse o que tinha.

Phoebe sorriu e pegou o rosto dele entre as mãos, olhando em seus olhos escuros — Agradeço o que tenho, Max. Eu o amo mais do que nunca. Sabe disso, não sabe?

— Sim. — disse, sua adoração bastante visível — Assim como eu a amo, e acho que está na hora de lembrá-la do quanto.

Phoebe suspirou quando sua boca procurou a dela novamente e ela se enlaçou em torno dele. Seus lábios deixaram sua boca e deslizaram até o pescoço, enquanto seus dedos habilidosos desabotoavam seu vestido, e Phoebe sorriu para si mesma.

— Vamos voltar para Paris em breve, Max. E, vamos para a Itália. Adoraria conhecer a Itália.

— Uma aventura, querida? — murmurou contra sua pele.

— Sim, uma aventura. — ela sussurrou, fechando os olhos, quando ele se ajoelhou diante dela — Embora a vida nunca seja exatamente monótona, não é? — acrescentou, com uma risada suave.

— Contigo? — Max respondeu, olhando para ela com os olhos arregalados

— Não, meu amor. A vida certamente nunca é monótona ao seu lado.

— Nem ao seu, Max.

Phoebe suspirou quando Max levantou suas saias, enroscando os dedos nos cabelos dele e sorrindo, enquanto ele a lembrava o quão longe de tedioso seu marido realmente era.



Agradecimentos

Obrigada, é claro, à minha maravilhosa editora, Kezia Cole.

A Victoria Cooper, por todo o seu trabalho duro, artes incríveis e, acima de tudo, sua paciência sem fim!!! Muito obrigada. Vocês são incríveis!

Ao meu melhor amigo, PA, animador pessoal e portador de chocolate, Varsi Appel, pelo apoio moral, aumento da confiança e por ler meu trabalho mais vezes do que eu. Amo muito vocês!

Um enorme obrigada a todos os membros do Emma Book Club! Vocês são os melhores!

Para meu marido Pat e minha família... Por sempre terem orgulho de mim.

Mais Damas Ousadas

LIVRO 1



9786599019845

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são todos muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Experimentou o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal The Ladies, onde seu álter ego está alcançando notoriedade e fama, a qual Prue gosta bastante.

Um dever que tem que ser suportado...

Robert Adolphus, o duque de Bedwin, não tem pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Devia encontrar uma esposa. Uma esposa que não seria nem bonita nem vivaz, mas

doce e sem graça, e que com certeza ficasse longe de problemas.

Desafia a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque desprezível é tão desconcertante quanto indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha assim como seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Se mostrar claramente ao homem que ela não é a florzinha que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, isso parece ser a oportunidade perfeita para matar dois pássaros.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o ladino que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até o hoje.

LIVRO 2



9786588382103

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Roubando um Beijo

O desejo de arriscar e arrebatado a felicidade.

Ser ousada e beijar um homem ao luar é uma boa ideia, mas os homens e o luar não caem do céu à vontade.

Até aconteça.

Sob instruções de uma amiga, a monótona Alice Dowding permanece sozinha numa varanda iluminada pelo luar. Não é o curso de ação mais sensato para uma jovem geralmente sensata. No entanto, sendo sensata, Alice ganhou um lugar entre as isoladas e sua única chance provável de se casar, é com um homem que acha repulsivo.

Tinha que fazer algo.

Uma consciência culpada e um homem mau.

Quando a irmã de Nathaniel Hunt implora por um favor, ele dificilmente pode recusar. Nathaniel, coproprietário de uma das mais escandalosas casas de apostas em Londres, é responsável pela reputação destruída de Matilda, e ela sabe que ele não está em posição de lhe negar nada.

Ela implora para que ele beije sua amiga tímida em uma noite de luar. No entanto, uma série de eventos aos quais nenhum deles poderia ter previsto é desencadeada.

Quando um pequeno favor incendeia um inferno.

Incendiada por um beijo que lhe rouba a alma, a tímida, sensível e enfadonha Alice, está soltando faíscas por onde quer que seus pés passem, e tudo o que Nathaniel pode fazer é rezar para que ele não se queime.

LIVRO 3



9786588382295

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Quebrando as regras

Um enigma irresistível...

A Srta. Lucia de Feria é possivelmente a mulher mais bonita do mundo e, sem dúvida, a mais bonita que o visconde de Cavendish já viu.

No entanto, essa beleza misteriosa está tramando algo, algo que convenceu Cavendish de que seus motivos são menos do que puros.

O visconde não precisa de mais motivação para passar seu tempo na companhia adorável de Lucia, mas desejo e intriga criam tentações profanas.

Um amante perigoso...

Lucia não é tudo o que parece ser. Ela tem segredos... segredos pelos quais um homem a mataria.

Agora, com a vingança em seu coração e uma fortuna em jogo, ela está perto de ter tudo ou perder a vida.

Mas, em cada curva, o Visconde Cavendish está lá, com o seu sorriso de pirata e aqueles olhos azuis perversos.

Um círculo ousado de amigos...

Quando um incomum clube do livro traz para sua vida damas peculiares, Lucia fica encantada e atraída por sentir, pela primeira vez, que pertence a algo. Entre suas novas amigas e um homem pelo qual corre o risco de se apaixonar, seus planos começam a dar errado.

Essa linda Srta. passou a vida inteira desejando vingança, mas nunca esperou encontrar ao longo do caminho, algo com o qual se importaria mais.

Lucia não poderia se permitir distrações, amigos ou um nobre desconfiado. No entanto, de repente, ela tinha os três.

Talvez fosse a hora de quebrar suas próprias regras.

LIVRO 4



9786588382486

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Seguindo seu Coração

Um amor perdido ...

Kitty Connolly passou toda a última temporada assegurando que seu tio tem tentado encontrar um marido, mas há um problema que ele desconhece.

Ela já tem um.

É verdade que tinha apenas onze anos quando a cerimônia foi realizada na presença do cão de sua família, e seu noivo tinha apenas treze anos. No entanto, os votos foram trocados e, no que diz respeito a Kitty, uma promessa é uma promessa. Luke Baxter prometeu amá-la até que a morte o separasse e ele não vai escapar disso.

Os problemas não param por aí, no entanto, pois Luke desapareceu de sua vida apenas semanas após seu casamento secreto, e Kitty nunca mais o viu.

Até agora.

As esperanças reacenderam ...

Quando Luke aparece do nada na festa na casa de verão do Conde de St. Clair e anuncia seu noivado com a bela herdeira, Lady Francis Grantham, Kitty fica atordoada ...

... e a honra deve mencionar o problema.

Um coração determinado ...

Todo caos se instala quando Kitty ameaça processar por quebra de promessa e ela tem uma questão de dias para convencer Luke de que sua namorada de infância vale mais do que a fortuna da Srta. Grantham.

Mas este Luke não é o menino despreocupado de sua infância, e lembrá-lo do que significa viver por amor, pode significar arriscar mais do que apenas seu coração.

LIVRO 5



9786588382776

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Apostando um Amor

Gato escaldado...

Harriet Stanhope é inteligente e séria, o tipo de moça que lê Platão e gosta de longas caminhadas na chuva. Não é adequada para salões de baile e flerte e acha a temporada uma horrível perda de tempo. No entanto, certa vez se apaixonou, confiou seu coração a um homem que a beijou e sussurrou doces palavras... e depois riu com um amigo sobre ter feito isso.

Com o coração partido e humilhada, Harriet jurou que usaria seu cérebro no futuro e nunca mais confiaria em seu coração estúpido.

Uma paixão não correspondida...

Jasper Cadogan, O Conde de St Clare, está irremediavelmente apaixonado,

por uma mulher que o odeia.

O amável Jasper é bonito, charmoso, simpático e amado pela Ton, o homem mais elegível no mercado de casamentos, mas não consegue corrigir o problema com sua amiga de infância Harriet Stanhope. Embora já tenham sido próximos, Jasper sabe que há alguns anos fez algo que endureceu o coração de Harriet contra ele, mas, pela sua vida, não consegue se lembrar do que foi.

Jasper sabe que Harriet acredita que é, na melhor das hipóteses, um idiota frívolo, e, deslumbrado com seu cérebro superior, Jasper está lutando para provar o contrário. Determinado a descobrir o que foi que afastou Harriet dele, usará de meios honestos, ou desonestos, para chegar à verdade.

Uma aposta que arriscará seus corações.

A Dama peculiar Harriet ousa apostar algo que não quer perder e quando sua amiga de boca grande, Kitty, conta a Jasper, ela reconhece que está em apuros.

Teimosa demais para recuar, Harriet aceita a chocante aposta de Jasper e mergulha ambos em um escândalo que arriscará tudo, inclusive a dois corações.

LIVRO 6



9786580754267

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Dançando com um Diabo

Uma jovem desesperada para escapar de seu destino.

O tempo de Bonnie Campbell está quase acabando. À luz de ofertas melhores, seu tutor, o conde de Morven, a está forçando a se casar com seu primo, Gordon Anderson. A vivaz Bonnie não terá outra opção a não ser obedecer, condenando-se a passar o resto de sua vida na selva das Highlands escocesas, longe de seus amigos e de qualquer possibilidade de diversão. Durante suas últimas semanas de liberdade, no entanto, ela viverá como se estes fossem seus últimos dias na terra e encontrará a coragem de mostrar ao homem que ama de verdade, como se sente.

Um jovem determinado a provar que seu irmão mais velho estava errado.

Jerome Cadogan, irmão mais novo do conde de St. Clair, é um canalha jovial. Sua aparência, com belos cabelos loiros e olhos azuis, não é minimamente prejudicada por seu nariz quebrado, sua reputação de encrenqueiro, nem sua predileção por se apaixonar por mulheres inadequadas. Recuperando-se de um sermão doloroso proferido por seu irmão, o conde, Jerome corre o risco de ter sua mesada cortada se não ceder e mudar seus modos. Determinado a provar que pode ser tão maduro e sensato quanto St. Clair, Jerome promete parar de beber e se embriagar e não se meter em mais em encrencas.

Um escândalo em busca de um lugar para acontecer.

Infelizmente, sua querida amiga Bonnie tinha outras ideias. Cambaleando de um desastre para o próximo, Jerome estava arrancando seus cabelos e sabia que devia terminar sua amizade, antes que seu irmão acabasse com ela.

No entanto, a montanha de um homem aparece para reivindicar Bonnie, e Jerome, que deveria respirar aliviado pelo livramento, acaba descobrindo algo imperdoável: seu maldito coração se apaixonou pela mulher mais inadequada de todas.



9786580754267

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Inverno em Wildsyde

Um desafio que mudaria a sua vida...

A Srta. Ruth Stone, uma herdeira rica, está lutando para realizar o sonho de seu pai de se casar dentro da nobreza, apesar de seu grande dote. Ousada, pelas Senhoritas Peculiares, a “dizer algo ultrajante a um homem bonito”, Ruth se supera e propõe casamento ao herdeiro de um condado.

Uma decisão da qual ela poderia se arrepender.

Antes que pudesse pensar melhor e retirar a proposta, seu belo e desajeitado futuro marido a empurrou para dentro de uma carruagem e a carregou para seu castelo remoto e em ruínas, lugar onde ele pretendia dar um bom uso ao dote dela.

Um casamento ou um negócio...

Ruth não tem ilusões. É uma mulher forte, sensata e não uma donzela frágil e tem total conhecimento de que seu marido nunca se apaixonará perdidamente por ela, pois seu casamento é de conveniência; seus filhos herdarão o título e a legitimidade entre a ton, e ela terá sua própria propriedade para cuidar, assim como sempre sonhou. No entanto, seu marido, cabeça-dura e obstinado, desperta seu temperamento e suas paixões como

ninguém jamais antes.

Seu primeiro inverno em Wildsyde está prestes a incendiar o velho castelo.

LIVRO 8



9786554440394

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Experimentando o Desejo

Uma atração que ela não pode ignorar...

Minerva Butler está cansada da ambição de sua mãe, de vê-la casada com um duque, seguindo os passos de sua inteligente prima Prue. Linda, loira e com um dote admirável, graças à generosidade de sua prima, parece que Minerva pode, finalmente, escolher entre os cavalheiros elegíveis da ton. Então, naturalmente, é este o momento em que ela fica apaixonada pelo brilhante e pobre filósofo natural, Inigo de Beauvoir.

Uma mulher que ameaça sua paz de espírito...

Inigo de Beauvoir é um homem motivado, consumido por seu trabalho, em detrimento de todo o resto, até mesmo da sua própria saúde, até que uma bela dama da alta sociedade começa uma guerra sedutora contra sua crença de que o amor não é nada mais do que luxúria com um anel em seu dedo.

Uma ligação perigosa...

Aparentemente, a Srta. Butler é a única que tem tudo a perder, mas Inigo logo percebe que experimentar o desejo representará uma ameaça real para seu coração.

LIVRO 9



9786554440394

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Dormindo com o Barão

Uma mulher jovem desesperada...

Jemima Fernside é a epitome de uma dama bem-comportada, criada para se casar com um cavalheiro e fazer o papel da esposa perfeita. Até que se encontra sozinha no mundo sem um centavo em seu nome. Com poucas opções disponíveis, Jemima tem pouca escolha a não ser aceitar uma proposta escandalosa de se tornar a companheira paga de um homem que ela nunca sequer conheceu.

Um homem desesperadamente solitário...

Salomão 'Solo' Weston, o Barão Rothborn, está farto da sociedade e das pessoas em geral que o deixam irritável e impaciente. Como Tenente-Coronel do 15º Dragões do Rei, depois que uma bala o deixou coxo, ficou inválido fora do exército. Assombrado pela culpa, por companheiros mortos e um

amor perdido, está se tornando cada vez mais recluso, encontrando fuga através de seus amados livros.

E uma paixão que nenhum dos dois esperava encontrar.

Quando levado a buscar conforto de sua existência sombria, Solo acredita que tem pouco a oferecer além de segurança financeira em troca da virtude de uma dama. Mas Jemima não é o tipo de mulher que deixará os fantasmas adormecidos, e logo o passado e o futuro não parecerão nada do que Solo imaginava.

LIVRO 10



9786554441339

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Cavalgando com o cavaleiro

Uma beleza imprudente...

Lady Helena Adolphus não é estranha a escândalos. Seu irmão pode ser um duque, mas sua reputação sombria uma vez ameaçou suas próprias chances de fazer um bom casamento. Agora de volta ao seio da ton, Helena é banqueteada e cortejada tanto por sua beleza e seus olhos verdes selvagens quanto por seu dote robusto. No entanto, os solteiros elegíveis a deixam fria, e sua respeitabilidade é mortalmente monótona. Há apenas um homem que faz

seu pulso saltar, e ela sabe que seria uma tola em persegui-lo.

Um homem impiedoso...

Gabriel Knight compreende o desespero. Nascido na pobreza e criado em uma casa de enjeitados, Gabriel aproveitou todas as oportunidades para sair da sarjeta. Agora um dos homens mais ricos da Inglaterra, o malvado Knight está consternado ao descobrir que seu sucesso não lhe trouxe felicidade. Inquieto e entediado, ele culpa os aristocratas pomposos que despreza, aqueles que ainda lhe fecham as portas na cara.

Um caso imprudente ...

Embora Helena esteja ciente da animosidade de Gabriel em relação à ton que o evita, o homem sedutor a tenta além de qualquer razão. Ele provavelmente quer arruiná-la, e ela sabe disso, mas seu orgulho estúpido não a deixa recuar a cada confronto. Antes de saber o que está fazendo, Helena abre a boca e o desafia a fazer algo escandaloso. À medida que o calor da atração se acende entre eles, o risco de se queimar só torna a cavalgada com o Cavaleiro ainda mais atraente.

PREQUEL MATILDA



9786554441674

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

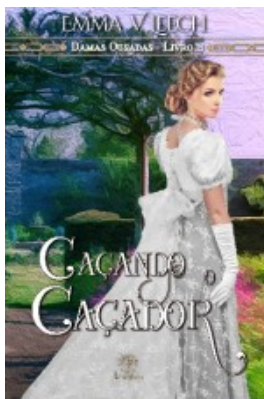
Matilda E Montagu

Este livro não é uma nova história, mas uma compilação de todas as instâncias da série Girls Who Dare em que Matilda Hunt e Lucian Barrington, Marquês de Montagu, interagiram e/ou se corresponderam, bem como trechos em que Matilda, Lucian ou Phoebe, sobrinha de Montagu, podem ter sido lembrados ou comentados.

Dito isso, esse é um maravilhoso prequela para a história de Matilda, Caçando o Caçador, e realmente destaca como o relacionamento deles começou e como progrediu ao longo do tempo.

Matilda e Montagu, a história até agora!

LIVRO 11



9786554441926

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Onze mulheres - onze desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Caçando o caçador

Um caso de amor condenado...

Matilda Hunt sabe o que o Marquês de Montagu quer. Ele não fez segredo do fato de que a deseja e a quer como sua amante. Apesar da força crescente

da atração entre eles, Matilda lutou para mantê-lo à distância, lutou para negar o que está se tornando cada dia mais inevitável. Como sua última esperança de um futuro respeitável, um futuro de segurança, amor e família, é retirada dela, parece que o homem que a arruinou oferece a Matilda a única chance de encontrar alguma medida de felicidade, não importa quão fugaz seja.

Um homem perigoso...

No entanto, como sua determinação em manter sua honra intacta vacila, ela é atraída mais profundamente pelo mundo de Montagu e descobre um homem com segredos, um homem que não é tudo que ela supunha que fosse. Esse mundo está emaranhado de mentiras e enganos e é mais perigoso do que poderia ter acreditado, e não apenas para o seu coração.

Um atrevimento que ela não pode recusar...

Para ter tudo o que deseja, Matilda deve ousar arriscar tudo por amor e caçar a verdade sobre o homem do qual não consegue se afastar. Como cada vez mais pessoas a advertem que o marquês é impiedoso e cruel, Matilda se pergunta se realmente é uma tola por não acreditar nisso. Anjo, diabo... ou um pouco dos dois.

Lendas Francesas

Ordem de Leitura:

A Lenda Francesa dos Vampiros

- *A chave do Erebus - Lançado*

- *O Coração de Arima - Lançado*

A Lenda Francesa do Fae

- *Príncipe Sombrio - lançado*

- *Coração Sombrio - 2024*

- *Engano Sombrio - 2024*

- *Noite mais Sombria -2024*

A Lenda Francesa dos Vampiros

- *O Fogo de Tartarus*

- *O Filho das Trevas*

Lendas Francesas

LIVRO 1

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 1



9786580754854

A verdade pode te matar.

Tirada quando criança de uma vida onde vampiros, Faes e outras criaturas míticas são reais e traiçoeiras, a bela jovem bruxa, Jéhenne Corbeaux, fica totalmente despreparada, quando retorna à França rural, para viver com sua excêntrica avó.

Jogada de cabeça em um mundo que ela não conhece, procura entender a verdade sobre si mesma, descobrindo os segredos mais chocantes do que qualquer coisa que ela poderia ter imaginado, além de, também, descobrir que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

Apesar das terríveis advertências de sua avó, ela é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar suas respostas e descobrir que, não só Corvus é muito mais perigoso do que ela poderia imaginar, mas que detém muito mais do que a chave para o seu coração...

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, elogiada por Kirkus “Uma série de fantasia encantadora, com uma heroína agradável, intriga romântica e uma narrativa inteligente que floresce.”

LIVRO 2

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 2



9786580754854

Unidos por toda a eternidade. Mas ele nunca poderá perdôá-la.

Corvus, o vampiro antigo e poderoso mestre da família Albinus, está começando a perder a paciência. Jéhenne Corbeaux já se foi há muitos séculos e agora, seu tempo acabou.

Uma visão que ameaça destruir tudo o que ama, assombra Jéhenne. Forçada a fazer o impensável, arrisca-se a perder tudo, mas finalmente se conforma com seus próprios poderes incríveis.

Ainda de posse da chave do submundo, em débito com um anjo, perseguida tanto pelo Príncipe de Alfheim quanto por um homem tão aterrorizante que não consegue imaginar o que ele é, Jéhenne está enrolada até o pescoço... como sempre.

Sacrifícios terão que ser feitos, mas quem vai pagar o preço?

LIVRO 3

A Lenda Francesa dos Fae Livro 1



9786554441353

Dois príncipes Fae.

Uma mulher humana.

E um mundo pronto para separá-los.

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem de seus sonhos está chegando... ou são seus pesadelos que ele

visita? Descubra no primeiro livro das Lendas Francesas dos Fae.

LIVRO 4

A Lenda Francesa dos Fae Livro 2



9786554441353

O Príncipe Corin ... Decadente, sedutor, mestre da paixão.

Corin é o príncipe herdeiro de Alfheim, as terras dos elfos. Considerado o homem mais bonito do reino, ele está bem acostumado com as mulheres de sua vida satisfazendo todos os seus desejos. Mas depois de perder a primeira mulher que tocou seu coração para seu melhor amigo, jura que nunca mais deixará ninguém chegar tão perto.

Pressionado por sua família real a se casar e gerar um herdeiro, decide que a única solução é aceitar uma mulher do reino humano, alguém que não represente uma ameaça... Alguém que ele jamais poderia amar.

Para fugir de um destino que promete poder e dor em igual medida, tudo o que ele precisa é que essa mulher aceite três presentes e estará totalmente sob seu controle. Mas, às vezes, os corações não são tão facilmente controlados.

Próximos lançamentos

LIVRO 5

A Lenda Francesa dos Fae Livro 3



Um segredo perigoso está no coração das Terras dos Fae. Um segredo que pode salvar três reinos - ou queimá-los até o fim.

O segredo cabe ao príncipe Corin suportar sozinho, se sua sanidade mental aguentar.

Mas enquanto Corin sofre, as maquinações de sua mãe continuam e a rainha Audrienne faz seus próprios planos para garantir o futuro de seu reino. A doença paira sobre os Fae como uma nuvem negra, pois o mundo mortal contaminado envenena tanto os Fae quanto sua terra, e a rainha quer que isso seja interrompido.

Há rumores de que um homem Fae da Luz, morto há muito tempo e considerado um santo por seus incríveis poderes de cura, gerou uma criança no reino mortal. Se o dom desse homem foi transmitido - para sua bisneta, Anaïs - a rainha a quer, e o Duque de Dannon é o homem certo para trazê-la ao seu mundo.

Segredos, mentiras e escândalos são a moeda da corte Fae e a reputação de nenhum homem é mais escandalosa do que a do Duque de Dannon. O tédio o levou a dedicar sua mão elegante ao trabalho sujo de ser o principal espião e amante secreto da rainha. Temido e admirado, sua reputação sombria pouco faz para impedir que as mulheres tentem prendê-lo, um destino ao qual se recusa a contemplar - até que Anaïs o faz lembrar o que sua honra representava.

Ainda lutando para evitar que o poder da terra o leve à loucura, Corin precisa tirar Alfheim das mãos da rainha. Mas ele se vê cada vez mais envolvido em uma disputa de poder com o Rei dos Fae da Luz por Anaïs e seus talentos. Agora, quando as criaturas da Floresta Negra começam a se agitar, um antigo deus desperta e Corin não pode fugir para sempre.

Corin, Laen e Dannon logo serão atraídos para uma sangrenta batalha pelo poder...

Será que Anaïs os levará ao limite?

LIVRO 6

A Lenda Francesa dos Fae Livro 4



A guerra começou.

O príncipe Corin e o príncipe Laen, unidos contra os Fae da Luz, estão lutando para chegar à capital, Aos Si, onde Corin reivindicará o reino para si.

As Terras Fae imploram por um novo líder, alguém que salve o reino e seu povo da tirania do Rei Auberren. Mas será que Corin esperou demais... será que terá tempo suficiente para fazer o que deve? Enquanto a terra grita por ele em sua mente, levando sua sanidade aos limites do que pode suportar, tudo de que passou, em sua vida, fugindo, deve finalmente ser confrontado.

Laen é seu defensor sempre presente, seu irmão, seu melhor amigo e o homem que ele terá que trair se finalmente for bem-sucedido. Corin precisa vencer essa guerra a todo custo, mas teme o que perderá no processo.

Os que ficaram para trás devem esperar e rezar. Claudette está dividida,

temendo pela vida daqueles que ama, apavorada com a possibilidade de perder Corin e esperando desesperadamente por notícias de seu espião pessoal, Bram.

Um nobre desonrado que se tornou um salteador de estradas, Bram foi enviado ao mundo humano para proteger seu irmão dos assassinos de Auberren e ela reza para que ele não a decepcione.

A guerra começou... e ninguém sairá ileso.

LIVRO 7

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 3



Desafiando os deuses, o amor deles se estendeu por milênios.

Isso levou a um último ato desesperado, o sacrifício de seu amante.

O mestre da vasta e poderosa família Albinus pode tê-la salvado de um deus vingativo, mas Jéhenne não é uma donzela em perigo. Esperar que um herói a salve, permitindo que Corvus sofra por mais tempo, não faz parte de sua natureza.

Será que Corvus pode realmente estar tão irrevogavelmente mudado? Levado à loucura por tudo o que sofreu? Jéhenne espera que não, mas jura fazer Dis Pater, deus do submundo, pagar e trazer seu homem de volta para casa.

Para salvá-lo, ela terá que atravessar o submundo e entrar nas profundezas infernais de Tartarus para enfrentar os monstros que lá habitam.

Em sua ausência, uma nova e inesperada ameaça surge e sua família está em risco. Reunindo todos os seus poderes e astúcia, Jéhenne precisa esconder

a perigosa verdade de sua própria identidade enquanto prova seu poder para o mundo, arriscando tudo para lutar pelo homem que ama e pela família que ele deixou sob seus cuidados.

Todos têm seus próprios planos e, com inimigos aterrorizantes e aliados ainda mais assustadores surgindo de todos os lados, ela precisa decidir em quem confiar. O tempo está se esgotando e Jéhenne sabe que, se falhar, ela e todos que ama estarão condenados.

LIVRO 8

A Lenda Francesa dos Vampiros Livro 4



A emocionante conclusão...

Jéhenne Corbeaux enfrentou inimigos extraordinários e mais perigos do que qualquer um tem o direito de sobreviver, mas agora precisa confrontar seu passado para encontrar seu filho.

Corvus, mestre da vasta e poderosa família Albinus, está de volta ao seu lugar, com sua amada esposa ao seu lado. No entanto, a sombra de seu tempo no Tártaro ainda se agarra a ele, e seu controle não é mais o que era antes.

Jéhenne, bruxa, deusa e senhora de sua grande família, não é uma mulher com quem se possa mexer, mas há um homem a quem ela obedecerá sem questionar - porque não tem escolha - e não é seu marido.

Corin Albrecht, o Fae mais poderoso que seu mundo já viu, tem um controle sobre Jéhenne que Corvus desconhece. Se a verdade vier à tona, os resultados poderão ser espetaculares e mortais.

Guiada pelo mercenário meio Fae, Dragon, em uma jornada pelas Terras Fae devastadas pela guerra, Jéhenne enfrenta perigos como nunca viu antes - e

o mais perigoso de todos, a verdade sobre o que aconteceu entre ela e Corin e as mentiras que contou para se manter segura.

Em sua busca para encontrar seu filho, que lhe foi escondido pelo pai do menino, Dis Pater, Jéhenne é acompanhada por aqueles em quem mais confia e ama. Corvus, seu irmão Cain, seu melhor amigo Rodney e também Kai, em busca da família que ele nunca conheceu.

Há muito a ser descoberto nessa perigosa jornada e muito a ser perdido.

Jéhenne quer voltar para casa com a família que sempre desejou, mas, como sempre... há um preço a pagar.

Sobre a Autora

Pela autora:



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A chave para o Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já passou por isso sabe que publicar seu primeiro trabalho é uma coisa assustadora. Ainda fico nervosa quando um novo trabalho é lançado, mas, agora esse terror diminuiu um pouco. Hoje o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade o suficiente para lê-los.

Que horror! (para ambas as partes, suponho)

2017 marcou o ano em que fiz minha primeira incursão em Romance Histórico e no mundo do Romance da Era Regencial, e meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos

Sou muito influenciada pelo belo interior da França onde vivo. Apesar de ser nascida e criada na Inglaterra, moro no sudoeste francês há vinte anos. Minhas três filhas lindas são todas bilíngues e a mais nova, de apenas seis anos, está mostrando sinais de seguir os meus passos após produzir *The Lonely Princess* totalmente sozinha.

Um passarinho me disse que o livro dois estará disponível em breve...

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books@